

PARQUE ESTADUAL CARLOS BOTELHO



ANEXOS



SECRETARIA DO
MEIO AMBIENTE



Imagens da Capa:
Interior da floresta - Fabio Colombini
Esquerda: Beija-flor-preto-e-branco - Fabio Colombini
Centro: Bromélia - Fabio Colombini
Direita: Cachoeira Água da Vaca - Rogério Zaglobinski

Este Plano de Manejo foi elaborado com a Coordenação Executiva do Instituto EKOS Brasil como parte integrante do Termo de Compromisso de Compensação Ambiental (TCCA) pela ampliação da Mina Limeira em Ribeirão Grande, formalizado no Processo SMA 13.603/99 e detalhado no Plano de Trabalho dos Planos de Manejo (Processo 043.176/2005).

INSTITUTO **EKOS** BRASIL

ÍNDICE

- Anexo 1. Agenda e Lista de Presença das Oficinas de Planejamento
- Anexo 2. Bibliografia
- Anexo 3. Imagens das Unidades de Terreno e Relevo do PECB
- Anexo 4. Fichas Cadastrais dos Impactos Ambientais da Rodovia SP-139
- Anexo 5. Sistema de Descrição da Vegetação Adotado para o Mapeamento
- Anexo 6. Espécies de Plantas Vasculares com Ocorrência Registrada
- Anexo 7. Espécies de Invertebrados com Ocorrência Registrada
- Anexo 8. Espécies de Peixes com Ocorrência Registrada
- Anexo 9. Espécies da Herpetofauna com Ocorrência Registrada
- Anexo 10. Espécies da Avifauna com Ocorrência Registrada
- Anexo 11. Espécies de Grandes Mamíferos com Ocorrência Registrada
- Anexo 12. Grandes e Médios Mamíferos do Vale do Ribeira e Alto Paranapanema
- Anexo 13. Espécies de Pequenos Mamíferos e Quirópteros com Ocorrência Registrada
- Anexo 14. Definição dos Grupos Faunísticos Estudados
- Anexo 15. Caracterização dos Bairros Localizados no Entorno do PECB
- Anexo 16. Sítios Arqueológicos Cadastrados no IPHAN
- Anexo 17. Evidências e Indicações do Patrimônio Cultural
- Anexo 18. Cenários Históricos
- Anexo 19. Matriz de Acessos ao Parque Estadual Carlos Botelho
- Anexo 20. Dados sobre a Passagem de Romeiros na Rodovia SP-139
- Anexo 21. Planilha de Controle do Tráfego na Rodovia SP-139
- Anexo 22. Planilha de Controle de Romeiros na Rodovia SP-139
- Anexo 23. Agências de Turismo no Vale do Ribeira e Alto Paranapanema
- Anexo 24. Estrutura de Receptivo Turístico no Vale do Ribeira e Alto Paranapanema
- Anexo 25. Decreto Estadual 51.453 de 29/12/2006
- Anexo 26. Resolução SMA 16 de 03/04/2007
- Anexo 27. Proposta de Protocolos para Monitoramento de Fauna nas Zonas Primitiva e de Uso Extensivo
- Anexo 28. Principais Etapas em Projetos de Parcerias

ANEXO 1

Agenda e Lista de Presença das Oficinas de Planejamento

Oficinas Locais de Planejamento Participativo com a Sociedade Vale do Ribeira e Alto Paranapanema	
Data: 01 e 02 de agosto de 2006	Local: Sede (São Miguel Arcanjo) e Núcleo Sete Barras
Objetivos:	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação das estratégias para elaboração do Plano de Manejo do PE Carlos Botelho. ▪ Construir uma visão geral sobre as comunidades e instituições na região do entorno do PECB: atividades econômicas, problemas socioambientais e projetos em andamento. ▪ Elaborar propostas para melhorar a interação entre comunidades/instituições e a gestão do PECB. 	
▪ 8:30h	▪ Recepção (inscrição, crachá, tipo de organização e painéis (PECB, região, Plano de Manejo, colheita de projetos e pontos negativos e positivos).
▪ 9:30h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Abertura ▪ Boas vindas ▪ Apresentação dos coordenadores ▪ Objetivos e visão do dia
▪ 9:45h	▪ Apresentação dos participantes e organizações
▪ 10:15h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação do Plano de Manejo ▪ Perguntas e esclarecimentos
▪ 10:45h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mapeamento de projetos ▪ Entrevistas ▪ Apresentação PECB
▪ 11:30h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Objetivos e instruções para trabalho em grupo ▪ Momento individual/duplas: pontos positivos e negativos ▪ Divisão dos grupos
▪ 12:00h	▪ Almoço
▪ 13:30h	▪ Dinâmica
▪ 13:45h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Trabalho em grupo ▪ Pontos fortes e pontos fracos
▪ 14:45h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação dos grupos ▪ Leitura de cartazes
▪ 15:15h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Divisão os grupos (comunidades, governo, ONG's, empresas) ▪ Trabalho em grupo ▪ O que está sendo feito na prática para melhorar a situação atual? ▪ O que deve ser feito/ ▪ Propostas
▪ 16:00h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Plenária ▪ Apresentação dos grupos ▪ Priorização das propostas
▪ 16:40h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Encerramento ▪ Próximos passos do Plano de Manejo ▪ Avaliação da Oficina

Oficina sobre Uso Público

Data: 06 de outubro de 2006

Local: Sede do PECB (São Miguel Arcanjo)

Objetivos:

- Apresentar um panorama da situação atual do turismo regional integrado.
- Obter sugestões e propostas sobre cenários futuros do turismo regional integrado.

▪ 10:00h	<ul style="list-style-type: none">▪ Abertura, Apresentações e Expectativas▪ Apresentação das pessoas e organizações▪ Boas vindas e panorama atual
▪ 10:45h	<ul style="list-style-type: none">▪ Apresentação da situação atual do turismo regional integrado
▪ 11:30h	<ul style="list-style-type: none">▪ Digestão▪ Trabalho em grupos mistos▪ O que mais acontece? Quem? O que? Onde? Quando? Como?
▪ 12:00h	<ul style="list-style-type: none">▪ Plenária
▪ 12:30h	<ul style="list-style-type: none">▪ Almoço
▪ 13:30h	<ul style="list-style-type: none">▪ Dinâmica
▪ 14:00h	<ul style="list-style-type: none">▪ Apresentação dos cenários possíveis e previstos
▪ 14:45h	<ul style="list-style-type: none">▪ Trabalho em grupo▪ Vocês de vêem neste cenário?▪ O que está faltando?
▪ 15:45h	<ul style="list-style-type: none">▪ Intervalo
▪ 16:10h	<ul style="list-style-type: none">▪ Plenária de apresentação dos grupos
▪ 16:40h	<ul style="list-style-type: none">▪ Priorização
▪ 17:00h	<ul style="list-style-type: none">▪ Fechamento e Avaliação

Oficina sobre Pesquisa

Data: 27 de outubro de 2006

Local: Auditório do Instituto Florestal

Objetivos:

- Compartilhar com os pares o formato escolhido para caracterizar cada um dos temas para o Plano de Manejo.
- Coletar sugestões para a discussão dos programas de pesquisa e gestão.

▪ 9:00h	▪ Recepção dos participantes
▪ 9:30h	▪ Abertura, Apresentações e Expectativas ▪ Apresentação das pessoas e organizações ▪ Boas vindas, contexto e informações gerais sobre o Plano de Manejo
▪ 10:30h	▪ Apresentação geral sobre os trabalhos do Plano de Manejo
▪ 11:15h	▪ Plenária
▪ 12:00h	▪ Almoço
▪ 13:30h	▪ Apresentação dos painéis
▪ 14:30h	▪ Trabalho em grupo ▪ A partir da apresentação dos painéis e de seu próprio conhecimento, priorize as linhas de pesquisa e os temas de projetos mais significativos para auxiliar na gestão do Parque. ▪ Indique as formas de relacionamento entre pesquisadores, o parque e o IF que potencializam o aproveitamento dos resultados da pesquisa científica nas tomadas de decisão.
▪ 16:15h	▪ Apresentação dos grupos em plenária
▪ 17:15h	▪ Encerramento e próximos passos ▪ Avaliação da oficina

Oficina sobre Gestão Administrativa

Data: 08 de novembro de 2006

Local: Sede do PECB (São Miguel Arcanjo)

Objetivos:

- Apresentar um panorama da situação atual da gestão do PECB.
- Avaliar e obter sugestões e propostas para a gestão do PECB.

▪ 9:00h ▪ Recepção e Café

▪ 9:30h ▪ Abertura, Apresentações e Expectativas
▪ Boas vindas
▪ Apresentação das pessoas e organizações
▪ Visão geral do Plano de Manejo
▪ Objetivos da oficina

▪ 10:10h ▪ Apresentação da situação atual da estrutura e funcionamento do PECB

▪ 11:00h ▪ Plenária
▪ Perguntas e comentários

▪ 11:20h ▪ Trabalho em grupo
▪ Levantar forças/oportunidades/fraquezas/ameaças

▪ 12:00h ▪ Apresentação dos grupos

▪ 12:45h ▪ Almoço

▪ 13h45h ▪ Dinâmica

▪ 14:00h ▪ Plenária de comentários sobre as apresentações
▪ O que foi semelhante
▪ O que chama a atenção

▪ 14:15h ▪ Trabalho em grupo: propostas
▪ Propostas para projetos
▪ Propostas para quadro de pessoal
▪ Propostas para sistematização, monitoramento e avaliação

▪ 15:15h ▪ Apresentação dos grupos

▪ 16:00h ▪ Priorização

▪ 16:15 ▪ Fechamento e próximos passos
▪ O que será feito com os produtos desta reunião
▪ Agradecimentos
▪ Avaliação da oficina

Oficina sobre Fiscalização e Proteção

Data: 09 de novembro de 2006

Local: Sede do PECB (São Miguel Arcanjo)

Objetivos:

- Apresentar um panorama da situação atual fiscalização do PECB e do POC (Plano Operacional de Controle).
- Avaliar e obter sugestões e propostas para a fiscalização do PECB.

▪ 9:00h	▪ Recepção e Café
▪ 9:30h	▪ Abertura, Apresentações e Expectativas ▪ Boas vindas ▪ Apresentação das pessoas e organizações ▪ Visão geral do Plano de Manejo ▪ Objetivos da oficina
▪ 10:10h	▪ Apresentação da situação da fiscalização ▪ O que foi feito ▪ Como trabalhamos ▪ Exemplos positivos ▪ Pontos críticos
▪ 10:40h	▪ Apresentação da Polícia Ambiental
▪ 11:00h	▪ Apresentação do POC ▪ O que é o POC? ▪ Resultados
▪ 11:20h	▪ Plenária de esclarecimentos
▪ 11:40h	▪ Trabalho em grupo ▪ Levantar forças/oportunidades/fraquezas/ameaças
▪ 12:30h	▪ Apresentação dos grupos
▪ 13:00h	▪ Almoço
▪ 14:00h	▪ Dinâmica
▪ 14:10h	▪ Retomar as apresentações ▪ O que foi semelhante ▪ O que chama a atenção
▪ 14:30h	▪ Trabalho em grupo: propostas ▪ Propostas para a questão da extração de palmito ▪ Propostas para aperfeiçoamento da legislação ▪ Propostas para sistematização, monitoramento e avaliação
▪ 15:30h	▪ Apresentação dos grupos
▪ 16:00h	▪ Priorização
▪ 16:10h	▪ Fechamento e próximos passos ▪ Continuidade do POC ▪ Próximos passos do Plano de Manejo ▪ O que será feito com os produtos desta reunião ▪ Avaliação da oficina

Oficina sobre o Planejamento do Zoneamento

Data: 05 e 06 de dezembro de 2006

Local: CEMAS – Instituto Florestal

Objetivos:

- Apresentação e discussão sobre conceitos de zoneamento.
- Apresentação dos zoneamentos biofísico, histórico-cultural, uso público e da zona de amortecimento.
- Desenho preliminar dos mapas de zoneamento do PECB.

Dia 1

- | | |
|----------|---|
| ▪ 9:00h | ▪ Abertura e Apresentações |
| ▪ 10:00h | ▪ Apresentação da conceituação das zonas |
| ▪ 10:40h | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Plenária ▪ O que não é consenso? ▪ Dúvidas e esclarecimentos ▪ Construir juntos: base para cada zona (definição, o que pode, exemplos) |
| ▪ 12:00h | ▪ Almoço |
| ▪ 13h30 | ▪ Introdução: método de trabalho |
| ▪ 13:45h | ▪ Apresentação proposta de zoneamento biofísico |
| ▪ 14:25h | ▪ Apresentação proposta de zoneamento histórico-cultural |
| ▪ 15:15h | ▪ Apresentação proposta zoneamento para uso público |
| ▪ 16:00h | ▪ Apresentação proposta zoneamento – zona de amortecimento |
| ▪ 16:40h | ▪ Intervalo |
| ▪ 17:00h | ▪ O que é comum? O que é diferente? |
| ▪ 17:45h | ▪ Encerramento e avaliação do dia |

Dia 2

- | | |
|----------|---|
| ▪ 9:00h | ▪ Abertura: mostrar mapa |
| ▪ 9:30h | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Trabalho em grupos/zonas: amortecimento (fora do Parque) e uso público (dentro do Parque) ▪ Chegar a um consenso ▪ Elencar alternativas de zoneamento ▪ Pontos positivos e negativos de cada alternativa |
| ▪ 11:00h | ▪ Plenária |
| ▪ 12:00h | ▪ Almoço e Encerramento |

Reunião de Planejamento sobre os Programas de Manejo	
Data: 07 e 08 de fevereiro de 2007	Local: Sede do PECB (São Miguel Arcanjo)
Objetivos:	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Discutir e definir a estrutura dos Programas de Manejo: temas de concentração estratégicos e linhas de ação. ▪ Elaborar a lista de indicadores dos temas de concentração estratégicos. 	
▪ 9:15h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Abertura, Apresentações e Expectativas ▪ Apresentação das pessoas ▪ Informações sobre o processo do Plano de Manejo ▪ Objetivos da oficina de programas ▪ Agenda do dia
▪ 9:30h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação da proposta inicial de programas e TCE's ▪ Dúvidas e esclarecimentos
▪ 10:30h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura e reformulação dos programas, TCE's e linhas de ação. Procedimento para cada programa: ▪ Leitura e esclarecimentos ▪ Momento individual: escrever em post-it de cores diferentes: perguntas/incômodos e sugestão de alteração ▪ Leitura dos post-its ▪ Discussão, esclarecimento e encaminhamento sobre cada pergunta/sugestão
▪ 12:30h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Almoço
▪ 14:00h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura e reformulação dos programas, TCE's e linhas de ação. Procedimento para cada programa: ▪ Leitura e esclarecimentos ▪ Momento individual: escrever em post-it de cores diferentes: perguntas/incômodos e sugestão de alteração ▪ Leitura dos post-its ▪ Discussão, esclarecimento e encaminhamento sobre cada pergunta/sugestão
▪ 17:30h	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Encerramento do dia e avaliação
Dia 2	
▪ Manhã	Continuação: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura e reformulação dos programas, TCE's e linhas de ação. Procedimento para cada programa: ▪ Leitura e esclarecimentos ▪ Momento individual: escrever em post-it de cores diferentes: perguntas/incômodos e sugestão de alteração ▪ Leitura dos post-its ▪ Discussão, esclarecimento e encaminhamento sobre cada pergunta/sugestão
▪ Tarde	Continuação: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura e reformulação dos programas, TCE's e linhas de ação. Procedimento para cada programa: ▪ Leitura e esclarecimentos ▪ Momento individual: escrever em post-it de cores diferentes: perguntas/incômodos e sugestão de alteração ▪ Leitura dos post-its ▪ Discussão, esclarecimento e encaminhamento sobre cada pergunta/sugestão

Oficina Conclusiva Interna	
Data: 21 e 22 de março de 2007	Local: Instituto Ekos Brasil
Objetivos:	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Discutir e fechar o zoneamento interno e a zona de amortecimento. ▪ Discutir e detalhar os TCE' e linhas de ação que atingem o Contínuo Ecológico de Paranapiacaba. ▪ Discutir e fechar a estrutura dos programas de manejo do PECB (TCE's e linhas de ação). 	
Dia 1	
▪ Manhã	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação da proposta final de desenho do zoneamento interno do PECB ▪ Discussão do capítulo sobre o zoneamento ▪ Discussão sobre as questões mais polêmicas relativas ao zoneamento
▪ Tarde	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação da proposta para a zona de amortecimento ▪ Discussão e fechamento do zoneamento do PECB
Dia 2	
▪ Manhã	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação e discussão dos TCE's e linhas de ação que dizem respeito ao Contínuo Ecológico de Paranapiacaba e suas unidades de conservação (PE Intervalos e PETAR) ▪ Redação do detalhamento destas linhas de ação
▪ Tarde	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Discussão e fechamento da estrutura dos programas de manejo do PECB (TCE's e linhas de ação)

Oficina Conclusiva Externa (com a comunidade)	
Data: 04 de maio de 2007	Local: Sede do PECB (São Miguel Arcanjo)
Objetivos:	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compartilhar os resultados alcançados no processo de elaboração do Plano de Manejo do PECB. ▪ Apresentar o fechamento deste processo e as etapas de implantação do Plano de Manejo. ▪ Colher sugestões para ajustes. 	
▪ 9:30h	▪ Recepção / Lista de organizações presentes
▪ 10:00h	▪ Abertura / Boas Vindas / Organizações Presentes
▪ 10:15h	▪ Apresentação do Histórico do Plano de Manejo e Zoneamento
▪ 11:15h	▪ Apresentação da estrutura dos Programas de Manejo
▪ 11:45h	▪ Plenária com perguntas de esclarecimento
▪ 12:30h	▪ Escolha dos grupos de trabalho por programas
▪ 13:00h	▪ Almoço
▪ 14:00h	▪ Trabalho em grupos: perguntas e elaboração de sugestões
▪ 15:30h	▪ Plenária: apresentação dos grupos
▪ 16:30h	▪ Encerramento

ANEXO 2

Bibliografia

AB'SABER, A.N. A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras. **Geomorfologia**, Instituto de Geografia, São Paulo, USP, 41. 1973

ABRAHAMSON, W.G. **Demography and vegetative reproduction**. In: Demography and evolution in plant populations (Ed. by O.T. SOLBRIG). Oxford: Blackwell Scientific Publications, 1980. pp. 89-106.

AB'SABER, A.N. Províncias geológicas e domínios morfo-climáticos no Brasil. **Geomorfologia**. São Paulo, nº 20. 1970

AGENDA DE ECOTURISMO DO VALE DO RIBEIRA. **Relatório Final do Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Bacia do Rio Ribeira de Iguape: uma análise das condições e limitações ao ecoturismo**. São Paulo, 2003.

AGOSTINHO, A.A.; THOMAZ, S.M. & GOMES, L.C. **Conservação da biodiversidade em águas continentais do Brasil**. Megadiversidade VOL I, Nº I. 2005.

AGUIAR, O.T. de. **Comparação entre os Métodos de Quadrantes e Parcelas na Caracterização da Composição Florística e Fitossociológica de um Trecho de Floresta Ombrófila Densa no Parque Estadual Carlos Botelho- São Miguel Arcanjo, São Paulo**. 2003. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2003.

ALEIXO, A. & GALETTI, M. The conservation of the avifauna in a lowland Atlantic Forest in south-east Brazil. **Bird Conserv. Int.** 7:235-261. 1997.

ALEIXO, A. Effects of selective logging on a bird community in the Brazilian Atlantic Forest. **Condor** 101:537-548. 1999.

ALLMEN, C. von; MORELLATO, P.C.L; PIZO, M.A. Seed predation under high seed density condition: the palm *Euterpe edulis* in the Brazilian Atlantic. **Journal of Tropical Ecology**, v. 20, n. 4, p. 471-474. 2004.

ALMEIDA, Antonio P. O Ribeira de Iguape. **Revista do Arquivo Municipal** [de São Paulo], ano X, vol. CII, abril/ maio, 1945.

ANDRADA, M.F.R. de. Jornais de viagens pela capitania de São Paulo e Diário de uma viagem mineralógica. CLETO, Marcelino P. *et alli*. **Roteiros e notícias de São Paulo Colonial (1751-1804)**. São Paulo: Governo do Estado, 1977. Col. Paulística, vol. I, p.139-192.

ANDREWS, A. Fragmentation of habitat by roads and utility corridors: A review. **Australian Zoologist**, v.26, p.130-141, 1990.

ANTUNES, A.Z.; ESTON, M.R.; MENEZES, G.V. Projeto Planos de Manejo do Parque Estadual Carlos Botelho e da Estação Ecológica de Xitué. **Relatório técnico apresentado à Equipe de Planos de Manejo (Componente Avifauna)**. São Paulo, 2007.

ANTUNES, A.Z.; ESTON, M.R.; MENEZES, G.V. Projeto Planos de Manejo do Parque Estadual Carlos Botelho e da Estação Ecológica de Xitué. **Relatório técnico apresentado à Equipe de Planos de Manejo (Componente Avifauna)**. São Paulo, 2007.

ARAÚJO, C.O.; SOUZA, F.M.; ARZOLLA, F.A.R.D.P.; FRANCO, G.A.D.C.; BAITELLO, J.B.; TONIATO, M.T.Z.; IVANAUSKAS, N.M.; AGUIAR, O.T.; CIELO FILHO, R. Módulo Biodiversidade: Relatório Vegetação. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Mar**. São Paulo, Instituto Florestal do Estado de São Paulo. 2005.

ARAÚJO, L.S.; SPAROVEK, G.; RODRIGUES, R.R.; SANTOS, J.R. **Fotografias aéreas e imagens Quickbird como suporte na gestão de Unidades de Conservação da Mata Atlântica**. Artigo submetido em nov. 2006 no XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto.

BARRELLA, W. **Alterações no padrão estrutural das comunidades de peixes existentes nas bacias dos rios Tietê e Paranapanema (SP) devido a poluição e ao represamento**. 1997. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro, 1997.

BARRETO, C.N.G.B. **A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios concheiros do médio curso**. 1988. Dissertação (Mestrado) - FFLCH-USP, 1988.

BARROS, F; MELO, M.M.R.F.; CHIEA, S.A.C.; KIRIZAWA, M.; WANDERLEY, M.G.L.; JUNG-MENDAÇOLLI, S.L. Caracterização geral da vegetação e listagem das espécies ocorrentes. In: Flora fanerogâmica da Ilha do Cardoso. São Paulo-SP, v.1, p.1-184. 1991.

BARROS, F; MELO, M.M.R.F.; CHIEA, S.A.C.; KIRIZAWA, M.; WANDERLEY, M.G.L.; JUNG-MENDAÇOLLI, S.L. Caracterização geral da vegetação e listagem das espécies ocorrentes. In: Flora fanerogâmica da Ilha do Cardoso. São Paulo-SP, v.1, p.1-184. 1991.

BEISIEGEL, B. M. Shelter availability and use by mammals and birds in an Atlantic forest area. **Biota Neotropica** 6(1) – <http://www.biotaneotropica.org.br/v6n1/pt/abstract?article+bn00206012006>. 2006.

BEISIEGEL, B.M. & BUENO, R.S. Projeto Planos de Manejo do Parque Estadual Carlos Botelho e da Estação Ecológica de Xitué. **Relatório técnico apresentado ao Instituto Florestal/SMA (Componente Grandes Mamíferos)**. São Paulo, 2007.

BEISIEGEL, B.M.; ADES, C. The bush dog *Speothos venaticus* (Lund, 1842) at Parque Estadual Carlos Botelho, Southeastern Brazil. **Mammalia**, v. 68, p. 65-68, 2004.

BEISIEGEL, B.M.; MANTOVANI, W. Habitat use, home range and foraging preferences of the coati *Nasua nasua* in a pluvial tropical Atlantic forest area. **Journal of Zoology (London)**, v. 169, p. 77-87, 2006.

BENCKE, G.A. & KINDEL, A. Bird counts along an elevational gradient of Atlantic Forest in northeastern Rio Grande do Sul, Brazil. **Ararajuba** 7: 91-107. 1999.

BENÍTEZ-MALVIDO, J.; MARTÍNEZ-RAMOS, M. Impact of forest fragmentation on understory plant species richness in Amazonia. **Conservation Biology**, 2003, v. 17, n. 2, p. 389-400.

BERTOLUCI, J., BRASSALOTI, R.A., RIBEIRO JÚNIOR, J.W., VILELA, V.M.F.N. & SAWAKUCHI, H.O. (Submetido). **Species composition and similarities among anuran assemblages of four forest sites in southeastern Brazil**. Submetido a Scientia Agricola.

BISSA, W.M.; MANTOVANI, W. Recursos potenciais de grupos caçadores-coletores do médio rio Ribeira (SP). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 5, São Paulo: 1995, 117-124.

BISTRICHI, C.A. et al. Mapa geológico do Estado de São Paulo; escala 1:500.000. In: ALMEIDA, F.F.M. de - **Mapa Geológico do Estado de São Paulo**; 1: 500.000, texto. São Paulo: IPT, 1981. 2v. IPT-Publicação 1184, Série Monografias 6.

BLAJ, I. **A Trama das tensões: o progresso de mercantilização de São Paulo Colonial, 1681/1721**. 1995. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

BRANDÃO, C.R. **Further revisionary studies on the ant genus *Megalomyrmex* Forel (Hymenoptera: Formicidae: Myrmicinae: Solenopsidini)**. Papéis Avulsos de Zoologia, Volume 43(8):145-159, 2003.

BRASIL. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília, 1994.

BREIER, T.B. **O Epifitismo Vascular em Florestas do Sudeste Brasileiro**. 2005. 139 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BRESCOVIT, A.D. Biodiversidade de Arachnida e Myriapoda no Estado de São Paulo. 2002. Disponível em: <http://sinbiota.cria.org.br/sia/consulta?search+show+5120>

BROOKS, T.; MITTERMEIER, R.A.; MITTERMEIER, C.; FONSECA, G.; RYLANDS, A.; KONSTANT, W.; FLICK, P.; PILGRIM, J.; OLDFIELD, S.; MAGIN, G.; HILTON-TAYLOR, C. Habitat loss and extinction in the hotspots of diversity. **Conservation Biology**, v. 16, p. 909-923, 2002.

BUENO, R.S. **Densidade e tamanho populacional de mamíferos e aves cinegéticos no Parque Estadual Carlos Botelho, SP**. Monografia de conclusão de curso, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

BURMAN, A.G.; FILGUEIRAS, T. **A review of the woody bamboo genera of Brazil (Gramineae: Bambusoideae: Bambuseae)**. Thaiszia, Kosice, 1993, v. 3, p. 53-88.

BUZZETTI, D.R.C. Distribuição altitudinal de aves em Angra dos Reis e Parati, sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Em: Alves, M. A. S., Silva, J.M.C., Van Sluys, M., Bergallo, H.G. e Rocha, C.F.D. (eds.). **A ornitologia no Brasil: pesquisa atual e perspectivas**. p. 131-148. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

CAMARGO, P.F.B. de. **Arqueologia das fortificações oitocentistas da planície costeira Cananéia/Iguape, SP**. Dissertação (mestrado), MAE, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CANHAM, C.D.; MARKS, P.L. The response of woody plants to disturbance: patterns of establishment and growth. In: PICKETT, S.T.A.; WHITE, P.S. (Ed.). **The ecology of natural disturbance and patch dynamics**. San Diego: Academic Press, 1985. p. 53-69.

CARMIGNOTTO, A.P. **Plano de Manejo Parque Estadual da Serra do Mar. Relatório Mamíferos: Módulo Biodiversidade**. Consultoria Independente PPMA e Instituto Ekos Brasil, 2006. 88 p., arquivo PDF.

CARVALHO, L.M.T. de. **Dinâmica de clareiras em uma floresta de nuvem na Serra do Ibitipoca, Minas Gerais**. 1997. 52 p. Dissertação (Mestrado em Manejo Ambiental) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 1997.

CASTANHO, L.M. **Historia natural de *Phyllomedusa distincta*, na Mata Atlântica do Município de Sete Barras, Estado de São Paulo (Amphibia, Anura, Hylidae)**. 1994. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, 1994.

CASTANHO, L.M. *Phyllomedusa distincta* (leaf frog). Tadpole predation. **Herpetological Review**, 32(2): 103. 2001.

CASTANHO, L.M. **Anfíbios Anuros das Regiões Central e Sul da Serra de Paranapiacaba, Estado de São Paulo**. Relatório Parcial, “Biodiversidade de Anfíbios Anuros do Estado de São Paulo” sub-projeto 4 apresentado à Fapesp. 2004.

CASTELLANI, D. **Caracterização da piscicultura da região sul de São Paulo (Brasil)**. 2002. 67 p. Dissertação (Mestrado em Conservação e Manejo de Recursos) - Centro de Estudos Ambientais, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2002.

CASTRO, R.M.C.; CASATTI, L.; SANTOS, H.F.; FERREIRA, H.M.; RIBEIRO, A.C.; DARDIS, G.Z.P.; MELO, A.L.A.; STOPIGLIA, R.; ABREU, T.X.; BOCKMANN, F.A.; Carvalho, M.; GIBRAN, F.Z. & LIMA, F.C.T. **Estrutura e composição da ictiofauna de riachos do rio Paranapanema, Sudeste e Sul do Brasil**. *Biota Neotropical* v3 (n1) – BN0170301. 2003.

CETEC Centro Tecnológico / Fundo Estadual de Recursos Hídricos - FEHIDRO, Comitê da Bacia Hidrográfica do Ribeira de Iguape e Litoral Sul. CBH-RB Plano de Bacia UGRHI II, sem data.

CHIARELLO, A.G. Effects of fragmentation of the Atlantic forest on mammal communities in south-eastern Brazil. **Biological Conservation**, v. 89, p. 71-82, 1999.

CINTRA, H.B. Indicadores de Sustentabilidade para o Ecoturismo e o Turismo Rural. Mestre em Ciência Ambiental – Universidade Federal Fluminense – UFF. Professor Assistente – Curso de Turismo da Universidade Católica de Petrópolis – UCP No prelo. 2005.

CNUMAD. **Agenda 21**. [S.l.], 1992. Versão preliminar.

COLE, D.N. **Monitoring and management of recreation in protected areas; the contributions and limitations of science**. The Second International Conference on Monitoring and Management of Visitor Flows in Recreational and Protected Areas, Rovaniemi, Finland, 2004. p. 9-16.

COLE, D.N.; McCOOL, S.F. Limits of acceptable change and related planning processes: a workshop. In: LIMITS OF ACCEPTABLE CHANGE AND RELATED PLANNING PROCESS: PROGRESS AND FUTURE DIRECTIONS, Ogden, 1997. **Proceedings**. Ogden: USDA, Forest Service, Rock Mountain Research Station, 1997. p.1-2.

COLLET, G.C. Novas informações sobre os sambaquis fluviais do Estado de São Paulo. **Arquivos do Museu de História Natural**, 10, Belo Horizonte, 1985.

COMPANIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS - CPRM. **Mapa Geológico da folha Capão Bonito (SG. 22 - X – B – III)**. Projeto Integração e Detalhe Geológico no Vale do Ribeira. Relatório Final Volume III, 1981. (Anexo I).

COUTO, H.T.Z. do. **Métodos de Inventário da Biodiversidade de Espécies Arbóreas**. Relatório Final de Projeto Temático (Processo FAPESP 1999/08515-0). Piracicaba: ESALQ/USP. Disponível em <http://lmq.esalq.usp.br/biota/> e biota.org.br. 2005.

CUSTÓDIO FILHO, A. **A Floresta Ombrófila Densa em diferentes altitudes no Parque Estadual de Carlos Botelho, São Paulo, Brasil**. 2002. Tese (Doutorado) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, 2002.

CUSTÓDIO FILHO, A.; FRANCO, G.A.D.C.; DIAS, A.C.; NEGREIROS, O.C. Composição florística do estrato arbóreo do Parque Estadual de Carlos Botelho, SP. **Revista do Instituto Florestal**, São Paulo, vol. 4, n. 1, p. 184-191, 1992.

DAEE - SÃO PAULO (Estado). **Totais mensais de chuva do Estado de São Paulo**. São Paulo: Departamento de Águas e Energia Elétrica - CTH, 1993. 337 p.

DE BLASIS, P.A.D. Indicadores da Transição do Arcaico para o Formativo na Região Montanhosa do Médio Vale do Ribeira, SP. In: Tenório, M.C. (Org) **Pré-História da Terra Brasilis**, Editora UFRJ, Rio de Janeiro: 2000, 273-284.

DE BLASIS, P.A.D.; PIEDADE, S.C.; MORALES, W.F. Algumas considerações sobre os sambaquis fluviais do médio Ribeira, SP. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 4, São Paulo: 1994, 218-219.

DEAN, W. **A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

DELGADO, M.J.M. **Common factors affecting tropical wetlands: three study cases**. International Conference on Wetlands, Leiden, Holand. 1989. 12 p.

DENSLOW, J.S. Tropical rain forest gaps and trees species diversity. **Annual Review of Ecology and Systematics**, 1987. v. 18, p. 432-452.

DEVELEY, P.F. As aves da Estação Ecológica Juréia-Itatins. p. 278-295. In: MARQUES, O.A.V. & DULEBA, W. (eds) **Estação Ecológica Juréia-Itatins**. Ambiente Físico, Flora e Fauna. Ribeirão Preto: Holos Editora, 2004. 384 p.

DEWALT, S.J.; MALIAKAL, S.K.; DENSLOW, J.S. Changes in vegetation structure and composition along a tropical forest chronosequence: implications for wildlife. **Forest Ecology and Management**, v. 182, p. 139–151, 2003.

DIAS, A.C. **Estrutura e diversidade do componente arbóreo e a regeneração do palmito (*Euterpe edulis*) em um trecho de mata secundária, no Parque Estadual de Carlos Botelho, SP**. 1993. 126 p. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 1993.

DIAS, A.C.; CUSTÓDIO FILHO, A.; FRANCO, G.A.D.C. Diversidade do componente arbóreo em Floresta Pluvial Atlântica secundária, São Paulo, Brasil. **Revista do Instituto Florestal** v. 12(2): 127-153. 2000.

DIAS, A.C.; CUSTÓDIO FILHO, A.; FRANCO, G.A.D.C.; COUTO, H.T.Z. Estrutura do componente arbóreo em um trecho de floresta secundária, Parque Estadual de Carlos Botelho, SP. **Revista do Instituto Florestal**, São Paulo, vol. 7, n. 2, p. 125-155. 1995.

DIAS, A.C.; NEGREIROS, O.C.; VEIGA, A.A.; COUTO, H.T.Z. Um cotejo entre métodos para levantamento fitossociológico no Núcleo Sete Barras do Parque Estadual de Carlos Botelho. **Boletim Técnico do Instituto Florestal** 40a: 463-480. 1986.

DIAS, A.C.; NEGREIROS, O.C.; VEIGA, A.A.; COUTO, H.T.Z. Comparação entre métodos empregados na amostragem de vegetação desenvolvida em comunidade de floresta pluvial tropical. **Revista do Instituto Florestal**, São Paulo, vol. 1, n. 2, p. 93-119. 1989.

DINES, M; PASSOLD, A.J. **Estruturação da Capacidade de Suporte para Diferentes Atividades de Uso Público, Visando Minimizar os Impactos das Mesmas em três Unidades de Conservação**: Parna do Itatiaia, Parna Chapada dos Veadeiros e Parnamar dos Abrolhos. São Paulo: PNUD/IBAMA, 2006. (Produto consolidado do Projeto PNUD BRA 00/009, Contrato nº 2002/004937, Termo de Referência: 95170).

DOMINGUES, E.N. & SILVA, D.A. Geomorfologia do Parque Estadual de Carlos Botelho. **Boletim Técnico IF**, São Paulo, V.42, único: 71-105, 1988.

DOMINGUES, E.N., SILVA, D.A. da & VELLARDI, A.C.V. Correlações topogeomorfológicas, geológicas e de declividades do Parque Estadual de Carlos Botelho - SP. **Boletim Técnico IF**, São Paulo, V.41, n.2: 377 - 420, 1987.

DUGELBY, B.; LIBBY, M. Analyzing the social context at Parks in peril sites. Em: Brandon, L.; Redford, K. H.; Sanderson, S. E. (Eds.) **Parks in Peril**. California: Island Press, 1998. p. 63 - 75.

DUNSTAN, C.E.; FOX, B.J. The effects of fragmentation and disturbance of rainforest on ground-dwelling small mammals on the Robertson Plateau, New South Wales, Australia. **Journal of Biogeography**, v. 23, p. 187-201, 1996.

DUNSTONE, N.; O'SULLIVAN, J.N. The impact of ecotourism development on rainforest mammals. Em: Taylor, V.; Dunstone, N. (Eds.). **The exploitation of mammal populations**. London: Chapman & Hall, 1996. p. 313-333.

EITEN, G. A vegetação do Estado de São Paulo. **Boletim do Instituto de Botânica**, 7, 1970.

EMBRAPA. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Brasília: EMBRAPA, 1999. v I. 412 p.

EMBRATUR. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília, MICT/MMA-EMBRATUR/IBAMA, 1994.

ESTADOS UNIDOS. Department of Interior. National Park Service. **Visitor impact and resource protection: a process for addressing visitor carrying capacity in the national park system**. Denver: NPS Denver Service Center, 1993. 35 p.

FAHRIG, L. Effects of habitat fragmentation on biodiversity. **Annual Reviews in Ecology, Evolution and Systematics**, v.34, p. 487-515. 2003.

FANTINI, A.C. & GURIES, R.P. 2000. **Guadua tagoara (taquaruçu): uma espécie invasiva da Mata Atlântica**. In: Sexto Congresso e Exposição sobre Florestas, 2000, Porto Seguro. Resumos Técnicos. Rio de Janeiro: Instituto Ambiental Biosfera, p. 136-138.

FERRAZ, L.P.M. & VARJABEDIAN, R. **Evolução histórica da implantação e consolidação das informações disponíveis sobre o Parque Estadual Carlos Botelho**. São Paulo: SMA, Instituto Florestal, Divisão de Reservas e Parques Estaduais, 1999. Relatório técnico apresentado à DRPE/CINP/IF.

FERREIRA, A. **Ecologia trófica de *Astyanax paranae* (Osteichthyes, Caracidae) em córregos da bacia do rio passa-cinco, Estado de São Paulo**. 2004. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004.

FIGUEIREDO, L.F.A. & CUSTÓDIO-FILHO, A. Aves observadas em unidades de conservação do estado de São Paulo por Antonio Flávio Barbosa. **Bol. CEO** 15: 30-43. 2003.

FIGUTI, L. Os Sambaquis Fluviais do Ribeira. In: **Anais do XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, São Paulo, Setembro de 2003.

FLEURY, M. & GALETTI, M. Effects of microhabitat on palm seed predation in two forest fragments in southeast Brazil. **Acta Oecologica**, v. 26 n. 3 p. 179-184. 2004.

FOGAÇA, P.D. **Percepções e etnoconhecimento sobre o mono-carvoeiro (*Brachyteles arachnoides*) pela população do entorno do PE Carlos Botelho**. Projeto de pesquisa apresentado à COTEC, 2001.

FOGAÇA, P.D. Projeto Planos de Manejo do Parque Estadual Carlos Botelho e da Estação Ecológica de Xitué. **Relatório técnico apresentado à Equipe de Planos de Manejo (Componente Invertebrados, Peixes e Quirópteros)**. São Paulo, 2007.

FOGAÇA, P.D.; BEISIEGEL, B.M.; LIMA, A.F.B.; PIANCA, C.C.; FERREIRA, C.P.; BALBONI, F.; PISCIOTTA, K.; PORTILHO, W.G. **Diagnóstico da fauna que usa a rodovia SP 139**. Relatório apresentado ao IF-SP, 2004.

FONSECA, G.A.B.; HERRMANN, G.; LEITE, Y.L.R. Macrogeography of Brazilian Mammals. Em: Eisenberg, J. F.; Redford, K. H. **Mammals of the Neotropics. Volume 3: The Central Neotropics**. Chicago: University of Chicago Press, 1999. p. 549-563.

FOREST, M.; VICTOR, M. **Cantareira: patrimônio arquitetônico e natural**. São Paulo: IOESP, 2000.

FORLANI, M.C. **Levantamento de anfíbios do Parque Estadual Carlos Botelho, São Paulo**. Monografia de Conclusão de Curso, Biologia, Faculdade de Ciências Biológicas, Exatas e Experimentais da Universidade Presbiteriana Mackenzie. 68 p. 2006.

GALETTI, M. & ALEIXO, A. Effects of palm heart harvesting on avian frugivores in the Atlantic rain forest of Brazil. **J. Applied Ecol.** 35: 286-293. 1997.

GALETTI, M. Seasonal abundance and feeding ecology of parrots and parakeets in a lowland Atlantic forest of Brazil. **Ararajuba** 5(2): 115-126. 1997.

GALETTI, M.; MARTUSCELLI, P., PIZO, M. A. & SIMÃO, I. Records of Harpy and Crested Eagles in the Brazilian Atlantic Forest. **Bull. Brit. Orn. Club** 117: 27-31. 1997b.

GALETTI, M.; MARTUSCELLI, P.; OLMOS, F. & ALEIXO, A. Ecology and conservation of the jacutinga *Pipile jacutinga* in the Atlantic forest of Brazil. **Biol. Conserv.** 82: 31-39. 1997a

GALETTI, M.; PIZO, M. A. & LAPS, R. Frugivory by toucans (Ramphastidae) in two altitudes in the Atlantic forest of Brazil. **Biotropica** 33: 723-726. 2000.

GALINDO-LEAL, C.; CÂMARA, I.B. Atlantic Forest Hotspots Status: An Overview. In GALINDO-LEAL, C.; CÂMARA, I.B (eds). **The Atlantic Forest of South America: biodiversity status, threats, and outlook**. Washington, DC: Island Press, 2003. cap. 1, p. 3-11.

GARCIA, R.J.F. **Estudo florístico dos campos alto-montanos e matas nebulares do Parque Estadual da Serra de Paranapiacaba - Núcleo Curucutu, São Paulo, SP, Brasil**. 2003. Tese (Doutorado) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

GENTRY, A.H.; DIAS, A.C. & FRANCO, G.A.D.C. 1987. The Carlos Botelho State Park. In: PHILIPS, O. & MILLER, J.S. 2002. (Eds.) Site No. 81: 0.1-Hectare Transect Site Pages (Chapter 7) **Global Patterns of Plant Diversity**: Alwyn H. Gentry Forest Transect Data Set. Monographs in Systematic Botany from the Missouri Botanical Garden, vol. 89 Missouri Botanical Garden Press, St. Louis, USA.

GILL, J.A., NORRIS, K.; SUTHERLAND, W.J. Why behavioral responses may not reflect the population consequences of human disturbance. **Biological Conservation**, v. 97, p. 265-268, 2001.

GOERCK, J.M. Patterns of rarity in the birds of the Atlantic Forest of Brazil. **Conserv. Biol.** 11: 112-118. 1997.

GOERCK, J.M. Distribution of birds along an elevational gradient in the Atlantic Forest of Brazil: implications for the conservation of endemic and endangered species. **Bird Conserv. Intern.** 9: 235-253. 1999.

GONZÁLEZ, E.M.R. Diversidade Cultural entre os Grupos Ceramistas do Sul-Sudeste Brasileiro: o Caso do Vale Ribeira do Iguape. In: Tenório, M.C. (Org) **Pré-História da Terra Brasilis**, Editora UFRJ, Rio de Janeiro: 2000, 293-306.

GONZÁLEZ, E.M.R.; DE BLASIS, P.A.D. Investigações arqueológicas no médio/baixo vale do Ribeira do Iguape. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 8, São Paulo: 1998, 57-69.

GOOSEM, M.W. Internal fragmentation: the effects of roads, highways and powerline clearings on movements and mortality of rainforest vertebrates. In: Laurance. W.F. (Ed.) **Tropical Forest Remnants: Ecology, Management and Conservation of Fragmented Communities**. 1997.

GOOSEM, M.W.; Marsh, H. Fragmentation of a small-mammal community by a powerline corridor through tropical rainforest. **Wildlife Research** v. 24, p. 613-629, 1997.

GRAEFE, A.R.; KUSS, F.R.; VASKE, J.J. **Visitor impact management: the planning framework**. Washington: National Parks and Conservation Association, 1990. 105 p.

GRISCOM, B.W.; ASHTON, P.M.S. Bamboo control of forest succession: *Guadua sarcocarpa* in Southeastern Peru. **Forest Ecology and Management**, 2003, v. 175, n. 1-3, p. 445-454.

GUILHERME, F.A.G.; OLIVEIRA-FILHO, A.T.; APPOLINÁRIO, V.; BEARZOTI, E. Effects of flooding regime and woody bamboos on tree community dynamics in a section of tropical semideciduous forest in South-Eastern Brazil. **Plant Ecology**, 2004, v. 174, n. 1, p. 19-36.

GUIX, J.C., LLORENTE, G., MONTORI, A., CARRETERO, M.A., SANTOS, X. Una nueva área de elevada riqueza de anuros en el bosque lluvioso Atlântico de Brasil. **Bol. Asoc. Hertetol. Esp.**, 11 (2): 100-105. 2000.

GUIX, J.C., MARTÍN, M., MIQUEL, C. & SERRA, A. Density estimates of five syntopic species of parrots (Aves: Psittacidae): population status in the Paranapiacaba fragment. In: MATEOS, E., GUIX, J. C., SERRA, A., PISCIOTTA, K. (eds.) **Censuses of vertebrates in a brazilian Altantic rainforest área: The Paranapiacaba fragment**. Barcelona: Universitat de Barcelona. 2002.

GUTJAHR, M.R. **Crítérios relacionados a compartimentação climática de bacias hidrográficas: a bacia do Rio Ribeira de Iguape**. 1993. Dissertação (Mestrado) - FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

HADDAD, C.F.B. Biodiversidade de anfíbios do estado de São Paulo. p. 15-26. In: CASTRO, R. M. C. (org.) **Biodiversidade do estado de São Paulo, Brasil: síntese do conhecimento ao final do século XX**. 6: Vertebrados. São Paulo: FAPESP, 1998.

HAMMITT, W.E.; COLE, D.N. **Wildland recreation: ecology and management**. Nova York: John Wiley, 1998. 361 p.

HARPER, J.L.; WHITE, J. **The demography of plants**. Annual Review of Ecology and Systematics, 1974, v. 5, p. 419-463.

HEINSDIJK, D. & CAMPOS, J.C.C. Programa de manejo das florestas de produção estaduais. **Silvicultura em São Paulo**, vol. 6 (único): 365-405. 1967.

HERNÁNDEZ, A., MARTÍN, M., SERRA, A. & GUIX, J.C. Density estimates of syntopic species of toucans (Aves: Ramphastidae). p. 79-94. In: MATEOS, E., GUIX, J.C., SERRA, A. & PISCIOTTA, K. (eds.) **Censuses of vertebrates in a brazilian Altantic rainforest área: The Paranapiacaba fragment**. Barcelona: Universitat de Barcelona. 2002.

HEYER, W.R., RAND, A.S., CRUZ, C.A.G., PEIXOTO, O.L., NELSON, C.E. 1990. **Frogs of Boraceia**. Arquivos de Zoologia, São Paulo 31: 4.

HUBBELL, S.P. **A unified neutral theory of biodiversity and biogeography**. Princeton: Princeton University Press, 2001.

HUECK, K. Mapa fitogeográfico do Estado de São Paulo. **Boletim Paulista do Instituto de Geografia**, 1956, v. 22, p. 19-25.

HURTT, G.C.; PACALA, S.W. The consequences of recruitment limitation: reconciling chance, history and competitive differences between plants. **Journal of Theoretical Biology**, 1995, v. 176, n. 1, p. 1-12.

IBAMA/GTZ. **Manual de Apoio ao Gerenciamento das Unidades de Conservação Federais - "Guia de Chefe"**. Brasília: DIREC, 1999.

IBAMA. **Roteiro Metodológico de Planejamento: Parque Nacional, Reserva Biológica, Estação Ecológica**. Brasília: MMA, 2002.

IBAMA. **Lista das espécies da fauna brasileira ameaçada de extinção. Anexo à Instrução Normativa nº 3, de 27 de Maio de 2003, do Ministério do Meio Ambiente, 2003**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/sbf/fauna/lista.html>. Acessado em 22 de Agosto de 2006.

IUCN. **IUCN Red List of Threatened Species, 2006**. Disponível em <http://www.iucnredlist.org>. Acessado em 26 de Setembro de 2006.

IVANAUSKAS, N. & TONIATO, M.T.Z. (coords.) Projeto Plano de Manejo do Parque Estadual Carlos Botelho. **Relatório técnico apresentado à Equipe de Planos de Manejo (Componente Vegetação)**. São Paulo, 2007.

IVANAUSKAS, N.M., RODRIGUES, R.R. & NAVE, G. Fitossociologia e seletividade de espécies numa floresta de brejo em Itatinga - SP. **Revta brasil. Bot.** 20:139-153. 1997.

IVANAUSKAS, N.M.; MONTEIRO, R.; RODRIGUES, R.R. Similaridade florística entre áreas de Floresta Atlântica no Estado de São Paulo. **Brazilian Journal of Ecology**, 2000, v. 1-2, p. 71-81.

IVANAUSKAS, N.M.; MONTEIRO, R.; RODRIGUES, R.R. Levantamento florístico de um trecho de Floresta Atlântica em Pariquera-Açu, SP. **Naturalia**, v.26, p. 97-129. 2001.

IVC & WWF. **Sociedade e Ecoturismo: na trilha do desenvolvimento sustentável: como diferentes atores sociais podem, de forma participativa, elaborar planos estratégicos de conservação e geração de renda. O caso do ecoturismo do Vale do Ribeira na Mata Atlântica**. São Paulo: Peirópolis, 2003. 144p.

JOLY, C.A.; LEITÃO FILHO, H.F.; SILVA, S.M. O Patrimônio Florístico. In: CORTESÃO, J.; BIGARELLA, J.J.; JOLY, C.A.; LEITÃO FILHO, H.F.; SILVA, S.M.; COIMBRA FILHO, A.F., CÂMARA, I.B. **Mata Atlântica**. Rio de Janeiro: Ed. Index, 1991.

JUDZIEWICZ, E.J.; CLARK, L.G.; LONDONO, X.; STERN, M.J. **American Bamboos**. Washington D.C: Smithsonian Institution Press, 1999.

KANNI, F. (coord.) Projeto Planos de Manejo do Parque Estadual Carlos Botelho e da Estação Ecológica de Xitué. **Relatórios técnicos apresentados à Equipe de Planos de Manejo (Componente Uso Público)**. São Paulo, 2007.

KEEL, S.; SAYRE, R.; SEDAGHATKISH, G.. Levantamentos da Vegetação e Espécies de Plantas. In: SAYRE, R.; ROCA, E.; SEDAGHATKISH, G.; YOUNG, B.; KEEL, S.; ROCA, R., SHEPPARD, S. **Natureza em Foco: Avaliação Ecológica Rápida**. Arlington: The Nature Conservancy, 2003.

KINOSHITA, A.; FIGUTI, L.; BAFFA, O. Datação de Conchas do Sambaqui Capelinha - SP por Ressonância do Spin Eletrônico. In: **Anais do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, Campo Grande, Setembro de 2005.

KIRIZAWA, M.; SUGIYAMA, M.; LOPES, E.A.; CUSTODIO FILHO, A. **Flora da Reserva Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo, Brasil**. Disponível via WEB. URL: <http://www.ibot.sp.gov.br/PESQUISA/paranapiacaba/paranapiacaba.htm>. 2006.

KLEIN, R.M. Mapa fitogeográfico do Estado de Santa Catarina - resenha descritiva da cobertura vegetal. In REITZ, R. (Ed.) **Flora Ilustrada Catarinense**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1978.

KRUMPE, E.E. The role of science in wilderness planning: a state-of-knowledge review. In: WILDERNESS SCIENCE IN A TIME OF CHANGE CONFERENCE: WILDERNESS VISITORS, EXPERIENCES, AND VISITOR MANAGEMENT, 4., Missoula, 1999. **Proceedings**. Missoula: USDA, Forest Service, 2000. p. 134-141.

KUSS, F.R.; GRAEFE, A.R.; VASKE, J.J. **Visitor impact management: a review of research**. Washington: National Park and Conservation Association, 1990. 256 p.

LATINI, A.O. **O efeito da introdução de peixes exóticos nas populações nativas das lagoas do Parque Estadual do Rio Doce – MG**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

LAURANCE, W.F.; BIERREGAARD, R.O. **Tropical Forest Remnants – Ecology, Management, and Conservation of Fragmented Communities**. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

LEITE, Y.L.R. **Evolution and systematics of the Atlantic tree rats, genus *Phyllomys* (Rodentia, Echimyidae), with description of two new species**. Berkeley: University of California Press Publications in Zoology, 2003, v. 132, p. 1-118.

LEME, P.T. de A. P. **Notícia das minas de São Paulo e dos sertões da mesma capitania**. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1980. Col. Reconquista do Brasil, vol. 27.

LEPSCH, I. F.; PRADO, H. do.; MENK, J. R. F.; SAKAI, E.; RIZZO, L.T.B. **Levantamento de reconhecimento com detalhes dos solos da região do Rio Ribeira de Iguape no Estado de São Paulo**. São Paulo: IAC, 1999. Escala 1:250.000.

LEPSCH, I.F., PIRES NETO, A.G. e SOARES JUNIOR, A.A. **Caracterização morfoedológica de uma parcela permanente no Parque Estadual Carlos Botelho**. Segundo Simpósio Interno do Projeto Parcelas Permanentes, 2004. Ilha do Cardoso.

LEUNG, Y.-F.; MARION, J.L. Characterizing backcountry camping impacts in Great Smoking Mountains National Park, USA. **Journal of Environmental Management**, v.57, p. 193-203, 1999.

LEWINSOHN, T.M.; PRADO, P.I. **Biodiversidade brasileira: síntese do estado atual de conhecimento**. São Paulo: Contexto, 2004. 176 p.

LIMA, M.P.M. & GUEDES-BRUNI, R.R. (Org.). **Reserva Ecológica de Macaé de Cima, Nova Friburgo - RJ: aspectos florísticos das espécies vasculares**. v.I. Jardim Botânico, Rio de Janeiro. 1994.

LIMA, R.A.F. & MOURA, L.C. Canopy gap colonization in the atlantic montane rain forest. **Brazilian Archives of Biology and Technology**, v. 49: 953-965. 2006.

LODÉ, T. Effect of a motorway on mortality and isolation of wildlife populations. **Ambio**, v. 29, p. 163-166, 2000.

LONDOÑO, X.; CLARCK, L.G. Three New Taxa of *Guadua* (Poaceae: Bambusoideae) from South America. **Novon: A Journal for Botanical Nomenclature**. Vol. 12, No. 1, pp. 64–76. 2002.

LONGHI-WAGNER, H.M. 2001. Tribo Arundinelleae. In: **Flora fanerogâmica do Estado de São Paulo, Poaceae**. (M.G.L. Wanderley, G.J. Shepherd & A.M. Giuliatti, coords.). São Paulo: Fapesp, Hucitec, 1999. pp.119-123.

LUEDER, D.R. **Serial photographic interpretation, principles and applications**. New York: MacGraw-Hill, 1959. 462 p.

MAGALHÃES, N.W. **Descubra o Lagamar**. São Paulo: Terragraph, 1997. 107 p.

MAMEDE, M.C.H.; CORDEIRO, I.; ROSSI, L.. Flora vascular da Serra da Juréia, município de Iguape, São Paulo, Brasil. São Paulo, **Boletim do Instituto de Botânica**, 2001, v. 15, p. 63-124.

MANÇO D. de G.; ANDRIANI, E.P.; TREMATORE, F.C.; GREGORIN, R.; SILVA, S.B.P. da. **Levantamento de espécies de mamíferos da Fazenda Intervalles, Serra do Paranapiacaba**. Tese. São Paulo: Departamento de Biologia da FFCLRP/USP, 125 p. 1991.

MANNING, R.E.; LIME, D.W. **Defining and managing the quality of wilderness recreation experiences**. In: WILDERNESS SCIENCE IN A TIME OF CHANGE CONFERENCE: WILDERNESS VISITORS, EXPERIENCES, AND VISITOR MANAGEMENT, 4., Missoula, 1999. **Proceedings**. Missoula: USDA, Forest Service, 2000. p. 13-52.

MANTOVANI, W. Estrutura e Dinâmica da Floresta Atlântica na Juréia, Iguape-SP. 126f. Tese (Livre-Docência) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1993.

MANTOVANI, W.; RODRIGUES, R.R.; ROSSI, L.; ROMANIUC-NETO, S.; CATHARINO; E.L.M.; CORDEIRO, I. **A vegetação na Serra de Paranapiacaba em Salesópolis, SP**. In: SIMPÓSIO DE ECOSSISTEMAS DA COSTA SUL E SUDESTE BRASILEIRA: estrutura, função e manejo, 2., Águas de Lindóia. Anais. São Paulo: ACIESP, p. 348-384. 1990.

MARQUES, M. E. de A. **Província de São Paulo (1878)**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

MONTEIRO, J. M. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MARQUES, O.A.V., ABE, A.S. & MARTINS, M. 1998. Estudo Diagnóstico da Diversidade de Répteis do Estado de São Paulo. p. 27-38. In: CASTRO, R.M.C. (org.), **Biodiversidade do estado de São Paulo, Brasil: síntese do conhecimento ao final do século XX**. 6: Vertebrados. FAPESP, São Paulo.

MARSDEN, S.J. & WHIFFIN, M. 2003. The relationship between population density, habitat position and habitat breadth within a neotropical forest bird community. **Ecography** 26: 385-392.

MARTINS, A.G.; BARRELLA, W. **Peixes da Serra de Paranapiacaba – SP**. Relatório de Iniciação Científica; CNPq. (PUC SP/CCMB – Faculdade de Ciências Biológicas Depto. de Ciências do Ambiente. 2003

MATEOS, E., GUIX, J.C., SERRA, A. & PISCIOTTA, K. (Eds). **Censuses of vertebrates in a Brazilian Atlantic Rainforest Area: the Paranapiacaba fragment**. Barcelona, Centre de Recursos de Biodiversitat Animal, Divisió de Ciències Experimentals i Matemàtiques, Universitat de Barcelona. 2002.

MAZZOLI, M. **Persistência e riqueza de mamíferos focais em sistemas agropecuários no planalto meridional brasileiro**. 2006. 105 p. Tese (Doutorado em Ecologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - SNUC**: lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000. Brasília: MMA/SBF, 2000.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Decreto Federal nº 4.340 de 22 de agosto de 2002** que regulamenta artigos da Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000, que dispõe sobre o Sistema Nacional de Unidades de Conservação e dá outras providências. Brasília: MMA, 2002.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Pesquisa “Visite um Parque e conte-nos a sua experiência”**. Brasília: Secretaria de Biodiversidade e Florestas/Diretoria do Programa Nacional de Áreas Protegidas, 2004.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Diagnóstico da visitação em parques nacionais e estaduais**. Brasília: Secretaria de Biodiversidade e Florestas/Diretoria do Programa Nacional de Áreas Protegidas, 2005.

MIRANDA, I.; OLIVEIRA, A.; SILVEIRA, M.; SMITH, M.; VINDALENC, D.; FRANCA, M.B.; NELSON, B.W. **Spatial and temporal dynamics of bamboo-dominated forests in the southwest Amazon**. In: 45th Symposium of the International Association for Vegetation Science (IAVS), Porto Alegre. Anais. 2002.

MIRETZKI, M. **Padrões de distribuição de mamíferos na Floresta Atlântica brasileira**. 2005. 294 p. Tese (Doutorado em Zoologia) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MITTERMEIER, R.A.; VALLE, C.M.C.; ALVES, M.C.; SANTOS, I.B.; PINTO, C.A.M.; STRIER, K.B., YOUNG, A.L.; VEADO, A.L.; CONSTABLE, I.D.; PACAGNELLA, S.G.; SÁ, R.M.L.; RYLANDS, A.B. Current distribution of the Muriqui in the Atlantic forest region of eastern of Brazil. **Primate Conservation**, v. 8, p. 143-149, 1987.

MONTEIRO, C.A.F. 1973. **A dinâmica climática e as chuvas no Estado de São Paulo**. Atlas. São Paulo: Instituto de Geografia/USP, 129p.

MOREIRA, J.R. & PIOVEZAN, U. **Conceitos de manejo de fauna, manejo de população problema e o exemplo da capivara**. Série Documentos. Brasília: EMBRAPA Recursos Genéticos e Biotecnologia. 23 p. 2005.

MYERS, N.; MITTERMEIER, R.A.; MITTERMEIER, C.G.; FONSECA G.A.B.; KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, n.403, p. 853–858, 2000.

NEGREIROS, O.C. **Características fitossociológicas de uma floresta latifoliolada pluviosa tropical visando ao manejo do palmito, *Euterpe edulis* Mart.** 1982. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 1982.

NEGREIROS, O.C.; CUSTÓDIO FILHO, A.; DIAS, A.C.; FRANCO, G.A.D.C.; COUTO, H.T.Z.; VIEIRA, M.G.L. & MOURA NETTO, B.V. 1995. Análise estrutural de um trecho de floresta pluvial tropical, Parque Estadual de Carlos Botelho, Núcleo Sete Barras (SP – Brasil). **Revista do Instituto Florestal** 7(1): 1-33.

NEGREIROS, O.C.; DIAS, A.C.; COUTO, H.T.Z. Ajuste de curvas de distribuição diamétrica em uma comunidade de floresta pluvial tropical, no Núcleo Sete Barras do Parque Estadual de Carlos Botelho/ São Paulo. **Revista do Instituto Florestal**, São Paulo, v.2, n. 1, p. 95-114. 1990.

NELSON, B.W.; OLIVEIRA, A.C.A.; SILVEIRA, M.; SMITH, M.; VIDALENC, D.; FRANCA, M.B.; MIRANDA, I.; KALLIOLA, R. **Bamboo-dominated forest of the southwest Amazon**. In: 2nd International LBA Scientific Conference. Manaus, 2002. Anais.

NOWAK, R.M. **Walker's Mammals of the World**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991. 1629 p.

OKUTOMI, K.; SHINODA, S.; FUKUDA, H. Causal analysis of the invasion of broadleaved forest by bamboo in Japan. **Journal of Vegetation Science**, 1996, v. 7, n. 5, p. 723-728.

OLIVEIRA, A.C.A. Efeitos do bambu *Guadua weberbaueri* Pilger sobre a fisionomia e estrutura de uma floresta no sudoeste da Amazônia. 2000. 71 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Universidade do Amazonas, Manaus. 2000.

OLIVEIRA, J.B. de; CAMARGO, M.N.de; ROSSI, M. & CALDERANO FILHO, B. **Mapa pedológico do Estado de São Paulo: legenda expandida**. Campinas: Instituto Agrônomo/EMBRAPA Solos, 1999. v. 1. 64 p.

OLIVEIRA-FILHO, A.T. DE; VILELA, E.A.; GAVILANES, M.L.; CARVALHO, D.A. Effect of flooding regime and understory bamboos on the physiognomy and tree species composition of a tropical semideciduous forest in southeastern Brazil. **Plant Ecology**, 1994, v. 113, n. 2, p. 99-124.

OLMOS, F. 1991. Observations on the behaviour and population dynamics of some Brazilian Atlantic Forest rodents. **Mammalia**, v. 55, n. 4, p. 555-565.

OLMOS, F; SÃO BERNARDO, C.S.; GALETTI, M. O impacto dos Guarani sobre Unidades de Conservação em São Paulo. In: **Terras indígenas e unidades de conservação da natureza. s.d, s.l. Disponível em:** <http://ns.rc.unesp.br/ib/ecologia/fenologia/Papers/Olmos,Bernardo&Galetti.pdf>. Acessado em Julho de 2006.

ORTOLANI, A.A.; PINTO, H.S. **Estimativas das temperaturas médias mensais e anual no Estado de São Paulo como processo cartográfico básico**. Campinas: Instituto Agrônomo de Campinas, 1970. (inédito).

OYAKAWA, O.T., AKAMA, A., MAUTARI, K.C., NOLASCO, J.C. **Peixes de riachos da Mata Atlântica nas Unidades de Conservação do Vale do Ribeira delguape no Estado de São Paulo**. São Paulo: Editora Neotrópica. 201 p. 2006.

PACAGNELLA, S.G., ANTONELLI-FILHO, R., LARA, A.I. & SCHERER-NETO, P. Observações sobre *Pipile jacutinga* Spix, 1825 (Aves, Cracidae) no Parque Estadual de Carlos Botelho, São Paulo, Brasil. **Iheringia, Zool.** 76: 29-32. 1994.

PACHECO, J.F. & BAUER, C. 2000. **Biogeografia e conservação da avifauna na Mata Atlântica e Campos Sulinos – construção e nível atual do conhecimento**. http://conservation.org.br/ma/rfinais/rt_aves.htm.

PACHECO, J.F. & FONSECA, P.S.M. Resultados de excursão ornitológica a determinadas áreas dos estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul em janeiro, 1990. **Atualidades Ornitológicas** 106: 3-5. 2002.

PALMEIRA, F.B.L. **Predação de animais domésticos por grandes felinos em comunidades quilombolas no Sudeste do Estado de São Paulo**. Trabalho de Iniciação Científica, Curso de Ciências Biológicas, PUC-Sorocaba, 2001.

PAMPLIN, P.A.Z.; ROCHA, O.; MARCHESE, M. Riqueza de espécies Oligochaeta (Annelida, Clitellata) em duas represa do rio Tietê (São Paulo). **Biota Neotropica**, v5 (n1) – BN0060501. 2005.

PASSOLD, A.J. **Seleção de indicadores para o monitoramento do uso público em áreas naturais**. 2002. 75 p. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2002.

PASSOS, F.C.; SILVA, W.R.; PEDRO, W.A. & BONIN, M.R. **Frugivoria em morcegos (Mammalia, Chiroptera) no Parque Estadual Intervales, sudeste do Brasil**. Revista Brasileira de Zoologia 20 (3): 511-517, 2003.

PEDROCCHI, V.; SILVA, C.R.; SILVA, A. Check list of birds and mammals in the Paranapiacaba forest fragment. Em: MATEOS, E.; GUIX, J.; SERRA, A.; PISCIOTTA, K. (Ed.). **Censuses of vertebrates in a Brazilian Atlantic forest area**. Barcelona: Centre de Recursos de Biodiversitat animal, Universitat de Barcelona, 2002.

PFEIFER, R.M., CARVALHO, W.A., SILVA, D.A. da, ROSSI, M. & MENDICINO, L.F. Levantamento Semidetalhado dos Solos do Parque Estadual de Carlos Botelho. **Boletim Técnico IF**, São Paulo, V.40, n.1: 75-109, 1986.

PIANCA, C.C. **A caça e seus efeitos sobre a ocorrência de mamíferos de médio e grande porte em áreas preservadas de Mata Atlântica na serra de Paranapiacaba (SP)**. 2004. 74 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Ecossistemas) - Escola Superior de Agronomia "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004.

PICANÇO, J. de L. Comentários sobre o artigo O Paraná na história da mineração no Brasil do século XVII de LICCARDO, A., SOBANSKI, A. & CHODUR, N. L. [Boletim de Paranaense de Geociências 54: 41-49]. **Boletim Paranaense de Geociência**, nº 56, p.121-123, 2005, Editora UFPR.

PINTO, A.A. História da viação pública de SP (1903). São Paulo, Governo do Estado, 1977. **Col. Paulista**, vol. 2.

PINTO, H.S.; ORTOLANI, A.A.; ALFONSI, R.R. **Estimativa das temperaturas médias mensais no Estado de São Paulo, em função da altitude e latitude**. São Paulo: USP - Instituto de Geografia, 1972. 20 p. (Caderno Ciências da Terra, 23).

PINTO-DA-ROCHA, R. **Sinopse da fauna cavernícola do Brasil (1907-1994)**. Papéis Avulsos de Zoologia, São Paulo, 39 (6): 61-173, 20.VII. 1995.

PIRES NETO, A.G. & ROSSI, M. Projeto Planos de Manejo do Parque Estadual Carlos Botelho e da Estação Ecológica de Xitué. **Relatórios técnicos apresentados à Equipe de Planos de Manejo (Componente Meio Físico)**. São Paulo, 2007.

PIRES NETO, A.G., ROSSI, M.; LEPSH, I.F.; CATARUCCI, A.F.M. e PARDI, M.M. **Contextualização da Paisagem. Fatores Abióticos em Âmbito Regional: Província Costeira e Planalto Ocidental Paulista**. Relatório Final. Processo FAPESP 2004/11714 -5. 2005a

PIRES NETO, A.G., ROSSI, M.; LEPSH, I.F.; CATARUCCI, A.F.M. e PARDI, M.M. **O papel dos atributos geológico, geomorfológico e pedológico na distribuição da floresta atlântica (encosta e restinga), na região do Vale do Rio Ribeira de Iguape, SP**. In: XI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, São Paulo. Geografia, Tecnologia, Sociedade e Natureza. São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH-USP, 2005. p. 1-15.

PISCIOTTA, K. Produção científica versus resultados para unidades de conservação da Mata Atlântica.". 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Universidade de São Paulo, 2003.

PIZO, M.A., SIMÃO, I. & GALETTI, M. Diet and flock size of sympatric parrots in the Atlantic forest of southeastern Brazil. **Ornit. Neotrop.** 6: 87-95. 1995.

PONÇANO, W. L.; CARNEIRO, C. D. R.; BISTRICHI, C. A.; ALMEIDA, F. F. M. de.; PRANDINI, F. L. **Mapa geomorfológico do Estado de São Paulo**. São Paulo. Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo. Monografia 5. v. 1 e 2. Escala 1:1.000.000. 1981.

PRADA, C.S. **Atropelamento de vertebrados silvestres em uma região fragmentada do nordeste do Estado de São Paulo: quantificação do impacto e análise dos fatores envolvidos.** 2004. 128 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

REDFORD, K.H. The empty forest. **BioScience** v. 42, p. 412–422, 1992.

REDFORD, K.H.; EISENBERG, J.F. **Mammals of the Neotropics.** III: The central neotropics. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

REED, D.H. Extinction risk in fragmented habitats. **Animal Conservation**, v. 7, p. 181–191, 2005.

REIS FILHO, N.G. **Memória do Transporte Rodoviário.** São Paulo: CPA Consultoria de Projetos e Artes Gráficas, 1997.

REVISTA FAPESP. **Nos rios do Brasil.** Francisco Bicudo. Edição nº 105, nov. 2004. Disponível: <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=2606&bd=1&pg=1&lg=Consulta> novembro de 2006.

ROBIM, M.J. **Análise das características do uso recreativo do Parque Estadual da Ilha Anchieta: uma contribuição ao manejo.** 1999. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1999.

ROBRAHN, E.M. **A ocupação pré-colonial do vale Ribeira do Iguape, São Paulo: os grupos ceramistas do médio curso.** 1989. Dissertação (Mestrado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 1989.

ROCCA, M.A., SAZIMA, M., SAZIMA, I. Woody woodpecker enjoys soft drinks: the blond-crested woodpecker seeks néctar and pollinates canopy plants in southeastern Brazil. **Biota Neotropica** 6(2) <<http://www.biotaneotropica.org.br/v6n2/pt/abstract?shortcommunication+bn026066022006>>. 2006.

ROCHA, B.N. **Balço hídrico e classificação climática na região do Vale do Ribeira de Iguape, SP.** São Paulo, Iv. Monografia (Trabalho de Graduação Individual). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007.

RODRIGUES, R.R. (Coord.). **Parcelas Permanentes em 40 ha de florestas do Estado de São Paulo: uma experiência interdisciplinar.** Relatório Final de Projeto Temático (Processo FAPESP 1999/09635-0). Piracicaba: ESALQ/USP. Disponível em lerf.esalq.usp.br e biota.org.br. 2005.

ROMÃO, D.A. & Meirelles, P. **Vale Do Ribeira: Articulação De Modelo De Gestão Regional Do Turismo Sustentável.** São Paulo: IAE, 2004.

ROTHER, D.C. **Chuva de sementes e estabelecimento de plântulas em ambientes com bambus na Mata Atlântica.** 2006. 123 p. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem à província de São Paulo.** São Paulo: Livraria Martins Editora/EdUSP, 1972. Col. Biblioteca Histórica Brasileira.

SANT'ANNA NETO, J.L. **Ritmo climático e a gênese das chuvas na zona costeira paulista.** 1990. 156 p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SÃO PAULO (Estado). **Decreto Estadual nº 49.672 de 06 de junho de 2005** que dispõe sobre a criação dos Conselhos Consultivos das Unidades de Conservação de Proteção Integral do Estado de São Paulo, define sua composição e as diretrizes para seu funcionamento e dá providências correlatas. São Paulo: SMA, 2005.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Economia e Planejamento. Coordenadoria de Planejamento Regional. Instituto Geográfico e Geológico. **Municípios e distritos do estado de São Paulo**. São Paulo: IGC, 1995. 208p.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. **Diretrizes para uma política estadual de ecoturismo**. São Paulo, 1997.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Estado do Meio Ambiente. **Fauna ameaçada no Estado de São Paulo**. Série Documentos Ambientais (PROBIO/SP), 1998a. 56 p.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Resolução N° 32 de 31 de março de 1998b.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente/Instituto Florestal. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Mar**. São Paulo, 2006a.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente / CPLA – Coordenadoria de Planejamento Ambiental. Relatório de Qualidade Ambiental do Estado de São Paulo. 2006b.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente/Fundação Florestal. **Documento Sistematizador para Planos de Manejo das Unidades de Conservação do Vale do Ribeira e Alto Paranapanema**. (Documento Interno). São Paulo, 2007.

SAYRE, R.; ROCA, E.; SEDAGHATKISH, G.; YOUNG, B.; KEEL, S.; ROCA, R. & SHEPPARD, S.. **Nature in focus: rapid ecological assessment**. Washington, D.C., EUA: The Nature Conservancy, 2000. 182 p.

SAZIMA, I.; BUCK, S.; SABINO, J. Peixes de riachos. In: LEONEL, C. (coord). **Intervales**. São Paulo: Fundação para a conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo, p.170-178. 2001.

SBH. **Lista de Anfíbios e Répteis do Brasil**. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Disponível em: <http://www.sbherpetologia.org.br/checklist/anfibios.htm>, acessado em 02/10/2006. 2005.

SCHAIK, C. Van; TERBORGH, J.; DUGELBY, B. The silent crisis: the state of rain forest nature preserves. In: Kramer, R. et al. (Ed.) **Last Stand**. 1997. p. 64-89.

SCOSS, L.M. **Impacto de estradas sobre mamíferos terrestres: o caso do Parque Estadual do Rio Doce, Minas Gerais**. 2002. 86 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2002.

SCOTT, D.A. & BROOKE, M.L. 1985. The endangered avifauna of southeastern Brazil: a report on the BOU/WWF Expeditions of 1980/81 and 1981/82. **ICBP Tec. Publ.** 4: 115-139.

SEADE. Fundação Estadual Informações dos Municípios Paulistas. (acessível no sítio <http://www.seade.gov.br>). 2006.

SENTELHAS, P.C.; CARMARGO, A.P.; CARMARGO, M.P.B.; ALFONSI, R.R. Um século de desmatamento: efeitos no regime térmico, pluvial e no balanço hídrico em Campinas, SP. In **Revista Brasileira de Agrometeorologia**, Santa Maria, 1994. v.2, p. 99-103.

SENTELHAS, P.C.; PEREIRA, A.R.; ANGELOCCI, L.R. **Meteorologia agrícola**. 3ª ed. Piracicaba: Departamento de Ciências Exatas – ESALQ-USP, 2000. 172 p. (apostila do curso de Agrometeorologia).

SICK, H. 1997. **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 862 p.

-
- SILVA, C.R. **Riqueza e diversidade de mamíferos não-voadores em um mosaico formado por plantios de *Eucalyptus saligna* e remanescentes de floresta atlântica no município de Pilar do Sul, SP.** 2001. 81 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Escola Superior de Agronomia "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2001.
- SILVA, J.M.C. da, SOUSA, M.C. de & CASTELLETTI, C.H.M. 2004. Áreas of endemism for passerine birds in the Atlantic Forest, South América. **Global Ecol. Biogeogr.** 13: 85-92.
- SILVA, J.M.C. da. 1996. Distribution of Amazonian and Atlantic birds in gallery forests of the Cerrado region, South America. **Ornit. Neotrop.** 7(1): 1-18.
- SILVA, J.M.C.; TABARELLI, M. Tree species impoverishment and the future flora of the Atlantic Forest of northeast Brazil. **Nature**, v. 404, p. 72-74, 2000.
- SILVEIRA, M. **A floresta aberta com bambu no sudoeste da Amazônia: padrões e processos em múltiplas escalas.** 2001. 121 p. Tese (Doutorado em Ecologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2001.
- SIMONE, R.L. **Land and Freshwater Molluscs of Brazil.** Fapesp. Ed. Bernardi. 390 p. 2006.
- SMITH, L.R., DIETER, C.W., KLEIN, R.M. Gramíneas. In: R. Reitz (ed). **Flora Ilustrada Catarinense.** Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1981.
- SOARES JUNIOR, A.A.; VIDAL-TORRADO; SILVA, A.C. **Mapeamento ultradetalhado dos solos do Parque Estadual "Carlos Botelho" destinado ao Projeto Diversidade, dinâmica e conservação em florestas do Estado de São Paulo: 40ha de parcelas permanentes.** Piracicaba: ESALQ, 2004. 53 p.
- SOBREVILLA, C. & BATH, P. **Evaluacion Ecologica Rapida - un manual para usuarios de América Latina y el Caribe.** Edición preliminar. Arlington, VA, EUA: The Nature Conservancy, 1992. 231 p.
- SOUZA, F.L. & ABE, A.S. Population structure, activity, and conservation of the Neotropical freshwater turtle, *Hydromedusa maximiliani*, in Brazil. **Chelonian Conservation and Biology**, 2 (4): 521-525. 1995a.
- SOUZA, F.L. & ABE, A.S. Seasonal variation in the feeding habits of *Hydromedusa maximiliani* (Testudines, Chelidae). **Boletín de la Asociación Herpetológica Española**, 8: 17-20. 1995b.
- SOUZA, F.L. & ABE, A.S. Fauna urbana: o cágado e a poluição dos rios. **Ciência Hoje**, 25: 59-61. 1997a.
- SOUZA, F.L. & ABE, A.S. Resource partitioning by the Neotropical freshwater turtle, *Hydromedusa maximiliani*. **Journal of Herpetology**, 32 (1): 106-112. 1997b.
- SOUZA, F.L. & ABE, A.S. Seasonal variation in the feeding habits of *Hydromedusa maximiliani* (Testudines, Chelidae). **Boletín de la Asociación Herpetológica Española**, 8: 17-20. 1997c.
- SOUZA, F.L. & ABE, A.S. Observations on feeding habits of *Hydromedusa maximiliani* (Testudines: Chelidae) in Southeastern Brazil. **Chelonian Conservation and Biology**, 1: 320-322. 2004.
- SOUZA, F.L. **Uma revisão sobre padrões de atividade, reprodução e alimentação de cágados brasileiros (Testudines, Chelidae).** *Phyllomedusa*, 3: 15-27. 1998.

SOUZA, F.L. **História natural do cágado *Hydromedusa maximiliani* (Mikan, 1820) no Parque Estadual de Carlos Botelho, SP, região de Mata Atlântica (Reptilia, Testudines, Chelidae).** 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

SOUZA, F.M. & CIELO FILHO, R. (coords.) Projeto Plano de Manejo da Estação Ecológica Xitué. **Relatório técnico apresentado à Equipe de Planos de Manejo (Componente Vegetação).** São Paulo, 2007.

SOUZA, V.C.; MAMEDE, M.C.H.; CORDEIRO, I.; PRADO, J.; BARROS, F.; WANDERLEY, M.G.L.; KAGEYAMA, P.Y.; RANDO, J.G.; CECCANTINI, G. **Critérios utilizados na elaboração da Lista Oficial de Espécies da Flora ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo.** 2004. Disponível via WEB. URL: www.ibot.sp.gov.br/resolucao_sma48/resolucao48.htm.

SPELLERBERG, I.F. Ecological effects of roads and traffic: a literature review. **Global Ecology and Biogeography Letters**, v.7, p. 317-333, 1998.

SPURR, S.H. Photogrammetry and photo-interpretation. New York: Ronald Press, p. 295-443. 1960.

STANKEY, G.H.; COLE, D.N.; LUCAS, R.C.; PETERSEN, M.E.; FRISSELL, S.S. **The limits of acceptable change (LAC) system for wilderness planning.** Ogden: USDA, Forest Service Intermountain Forest and Range Experiment Station, 1985. 37 p. (General Technical Report INT, 176)

STRAUBE, F.C. & SCHERER-NETO, P. Novas observações sobre a “cunhatai” *Triclaria malachitacea* (Spix, 1824) nos Estados do Paraná e São Paulo (Psittacidae, Aves). **Acta Biol. Leopold.** 17(1): 147-152. 1995.

TABANEZ, M.F. & ROBIM, M. J. Uso Público. In: **Grupo de Trabalho de Planejamento de Pesquisa do Instituto Florestal. Relatório de Atividades de 2004.** São Paulo: Instituto Florestal. 2005.

TABARELLI, M.; MANTOVANI, W. Colonização de clareiras naturais na floresta Atlântica no sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Botânica**, 1997, v. 20, n. 1, p. 57-66.

TABARELLI, M.; MANTOVANI, W. Clareiras naturais e a riqueza de espécies pioneiras em uma floresta atlântica montana. **Revista Brasileira de Biologia**, São Paulo, 1999, v. 59, n. 2, p. 251-261.

TABARELLI, M.; MANTOVANI, W. Gap-phase regeneration in a tropical montane forest: the effects of gap structure and bamboo species. **Plant Ecology**, 2000, v. 148, n. 2, p. 149-155.

TAKAHASHI, L. Uso Público em Unidades de Conservação. **Cadernos de Conservação.** Curitiba: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, n.2, out. 2004. 40 p.

TALOCCHI, S. Projeto Planos de Manejo do Parque Estadual Carlos Botelho e da Estação Ecológica de Xitué. **Relatórios técnicos apresentados à Equipe de Planos de Manejo (Componente Gestão Organizacional).** São Paulo, 2007.

TARIFA, J.R. Unidades climáticas dos maciços litorâneos da Jueréia-Itatins. In: Marques, O.A.V. & Duleba, W. (eds.) **Estação Ecológica Juréia-Itatins: ambiente físico, flora e fauna.** Ribeirão Preto: Holos, 20004. p. 42-50.

TAVARES, R., ARMANI, G. Meio Físico: Aspectos climáticos. In **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Mar.** São Paulo: IF/SMA, 2006. v.1. p. 47-51.

THEMAG ENGENHARIA E GERENCIAMENTO LTDA. **APA da Serra do Mar.** Mapeamento Geomorfológico, na escala 1:50.000. 1990.

THOMAS, W.W., CARVALHO, A.M.A., GARRISON, J. & ARBELAEZ, A.L. Plant endemism in two forests in southern Bahia, Brazil. **Biodiversity Conservation** v.7, p. 311-322. 1998.

THOMAZ, R.C.C. **Arqueologia da influência jesuítica no Baixo Paranapanema: estudo do Sítio Taquaruçu**. 1995. Dissertação (Mestrado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

THORNTHWAITE, C.W.; MATHER, J.R. **The water balance. Publications in Climatology**, New Jersey, Drexel Inst. of Tecnology, 1955. 104 p.

TRAJANO, E. & GNASPINI, P. **Composição da fauna cavernícola brasileira com uma análise preliminar da distribuição dos táxons**. Revista de Brasileira de Zoologia 7 (3): 383-407. 15/XII/1991.

TRAJANO, E. & GNASPINI, P. Cavernas. In: LEONEL, C. (coord). **Intervales**. São Paulo: Fundação para a conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo, p.116- 123. 2001.

TRAJANO, E. **Padrões de distribuição e movimentos de morcegos cavernícolas no Vale do Ato rio Ribeira de Iguape, São Paulo**. 1981. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

TRAJANO, E. **Fauna Cavernícola Brasileira: Composição e Caracterização preliminar**. Revista de Brasileira de Zoologia 3 (8): 533-561. 31. V. 1987.

TURNER, I.M. Species loss in fragments of tropical rain forest: a review of the evidence. **Journal of Applied Ecology**, 1996, v. 33, n. 2, p. 200-209.

UDULUSTCH, R.G. **Composição florística da comunidade de lianas lenhosas em duas formações florestais do Estado de São Paulo**. 2004. Dissertação de Mestrado (Ecologia de Agroecossistemas) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, 2004.

VALENTIN, A. **Comércio marítimo de abastecimento: o porto de Iguape (SP), 1798-1880**. Extraído do site http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_73.pdf. em 16/10/2006.

VALENTIN, A. N. **Minas, nem São Paulo: Economia e demografia na localidade paulista de Apiáí (1732-1835)**. 2001. Dissertação (Mestrado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

VANZOLINI, P.E. **On South American Hemidactylus (Sauria, Gekkonidae)**. Pap. Avul. Zool. (São Paulo), 31 (20): 307-343. 1978.

VEBLEN, T.T. Growth pattern of Chusquea bamboos in the understory of Chilean Notophagus forests and their influences in forest dynamics. **Bulletin of the Torrey Botanical Club**, 1982, v. 109, n. 4, 474-487.

VELOSO, H.P. & GÓES-FILHO, L. **Fitogeografia brasileira: classificação fisionômico-ecológica da vegetação Neotropical**. Boletim Técnico do Projeto RADAMBRASIL. 86 p. (Série Vegetação). 1982.

VELOSO, H.P.; RANGEL FILHO, A.L.R.; LIMA, J.C.A. **Classificação da Vegetação Brasileira adaptada a um sistema universal**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1991. 123 p.

VIEIRA, E.M. Highway mortality of mammals in central Brazil. **Ciência e Cultura**, v. 48, p. 270-272, 1996.

VIEIRA, E.M.; MONTEIRO-FILHO, E.L.A. Vertical stratification of small mammals in the Atlantic rainforest of south-eastern Brazil. **Journal of Tropical Ecology**. v. 19, p. 501-507. 2003.

VIEIRA, J.V. Projeto Planos de Manejo do Parque Estadual Carlos Botelho e da Estação Ecológica de Xitué. **Relatório técnico apresentado à Equipe de Planos de Manejo (Componente Planejamento Integrado)**. São Paulo, 2007.

VIELLIARD, J.M. E. & SILVA, W.R. Avifauna. P. 124-45. In: **Intervalos**. São Paulo: Fundação Florestal, 2002

VIVO, M. de. Diversidade de Mamíferos do Estado de São Paulo. In: Castro, R. (Ed.). **Biodiversidade do Estado de São Paulo, Brasil**. Volume 6: Vertebrados. São Paulo: FAPESP, 1998. p. 53-66.

VIVO, M. de; GREGORIN, R. Mamíferos. In: Leonel, C. (Ed.) **Intervalos**. São Paulo: Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo, 2001. p. 117-123.

VOGLIOTTI, A. **História natural de *Mazama bororo* (Artiodactyla; Cervidae) através da etnozootologia, monitoramento fotográfico e rádio-telemetria**. 2003. 99 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Ecossistemas) - Escola Superior de Agronomia "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2003.

WANDERLEY, M.G.L.; SHEPHERD, G.J.; GIULIETTI, A.M.; MELHEM, T.S. 2006. Projeto Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo.

WIDMER, Y. Pattern and performance of understory bamboos (*Chusquea* spp) under different canopy closures in old-growth oak forest in Costa Rica. **Biotropica**, 1988. v. 30, p. 400-415.

WILCOX, B.A.; MURPHY, D.D. Conservation strategy: effects of fragmentation on extinction. *The American Naturalist*, v. 125, p. 879-887. 1985.

WILLIS, E.O. & ONIKI, Y. **Aves do Estado de São Paulo**. Rio Claro: Divisa. 398 p. 2003.

WILLIS, E.O. & ONIKI, Y. **Nomes gerais para as aves brasileiras**. Américo Brasiliense: Gráfica da região. 55 p. 1991.

WRIGHT, S.J. The myriad consequences of hunting for vertebrates and plants in tropical forests. **Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics**, v. 6, p. 73-86, 2003.

ZAHER, H. (coord.) Projeto Planos de Manejo do Parque Estadual Carlos Botelho e da Estação Ecológica de Xitué. **Relatório técnico apresentado à Equipe de Planos de Manejo (Componente Herpetofauna)**. São Paulo, 2007.

ZAHER, H., AGUIAR, E. & POMBAL JR., J.P. *Paratelmatobius gaigeae* (Cochran, 1938) re-discovered (Amphibia, Anura, Leptodactylidae). **Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro** 63: 321-328. 2005.

ZAHER-HINGST, E. & MACHADO, F. Projeto Planos de Manejo do Parque Estadual Carlos Botelho e da Estação Ecológica de Xitué. **Relatório técnico apresentado à Equipe de Planos de Manejo (Componente Pequenos Mamíferos)**. São Paulo, 2007.

ZANETTINI, P.E.; CALIPPO, F.R.; CAMARGO, P.F.B. Projeto Planos de Manejo do Parque Estadual Carlos Botelho e da Estação Ecológica de Xitué. **Relatórios técnicos apresentados à Equipe de Planos de Manejo (Componente Patrimônio Histórico-Cultural)**. São Paulo, 2007.

ZEMELLA, M.P. **O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII**. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1990.

ZILLER, S.R. **Plantas exóticas invasoras: a ameaça da contaminação biológica**. Ciência Hoje, v. 178, p. 77-79. 2001.

ZUQUIM, M.L. Projeto Planos de Manejo do Parque Estadual Carlos Botelho e da Estação Ecológica de Xitué. **Relatórios técnicos apresentados à Equipe de Planos de Manejo (Componente Ocupação Antrópica e Vetores de Pressão)**. São Paulo, 2007.

ANEXO 3

Imagens das Unidades de Terreno e Relevo do PECB



Fotos 1, 2 e 3 - Morrotes e Morros paralelos com to estreitos e convexos. Perfil de vertente descontínuo c segmentos retilíneos e convexos, vales erosi encaixados. Esses terrenos, que ocorrem no PE Ca Botelho, são sustentados por: filitos associados a out metassedimentos, granitos e diques de rochas básic onde dominam latossolos e cambissolos e recobertos pela Floresta Ombrofila Densa Montana.



Fotos 4 e 5 - Cambissolo háplico distrófico textura média com cascalho de quartzo, sobre filito alterado, que ocorrem nos Morrotes e Morros paralelos, no PE Carlos Botelho.

Foto 6 - Granito Agudos Grandes, rocha da fácies Cantareira que sustentam os Morrotes e Morros paralelos. Essas rochas tem granulação média, com textura porfiróide ocasionalmente. O tipo de rocha mais comum é o granito-gnáissico, constituído por quartzo, plagioclásio, biotita e microclíneo, tendo como acessórios: muscovita, epidoto, titânita, sericita e opacos. Tem coloração cinza-clara a cinza-médio, localmente rósea ou esbranquiçada.



Figura 7 - Latossolo Vermelho-Amarelo textura argilosa a média. 0 - 20 cm horiz. A - Bruno, textura média argilosa, estrutura granular fraca com blocos pequenos e muito pequenos; 20 - 50 cm - horiz. AB - Bruno Amarelo, textura média argilosa com grânulos; 50 - 120 cm - horiz. B - Vermelho-Amarelo textura argilosa com grânulos médios; 120 - 140 cm - horiz C - Vermelho-Amarelo textura argilosa com muitos grânulos e areia grossa



Foto 8, 9 e 10 - Latossolo Vermelho - Amarelo, que ocorre nos terrenos Morrotes e Morros paralelos.

0 - 100cm material fofo sem estrutura granulada, textura argilosa; 100 - 140 cm horiz. C - material argilo - siltoso com fragmentos de filito; abaixo 140 cm filito alterado a muito alterado.



Fotos 11, 12 e 13 - Cambissolo háptico distrófico textura média com cascalho, que apresenta cavidades de pipirica nos terrenos Morrotes e Morros paralelos.

0 - 10 cm horiz. A, Bruno amarelado silto argiloso; 10 - 40 cm horiz. AB, Amarelo, silto-argiloso micáceo; 40 - 60 cm horiz. B, Vermelho - Amarelo, silto argiloso; 60 - 90 cm horiz. B, Vermelho - Amarelo, silto - argiloso com cascalho; abaixo de 90 cm filito alterado.



Fotos 14, 15 e 16 - Formas niveladas de topos estreitos, convexos, agudos e alongados, com perfil de vertentes descontínuo, segmentos retilíneos e convexos e vertentes erosivos encaixados que caracterizam os Morros, no Morro Carlos Botelho. Esses terrenos são sustentados por Granito Agudos Grandes, rocha da fácies Cantareira, com granulação média, com textura porfiróica e, ocasionalmente, constituído por quartzo, plagioclásio, biotita e microclíneo, tendo como acessórios: muscovita, epidoto, titânita, sericita e opacos, onde dominam os cambissolos e latossolos.

Foto 17 - Blocos e matacões de granito em solo de alteração argilo - arenoso rico em grânulos de quartzo e feldapato, que ocorrem nas encostas dos Morros.



Foto 18 - Latossolo Vermelho - Amarelo distrófico, textura argilosa, estruturado e não fofo. 0 - 15 cm hori. A Bruno amarelado argiloso; 15 - 55 cm hori. Amarelo textura argilosa com grânulos; 55 - 100 cm hori. vermelho argiloso com grânulos.

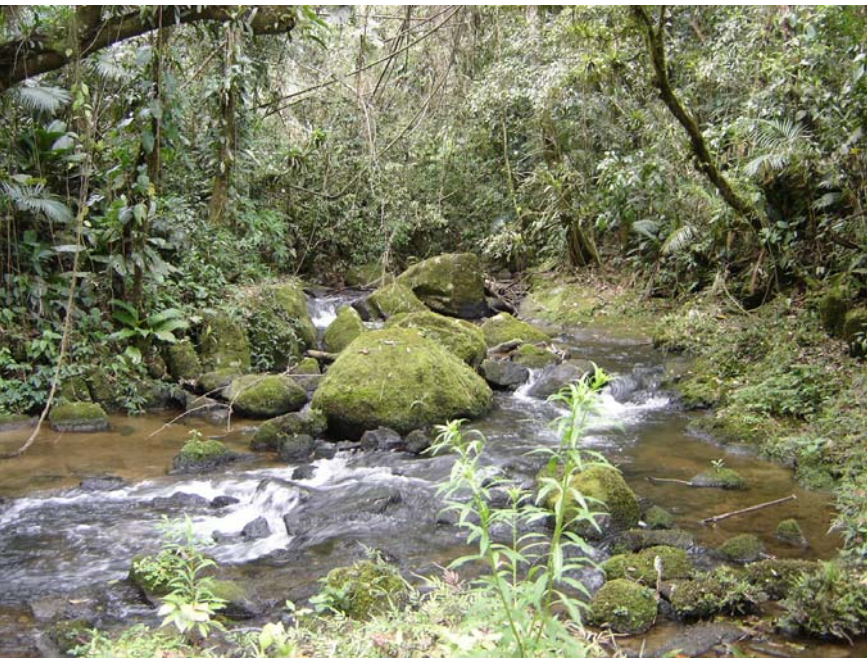


Fotos 19, 20 e 21 – Planícies fluvio-coluvial constituídas por sedimentos areno-argiloso com granulos e seixos que formam Cambissolo háplico distrófico textura argilosa pedregosa e rochosa + Argissolo amarelo distrófico textura argilosa ou muito argilosa com ou sem rochosidade + Neossolo Flúvico textura errática por vezes com camadas seixosas, que ocorrem entre meio aos terrenos Morrotes e Morros paralelos sustentados por granitos no Planalto de Guapiara.



Fotos 22 e 23 - Gleissolo háplico distrófico textura média álico ocorre na Planície Fluvio-Coluvial do Córrego Grande, no PE ca botelho.

0 - 8 cm - Bruno acinzentado, granulos, textura média; 8 - 20 cm bruno amarelado, silte argiloso; 20 - 30 cm amarelo, textura média; 30 - 70 cm, amarelo acinzentado, textura média; 70 - 100 cm amarelo esbranquiçado textura média; 100 - 140 cm amarelo cinza mosqueado silto-argiloso.



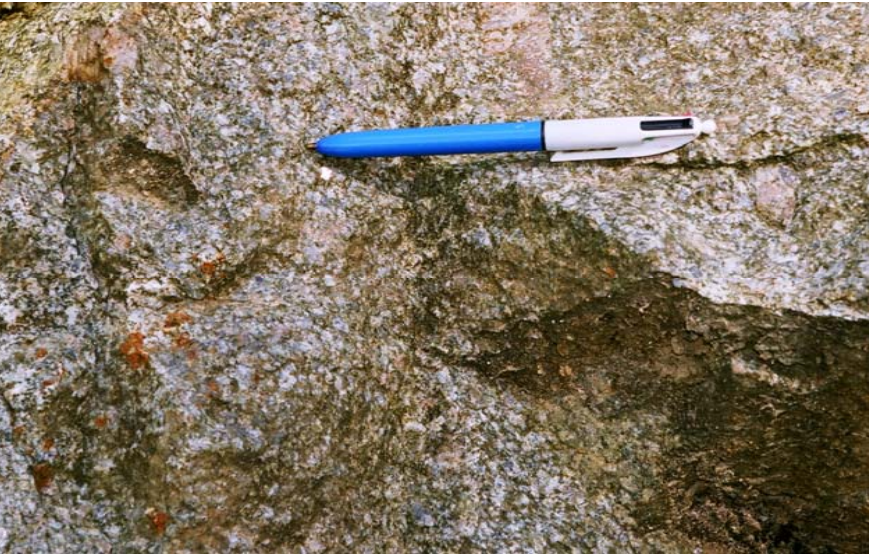
Fotos 24 e 25 - Canais sinuosos aluviais com areia, blocos e matacões e áreas alagadiças, que ocorrem nas Planícies aluvio - coluviais onde predomina Floresta Ombrófila Densa Aluvial.



Fotos 26, 27 e 28 - Planícies aluvio-colúvicas constituídas por camadas de areias médias e grossas micáceas, por vezes arcoseanas e ou argilosas, que predominam no topo, e níveis de seixos orientados e blocos arredondados na base. Nestes terrenos ocorrem erosão lateral e vertical do canal, enchentes sazonais, deposição de finos durante as enchentes por decantação e de areias e seixos por acréscimo lateral. Terrenos muito susceptíveis à ocupação, com risco de inundação e contaminação, e de interferência com APP.



Fotos 29, 30 e 31 – Os terrenos Escarpas Montanhas apresentam formas dissecadas, angulosas e desniveladas, com topos estreitos agudos. O perfil de vertente é descontínuo com segmentos curtos retilíneos, com comprimento de 300 – 1500 m e inclinação de 30 a 70%. Apresentam vales erosivos muito encaixados, com canais em rocha e blocos com cachoeiras e rápidos. A densidade de drenagem é alta, com densa rede de canais de primeira ordem pouco encaixados, onde dominam neossolos litólicos e cambissolos.



Fotos 32, 33 e 34 – As Escarpas e Montanhas são terrenos, constituídos por granitos porfíroides embrechitos facoidais de composição granítica granodiorítica, por milonitos e diques de rochas básicas. Sobre as rochas graníticas formam-se Cambissolo háplico distrófico ou álico latossólico com textura argilosa ou argilosa com cascalho.



Fotos 35, 36 e 37 - Contato entre granito e dique de rocha básica (diábasios) com granulação fina à média e orientação ENE-WNW ou NE-NW, que ocorrem nos terrenos Escarpas e Montanhas. O solo de alteração residual das rochas básicas é argiloso a muito argiloso, dando origem a Cambissolo Háplico Distroférico típico.



Fotos 38, 39 e 40 - Os Corpos de tálus são terrenos que se estendem das rupturas de declive negativa nas encostas até as planícies fluviais, onde apresentam formas semelhantes a morrotes ou colinas. São terrenos constituídos por matacões, blocos e seixos polimíticos, angulosos subarredondados, semi-alterados a alterados, imersos em matriz areno-argilosa arcoseana arenosa ou argilosa. Esses sedimentos quando depositados no fundo dos vales pelas torrentes serrana constituem os cones de dejeção. Dominam nesse sistema os cambissolos rochosos pedregosos.



Fotos 41, 42 e 43 - Matacões, blocos, seixos e areia grossa e grânulos que formam os corpos de talu dão origem a Cambissolos Háplicos Tb distrófico, textura média (rasos e/ou pouco profundos), Neossolos e Gleissolos Háplicos. Nos solos desses depósitos detríticos predomina textura média, com cascalhos e fragmentos de rocha em decomposição, sendo formados a partir do retrabalhamento do regolito dos patamares superiores.



Fotos 44, 45 e 46 - Cavidades entre blocos e matacões devido a processo erosão interna ("piping") que é freqüente nos depósitos de tálus. O processo é caracterizado pelo escoamento das águas pluviais por entre os blocos e matacões, que provocam freqüentemente o desaparecimento dos canais e o seu surgimento em pontos distantes.



Fotos 47, 48 e 49 - Cones de dejeção, constituído por matações, blocos arredondados, níveis de seixo orientados e intercalados com camadas de areia médias e grossas, micáceas, por vezes arcoseanas ou argilosas. Esses depósitos são retrabalhados pelas drenagens torrenciais serranas, que apresentam canais erosivos em blocos e matações formam planícies alveolares.

ANEXO 4

Fichas Cadastrais dos Impactos Ambientais da Rodovia SP-139



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
2	195373 7335769	Solapamento de aterro devido a erosão fluvial	Em recuperação	Intensificação de aterramento de planícies e APP, degradação de recurso hídrico e contaminação do aqüífero	Planície Fluvial – coluvial alagadiça



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
3	195265 7334372	Solapamento de aterro devido a erosão fluvial	Em recuperação	Intensificação da erosão e de aterramento de planície e APP,	Planície Fluvio – coluvial do Rio Taquaral



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
4	195509 7332881	Escorregamento pequeno	Em recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Morrotes e Morros paralelos em xistos e filitos



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
6	196309 7332314	Solapamento do aterro causado por escoamento torrencial e assoreamento do rio	Em recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento do rio e soterramento da APP	Morrotes e Morros paralelos em filitos



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
7	196178 7331280	Solapamento do aterro causado por bueiro subdimensionado	Em recuperação	Intensificação da erosão	Morrotes e Morros paralelos em filitos



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
9	196313 7329793	Solapamento do aterro causado por bueiro subdimensionado	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Morrotes e Morros paralelos em filitos



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
10	196172 7329357	Escorregamento planar ruptura solo residual solo de alteração	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Morrotes e Morros paralelos em filito grafitoso



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
11A	195764 7329357	Escorregamento rotacional profundo, ruptura solo / rocha alterada e assoreamento do rio	Em recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento do rio, da mata e APP	Morrotes e Morros paralelos em granito



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
11B	195764 7329357	Escorregamento planar ruptura solo residual solo de alteração	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Morrotes e Morros paralelos em granito



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
14	195317 7327451	Solapamento do aterro escoamento torrencial por	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Morrotes e Morros paralelos em granito



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
16	195960 7326891	Escorregamento planar ruptura solo residual / rocha alterada e erosão em sulcos e assoreamento do rio	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Morrotes e Morros paralelos em granitos



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
17	196774 7325528	Escorregamento planar ruptura solo residual / rocha alterada e erosão em sulcos e assoreamento do rio	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Morrotes e Morros paralelos em granitos



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
18	196857 7325313	Escorregamento planar ruptura solo residual / rocha alterada e erosão em sulcos e surgencia de água no sopé do talude	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Morrotes e Morros paralelos em granitos



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
19	197174 7323504	Escorregamento em corpo de talus com blocos de granito e diabásio e erosão sulcos	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Corpos de talus e Cones de dejeção



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
20	197676 7323673	Escorregamento planar ruptura solo residual / rocha alterada e erosão em sulcos	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Escarpas e Montanhas em granitos



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
23	202172 7323338	Escorregamento planar ruptura solo residual / rocha alterada e erosão em sulcos	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Escarpas e Montanhas em granitos



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
24	202561 7322638	Escorregamento planar associado ao escoamento torrencial	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Escarpas e Montanhas em granitos



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
25	202754 7321627	Escorregamento planar em corpo de tálus e erosão em sulcos	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Corpos de tálus e Cones de dejeção



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
26	202917 7321454	Escorregamento pequeno	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Escarpas e Montanhas em granitos



Ponto Out. 06	Localização UTM	Processos de degradação/ Impactos	Dinâmica e Situação Atual	Riscos	Características do Terreno
27	2029 99 7321102	Escorregamento planar ruptura solo residual / rocha alterada e erosão em sulcos	Área instável sujeita a recorrência, necessitando recuperação	Intensificação da erosão e assoreamento a jusante	Escarpas e Montanhas em granitos

ANEXO 5

Sistema de Descrição da Vegetação Adotado para o Mapeamento

O sistema utilizado para a descrição da vegetação do Parque foi o de Eiten (1970), por ser este o mais próximo da realidade observada em campo. No entanto, como o sistema oficial para mapeamento e classificação da vegetação brasileira é o de Veloso et al. (1991) optou-se por apresentar a correlação entre os sistemas de classificação de Eiten (1979), de Veloso et al. (1991) e outras denominações.

A adoção integral do sistema de Veloso não foi possível porque uma característica marcante do Parque é a variação de altitude, desde 30m no nível do mar até a cota 1600m, e a variação latitudinal de 23°13' a 24°30' S aproximadamente. O sistema de Veloso et al. (1991), quando aplicado ao Parque, gera uma classificação da vegetação que não corresponde à realidade de campo, pois embora os limites pré-definidos para cada formação variem abruptamente na latitude 24°S, essa transição é tênue e ocorre em forma de gradiente. Como o trópico de Capricórnio atravessa o Estado justamente na região da Serra do Mar, a latitude de 23°27'S passa a ser um limite abrupto que define o clima subtropical e que não corresponde à variação local da vegetação.

Fisionomias descritas como Floresta Ombrófila Densa Altomontana no sistema de Veloso & Góes-Filho (1982), teoricamente presentes apenas em altitudes acima de 1.000 ou 1.500 m, surgem em formações próximas ao topo de morros nas serras do Mar e de Paranapiacaba, em altitudes em torno de 800 m. Assim, a alteração da floresta densa e exuberante da encosta para uma floresta baixa e aberta próxima ao divisor ocorre abaixo de 1.000m, sendo que em alguns topos de morros a fisionomia florestal é substituída por vegetação arbustiva ou campestre em função das condições de solo raso, da maior variação diária da temperatura e umidade, da presença constante de neblina e da exposição ao vento.

A Floresta Ombrófila Densa foi subdividida por Veloso et al. (1991) em cinco formações, obedecendo a uma hierarquia topográfica e fisionômica, de acordo com as estruturas florestais que apresentam: Floresta Ombrófila Densa Altomontana, Montana, Submontana, Terras Baixas e Aluvial.

De acordo com o sistema de Eiten (1970), a vegetação do PECB pode ser classificada em Floresta Sempre Verde do Planalto de Guapiara, Floresta da Crista da Serra de Paranapiacaba e Floresta de Encosta da Serra de Paranapiacaba. Esse sistema difere do adotado por Veloso ao reunir numa única classe a Floresta de Encosta da Serra de Paranapiacaba, que englobaria parte da Floresta Ombrófila Montana (inclui a floresta situada sobre a Serra e exclui a floresta sobre o Planalto de Guapiara) e a totalidade da Submontana.

Já os trabalhos existentes na região da encosta litorânea do Estado de São Paulo ainda são escassos e não permitem entender a distribuição da flora e a sua variação estrutural e fisionômica com a altitude e/ou latitude, muito menos detectar padrões significativos para diferenciar a floresta Montana da Submontana ou de Terras Baixas propostas por Veloso & Góes-Filho. Até o momento, sabe-se apenas que não há variações na composição florística entre florestas situadas até um limite altitudinal de 300 m, cota esta que poderá ser revista futuramente com a realização de outros trabalhos na Província Costeira.

Joly et al. (1991) propõem uma simplificação do sistema de Veloso & Góes-Filho (1982) para a região Sul/Sudeste do Brasil, sugerindo que nessa área a Floresta Ombrófila Densa abrigaria apenas três formações florestais, distintas em origem e em aspectos fisionômicos e florísticos: a) mata de altitude, b) mata de encosta, c) mata de planície litorânea. A mata de altitude seria restrita a locais onde a neblina é constante e constituída por árvores ou arvoretas de até 8 m de altura. A mata de encosta seria uma formação mais alta, com árvores de até 35 m, ocupando áreas de topografia acidentada, de alta precipitação e elevada umidade relativa do ar. A mata de planície seria uma vegetação densa, com árvores de 10 a 15 metros, constituída por espécies da vegetação das restingas e da encosta da escarpa, instaladas sobre aluviões provenientes das serras que se juntam aos cordões arenosos depositados pelo mar. No entanto, não há nenhuma indicação de classificação para a Floresta Ombrófila que recobre o bordo do Planalto Atlântico (encosta continental da Serra do Mar).

Em trechos de solo pedregoso e coberto por espessa camada de líquens e musgos, a vegetação arbustiva é densa e corresponde ao que Barros et al. (1991) descreve como “escrube montano” ou “campo montano arbustivo” pelo sistema de Eiten (1970). Usualmente essa vegetação ocorre como enclave numa matriz de floresta nebulosa, também apresentando arvoretas e arbustos anões isolados em meio às ervas.

ANEXO 6

Espécies de Plantas Vasculares com Ocorrência Registrada

Espécies de plantas vasculares com ocorrência constatada no Parque Estadual Carlos Botelho

Fonte de Informação: P - Dados primários, S - Dados secundários, NC - nova citação para PECB.

Fisionomia: FOD - Floresta Ombrófila Densa, com as subdivisões Montana (M), Submontana (SM) e Paludosa (FP).

ES: 0 - Ausência, 1 - Presença.

Obs: Fisionomia de ocorrência registrada apenas para os dados primários.

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Acanthaceae	<i>Aphelandra ornata</i>		0	1	0	0	0	0
Acanthaceae	<i>Geissomeria schottiana</i>		0	1	0	0	0	0
Acanthaceae	<i>Hygrophila latifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Acanthaceae	<i>Justicia carnea</i>	Bálsamo-carne	0	1	0	0	0	0
Acanthaceae	<i>Justicia schenckiana</i>		0	1	0	0	0	0
Acanthaceae	<i>Mendoncia puberula</i>		0	1	0	0	0	0
Acanthaceae	<i>Mendoncia velloziana</i>		0	1	0	0	0	0
Acanthaceae	<i>Staurogyne mandioccana</i>		0	1	0	0	0	0
Acanthaceae	<i>Thunbergia alata</i>		0	1	0	0	0	0
Alstroemeriaceae	<i>Alstroemeria speciosa</i>		0	1	0	0	0	0
Amaranthaceae	<i>Celosia grandifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Amaranthaceae	<i>Cyathula prostrata</i>		0	1	0	0	0	0
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum aulicum</i>	Açucena	0	1	0	0	0	0
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum puniceum</i>	Açucena	0	1	0	0	0	0
Anacardiaceae	<i>Lithraea molleoides</i>		1	0	1	1	0	1
Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolius</i>	Aroeira-Vermelha	0	1	0	0	0	0
Anacardiaceae	<i>Tapirira guianensis</i>	peito-de-pombo, cupiúva, pau-pomba	1	1	0	1	1	1
Annonaceae	<i>Duguetia lanceolata</i>	Biribá	0	1	0	0	0	0
Annonaceae	<i>Guatteria australis</i>	Pindaíba	1	1	0	1	1	0
Annonaceae	<i>Guatteria nigrescens</i>	Pindaíba-preta	1	1	0	1	0	0
Annonaceae	<i>Guatteria pohliana</i>		0	1	0	0	0	0
Annonaceae	<i>Rollinia parviflora</i>		0	1	0	0	0	0
Annonaceae	<i>Rollinia sericea</i>	Araticum-Mirim, pinha-da-mata	1	1	0	1	1	0
Annonaceae	<i>Rollinia sylvatica</i>	Araticum do Mato	1	1	0	1	0	0
Annonaceae	<i>Xylopia brasiliensis</i>	Pindaíba	1	1	0	0	1	0
Annonaceae	<i>Xylopia langsdorffiana</i>	Pimenteira da Terra, Pindaíba	0	1	0	0	0	0
Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i>	funcho	0	1	0	0	0	0
Apocynaceae	<i>Aspidosperma olivaceum</i>	Guatambú-oliva	1	1	0	1	1	0
Apocynaceae	<i>Forsteronia leptocarpa</i>		0	1	0	0	0	0
Apocynaceae	<i>Forsteronia refracta</i>		0	1	0	0	0	0
Apocynaceae	<i>Malouetia arborea</i>		1	1	0	0	1	0
Apocynaceae	<i>Mandevilla funiformis</i>		0	1	0	0	0	0
Apocynaceae	<i>Mandevilla urophylla</i>		0	1	0	0	0	0
Apocynaceae	<i>Mateleia barrosiana</i>		0	1	0	0	0	0
Apocynaceae	<i>Orthosia urceolata</i>		0	1	0	0	0	0
Apocynaceae	<i>Oxypetalum pedicellatum</i>		0	1	0	0	0	0
Apocynaceae	<i>Peltastes peltatus</i>	Folha-santa	0	1	0	0	0	0
Apocynaceae	<i>Prestonia coalita</i>		0	1	0	0	0	0
Apocynaceae	<i>Rauvolfia sellowii</i>		0	1	0	0	0	0
Apocynaceae	<i>Secondatia densiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana laeta</i>	leiteiro	0	1	0	0	0	0
Aquifoliaceae	<i>Ilex amara</i>		1	1	0	1	0	0
Aquifoliaceae	<i>Ilex dumosa</i>	cauninha-branca	0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Aquifoliaceae	<i>Ilex ebenacea</i>		0	1	0	0	0	0
Aquifoliaceae	<i>Ilex integerrima</i>	caúna	0	1	0	0	0	0
Aquifoliaceae	<i>Ilex paraguariensis</i>	erva-mate	1	1	0	1	0	0
Aquifoliaceae	<i>Ilex taubertiana</i>		0	1	0	0	0	0
Aquifoliaceae	<i>Ilex theezans</i>	congonha, caúna	0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Anthurium crassipes</i>		0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Anthurium harrisii</i>		0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Anthurium langsdorffii</i>		0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Anthurium pentaphyllum</i>		0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Anthurium scandens</i>		0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Monstera adansonii</i>	Banana-de-macaco	0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Philodendron appendiculatum</i>		0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Philodendron carcovadense</i>	imbé	0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Philodendron crassinervium</i>		0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Philodendron eximium</i>		0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Philodendron glaziovii</i>		0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Philodendron loefgrenii</i>		0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Philodendron martianum</i>		0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Philodendron obliquifolium</i>		0	1	0	0	0	0
Araceae	<i>Philodendron ochrostemon</i>		0	1	0	0	0	0
Araliaceae	<i>Dendropanax cuneatus</i>	Mata-pau	0	1	0	0	0	0
Araliaceae	<i>Dendropanax monogynum</i>		1	0	1	0	1	0
Araliaceae	<i>Oreopanax capitatus</i>		0	1	0	0	0	0
Araliaceae	<i>Schefflera angustissima</i>	mandioqueira, rameira	1	1	0	1	0	1
Araliaceae	<i>Schefflera calva</i>	mandioqueira	1	1	0	1	0	0
Araliaceae	<i>Schefflera navarroi</i>		0	1	0	0	0	0
Araucariaceae	<i>Araucaria angustifolia</i>	pinheiro-do-paraná	0	1	0	0	0	0
Arecaceae	<i>Astrocaryum aculeatissimum</i>	Brejaúva	1	1	0	0	1	0
Arecaceae	<i>Attalea dubia</i>		1	1	0	1	0	0
Arecaceae	<i>Bactris setosa</i>	tucum	1	1	0	1	0	1
Arecaceae	<i>Euterpe edulis</i>	juçara	1	1	0	1	1	1
Arecaceae	<i>Geonoma brevispatha</i>		1	0	1	0	0	1
Arecaceae	<i>Geonoma elegans</i>	guaricanguinha	1	1	0	1	1	0
Arecaceae	<i>Geonoma gamiova</i>	guaricanga, gamiova	1	1	0	1	0	0
Arecaceae	<i>Geonoma schottiana</i>	aricanga-do-brejo	1	1	0	0	0	0
Arecaceae	<i>Lytocaryum hoehnei</i>		1	0	1	1	0	0
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia chamissonis</i>		0	1	0	0	0	0
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia paulistana</i>	mil-homens	0	1	0	0	0	0
Aspleniaceae	<i>Asplenium abscissum</i>		0	1	0	0	0	0
Aspleniaceae	<i>Asplenium auriculatum</i>		0	1	0	0	0	0
Aspleniaceae	<i>Asplenium auritum</i>		0	1	0	0	0	0
Aspleniaceae	<i>Asplenium inaequilaterale</i>		0	1	0	0	0	0
Aspleniaceae	<i>Asplenium kunzeanum</i>		0	1	0	0	0	0
Aspleniaceae	<i>Asplenium mucronatum</i>		0	1	0	0	0	0
Aspleniaceae	<i>Asplenium petersenii</i>		0	1	0	0	0	0
Aspleniaceae	<i>Asplenium pteropus</i>		0	1	0	0	0	0
Aspleniaceae	<i>Asplenium raddianum</i>		0	1	0	0	0	0
Aspleniaceae	<i>Asplenium radicans</i>		0	1	0	0	0	0
Aspleniaceae	<i>Asplenium scandicum</i>		0	1	0	0	0	0
Aspleniaceae	<i>Asplenium triquetrum</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Achyrocline alata</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Adenostemma brasilianum</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Aspilia foliacea</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Baccharis anomala</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Baccharis calvescens</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Baccharis dentata</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Baccharis dracunculifolia</i>		0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Asteraceae	<i>Baccharis elaeagnoides</i>	Vassoura	0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Baccharis myriocephala</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Baccharis oreophila</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Baccharis reticularia</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Baccharis singularis</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Chaptalia nutans</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Conyza bonariensis</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Elephantopus mollis</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Eremanthus erythropappus</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Erigeron maximus</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Eupatorium betonicaeforme</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Eupatorium inulifolium</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Eupatorium laevigatum</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Eupatorium vauthierianum</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Gochnatia polymorpha</i>	Sabãoero	0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Heterocondylus alatus</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Jaegeria hirta</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Lactuca sativa</i>	Alface	0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Mikania argyrea</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Mikania buddleiaefolia</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Mikania guilleminii</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Mikania hirsutissima</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Mikania micrantha</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Mikania myriocephala</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Mikania trinervis</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Piptocarpha axillaris</i>	cambará-guaçu	1	1	0	1	1	1
Asteraceae	<i>Piptocarpha densifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Piptocarpha macropoda</i>	Candeia	0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Piptocarpha organensis</i>	vassourãozinho	0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Piptocarpha quadrangularis</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Piptocarpha regnellii</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Pterocaulon alopecuroides</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Pterocaulon balansae</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Senecio brasiliensis</i>	flor-das-almas	0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Solidago chilensis</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Verbesina glabrata</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Vernonia beyrichii</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Vernonia diffusa</i>	assa-peixe-branco	1	1	0	1	1	0
Asteraceae	<i>Vernonia discolor</i>	vassourão-preto	1	1	0	0	1	0
Asteraceae	<i>Vernonia lindbergii</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Vernonia petiolaris</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Vernonia platensis</i>		0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Vernonia puberula</i>	pau-toucinho	0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Vernonia quinqueflora</i>	cambarazinho	0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Vernonia scorpioides</i>	pau-cinza	0	1	0	0	0	0
Asteraceae	<i>Wedelia subvelutina</i>		0	1	0	0	0	0
Balsaminaceae	<i>Impatiens valleriana</i>	maria-sem-vergonha	0	1	0	0	0	0
Begoniaceae	<i>Begonia angularis</i>	Begônia	0	1	0	0	0	0
Begoniaceae	<i>Begonia capanemae</i>	Begônia	0	1	0	0	0	0
Begoniaceae	<i>Begonia fischeri</i>	Begônia	0	1	0	0	0	0
Begoniaceae	<i>Begonia fruticosa</i>	Begônia	0	1	0	0	0	0
Begoniaceae	<i>Begonia herbacea</i>	Begônia	0	1	0	0	0	0
Begoniaceae	<i>Begonia inculta</i>	Begônia	0	1	0	0	0	0
Begoniaceae	<i>Begonia lanceolata</i>	Begônia	0	1	0	0	0	0
Begoniaceae	<i>Begonia radicans</i>	Begônia	0	1	0	0	0	0
Begoniaceae	<i>Begonia valdensium</i>	Begônia	0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma grandifolium</i>		0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma hatschbachii</i>		0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma ternatum</i>		0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma trifoliatum</i>		0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Anemopaegma lanceolatum</i>		0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Anemopaegma prostratum</i>		0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Arrabidaea multiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Arrabidaea rego</i>		0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Clytostoma binatum</i>		0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Fridericia speciosa</i>		0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Jacaranda micrantha</i>	caroba	0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Jacaranda montana</i>	caroba	0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Jacaranda puberula</i>	carobinha, caroba-do-campo	1	1	0	1	1	1
Bignoniaceae	<i>Parabignonia unguiculata</i>		0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Paragonia pyramidata</i>		0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Pithecoctenium crucigerum</i>		0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Tabebuia botelhensis</i>		0	1	0	0	0	1
Bignoniaceae	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	ipê-amarelo-cascudo	0	1	0	0	0	0
Bignoniaceae	<i>Tabebuia heptaphylla</i>		1	1	0	0	1	0
Bignoniaceae	<i>Tabebuia serratifolia</i>	ipê-amarelo	1	1	0	0	1	0
Blechnaceae	<i>Blechnum austrobrasilianum</i>		0	1	0	0	0	0
Blechnaceae	<i>Blechnum binervatum</i>		0	1	0	0	0	0
Blechnaceae	<i>Blechnum brasiliense</i>		0	1	0	0	0	0
Blechnaceae	<i>Blechnum cordatum</i>		0	1	0	0	0	0
Blechnaceae	<i>Blechnum polypodioides</i>		0	1	0	0	0	0
Blechnaceae	<i>Blechnum serrulatum</i>		0	1	0	0	0	0
Blechnaceae	<i>Salpichaena volubilis</i>		0	1	0	0	0	0
Bombacaceae	<i>Eriotheca pentaphylla</i>		1	0	1	0	1	0
Bombacaceae	<i>Pseudobombax grandiflorum</i>		1	0	1	0	1	0
Boraginaceae	<i>Cordia discolor</i>		0	1	0	0	0	0
Boraginaceae	<i>Cordia ecalyculata</i>	caraíba	0	1	0	0	0	0
Boraginaceae	<i>Cordia magnoliifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Boraginaceae	<i>Cordia monosperma</i>		0	1	0	0	0	0
Boraginaceae	<i>Cordia rufescens</i>		0	1	0	0	0	0
Boraginaceae	<i>Cordia sellowiana</i>	baba de boi	1	1	0	1	1	0
Boraginaceae	<i>Cordia silvestris</i>	juretê	0	1	0	0	0	0
Boraginaceae	<i>Cordia trichotoma</i>	louro-pardo	0	1	0	0	0	0
Boraginaceae	<i>Heliotropium transalpinum</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Aechmea coelestis</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Aechmea cylindrata</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Aechmea gamosepala</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Aechmea gracilis</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Aechmea nudicaulis</i>	Bromélia	0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Aechmea ornata</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Aechmea pectinata</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Billbergia amoena</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Billbergia distachia</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Billbergia pyramidalis</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Canistropsis billbergioides</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Edmondoa lindenii</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Guzmania lingulata</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Neoregelia laevis</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Nidularium campo-alegrense</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Nidularium innocentii</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Nidularium krisgreeniae</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Quesnelia violacea</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Racinaea spiculosa</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Tillandsia geminiflora</i>		0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Bromeliaceae	<i>Tillandsia globosa</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Tillandsia stricta</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Tillandsia tenuifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea altodaserrae</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea atra</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea carinata</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea drepanocarpa</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea ensiformis</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea erythrodactylon</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea flava</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea friburgensis</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea hieroglyphica</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea incurvata</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea inflata</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea jonghei</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea longiscapa</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea philippocoburgii</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea platynema</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea rodigasiana</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea scalaris</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea unilateralis</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Vriesea vagans</i>		0	1	0	0	0	0
Bromeliaceae	<i>Wittrockia cyathiformis</i>		0	1	0	0	0	0
Burmmaniaceae	<i>Dictyostega orobanchoides</i>		0	1	0	0	0	0
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i>	almecegueira	1	1	0	1	1	0
Burseraceae	<i>Protium widgrenii</i>	almecegueira	0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Hatiora salicornioides</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Lepismium cruciforme</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Lepismium houlettianum</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Pereskia aculeata</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Rhipsalis baccifera</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Rhipsalis campos-portoana</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Rhipsalis dissimilis</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Rhipsalis elliptica</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Rhipsalis floccosa</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Rhipsalis grandiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Rhipsalis pachyptera</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Rhipsalis paradoxa</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Rhipsalis pilocarpa</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Rhipsalis puniceodiscus</i>		0	1	0	0	0	0
Cactaceae	<i>Rhipsalis teres</i>	Rabo-de-rato?	0	1	0	0	0	0
Campanulaceae	<i>Centropogon cornutus</i>		0	1	0	0	0	0
Campanulaceae	<i>Siphocampylus convolvulaceus</i>		0	1	0	0	0	0
Canellaceae	<i>Capsicodendron dinisii</i>	pimenteira, pau-para-tudo	1	1	0	1	1	0
Cardiopteridaceae	<i>Citronella paniculata</i>	congonha	1	1	0	1	1	0
Caricaceae	<i>Jacaratia spinosa</i>	jacaratia	0	1	0	0	0	0
Celastraceae	<i>Anthodon decussatum</i>		0	1	0	0	0	0
Celastraceae	<i>Cleiloclinium cognatum</i>	Cipotá	0	1	0	0	0	0
Celastraceae	<i>Hippocratea volubilis</i>		0	1	0	0	0	0
Celastraceae	<i>Maytenus aquifolia</i>	espineira-santa	0	1	0	0	0	0
Celastraceae	<i>Maytenus communis</i>		1	1	0	1	1	0
Celastraceae	<i>Maytenus distichophylla</i>		0	1	0	0	0	0
Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Celastraceae	<i>Maytenus robusta</i>	papagaieiro, pau-de-curtir-couro	0	1	0	0	0	0
Celastraceae	<i>Maytenus salicifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Celastraceae	<i>Maytenus schumanniana</i>	cafezinho	0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Celastraceae	<i>Salacia elliptica</i>		0	1	0	0	0	0
Celastraceae	<i>Salacia mosenii</i>		0	1	0	0	0	0
Chloranthaceae	<i>Hedyosmum brasiliense</i>		1	1	0	0	1	0
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella hebeclada</i>		1	1	0	1	1	0
Chrysobalanaceae	<i>Licania hoehnei</i>	simbiúva, jataieiro-bravo ?	1	1	0	1	1	0
Chrysobalanaceae	<i>Licania kunthiana</i>		1	0	1	1	0	0
Chrysobalanaceae	<i>Parinari brasiliensis</i>		0	1	0	0	0	0
Chrysobalanaceae	<i>Parinari excelsa</i>		1	1	0	1	1	0
Clethraceae	<i>Clethra scabra</i>	beira-campo	1	1	0	1	1	1
Clusiaceae	<i>Clusia criuva</i>		1	1	0	1	1	0
Clusiaceae	<i>Garcinia gardneriana</i>	bacupari	1	1	0	1	1	0
Combretaceae	<i>Buchenavia hoehniana</i>		0	1	0	0	0	0
Combretaceae	<i>Buchenavia kleinii</i>		1	1	0	1	1	0
Combretaceae	<i>Terminalia triflora</i>	capitãozinho	0	1	0	0	0	0
Commelinaceae	<i>Commelina obliqua</i>		0	1	0	0	0	0
Commelinaceae	<i>Dichorisandra pubescens</i>		0	1	0	0	0	0
Commelinaceae	<i>Dichorisandra thyrsoflora</i>	cana-do-brejo	0	1	0	0	0	0
Commelinaceae	<i>Dichorisandra villosula</i>		0	1	0	0	0	0
Commelinaceae	<i>Tripogandra diuretica</i>		0	1	0	0	0	0
Connaraceae	<i>Connarus rostratus</i>	mata-cachorro	0	1	0	0	0	0
Convolvulaceae	<i>Ipomoea ramosissima</i>		0	1	0	0	0	0
Convolvulaceae	<i>Ipomoea tiliacea</i>		0	1	0	0	0	0
Costaceae	<i>Costus spiralis</i>	cana-do-brejo	0	1	0	0	0	0
Cucurbitaceae	<i>Anisoperma passiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Cucurbitaceae	<i>Cayaponia cabocla</i>		0	1	0	0	0	0
Cucurbitaceae	<i>Gurania cissoides</i>		0	1	0	0	0	0
Cucurbitaceae	<i>Sechium edule</i>		0	1	0	0	0	0
Cucurbitaceae	<i>Wilbrandia hibiscoides</i>		0	1	0	0	0	0
Cunoniaceae	<i>Lamanonia ternata</i>	cangalheiro, guaperê	1	1	0	1	0	0
Cunoniaceae	<i>Weinmannia paulliniaefolia</i>		1	1	0	1	1	1
Cyatheaceae	<i>Alsophila setosa</i>		0	1	0	0	0	0
Cyatheaceae	<i>Alsophila sternbergii</i>	samambaiaçu	1	1	0	1	0	0
Cyatheaceae	<i>Cyathea atrovirens</i>		1	1	0	1	1	0
Cyatheaceae	<i>Cyathea corcovadensis</i>	xaxim	1	1	0	1	0	0
Cyatheaceae	<i>Cyathea delgadii</i>		1	1	0	1	0	1
Cyatheaceae	<i>Cyathea dichromatolepsis</i>		1	1	0	1	0	0
Cyatheaceae	<i>Cyathea hirsuta</i>		0	1	0	0	0	0
Cyatheaceae	<i>Cyathea leucofolis</i>		0	1	0	0	0	0
Cyatheaceae	<i>Cyathea phalerata</i>		0	1	0	0	0	0
Cyclanthaceae	<i>Thoracocarpus bissectus</i>		0	1	0	0	0	0
Cyperaceae	<i>Cyperus luzulae</i>		0	1	0	0	0	0
Cyperaceae	<i>Eleocharis montana</i>		0	1	0	0	0	0
Cyperaceae	<i>Hypolytrum schraderianum</i>		0	1	0	0	0	0
Cyperaceae	<i>Lagenocarpus rigidus</i>		0	1	0	0	0	0
Cyperaceae	<i>Pleurostachys densefoliata</i>		0	1	0	0	0	0
Cyperaceae	<i>Pleurostachys gaudichaudii</i>		0	1	0	0	0	0
Cyperaceae	<i>Pleurostachys urvillei</i>		0	1	0	0	0	0
Cyperaceae	<i>Rhynchospora breviscula</i>		0	1	0	0	0	0
Cyperaceae	<i>Rhynchospora polyantha</i>		0	1	0	0	0	0
Cyperaceae	<i>Rhynchospora rugosa</i>		0	1	0	0	0	0
Cyperaceae	<i>Scleria latifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Cyperaceae	<i>Scleria panicoides</i>		0	1	0	0	0	0
Cyperaceae	<i>Scleria plusiophylla</i>		0	1	0	0	0	0
Dennstaedtiaceae	<i>Dennstaedtia dissecta</i>		0	1	0	0	0	0
Dennstaedtiaceae	<i>Lindsaea arcuata</i>		0	1	0	0	0	0
Dennstaedtiaceae	<i>Lindsaea lancea</i>		0	1	0	0	0	0
Dennstaedtiaceae	<i>Pteridium arachnoideum</i>		0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Dennstaedtiaceae	<i>Saccoloma inaequale</i>		0	1	0	0	0	0
Dicksoniaceae	<i>Dicksonia sellowiana</i>		1	0	1	0	1	0
Dilleniaceae	<i>Davilla rugosa</i>		0	1	0	0	0	0
Dilleniaceae	<i>Dollicarpus dentatus</i>		0	1	0	0	0	0
Dioscoreaceae	<i>Dioscorea marginata</i>		0	1	0	0	0	0
Dioscoreaceae	<i>Dioscorea subhastata</i>		0	1	0	0	0	0
Dryopteridaceae	<i>Didymochlaena truncatula</i>		0	1	0	0	0	0
Dryopteridaceae	<i>Lastreopsis amplissima</i>		0	1	0	0	0	0
Dryopteridaceae	<i>Olfersia cervina</i>		0	1	0	0	0	0
Dryopteridaceae	<i>Polybotrya cylindrica</i>		0	1	0	0	0	0
Dryopteridaceae	<i>Rumohra adiantiformis</i>		0	1	0	0	0	0
Dryopteridaceae	<i>Stigmatopteris caudata</i>		0	1	0	0	0	0
Dryopteridaceae	<i>Stigmatopteris heterocarpa</i>		0	1	0	0	0	0
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea guianensis</i>	sapopema, nimbiúva	1	1	0	0	1	0
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea monosperma</i>	pau-ferro, carrapicheiro	1	1	0	1	1	0
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea obtusifolia</i>	sapopema ?	0	1	0	0	0	0
Erythroxyloaceae	<i>Erythroxyllum ambiguum</i>	fruta-de-pomba	0	1	0	0	0	0
Erythroxyloaceae	<i>Erythroxyllum argentinum</i>		1	1	0	1	0	1
Erythroxyloaceae	<i>Erythroxyllum pulchrum</i>		0	1	0	0	0	0
Euphorbiaceae	<i>Actinostemon concolor</i>	capitão	1	1	0	0	1	0
Euphorbiaceae	<i>Alchornea glandulosa</i>	Tapiá-branco	1	1	0	0	1	0
Euphorbiaceae	<i>Alchornea triplinervia</i>		1	1	0	1	1	1
Euphorbiaceae	<i>Aparisthium cordatum</i>	Qunera	1	1	0	0	1	0
Euphorbiaceae	<i>Croton glandulosus</i>		0	1	0	0	0	0
Euphorbiaceae	<i>Croton lundianus</i>		0	1	0	0	0	0
Euphorbiaceae	<i>Croton macrobothrys</i>	capixingui	0	1	0	0	0	0
Euphorbiaceae	<i>Manihot grahamii</i>	mandioca-brava	0	1	0	0	0	0
Euphorbiaceae	<i>Maprounea guianensis</i>		1	0	1	1	1	0
Euphorbiaceae	<i>Pera glabrata</i>	tabucuva, tamanqueira	1	1	0	1	1	1
Euphorbiaceae	<i>Pera obovata</i>	sapateira	0	1	0	0	0	0
Euphorbiaceae	<i>Sapium glandulatum</i>	leiteiro	1	1	0	1	0	0
Euphorbiaceae	<i>Sebastiania brasiliensis</i>	branquilha	0	1	0	0	0	0
Euphorbiaceae	<i>Tetrorchidium parvulum</i>	caxeta	0	1	0	0	0	0
Euphorbiaceae	<i>Tetrorchidium rubrivenium</i>	caxeta-amarela	1	1	0	0	1	0
Fabaceae - Caesalpinioideae	<i>Cassia ferruginea</i>	canafístula	1	1	0	1	1	0
Fabaceae - Caesalpinioideae	<i>Copaifera langsdorffii</i>	copaíba-vermelha	1	1	0	1	1	1
Fabaceae - Caesalpinioideae	<i>Copaifera trapezifolia</i>	copaíba-branca	1	1	0	1	1	0
Fabaceae - Caesalpinioideae	<i>Hymenaea courbaril</i>	jatobá	1	1	0	1	0	0
Fabaceae - Caesalpinioideae	<i>Schizolobium parahyba</i>	guapuruvu	1	1	0	0	1	0
Fabaceae - Caesalpinioideae	<i>Sclerolobium denudatum</i>	Tapassuaré	1	1	0	1	1	0
Fabaceae - Caesalpinioideae	<i>Senna macranthera</i>	manduirana	1	1	0	0	1	0
Fabaceae - Caesalpinioideae	<i>Senna multijuga</i>	pau-cigarra	1	1	0	1	1	1
Fabaceae - Cercideae	<i>Bauhinia guianensis</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Cercideae	<i>Bauhinia microstachya</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Andira anthelmia</i>	Angelim	0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Andira fraxinifolia</i>	Morcegueiro, Angelim-doce	1	1	0	1	1	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Centrolobium robustum</i>	araribá-rosa ?	1	1	0	0	1	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Dahlstedtia pentaphylla</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Dahlstedtia pinnata</i>	Caracatinga	1	1	0	1	1	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Dalbergia brasiliensis</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Dalbergia frutescens</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Desmodium adscendens</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Desmodium axillare</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Desmodium incanum</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Desmodium uncinatum</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Eriosema heterophyllum</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Hymenolobium janeirensis</i>		0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Fabaceae - Faboideae	<i>Lonchocarpus nitidus</i>	embira-de-sapo	0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Machaerium dimorphandrum</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Machaerium nyctitans</i>	Guaximbé, bico-de-pato	1	1	0	1	1	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Machaerium oblongifolium</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Machaerium paraguayense</i>		1	0	1	1	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Machaerium triste</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Machaerium uncinatum</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Mucuna urens</i>	olho-de-boto	0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Myrocarpus frondosus</i>		1	1	0	1	1	1
Fabaceae - Faboideae	<i>Ormosia arborea</i>	olho-de-cabra	0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Ormosia dasycarpa</i>		1	0	1	1	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Ormosia minor</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Ormosia monosperma</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Platymiscium floribundum</i>		1	1	0	1	1	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Pterocarpus rhorii</i>	pau-sangue, aldrago	1	1	0	1	1	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Stylosanthes viscosa</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Swartzia acutifolia</i>		1	1	0	0	1	0
Fabaceae - Faboideae	<i>Zollernia ilicifolia</i>		1	1	0	1	1	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Abarema langsdorffii</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Acacia grandistipula</i>	Aranha-gato	0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Acacia lacerans</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Acacia martiusiana</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Acacia plumosa</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Balizia pedicellaris</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Inga alba</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Inga bollandii</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Inga capitata</i>	Ingá	0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Inga cylindrica</i>	Ingá	0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Inga edulis</i>	Ingá-feijão	1	1	0	0	1	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Inga laurina</i>	Ingá-branco	0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Inga lenticellata</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Inga marginata</i>	Ingá-mirim	1	1	0	1	1	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Inga praegnans</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Inga sellowiana</i>	Ingá	1	1	0	1	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Inga sessilis</i>	ingá-ferradura	1	1	0	1	1	1
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Mimosa scabrella</i>		0	1	0	0	0	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Mollinedia argyrogyna</i>		1	0	1	1	1	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Mollinedia pachysandra</i>		1	0	1	0	1	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Piptadenia paniculata</i>		1	1	0	0	1	0
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Pseudopiptadenia warmingii</i>	Caovi, timboíba	1	1	0	0	1	0
Gentianaceae	<i>Macroparpea rubra</i>		0	1	0	0	0	0
Gentianaceae	<i>Voyria aphylla</i>		0	1	0	0	0	0
Gesneriaceae	<i>Codonanthe devosiana</i>		0	1	0	0	0	0
Gesneriaceae	<i>Codonanthe gracilis</i>		0	1	0	0	0	0
Gesneriaceae	<i>Napeanthus primulifolius</i>		0	1	0	0	0	0
Gesneriaceae	<i>Nematanthus gregarius</i>		0	1	0	0	0	0
Gesneriaceae	<i>Nematanthus jolyanus</i>		0	1	0	0	0	0
Gesneriaceae	<i>Nematanthus striatus</i>		0	1	0	0	0	0
Gesneriaceae	<i>Nematanthus strigillosus</i>		0	1	0	0	0	0
Gesneriaceae	<i>Nematanthus villosus</i>		0	1	0	0	0	0
Gesneriaceae	<i>Nematanthus wettsteinii</i>		0	1	0	0	0	0
Gesneriaceae	<i>Sinningia douglasii</i>		0	1	0	0	0	0
Gleicheniaceae	<i>Dicranopteris flexuosa</i>		0	1	0	0	0	0
Gleicheniaceae	<i>Gleichenella pectinata</i>		0	1	0	0	0	0
Gleicheniaceae	<i>Sticherus bifidus</i>		0	1	0	0	0	0
Gleicheniaceae	<i>Sticherus nigropaleaceus</i>		0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Gleicheniaceae	<i>Sticherus penniger</i>		0	1	0	0	0	0
Grammitidaceae	<i>Ceradenia spixiana</i>		0	1	0	0	0	0
Grammitidaceae	<i>Cochlidium serrulatum</i>		0	1	0	0	0	0
Grammitidaceae	<i>Terpsichore achilleifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Grammitidaceae	<i>Terpsichore reclinata</i>		0	1	0	0	0	0
Heliconiaceae	<i>Heliconia angusta</i>		0	1	0	0	0	0
Heliconiaceae	<i>Heliconia velloziana</i>		0	1	0	0	0	0
Humiriaceae	<i>Humiriastrum dentatum</i>	pau-ferro	0	1	0	0	0	0
Humiriaceae	<i>Vantanea compacta</i>		1	1	0	1	0	0
Hymenophyllaceae	<i>Hymenophyllum asplenioides</i>		0	1	0	0	0	0
Hymenophyllaceae	<i>Hymenophyllum caudiculatum</i>		0	1	0	0	0	0
Hymenophyllaceae	<i>Hymenophyllum fragile</i>		0	1	0	0	0	0
Hymenophyllaceae	<i>Hymenophyllum hirsutum</i>		0	1	0	0	0	0
Hymenophyllaceae	<i>Hymenophyllum polyanthos</i>		0	1	0	0	0	0
Hymenophyllaceae	<i>Hymenophyllum pulchellum</i>		0	1	0	0	0	0
Hymenophyllaceae	<i>Hymenophyllum elegans</i>		0	1	0	0	0	0
Hymenophyllaceae	<i>Trichomanes angustatum</i>		0	1	0	0	0	0
Hymenophyllaceae	<i>Trichomanes cristatum</i>		0	1	0	0	0	0
Hymenophyllaceae	<i>Trichomanes polypodioides</i>		0	1	0	0	0	0
Hymenophyllaceae	<i>Trichomanes pyxidiferum</i>		0	1	0	0	0	0
Hymenophyllaceae	<i>Trichomanes radicans</i>		0	1	0	0	0	0
Hymenophyllaceae	<i>Trichomanes rigidum</i>		0	1	0	0	0	0
Hypoxidaceae	<i>Hypoxis decumbens</i>	grama-estrela	0	1	0	0	0	0
Iridaceae	<i>Crocasmia crocosmiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Iridaceae	<i>Neomarica northiana</i>		0	1	0	0	0	0
Iridaceae	<i>Sisyrinchium commutatum</i>		0	1	0	0	0	0
Iridaceae	<i>Sisyrinchium micranthum</i>		0	1	0	0	0	0
Iridaceae	<i>Trimezia martinicensis</i>		0	1	0	0	0	0
Juncaceae	<i>Juncus microcephalus</i>		0	1	0	0	0	0
Lacistemataceae	<i>Lacistema hasslerianum</i>		0	1	0	0	0	0
Lamiaceae	<i>Aegiphila brachiata</i>		0	1	0	0	0	0
Lamiaceae	<i>Aegiphila integrifolia</i>	tamanqueiro, papagaio	1	1	0	0	1	0
Lamiaceae	<i>Aegiphila sellowiana</i>		1	0	1	0	1	0
Lamiaceae	<i>Hyptis lacustris</i>		0	1	0	0	0	0
Lamiaceae	<i>Hyptis multibracteata</i>		0	1	0	0	0	0
Lamiaceae	<i>Hyptis umbrosa</i>		0	1	0	0	0	0
Lamiaceae	<i>Marsypianthes chamaedrys</i>		0	1	0	0	0	0
Lamiaceae	<i>Ocimum selloi</i>		0	1	0	0	0	0
Lamiaceae	<i>Peltodon radicans</i>		0	1	0	0	0	0
Lamiaceae	<i>Scutellaria uliginosa</i>		0	1	0	0	0	0
Lamiaceae	<i>Vitex cymosa</i>		0	1	0	0	0	0
Lamiaceae	<i>Vitex polygama</i>	tarumã	1	1	0	0	1	0
Lauraceae	<i>Aiouea acarodomatifera</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Aiouea saligna</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Aiouea trinervis</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Aniba firmula</i>	canela-de-cheiro, canela-sassafrás-amarela	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Aniba viridis</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Beilschmiedia emarginata</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Cinnamomum hirsutum</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Cinnamomum pseudoglaziovii</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Cinnamomum triplinerve</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Cryptocarya aschersoniana</i>	nhutinga, canela-de-jacú	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Cryptocarya moschata</i>	nhutinga, canela-noz- moscada	1	1	0	1	1	0
Lauraceae	<i>Cryptocarya saligna</i>		1	0	1	1	0	0
Lauraceae	<i>Endlicheria paniculata</i>	canela-fedida, canela frade	1	1	0	1	1	1

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Lauraceae	<i>Licaria armeniaca</i>	canela	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Nectandra debilis</i>	canela-amarela	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Nectandra grandiflora</i>	canela-amarela	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Nectandra lanceolata</i>	canela-amarela	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Nectandra leucantha</i>	canela-amarela	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Nectandra membranacea</i>	canela-branca, injuva	1	1	0	1	1	0
Lauraceae	<i>Nectandra oppositifolia</i>	canela-ferrugem	1	1	0	1	0	0
Lauraceae	<i>Nectandra paranaensis</i>	canela-tamanco	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Nectandra puberula</i>	canela-amarela	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea aciphylla</i>	canela	1	1	0	1	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea bicolor</i>	canela-branca	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea brachybotra</i>	canela	1	1	0	1	1	0
Lauraceae	<i>Ocotea catharinensis</i>	canela-preta, canela-sassafrás	1	1	0	1	1	0
Lauraceae	<i>Ocotea daphnifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea dispersa</i>	canela-fogo	1	1	0	1	1	1
Lauraceae	<i>Ocotea divaricata</i>	canela	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea elegans</i>	canela-do-campo	1	1	0	1	1	0
Lauraceae	<i>Ocotea glaziovii</i>		1	1	0	1	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea laxa</i>	canela-fogo	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea minarum</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea mosenii</i>	canela-preta	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea nectandrifolia</i>	canela-burra, canela-preta	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea odorifera</i>	canela-sassafrás	1	1	0	1	1	0
Lauraceae	<i>Ocotea paranapiacabensis</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea porosa</i>	canela-imbuia	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea puberula</i>	canela-guaicá	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea pulchella</i>	canela-lageana	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea pulchra</i>	canela	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea silvestris</i>	canela-amarela	1	1	0	1	1	0
Lauraceae	<i>Ocotea tabacifolia</i>	canela-inhuva	1	1	0	1	1	1
Lauraceae	<i>Ocotea teleiandra</i>	canela-fogo	1	1	0	1	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea vaccinioides</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea velloziana</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Ocotea venulosa</i>		0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Persea americana</i>	abacateiro	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Persea venosa</i>	abacate-do-mato	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Persea wildenovii</i>	canela-rosa	1	1	0	0	0	1
Lauraceae	<i>Rhodostemonodaphne macrocalyx</i>	canela-cedro	0	1	0	0	0	0
Lauraceae	<i>Urbanodendron bahiense</i>		0	1	0	0	0	0
Lecythidaceae	<i>Cariniana estrellensis</i>	jequitibá-branco	1	1	0	1	1	0
Loganiaceae	<i>Spigelia beyrichiana</i>		0	1	0	0	0	0
Loganiaceae	<i>Strychnos brasiliensis</i>	salta-martinho	0	1	0	0	0	0
Loganiaceae	<i>Strychnos trinervis</i>	Espora-de-galo	0	1	0	0	0	0
Lomariopsidaceae	<i>Elaphoglossum crassinerve</i>		0	1	0	0	0	0
Lomariopsidaceae	<i>Elaphoglossum glabellum</i>		0	1	0	0	0	0
Lomariopsidaceae	<i>Elaphoglossum herminieri</i>		0	1	0	0	0	0
Lomariopsidaceae	<i>Elaphoglossum iguapense</i>		0	1	0	0	0	0
Lomariopsidaceae	<i>Elaphoglossum lingua</i>		0	1	0	0	0	0
Lomariopsidaceae	<i>Elaphoglossum ornatum</i>		0	1	0	0	0	0
Lomariopsidaceae	<i>Elaphoglossum nigrescens</i>		0	1	0	0	0	0
Lomariopsidaceae	<i>Elaphoglossum strictum</i>		0	1	0	0	0	0
Lomariopsidaceae	<i>Lomagramma guianensis</i>		0	1	0	0	0	0
Lomariopsidaceae	<i>Lomariopsis marginata</i>		0	1	0	0	0	0
Loranthaceae	<i>Psittacanthus dichrous</i>	Erva-de-passarinho	0	1	0	0	0	0
Loranthaceae	<i>Psittacanthus flavoviridis</i>	Erva-de-passarinho	0	1	0	0	0	0
Loranthaceae	<i>Struthanthus concinnus</i>	Erva-de-passarinho	0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Loranthaceae	<i>Struthanthus polyrhizus</i>	Erva-de-passarinho	0	1	0	0	0	0
Loranthaceae	<i>Struthanthus rotundatus</i>	Erva-de-passarinho	0	1	0	0	0	0
Loranthaceae	<i>Struthanthus vulgaris</i>	Erva-de-passarinho	0	1	0	0	0	0
Lycopodiaceae	<i>Huperzia flexibilis</i>		0	1	0	0	0	0
Lycopodiaceae	<i>Huperzia mandioccana</i>		0	1	0	0	0	0
Lycopodiaceae	<i>Huperzia heterocarpon</i>		0	1	0	0	0	0
Lycopodiaceae	<i>Lycopodium cernuum</i>		0	1	0	0	0	0
Lythraceae	<i>Cuphea calophylla</i>	sete-sangrias	0	1	0	0	0	0
Lythraceae	<i>Heimia myrtifolia</i>	Erva-da-vida	0	1	0	0	0	0
Magnoliaceae	<i>Talauma ovata</i>	Pinha-do-brejo	1	1	0	1	0	0
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis argyrophylla</i>		0	1	0	0	0	0
Malpighiaceae	<i>Bunchosia fluminensis</i>		0	1	0	0	0	0
Malpighiaceae	<i>Byrsonima ligustrifolia</i>	muchita	1	1	0	1	0	0
Malpighiaceae	<i>Byrsonima myricifolia</i>		1	1	0	1	0	0
Malpighiaceae	<i>Heteropterys intermedia</i>		0	1	0	0	0	0
Malpighiaceae	<i>Heteropterys nitida</i>		0	1	0	0	0	0
Malpighiaceae	<i>Stigmaphyllon puberulum</i>		0	1	0	0	0	0
Malpighiaceae	<i>Tetrapterys phlomoides</i>		0	1	0	0	0	0
Malvaceae	<i>Abutilon rufinerve</i>		0	1	0	0	0	0
Malvaceae	<i>Pavonia hastata</i>		0	1	0	0	0	0
Malvaceae	<i>Quararibea turbinata</i>		0	1	0	0	0	0
Malvaceae	<i>Sida rhombifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Malvaceae	<i>Spirotheca passifloroides</i>	Mata-pau-de-espinho, paineira	0	1	0	0	0	0
Malvaceae	<i>Spirotheca rivierii</i>		0	1	0	0	0	0
Malvaceae	<i>Triumfetta semitriloba</i>		0	1	0	0	0	0
Maranthaceae	<i>Calathea communis</i>	Caeté-banana	0	1	0	0	0	0
Maranthaceae	<i>Calathea longifolia</i>	Caeté	0	1	0	0	0	0
Maranthaceae	<i>Ctenanthe lanceolata</i>		0	1	0	0	0	0
Maranthaceae	<i>Stromanthe thalia</i>		0	1	0	0	0	0
Maranthaceae	<i>Stromanthe tonckat</i>		0	1	0	0	0	0
Marattiaceae	<i>Marattia laevis</i>		0	1	0	0	0	0
Marcgraviaceae	<i>Marcgravia polyantha</i>	Hera-de-árvore	0	1	0	0	0	0
Marcgraviaceae	<i>Norantea brasiliensis</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Aciotis brachybotrya</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Bertolonia acuminata</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Bertolonia mosenii</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Clidemia biserrata</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Clidemia blepharodes</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Clidemia hirta</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Henriettella glabra</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Leandra acutiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Leandra alterninervea</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Leandra australis</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Leandra balansaei</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Leandra cardiophylla</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Leandra dasytricha</i>	Pixirica	0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Leandra laevigata</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Leandra mosenii</i>	Pixirica	1	1	0	0	1	0
Melastomataceae	<i>Leandra pilonensis</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Leandra regnellii</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Leandra reversa</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Leandra sabiaensis</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Leandra scabra</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Leandra xanthocoma</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Meriania clausenii</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Meriania glabra</i>		0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Melastomataceae	<i>Miconia cabussu</i>	Pixiricuçu	1	1	0	1	1	1
Melastomataceae	<i>Miconia cinerascens</i>		1	1	0	0	1	0
Melastomataceae	<i>Miconia cinnamomifolia</i>		1	1	0	1	0	0
Melastomataceae	<i>Miconia cubatanensis</i>	Pixirica, jacaratiãozinho	1	1	0	0	1	1
Melastomataceae	<i>Miconia doriana</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Miconia hymenonervia</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Miconia latecrenata</i>	Muxita	0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Miconia petropolitana</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Miconia pusilliflora</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Miconia racemifera</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Miconia rigidiuscula</i>		1	1	0	1	1	0
Melastomataceae	<i>Miconia saldanhaei</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Miconia sellowiana</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Miconia theaezans</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Miconia tristis</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Miconia vautherii</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Mouriri chamissoana</i>	Gué-branco	0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Ossaea sanguinea</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Pleiochiton ebracteatum</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Pterolepis glomerata</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Salpinga margaritacea</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Tibouchina cerastifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Tibouchina clinopodifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Tibouchina fothergillae</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Tibouchina mutabilis</i>	manacá-da-serra	1	1	0	0	1	0
Melastomataceae	<i>Tibouchina pulchra</i>	manacá-da-serra	1	1	0	1	1	1
Melastomataceae	<i>Tibouchina raddiana</i>		0	1	0	0	0	0
Melastomataceae	<i>Tibouchina sellowiana</i>		0	1	0	0	0	0
Meliaceae	<i>Cabralea canjerana</i>	canjerana, canharana	1	1	0	1	1	1
Meliaceae	<i>Cedrella fissilis</i>	cedro, cedro-rosa	1	1	0	1	1	0
Meliaceae	<i>Cedrella odorata</i>	cedro-do-brejo	0	1	0	0	0	0
Meliaceae	<i>Guarea macrophylla</i>	marinheiro	1	1	0	1	0	1
Meliaceae	<i>Trichilia elegans</i>	catiguá	0	1	0	0	0	0
Meliaceae	<i>Trichilia hirta</i>		0	1	0	0	0	0
Meliaceae	<i>Trichilia lepidota</i>	guarantã	0	1	0	0	0	0
Meliaceae	<i>Trichilia pallens</i>		0	1	0	0	0	0
Meliaceae	<i>Trichilia pallida</i>	catiguá	1	1	0	0	1	0
Meliaceae	<i>Trichilia silvatica</i>		1	0	1	0	1	0
Menispermaceae	<i>Abuta selloana</i>		0	1	0	0	0	0
Menispermaceae	<i>Cissampelos andromorpha</i>		0	1	0	0	0	0
Menispermaceae	<i>Cissampelos pareira</i>		0	1	0	0	0	0
Monimiaceae	<i>Mollinedia boracensis</i>		0	1	0	0	0	0
Monimiaceae	<i>Mollinedia elegans</i>		0	1	0	0	0	0
Monimiaceae	<i>Mollinedia gilgiana</i>		0	1	0	0	0	0
Monimiaceae	<i>Mollinedia luizae</i>		0	1	0	0	0	0
Monimiaceae	<i>Mollinedia micrantha</i>		1	1	0	1	0	0
Monimiaceae	<i>Mollinedia oligantha</i>		1	1	0	1	0	0
Monimiaceae	<i>Mollinedia oligotricha</i>		1	1	0	1	0	0
Monimiaceae	<i>Mollinedia schottiana</i>	pimenteira, capixim	1	1	0	1	1	0
Monimiaceae	<i>Mollinedia triflora</i>	aperta-guela	0	1	0	0	0	0
Monimiaceae	<i>Mollinedia uleana</i>	pimenteira, capixim	1	1	0	1	1	0
Monimiaceae	<i>Mollinedia widgrenii</i>		0	1	0	0	0	0
Moraceae	<i>Brosimum glaziovii</i>		1	0	1	0	1	0
Moraceae	<i>Brosimum guianense</i>	guaricica	1	1	0	0	1	0
Moraceae	<i>Brosimum lactescens</i>		0	1	0	0	0	0
Moraceae	<i>Dorstenia hirta</i>		0	1	0	0	0	0
Moraceae	<i>Ficus enormis</i>		1	1	0	1	1	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Moraceae	<i>Ficus glabra</i>	Figueira	1	1	0	0	1	0
Moraceae	<i>Ficus gomelleira</i>	Gameleira	1	1	0	0	1	0
Moraceae	<i>Ficus guaranitica</i>		1	0	1	0	1	0
Moraceae	<i>Ficus luschnatiana</i>	Figueira	0	1	0	0	0	0
Moraceae	<i>Sorocea bonplandii</i>		1	1	0	1	1	1
Moraceae	<i>Sorocea jureiana</i>		0	1	0	0	0	0
Musaceae	<i>Musa ornata</i>		0	1	0	0	0	0
Myristicaceae	<i>Viola bicuhyba</i>		1	1	0	1	1	0
Myrsinaceae	<i>Ardisia guyanensis</i>		1	1	0	1	0	0
Myrsinaceae	<i>Ardisia martiana</i>		0	1	0	0	0	0
Myrsinaceae	<i>Cybianthus peruvianus</i>		1	1	0	0	0	1
Myrsinaceae	<i>Rapanea ferruginea</i>	capororoça-vermelha, capororoquinha	1	1	0	1	1	0
Myrsinaceae	<i>Rapanea gardneriana</i>		1	1	0	0	1	0
Myrsinaceae	<i>Rapanea guianensis</i>		1	0	1	0	1	1
Myrsinaceae	<i>Rapanea hermogenesii</i>		1	1	0	1	1	1
Myrsinaceae	<i>Rapanea umbellata</i>	capororoça	1	1	0	1	0	1
Myrtaceae	<i>Calycorectes acutatus</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Calycorectes australis</i>	uvaia	1	1	0	1	1	0
Myrtaceae	<i>Calycorectes psidiiflorus</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Calyptranthes grandiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Calyptranthes lanceolata</i>		1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Calyptranthes lucida</i>		1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Calyptranthes obovata</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Campomanesia guaviroba</i>		1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Campomanesia guazumifolia</i>		1	0	1	1	0	0
Myrtaceae	<i>Campomanesia phaea</i>		1	1	0	0	1	0
Myrtaceae	<i>Campomanesia schlechtendaliana</i>	guariroba	0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	guariroba	1	1	0	1	1	0
Myrtaceae	<i>Eugenia bacopari</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia beaurepaireana</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia bocainensis</i>	Jambro	0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia bunchosifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia burkartiana</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia cambucarana</i>	uvaia	1	1	0	0	1	0
Myrtaceae	<i>Eugenia candolleana</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia capitulifera</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia cerasiflora</i>	mamoneira	1	1	0	1	1	0
Myrtaceae	<i>Eugenia cereja</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia convexinervia</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia copacabanensis</i>		1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia cuprea</i>	Murtinha	1	1	0	1	1	0
Myrtaceae	<i>Eugenia florida</i>	guamirim	0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia glomerata</i>	araçá-branco	0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia handroana</i>	Camarinha	0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia involucrata</i>	cerejeira	0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia melanogyna</i>		1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia mosenii</i>	Cuxita	1	1	0	0	1	0
Myrtaceae	<i>Eugenia multicostata</i>	Araça-piranga	1	1	0	0	1	0
Myrtaceae	<i>Eugenia neoglomerata</i>	araçá-branco	1	1	0	1	1	1
Myrtaceae	<i>Eugenia neoverrucosa</i>		1	1	0	0	1	0
Myrtaceae	<i>Eugenia oblongata</i>		1	1	0	0	1	0
Myrtaceae	<i>Eugenia platysema</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia prasina</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia pruinosa</i>		1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia ramiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia riedeliana</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia schuechiana</i>		0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Myrtaceae	<i>Eugenia stictosepala</i>	Mamona	1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia subavenia</i>	Guamirim-miúdo	1	1	0	0	1	0
Myrtaceae	<i>Eugenia umbelliflora</i>	biguaçu, guamirim	0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia verrucosa</i>	guamirim	0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Eugenia xiricana</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Gomidesia affinis</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Gomidesia anacardiaeifolia</i>		1	1	0	1	1	0
Myrtaceae	<i>Gomidesia fenziiana</i>		1	1	0	1	1	1
Myrtaceae	<i>Gomidesia flagellaris</i>		1	1	0	1	1	0
Myrtaceae	<i>Gomidesia riedeliana</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Gomidesia schaueriana</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Gomidesia spectabilis</i>	guamirim-vermelho	1	1	0	1	1	0
Myrtaceae	<i>Gomidesia tijuensis</i>		1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Marlierea eugeniopsoides</i>		1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Marlierea obscura</i>	araçazeiro, guajiripiroca	1	1	0	0	1	0
Myrtaceae	<i>Marlierea parviflora</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Marlierea racemosa</i>		1	1	0	0	1	0
Myrtaceae	<i>Marlierea reitzii</i>	Guamirim-araçá	1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Marlierea suaveolens</i>		1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Marlierea tomentosa</i>		1	1	0	0	1	0
Myrtaceae	<i>Myrceugenia campestris</i>	Guajiripiroca	1	1	0	0	1	0
Myrtaceae	<i>Myrceugenia glaucescens</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Myrceugenia kleinii</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Myrceugenia myrcioides</i>	pau-d'arco	1	1	0	1	1	0
Myrtaceae	<i>Myrceugenia pilotantha</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Myrceugenia seriatoramosa</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Myrcia fallax</i>		1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Myrcia formosiana</i>	Erva-de-pomba	0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Myrcia freyressiana</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Myrcia grandiflora</i>	Murta-peluda	0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Myrcia hatschbachii</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Myrcia heringii</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Myrcia pubipetala</i>		1	1	0	1	1	0
Myrtaceae	<i>Myrcia richardiana</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Myrcia rostrata</i>		1	1	0	1	1	0
Myrtaceae	<i>Myrcia splendens</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Myrcia tenuivenosa</i>		1	1	0	0	1	0
Myrtaceae	<i>Myrciaria floribunda</i>	uvaia	1	1	0	0	1	0
Myrtaceae	<i>Neomitranthes glomerata</i>	guamirim-ferro	0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Neomitranthes obscura</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Pimenta pseudocaryophyllus</i>		0	1	0	0	0	0
Myrtaceae	<i>Plinia complanata</i>		1	1	0	1	1	0
Myrtaceae	<i>Plinia pauciflora</i>		1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Psidium cattleyanum</i>	aracá-amarelo	1	1	0	1	0	0
Myrtaceae	<i>Siphoneugena densiflora</i>	goiabão	0	1	0	0	0	0
Nephrolepidaceae	<i>Nephrolepis rivularis</i>		0	1	0	0	0	0
Nyctaginaceae	<i>Guapira opposita</i>	maria-mole, garaparim-miúdo	1	1	0	1	1	0
Nyctaginaceae	<i>Pisonia ambigua</i>		0	1	0	0	0	0
Ochnaceae	<i>Ouatea multiflora</i>		1	1	0	1	0	0
Ochnaceae	<i>Ouatea parviflora</i>		0	1	0	0	0	0
Ochnaceae	<i>Sauvagesia erecta</i>		0	1	0	0	0	0
Olacaceae	<i>Heisteria silvianii</i>	rapadura	1	1	0	1	1	1
Olacaceae	<i>Tetrastylidium grandifolium</i>		1	1	0	0	1	0
Olacaceae	<i>Ximения americana</i>	limão-bravo	0	1	0	0	0	0
Oleaceae	<i>Chionanthus filiformis</i>	Chifre de carneiro	0	1	0	0	0	0
Onagraceae	<i>Fuchsia regia</i>	Brinco-de-princesa	0	1	0	0	0	0
Onagraceae	<i>Ludwigia octovalvis</i>		0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Orchioglossaceae	<i>Cheiroglossa palmata</i>		0	1	0	0	0	0
Opiliaceae	<i>Agonandra excelsa</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Barbrodria miersii</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Baskervilla paranaensis</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Bifrenaria harrisoniae</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Campylocentrum linearifolium</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Cattleya forbesii</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Cirrhaea dependens</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Cleistes libonii</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Cleistes macrantha</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Dichaea mosenii</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Dichaea pendula</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Dichaea trulla</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Elleanthus brasiliensis</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Encyclia patens</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Encyclia vespa</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Epidendrum armeniacum</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Epidendrum avicula</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Epidendrum elongatum</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Epidendrum latilabre</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Epidendrum parahybunense</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Epidendrum paranaense</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Epidendrum proligerum</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Epidendrum ramosum</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Epidendrum rigidum</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Epidendrum secundum</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Epidendrum strobiliferum</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Eulophia alta</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Eurystyles actinosophila</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Gomesa recurva</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Gongora bufonia</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Habenaria parviflora</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Huntleya meleagris</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Isochilus linearis</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Lankesterella ceracifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Leptotes bicolor</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Maxillaria brasiliensis</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Maxillaria cerifera</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Maxillaria leucaimata</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Maxillaria notyloglossa</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Maxillaria ochroleuca</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Maxillaria parviflora</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Maxillaria picta</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Maxillaria rigida</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Octomeria diaphana</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Octomeria gracilis</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Octomeria grandiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Octomeria juncifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Oeceoclades maculata</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Oncidium edwallii</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Oncidium fimbriatum</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Oncidium flexuosum</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Oncidium hookeri</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Ornithophora radicans</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Phymatidium falcifolium</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Phymatidium hysterantherum</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Pleurothallis carinifera</i>		0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Orchidaceae	<i>Pleurothallis deregularis</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Pleurothallis grobyi</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Pleurothallis hians</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Pleurothallis hypnicola</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Pleurothallis lineolata</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Pleurothallis marginalis</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Pleurothallis obovata</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Pleurothallis punctatifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Pleurothallis saundersiana</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Pleurothallis serpentula</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Pleurothallis transparentis</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Pleurothallis trifida</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Polystachya estrellensis</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Prescottia oligantha</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Prosthechea glumacea</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Reichenbachanthus emarginatus</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Rodriguesia venusta</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Rodrigueziopsis eleutherosepala</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Scaphyglottis modesta</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Stelis calotricha</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Stenorhynchos(Limodorum) lanceolatus</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Xylobium variegatum</i>		0	1	0	0	0	0
Orchidaceae	<i>Zygopetalum maxillare</i>		0	1	0	0	0	0
Oxalidaceae	<i>Oxalis cytisoides</i>		0	1	0	0	0	0
Oxalidaceae	<i>Oxalis hirsutissima</i>		0	1	0	0	0	0
Passifloraceae	<i>Passiflora alata</i>		0	1	0	0	0	0
Passifloraceae	<i>Passiflora jilekii</i>		0	1	0	0	0	0
Passifloraceae	<i>Passiflora loefgrenii</i>		0	1	0	0	0	0
Pentaphragmaceae	<i>Ternstroemia brasiliensis</i>		1	1	0	1	0	0
Phyllanthaceae	<i>Hyeronima alchorneoides</i>	urucurana	1	1	0	1	1	1
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus corcovadensis</i>		0	1	0	0	0	0
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus lathyroides</i>		0	1	0	0	0	0
Phytollaceae	<i>Gallesia integrifolia</i>		1	0	1	0	1	0
Phytollaceae	<i>Phytolacca dioica</i>	Umbueiro	0	1	0	0	0	0
Phytollaceae	<i>Seguiera floribunda</i>		0	1	0	0	0	0
Picramniaceae	<i>Picramnia gardneri</i>		1	1	0	1	0	0
Picramniaceae	<i>Picramnia ramiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Peperomia alata</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Peperomia catharinae</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Peperomia corcovadensis</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Peperomia glabella</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Peperomia obtusifolia</i>	Erva-de-vidro	0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Peperomia pereskiaifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Peperomia rotundifolia</i>	Erva-de-vidro	0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Peperomia tetraphylla</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Peperomia urocarpa</i>	Erva-de-vidro	0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Piper aduncum</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Piper amplum</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Piper arboreum</i>		1	1	0	1	1	0
Piperaceae	<i>Piper caldense</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Piper cernuum</i>		1	1	0	1	0	0
Piperaceae	<i>Piper chimonanthifolium</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Piper dilatatum</i>		1	1	0	0	1	0
Piperaceae	<i>Piper gaudichaudianum</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Piper hispidum</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Piper mollicomum</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Piper pseudopothifolium</i>		0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Piperaceae	<i>Piper rivinoides</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Piper setebarraense</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Piper solmsianum</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Pothomorphe umbellata</i>		0	1	0	0	0	0
Piperaceae	<i>Sarcobachis obtusa</i>		0	1	0	0	0	0
Plantaginaceae	<i>Scoparia dulcis</i>		0	1	0	0	0	0
Plantaginaceae	<i>Stemodia trifoliata</i>		0	1	0	0	0	0
Plantaginaceae	<i>Stemodia vandelliooides</i>		0	1	0	0	0	0
Poaceae	<i>Chusquea olygophylla</i>		0	1	0	0	0	0
Poaceae	<i>Guadua tagoara</i>		1	1	0	1	0	0
Poaceae	<i>Homolepis glutinosa</i>		0	1	0	0	0	0
Poaceae	<i>Homolepis villaricensis</i>		0	1	0	0	0	0
Poaceae	<i>Olyra glaberrima</i>		0	1	0	0	0	0
Poaceae	<i>Panicum pilosum</i>		0	1	0	0	0	0
Poaceae	<i>Paspalum regnellii</i>		0	1	0	0	0	0
Podocarpaceae	<i>Podocarpus sellowii</i>	pinho-bravo	1	1	0	0	0	1
Polygalaceae	<i>Polygala paniculata</i>		0	1	0	0	0	0
Polygalaceae	<i>Securidaca lanceolata</i>		0	1	0	0	0	0
Polygonaceae	<i>Coccoloba alnifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Polygonaceae	<i>Coccoloba fastigiata</i>		0	1	0	0	0	0
Polygonaceae	<i>Coccoloba glaziovii</i>		1	1	0	1	0	0
Polygonaceae	<i>Coccoloba martii</i>		0	1	0	0	0	0
Polygonaceae	<i>Coccoloba warmingii</i>		1	1	0	1	0	0
Polygonaceae	<i>Ruprechtia laxiflora</i>		1	0	1	1	1	0
Polypodiaceae	<i>Campyloneurum acrocarpon</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Campyloneurum minus</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Campyloneurum nitidum</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Campyloneurum rigidum</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Dicranoglossum furcatum</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Microgramma geminata</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Microgramma percursa</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Microgramma tecta</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Microgramma vacciniifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Pecluma recurvata</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Pecluma truncorum</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Pleopeltis angusta</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Pleopeltis astrolepis</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Polypodium catharinae</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Polypodium chnoophorum</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Polypodium fraxinifolium</i>		0	1	0	0	0	0
Polypodiaceae	<i>Polypodium hirsutissimum</i>		0	1	0	0	0	0
Proteaceae	<i>Euplassa legalis</i>		1	0	1	1	0	0
Proteaceae	<i>Roupala brasiliensis</i>		1	1	0	1	1	0
Proteaceae	<i>Roupala sculpta</i>		1	1	0	1	0	0
Pteridaceae	<i>Pityrogramma calomelanos</i>		0	1	0	0	0	0
Pteridaceae	<i>Pteris decurrens</i>		0	1	0	0	0	0
Quiinaceae	<i>Quiina glaziovii</i>		1	1	0	0	1	0
Quiinaceae	<i>Quiina magellano-gomezii</i>		1	1	0	0	1	0
Rosaceae	<i>Prunus myrtifolia</i>	pessegueiro-bravo	1	1	0	1	0	1
Rosaceae	<i>Rubus brasiliensis</i>		0	1	0	0	0	0
Rosaceae	<i>Rubus rosifolius</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Alibertia concolor</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Alibertia macrophylla</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Alibertia myrcifolia</i>	marmelinho ?	1	1	0	1	0	0
Rubiaceae	<i>Alseis floribunda</i>	tarumã, armação-de-serra	1	1	0	1	1	0
Rubiaceae	<i>Amaioua intermedia</i>	guapeva fraca, carvoeiro	1	1	0	1	1	1
Rubiaceae	<i>Bathysa australis</i>		1	1	0	1	1	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Rubiaceae	<i>Borreria alata</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Borreria palustris</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Borreria remota</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Borreria verticillata</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Chomelia barbellata</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Chomelia brasiliiana</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Chomelia catharinae</i>		1	1	0	1	1	1
Rubiaceae	<i>Coccocypselum hasslerianum</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Coccocypselum krauseanum</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Coccocypselum lanceolatum</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Coussarea contracta</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Coutarea hexandra</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Emmeorrhiza umbellata</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Faramea montevidensis</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Faramea multiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Galianthe brasiliensis</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Galium hypocarpium</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Geophila repens</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Hillia illustris</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Ixora brevifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Ixora burchelliana</i>	Guatambu	0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Ixora heterodoxa</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Palicourea marcgravii</i>		1	0	1	1	0	0
Rubiaceae	<i>Posoqueria latifolia</i>	baga-de-macaco	1	1	0	1	1	1
Rubiaceae	<i>Psychotria astrelantha</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Psychotria chaenotricha</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Psychotria forsteronioides</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Psychotria leiocarpa</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Psychotria malaneoides</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Psychotria mapouroides</i>	Caixeta	1	1	0	0	1	0
Rubiaceae	<i>Psychotria nemorosa</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Psychotria nuda</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Psychotria pubigera</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Psychotria sessilis</i>		1	1	0	1	0	0
Rubiaceae	<i>Psychotria stachyoides</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Psychotria suterella</i>	Erva-de-anta	1	1	0	1	1	0
Rubiaceae	<i>Psychotria umbellata</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Psychotria velloziana</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Randia armata</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Rudgea jasminoides</i>	Guatambú	1	1	0	1	1	0
Rubiaceae	<i>Rudgea recurva</i>	Guatambuzinho	0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Sabicea villosa</i>		0	1	0	0	0	0
Rubiaceae	<i>Simira corumbensis</i>		1	1	0	0	1	0
Rutaceae	<i>Esenbeckia grandiflora</i>	Guaxupita	1	1	0	1	0	1
Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i>	mamica-de-porca	1	1	0	1	1	0
Sabiaceae	<i>Meliosma glaziovii</i>		0	1	0	0	0	0
Sabiaceae	<i>Meliosma sellowii</i>	pau-macuco, manangá ?	1	1	0	1	1	0
Sabiaceae	<i>Meliosma sinuata</i>	Perinha	1	1	0	1	0	0
Salicaceae	<i>Casearia decandra</i>	conguinho	1	1	0	1	1	0
Salicaceae	<i>Casearia obliqua</i>	pau-de-lagarto	1	1	0	1	1	0
Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i>	lagarteira, guaçatonga, café-de-bugre	1	1	0	1	1	0
Salicaceae	<i>Xylosma ciliatifolium</i>		0	1	0	0	0	0
Salicaceae	<i>Xylosma glaberrimum</i>	Espinho-de-Judeu	0	1	0	0	0	0
Salicaceae	<i>Xylosma pseudosalzmannii</i>	espinho-de-cacho	0	1	0	0	0	0
Santalaceae	<i>Phoradendron fragile</i>	Erva-de-passarinho	0	1	0	0	0	0
Sapindaceae	<i>Allophylus edulis</i>	baga-de-mocego,	0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
		vacunzeiro						
Sapindaceae	<i>Allophylus petiolulatus</i>		1	1	0	1	1	0
Sapindaceae	<i>Cupania emarginata</i>		0	1	0	0	0	0
Sapindaceae	<i>Cupania oblongifolia</i>		1	1	0	1	1	1
Sapindaceae	<i>Cupania vernalis</i>	camboatã, arco-de-peneira	1	1	0	1	0	0
Sapindaceae	<i>Cupania zanthoxyloides</i>		0	1	0	0	0	0
Sapindaceae	<i>Dodonaea viscosa</i>	erva-de-veado	0	1	0	0	0	0
Sapindaceae	<i>Matayba elaeagnoides</i>	camboatã-branco, cuvantã	0	1	0	0	0	0
Sapindaceae	<i>Matayba guianensis</i>	camboatã	1	1	0	1	1	1
Sapindaceae	<i>Matayba juglandifolia</i>		1	1	0	1	1	0
Sapindaceae	<i>Paullinia carpopodea</i>		0	1	0	0	0	0
Sapindaceae	<i>Paullinia meliifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Sapindaceae	<i>Paullinia trigonia</i>		0	1	0	0	0	0
Sapindaceae	<i>Serjania communis</i>		0	1	0	0	0	0
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum flexuosum</i>	bujueiro	1	1	0	0	0	0
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum gonocarpum</i>		1	1	0	1	1	0
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum inornatum</i>		1	1	0	1	1	0
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum viride</i>		1	1	0	0	1	0
Sapotaceae	<i>Diploon cuspidatum</i>	guapicirica, guapevinha	1	1	0	1	0	0
Sapotaceae	<i>Ecclinusa ramiflora</i>	guacá-de-leite	1	1	0	1	1	0
Sapotaceae	<i>Micropholis crassipedicellata</i>	grumixava, gumbijava	1	1	0	1	1	0
Sapotaceae	<i>Pouteria bullata</i>	guapeva	1	1	0	1	1	0
Sapotaceae	<i>Pouteria caimito</i>	guapeva	1	1	0	1	1	0
Sapotaceae	<i>Pouteria macrophylla</i>		0	1	0	0	0	0
Sapotaceae	<i>Pouteria psammophila</i>		1	1	0	1	1	0
Sapotaceae	<i>Pouteria ramiflora</i>	guapeva	0	1	0	0	0	0
Sapotaceae	<i>Pouteria torta</i>	guapeva	0	1	0	0	0	0
Sapotaceae	<i>Pradosia lactescens</i>		0	1	0	0	0	0
Schizaeaceae	<i>Anemia phyllitidis</i>		0	1	0	0	0	0
Schizaeaceae	<i>Lygodium volubile</i>		0	1	0	0	0	0
Schlegeliaceae	<i>Schlegelia parviflora</i>		0	1	0	0	0	0
Schlegeliaceae	<i>Schlegelia ramizii</i>		0	1	0	0	0	0
Scrophulariaceae	<i>Buddleja stachyoides</i>		0	1	0	0	0	0
Selaginellaceae	<i>Selaginella contigua</i>		0	1	0	0	0	0
Selaginellaceae	<i>Selaginella flexuosa</i>		0	1	0	0	0	0
Simaroubaceae	<i>Picramnia glazioviana</i>		1	0	1	1	0	0
Smilacaceae	<i>Smilax spicata</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Acnistus arborescens</i>	Espora-de-galo	1	1	0	0	1	0
Solanaceae	<i>Athenaea micrantha</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Aureliana fasciculata</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Brunfelsia pauciflora</i>		1	1	0	1	0	0
Solanaceae	<i>Capsicum recurvatum</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Cestrum amictum</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Cestrum intermedium</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Cestrum schlechtendalii</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Cyphomandra divaricata</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Dysochroma viridiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Sessea brasiliensis</i>		1	0	1	0	1	0
Solanaceae	<i>Solanum angustifolium</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Solanum argenteum</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Solanum bullatum</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Solanum cinnamomeum</i>	fruta-de-porco	0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Solanum concinnum</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Solanum excelsum</i>		1	1	0	1	0	0
Solanaceae	<i>Solanum mauritianum</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Solanum megalochyton</i>		0	1	0	0	0	0

Família	Espécie	Nome Popular	Fonte			Fisionomia		
			P	S	NC	FOD M	FOD SM	FP
Solanaceae	<i>Solanum piluliferum</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Solanum pseudoquina</i>	quina-de-São-Paulo	1	1	0	0	1	0
Solanaceae	<i>Solanum ramulosum</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Solanum rufescens</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Solanum swartzianum</i>		1	1	0	0	1	0
Solanaceae	<i>Solanum vaillantii</i>		0	1	0	0	0	0
Solanaceae	<i>Solanum wacketii</i>		0	1	0	0	0	0
Styracaceae	<i>Styrax acuminatus</i>		0	1	0	0	0	0
Symplocaceae	<i>Symplocos celastrinea</i>	cafeeiro-bravo ?	0	1	0	0	0	0
Symplocaceae	<i>Symplocos falcata</i>	cafeeiro-bravo ?	0	1	0	0	0	0
Symplocaceae	<i>Symplocos glanduloso-marginata</i>		1	1	0	0	0	1
Symplocaceae	<i>Symplocos laxiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Symplocaceae	<i>Symplocos variabilis</i>	cafeeiro-bravo ?	1	1	0	1	1	0
Tectariaceae	<i>Ctenitis pedicellata</i>		0	1	0	0	0	0
Tectariaceae	<i>Tectaria incisa</i>		0	1	0	0	0	0
Ternstroemiaceae	<i>Gordonia fruticosa</i>		1	1	0	1	0	0
Thelypteridaceae	<i>Thelypteris decussata</i>		0	1	0	0	0	0
Thelypteridaceae	<i>Thelypteris opposita</i>		0	1	0	0	0	0
Thelypteridaceae	<i>Thelypteris ptarmica</i>		0	1	0	0	0	0
Thelypteridaceae	<i>Thelypteris raddii</i>		0	1	0	0	0	0
Thymeleaceae	<i>Daphnopsis gemmiflora</i>		1	0	1	1	1	0
Thymeleaceae	<i>Daphnopsis schwackeana</i>		0	1	0	0	0	0
Ulmaceae	<i>Trema micrantha</i>		1	1	0	0	1	0
Urticaceae	<i>Boehmeria caudata</i>		0	1	0	0	0	0
Urticaceae	<i>Cecropia glaziovii</i>		1	1	0	1	1	0
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachia</i>		1	0	1	0	1	0
Urticaceae	<i>Coussapoa microcarpa</i>	figueira-preta, mata-pau	1	1	0	1	1	0
Urticaceae	<i>Pourouma guianensis</i>	Báubu, embaurana	1	1	0	0	0	0
Urticaceae	<i>Urera baccifera</i>	Urtigão	0	1	0	0	0	0
Urticaceae	<i>Urera mitis</i>		1	0	1	0	1	0
Urticaceae	<i>Urera nitida</i>	Urtiga	0	1	0	0	0	0
Valerianaceae	<i>Valeriana scandens</i>		0	1	0	0	0	0
Verbenaceae	<i>Citharexylum myrianthum</i>	tucaneiro	0	1	0	0	0	0
Verbenaceae	<i>Lantana trifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis</i>		0	1	0	0	0	0
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta polyura</i>		0	1	0	0	0	0
Verbenaceae	<i>Verbena rigida</i>		0	1	0	0	0	0
Violaceae	<i>Amphirrhox longifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Violaceae	<i>Anchietea pyrifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Violaceae	<i>Noisettia orchidiflora</i>		0	1	0	0	0	0
Vitaceae	<i>Cissus stipulata</i>		0	1	0	0	0	0
Vitaceae	<i>Cissus verticillata</i>		0	1	0	0	0	0
Vittariaceae	<i>Hecistopteris pumila</i>		0	1	0	0	0	0
Vittariaceae	<i>Polytaenium cajenense</i>		0	1	0	0	0	0
Vittariaceae	<i>Radiovittaria stipitata</i>		0	1	0	0	0	0
Vittariaceae	<i>Vittaria lineata</i>		0	1	0	0	0	0
Vittariaceae	<i>Vittaria graminifolia</i>		0	1	0	0	0	0
Vochysiaceae	<i>Drymis winterii</i>	casca-d'anta, cataia	1	1	0	0	0	1
Vochysiaceae	<i>Vochysia selloi</i>		0	1	0	0	0	0
Woodsiaceae	<i>Diplazium cristatum</i>		0	1	0	0	0	0
Xyridaceae	<i>Xyris jupicai</i>		0	1	0	0	0	0
Zingiberaceae	<i>Hedychium coronarium</i>		0	1	0	0	0	0
Zingiberaceae	<i>Renalmia petasites</i>	capitiu	0	1	0	0	0	0
Total			264	1084	29	186	179	47

ANEXO 7

Espécies de Invertebrados com Ocorrência Registrada

Espécies de invertebrados registradas nos levantamentos de dados secundários

Classe	Ordem	Família	Gênero	Espécie
Arachnida	Araneae	Theraphosidae	<i>Vitalius</i>	<i>Vitalius sorocabae</i>
Arachnida	Araneae	Selenopidae	<i>Selenops</i>	<i>Selenops occultus</i>
Arachnida	Araneae	Corinnidae	<i>landuba</i>	<i>landuba varia</i>
Arachnida	Araneae	Pholcidae	<i>Mesabolivar</i>	<i>Mesabolivar luteus</i>
Arachnida	Araneae	Theridiidae	<i>Chrosiothes</i>	<i>Chrosiothes niteroi</i>
Arachnida	Araneae	Araneidae	<i>Alpaida</i>	<i>Alpaida scriba</i>
Arachnida	Araneae	Ctenidae	<i>Phoneutria</i>	<i>Phoneutria sp.</i>
Arachnida	Araneae	Salticidae	<i>Coryphasia</i>	<i>Coryphasia sp.</i>
Arachnida	Araneae	Corinnidae	<i>Corinna</i>	<i>Corinna sp.</i>
Arachnida	Araneae	Sparassidae	Indeterminado	sp.
Arachnida	Araneae	Theridiidae	Indeterminado	sp.
Arachnida	Scorpiones	Buthidae	<i>Tityus</i>	<i>Tityus bahiensis</i>
Crustacea	Decapoda	Aegidae	<i>Aegla</i>	<i>Aegla schmitti</i>
Crustacea	Decapoda	Trichodactylidae	<i>Trichodactylus</i>	<i>Trichodactylus fluviatilis</i>
Insecta	Hymenoptera	Formicidae	<i>Megalomyrmex</i>	<i>Megalomyrmex iheringi</i>

ANEXO 8

Espécies de Peixes com Ocorrência Registrada

Espécies de peixes encontradas na bacia do Rio Ribeira de Iguape, identificados por presença por UC (PECB, PEI e PETAR), segundo Oyakawa et al (2006)

Fonte de Informação: P - Dados primários, S - Dados secundários.

Status: Ameaçada (A), Vulnerável (VU), Provavelmente ameaçada (PA), Risco baixo (LR), Próximo de ameaça (NT), Dados deficientes (DD)

São Paulo: Lista de Espécies Ameaçadas do Estado de São Paulo, 1998; BR: IBAMA - Lista de espécies ameaçadas, 2003 (não consta na lista); IUCN: International Union for Conservation of Nature, 2004.

Taxon	UC	Fonte de Informação	Status			Exótica/ Endêmica
			SP	BR	IUCN	
Synbranchiformes						
Synbranchidae						
<i>Synbranchus marmoratus</i>	PECB	S				
Gymnotiformes						
Gymnotidae						
<i>Gymnotus carapo</i>	PEI	S				
<i>Gymnotus silvius</i>	PETAR	S				
Siluriformes						
Callichthyidae						
<i>Hoplosternum littorale</i>	PETAR	S				exo
<i>Corydoras mattereri</i>	PETAR	S				
<i>Scleromystax barbatus</i>	PECB PEI PETAR	S				
Loriicaridae						
<i>Parotocinclus maculicauda</i>	PECB PEI PETAR	S				end**
<i>Shizolecis guntheri</i>	PECB	S				end
<i>Hisonotus gibbosus</i>	PECB PEI PETAR	S				end*
<i>Hisonotus leucofenatus</i>	PECB PEI PETAR	S				end*
<i>Hypostomus interruptus</i>	PEI PETAR	S				end*
<i>Neoplecostomus paranensis</i>	PECB	S				
<i>Neoplecostomus ribeirensis</i>	PEI PETAR	S				end*
<i>Isbrueckerichthys alipionis</i>	PECB PEI PETAR	S				end*
<i>Isbrueckerichthys duseni</i>	PECB PEI PETAR	S				end*
<i>Kronichthys lacerta</i>	PECB PEI	S				end**
<i>Kronichthys subteres</i>	PECB	S				end*
<i>Harttia kronei</i>	PECB PEI PETAR	S				end*
<i>Rineloricaria sp.</i>	PECB PEI PETAR	S				
Trichomycteridae						
<i>Ituglanus proops</i>	PECB PEI PETAR	S				end*
<i>Trichomycterus davisi</i>	PECB PEI	S				
<i>Trichomycterus sp.</i>	PECB	S				
<i>Trichomycterus zonatus</i>	PECB PEI	S				end**
<i>Microcambeva ribeirae</i>	PECB	S				end*
Pseudopimelodidae						
<i>Microglanis cottoides</i>	PECB PEI PETAR	S				
Heptapteridae						
<i>Acentronichthys leptos</i>	PECB PEI	S				end**
<i>Imparfinis sp.</i>	PECB PETAR	S				
<i>Pimelodella kronei</i>	PETAR	S		VU	DD	end cavernícola
<i>Pimelodella transitória</i>	PECB PEI	S				end*

<i>Rhamdia quelen</i>	PECB PEI PETAR	S	
<i>Rhamdioglanis transfasciatus</i>	PECB PETAR	S	end*
<i>Chasmocranus lopezi</i>	PEI PETAR	S	end**
Perciformes			
Cichlidae			
<i>Geophagus iporangensis</i>	PECB PEI PETAR	S	end*
<i>Cichlasoma facetum</i>	PECB PETAR	S	end**
<i>Crenicichla</i> sp.	PEI	S	end*
Characiformes			
Characidae			
<i>Astyanax janeiroensis</i>	PECB PEI	S	
<i>Astyanax ribeirae</i>	PECB PEI PETAR	S	end*
<i>Astyanax</i> sp. 1	PETAR	S	end*
<i>Astyanax</i> sp. 2	PECB PETAR	S	end*
<i>Astyanax</i> sp. 3	PECB PETAR	S	end*
<i>Bryconamericus icrocephalus</i>	PECB PETAR	S	end*
<i>Deuterodon iguape</i>	PECB PEI PETAR	S	end**
<i>Hyphessobrycon bifasciatus</i>	PECB	S	
<i>Hyphessobrycon reticulatus</i>	PEI	S	
<i>Mimagoniates microlepis</i>	PEI	S	end**
<i>Probolodus heterostomus</i>	PEI	S	
<i>Oligosarcus hepsetus</i>	PECB PETAR	S	end**
<i>Oligosarcus paranensis</i>	PECB	S	
Crenuchidae			
<i>Characidium pterostictum</i>	PECB PEI PETAR	S	end**
<i>Characidium japuhybense</i>	PETAR	S	end**
<i>Characidium schubarti</i>	PEI	S	
<i>Characidium lauroi</i>	PECB PETAR	S	
<i>Characidium lanei</i>	PECB	S	end**
Erythrinidae			
<i>Hoplias malabaricus</i>	PECB PEI PETAR	S	
Cyprinodontiformes			
Poeciliidae			
<i>Phalloceros caudimaculatus</i>	PECB PEI PETAR	S	

* bacia do rio Ribeira de Iguape ** bacias costeiras – fonte: Oyakawa et al (2006)

ANEXO 9

Espécies da Herpetofauna com Ocorrência Registrada

Espécies de anfíbios e répteis que ocorrem no PECB

Fonte de Informação: P - Dados primários, S - Dados secundários.

Status: A (ameaçado), VU (vulnerável), PA (provavelmente ameaçado);

Fisionomias Vegetacionais: FODM (Floresta ombrófila densa montana), FODS (Floresta ombrófila densa submontana), FODTB (Floresta ombrófila densa de terras baixas), FODA (Floresta ombrófila densa aluvial).

Taxons		Fonte de Informação	Fisionomias Vegetais	Status		
Família	Espécie			SP	BR	UI
Ordem Anura						
Amphignathodontidae	<i>Flectonotus cf. fissilis</i>	P	FODM, FODS, FODTB			
	<i>Flectonotus ohausi</i>	P	FODM			PA
	<i>Gastrotheca microdiscus</i>	P	FODM, FODS, FODTB			PA
Brachycephalidae	<i>Brachycephalus</i> sp.	P	FODM			
	<i>Eleutherodactylus binotatus</i>	P,S	FODM, FODA			
	<i>Eleutherodactylus gr. parvus</i>	P	FODM			
	<i>Eleutherodactylus guentheri</i>	P,S	FODM, FODA			
	<i>Eleutherodactylus spanios</i>	P	FODM			PA
Bufonidae	<i>Chaunus ictericus</i>	P,S	FODM, FODA FODM, FODS, FODA, FODTB			
	<i>Chaunus ornatus</i>	P,S				
	<i>Dendrophryniscus brevipollicatus</i>	P,S	FODM, FODS, FODA			
	<i>Rhinella margaritifera</i> <i>Hyalinobatrachium uranoscopum</i>	S				
Centrolenidae		P,S	FODM, FODA			PA
Cycloramphidae	<i>Cycloramphus acangatan</i>	P	FODM, FODA			
	<i>Cycloramphus</i> sp.	P	FODS			
	<i>Macrogenioglottus alipioi</i>	P,S	FODM, FODA			
	<i>Proceratophrys boiei</i>	P,S	FODM, FODA			
Hylidae	<i>Aplastodiscus albosignatus</i>	P,S	FODM, FODA			
	<i>Bokermannohyla astartea</i>	P	FODM, FODA			
	<i>Bokermannohyla cf. luctuosa</i>	P	FODM			
	<i>Bokermannohyla gr. circumdata</i>	P,S	FODM, FODS			
	<i>Bokermannohyla hylax</i>	P,S	FODM			
	<i>Dendropsophus cf. berthelutzae</i>	P	FODS			
	<i>Dendropsophus elegans</i>	P,S	FODM, FODS			
	<i>Dendropsophus giesleri</i>	P,S	FODM, FODS			
	<i>Dendropsophus microps</i>	P,S	FODM			
	<i>Dendropsophus minutus</i>	P,S	FODM			
	<i>Dendropsophus sanborni</i>	P				
	<i>Dendropsophus seniculus</i>	P,S	FODM			
	<i>Dendropsophus wernerii</i>	P	FODS, FODTB			
	<i>Hypsiboas albomarginatus</i>	P,S	FODA			
	<i>Hypsiboas albopunctatus</i>	P,S				
	<i>Hypsiboas bichoffi</i>	P,S	FODM, FODS, FODA, FODTB			
	<i>Hypsiboas faber</i>	P,S	FODM			
	<i>Hypsiboas pardalis</i>	P,S	FODM			

	<i>Hypsiboas politaenus</i>	S		
	<i>Hypsiboas prasinus</i>	P,S		
	<i>Hypsiboas semilineatus</i>	P	FODS, FODTB	
	<i>Phasmahyla cochranæ</i>	P	FODM	
	<i>Phyllomedusa distincta</i>	P,S	FODM, FODS	
	<i>Scinax aff. alter</i>	P	FODS	
	<i>Scinax alter</i>	P,S	FODM	
	<i>Scinax cf. eurydice</i>	P		
	<i>Scinax cf. fuscomarginatus</i>	P,S		
	<i>Scinax crospedospilus</i>	P	FODA	
	<i>Scinax fuscovarius</i>	P,S		
	<i>Scinax gr. catharinae</i>	P	FODM	
	<i>Scinax gr. perpusillus</i>	P,S	FODM, FODS	
	<i>Scinax hayii</i>	P,S	FODA	
	<i>Scinax littoralis</i>	P,S	FODS, FODTB	
	<i>Scinax rizibilis</i>	P,S	FODM	
	<i>Scinax sp.1</i>	P	FODS	
	<i>Trachycephalus lepidus</i>	P	FODM	
Hylodidae	<i>Hylodes cf. asper</i>	P	FODM	
	<i>Hylodes gr. lateristrigatus</i>	P,S	FODM	
	<i>Hylodes phyllodes</i>	S		
	<i>Crossodactylus caramaschii</i>	P,S	FODM, FODA	
Leiuperidae				
	<i>Physalaemus curvieri</i>	S		
	<i>Physalaemus moreirae</i>	S		
	<i>Physalaemus olfersii</i>	P,S	FODM,FODA	
	<i>Physalaemus spiniger</i>	P	FODS, FODTB	
Leptodactylidae	<i>Leptodactylus cf. marmoratus</i>	P,S	FODM, FODS, FODTB	
	<i>Leptodactylus flavopictus</i>	P,S	FODM, FODA	
	<i>Leptodactylus fuscus</i>	P,S		
	<i>Leptodactylus notoaktites</i>	P,S		
	<i>Leptodactylus ocellatus</i>	P,S		
	<i>Paratelmatobius sp.</i>	P,S	FODM, FODA	
Microhylidae	<i>Chiasmocleis leucosticta</i>	P,S	FODA	
	<i>Myersiella microps</i>	P,S	FODM, FODA	
Ordem Gymnophiona				
Caeciliidae	<i>Siphonops sp.</i>	P,S	FODM	
Ordem Lacertilia				
Anguidae	<i>Ophiodes striatus</i>	S		
Gekkonidae	<i>Hemidactylus mabuya</i>	P,S	Exótica	
Gymnophthalmidae	<i>Cercosaura schreibersii</i>	S		
	<i>Colobodactylus taunayi</i>	P,S	FODM	PA
	<i>Placosoma glabellum</i>	P,S	FODM	
Leiosauridae	<i>Anisolepis grilli</i>	S		
	<i>Enyalius iheringi</i>	P,S	FODM, FODA	
Scincidae	<i>Mabuya dorsivittata</i>	P,S		
Teiidae	<i>Tupinambis merianae</i>	P,S		VU
Ordem Serpentes				
Colubridae	<i>Apostolepis assimilis</i>	S		
	<i>Atractus trihedrurus</i>	S		
	<i>Chironius exoletus</i>	P,S		
	<i>Chironius foveatus</i>	S		

	<i>Echinanthera bilineata</i>	P,S	FODM	
	<i>Echinanthera cephalostriata</i>	P	FODM	
	<i>Echinanthera affinis</i>	P,S	FODM	
	<i>Echinanthera undulata</i>	P	FODM	
	<i>Echinanthera persimilis</i>	P,S	FODM	PA
	<i>Liophis typhlus</i>	P,S	FODM	
	<i>Oxyrhopus clathratus</i>	P,S	FODM	
	<i>Spilotes pullatus</i>	P,S	FODM, FODA, FODS	
	<i>Sibynomorphus neuwiedi</i>	P,S	FORM	
	<i>Thamnodynastes cf. hypoconia</i>	S		
	<i>Xenodon neuwiedi</i>	S		
	<i>Waglerophis merremii</i>	S		
Elapidae	<i>Micrurus corallinus</i>	P,S	FODS	
	<i>Micrurus lemniscatus</i>	S		
Viperidae	<i>Bothrops jaracussu</i>	P		
	<i>Bothrops jararaca</i>	P,S	FODM	
Tropidophiidae	<i>Tropidophis paucisquamis</i>	P,S	FODM, FODA	PA
Ordem Testudines				
Chelidae	<i>Hydromedusa maximiliani</i>	P,S	FODM, FODA	VU

ANEXO 10

Espécies da Avifauna com Ocorrência Registrada

Lista total de espécies de aves com ocorrência constatada no Parque Estadual Carlos Botelho e na Estação Ecológica de Xitué (*)

Fonte de Informação: P - Dados primários, S - Dados secundários.

Fisionomias Vegetais: AB - açudes e brejos; FM - Floresta Ombrófila Densa Montana; FS - Floresta Ombrófila Densa Submontana e das Terras Baixas; PG - áreas antropizadas tais como jardins, pomares, gramados e capoeiras ralas; R - margens de riachos; T - taquarais. FM e FS incluem clareiras e bordas.

Status: SP = espécies ameaçadas no Estado de São Paulo (Governo do Estado de São Paulo – Secretaria do Meio Ambiente, 1998); BR = espécies nacionalmente ameaçadas (IBAMA, 2003); UICN = espécies globalmente ameaçadas (UICN, 2006); Criticamente em perigo (CR); Em perigo (EN); Vulnerável.

(*) O levantamento de avifauna foi feito simultaneamente no PECB e na Estação Ecológica de Xitué e os dados foram consolidados de forma conjunta na tabela abaixo.

Táxons	Nome Popular	Fonte	Fisionomias Vegetais	Status		
				SP	BR	UICN
Tinamiformes						
Tinamidae						
<i>Tinamus solitarius</i> (Vieillot, 1819)*	macuco	P	FM FS	VU		
<i>Crypturellus obsoletus</i> (Temminck, 1815)*	inhambu-guaçu	P	FM FS			
<i>Crypturellus noctivagus</i> (Wied, 1820)	zabelê	P	FS	CR	VU	
<i>Crypturellus tataupa</i> (Temminck, 1815)	inhambu-chintã	S	FM FS			
Anseriformes						
Anatidae						
<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	ananaí	S	AB			
Galliformes						
Cracidae						
<i>Penelope obscura</i> Temminck, 1815	jacuguaçu	P	FM FS			
<i>Aburria jacutinga</i> (Spix, 1825)*	jacutinga	P	FM FS	CR	EN	EN
Odontophoridae						
<i>Odontophorus capueira</i> (Spix, 1825)	uru-capueira	P	FM FS			
Podicipediformes						
Podicipedidae						
<i>Tachybaptus dominicus</i> (Linnaeus, 1766)	mergulhão-pompom	S	AB			
Ciconiiformes						
Ardeidae						
<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)	garça-vaqueira	P	PG			
<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	socozinho	S	AB			
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	garça-branca-grande	P	AB			
<i>Syrigma sibilatrix</i> (Temminck, 1824)	maria-faceira	P	PG			
<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	garcinha-branca	S	AB			
Threskiornithidae						
<i>Theristicus caudatus</i> (Boddaert, 1783)	curicaca-comum	P	PG			
Cathartiformes						
Cathartidae						
<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-de-cabeça-vermelha	P	FM FS PG			

Táxons	Nome Popular	Fonte	Fisionomias Vegetais	Status
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	urubu-preto	P	FM FS PG	
Falconiformes				
Accipitridae				
<i>Leptodon cayanensis</i> (Latham, 1790)	gavião-de-cabeça-cinza		FM FS	
<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-tesoura	S	FM FS	
<i>Harpagus diodon</i> (Temminck, 1823)	gavião-bombachinha	S	FM FS	
<i>Accipiter superciliosus</i> (Linnaeus, 1766)	gavião-miudinho	S	FM FS	
<i>Accipiter striatus</i> Vieillot, 1808	gavião-miúdo	S	FM FS	
<i>Accipiter bicolor</i> (Vieillot, 1817)	gavião-bombacha	S	FM FS	
<i>Leucopternis lacernulatus</i> (Temminck, 1827)	gavião-pombo-pequeno	S	FM FS	CR VU VU
<i>Leucopternis polionotus</i> (Kaup, 1847)*	gavião-pombo-grande	P	FM FS	VU
<i>Pernohierax leucorrhous</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	gavião-de-sobre-branco	S	FM FS	
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	gavião-carijó	P	FM FS PG	
<i>Buteo brachyurus</i> Vieillot, 1816	gavião-de-cauda-curta	P	FM FS	
<i>Spizaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-pato	S	FM FS	EN
<i>Spizaetus tyrannus</i> (Wied, 1820)*	gavião-pegamacaco	P	FM FS	VU
<i>Spizaetus ornatus</i> (Daudin, 1800)	gavião-de-penacho	S	FM FS	CR
Falconidae				
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	caracará	P	PG	
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	carrapateiro	P	PG	
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	acauiã	P	FM FS	
<i>Micrastur ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	falcão-caburé	P	FM FS	
<i>Micrastur semitorquatus</i> (Vieillot, 1817)	falcão-relógio	P	FM FS	
<i>Falco sparverius</i> Linnaeus, 1758	quiriquiri	S	PG	
Gruiformes				
Rallidae				
<i>Aramides saracura</i> (Spix, 1825)	saracura-do-brejo	P	AB FM FS	
<i>Laterallus melanophaius</i> (Vieillot, 1819)	sanã-parda	S	AB	
<i>Porzana albicollis</i> (Vieillot, 1819)	sanã-carijó	S	AB	
<i>Pardirallus nigricans</i> (Vieillot, 1819)	saracura-preta	S	AB	
<i>Gallinula chloropus</i> (Linnaeus, 1758)	galinha-d'água	S	AB	
Cariamidae				
<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	seriema	P	PG	
Charadriiformes				
Jacanidae				
<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	jaçanã	S	AB	
Charadriidae				
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	quero-quero	P	PG	
Columbiformes				
Columbidae				
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811)	rolinha-roxa	P	PG	
<i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813)*	pomba-asa-branca	P	PG	
<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonnaterre, 1792)	pomba-galega	P	FS	
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818) *	pomba-amargosa	P	FM FS	
<i>Zenaida auriculata</i> (Des Murs, 1847)	avoante	S	PG	
<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855	juriti-pupu	S	FM FS	

Táxons	Nome Popular	Fonte	Fisionomias Vegetais	Status
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)*	juriti-gemeadeira	P	FM FS	
<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus, 1758)	juriti-piranga	P	FM FS	
Psittaciformes				
Psittacidae				
<i>Pyrrhura frontalis</i> (Vieillot, 1817)*	tiriba-de-testa-vermelha	P	FM FS	
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)*	tuim-de-asa-azul	P	PG FM FS	
<i>Brotogeris tirica</i> (Gmelin, 1788)*	periquito-rico	P	PG FM FS	
<i>Pionopsitta pileata</i> (Scopoli, 1769)*	cuiú-cuiú	P	FM FS	VU
<i>Pionus maximiliani</i> (Kuhl, 1820)*	maitaca-verde	P	FM FS	
<i>Triclaria malachitacea</i> (Spix, 1824)*	sabiaca	P	FM FS	CR
Cuculiformes				
Cuculidae				
<i>Coccyzus euleri</i> (Cabanis, 1873)	papa-lagarta-de-euler	S	FS	EN
<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)*	alma-de-gato	P	FM FS	
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	anu-preto	P	PG	
<i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)	anu-branco	P	PG	
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	saci-do-campo	S	PG	
Strigiformes				
Tytonidae				
<i>Tyto alba</i> (Scopoli, 1769)	suindara	P	PG	
Strigidae				
<i>Megascops atricapilla</i> (Temminck, 1822)	corujinha-sapo	S	FM FS	
<i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817)	corujinha-de-orelha	S	PG FM FS	
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)	coruja-de-garganta-branca	P	FM FS	
<i>Strix hylophila</i> Temminck, 1825	coruja-listrada	P	FM FS	
<i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin, 1788)	caburé-ferrugem	S	FS	
<i>Glaucidium minutissimum</i> (Wied, 1830)	caburé-miudinho	P	FM FS	
<i>Athene cunicularia</i> (Molina, 1782)	coruja-buraqueira	S	PG	
Caprimulgiformes				
Nyctibiidae				
<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	urutau-comum	P	FM FS	
Caprimulgidae				
<i>Lurocalis semitorquatus</i> (Gmelin, 1789)	tuju	P	FM FS	
<i>Nyctidromus albicollis</i> (Gmelin, 1789)	curiango-comum	P	PG	
<i>Hydropsalis torquata</i> (Gmelin, 1789)	curiango-tesoura	P	PG	
<i>Macropsalis forcipata</i> (Nitzsch, 1840)	curiango-tesourão	S	FM	
Apodiformes				
Apodidae				
<i>Cypseloides fumigatus</i> (Streubel, 1848)	taperuçu-preto	S	FM FS	
<i>Streptoprocne zonaris</i> (Shaw, 1796)	taperuçu-de-coleira-branca	P	FM FS	
<i>Chaetura cinereiventris</i> Sclater, 1862*	taperá-de-barriga-cinza	P	FM FS	
<i>Chaetura meridionalis</i> Hellmayr, 1907	taperá-do-temporal	P	FM FS	
<i>Panyptila cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	taperá-tesoura	P	FS	
Trochilidae				
<i>Ramphodon naevius</i> (Dumont, 1818)	beija-flor-rajado	P	FS	
<i>Glaucis hirsutus</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-besourão	S	FS	

Táxons	Nome Popular	Fonte	Fisionomias Vegetais	Status
<i>Phaethornis squalidus</i> (Temminck, 1822)	rabão-branco-pequeno	P	FM FS	
<i>Phaethornis eurynome</i> (Lesson, 1832)*	rabão-branco-de-garganta-rajada	P	FM FS	
<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-tesoura	P	PG	
<i>Aphantochroa cirrochloris</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-cinza	P	FM FS	
<i>Florisuga fusca</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-preto	P	FM FS	
<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-de-veste-preta	S	FM FS	
<i>Lophornis chalybeus</i> (Vieillot, 1823)	topetinho-verde	P	FM FS	
<i>Chlorostilbon lucidus</i> (Shaw, 1812)	esmeralda-de-bico-vermelho	S	PG	
<i>Thalurania glaucopis</i> (Gmelin, 1788)*	beija-flor-de-frente-violeta	P	FM FS	
<i>Hylocharis cyanus</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-roxo	S	FS	
<i>Leucochloris albicollis</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-de-papo-branco	P	FM FS	
<i>Amazilia versicolor</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-de-banda-branca	P	FM FS	
<i>Amazilia fimbriata</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-garganta-verde	S	FS	
<i>Clytolaema rubicauda</i> (Boddaert, 1783)	beija-flor-rubi	P	FM	
<i>Calliphlox amethystina</i> (Boddaert, 1783)	estrelinha-ametista	S	FM FS	
Trogoniformes				
Trogonidae				
<i>Trogon viridis</i> Linnaeus, 1766	surucuá-de-barriga-dourada	P	FM FS	
<i>Trogon surrucura</i> Vieillot, 1817*	surucuá-variado	P	FM FS	
<i>Trogon rufus</i> Gmelin, 1788*	surucuá-de-barriga-amarela	P	FM FS	
Coraciiformes				
Alcedinidae				
<i>Ceryle torquatus</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-grande	P	AB R	
<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham, 1790)	martim-pescador-verde	P	AB R	
<i>Chloroceryle americana</i> (Gmelin, 1788)	martim-pescador-pequeno	P	AB R	
<i>Chloroceryle inda</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-da-mata	P	FS (R)	
Momotidae				
<i>Baryphthengus ruficapillus</i> (Vieillot, 1818)	juruba-verde	P	FM FS	
Galbuliformes				
Bucconidae				
<i>Notharchus swainsoni</i> (Gray, 1846)	macuru-de-barriga-ruiva	S	FM FS	
<i>Nystalus chacuru</i> (Vieillot, 1816)	fevereiro	S	PG	
<i>Malacoptila striata</i> (Spix, 1824)	barbudo-rajado	S	FM FS	
Piciformes				
Ramphastidae				
<i>Ramphastos vitellinus</i> Lichtenstein, 1823	tucano-de-bico-preto	P	FS	
<i>Ramphastos dicolorus</i> Linnaeus, 1766*	tucano-de-bico-verde	P	FM FS	
<i>Selenidera maculirostris</i> (Lichtenstein, 1823)*	saripoca-de-bico-riscado	S	FM FS	
<i>Pteroglossus bailloni</i> (Vieillot, 1819)	araçari-banana	S	FM FS	
Picidae				
<i>Picumnus temminckii</i> Lafresnaye, 1845*	picapau-anão	P	FM FS	

Táxons	Nome Popular	Fonte	Fisionomias Vegetais	Status		
	de-coleira					
<i>Melanerpes candidus</i> (Otto, 1796)	picapau-branco	P	PG			
<i>Melanerpes flavifrons</i> (Vieillot, 1818)	benedito	P	FM FS			
<i>Veniliornis spilogaster</i> (Wagler, 1827)*	picapau-manchado	P	FM FS			
<i>Piculus flavigula</i> (Boddaert, 1783)	picapau-bufador	P	FS			
<i>Piculus aurulentus</i> (Temminck, 1821)*	picapau-verde-dourado	P	FM			
<i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788)*	picapau-carijó	P	FM FS			
<i>Colaptes campestris</i> (Vieillot, 1818)	picapau-do-campo	P	PG			
<i>Celeus flavescens</i> (Gmelin, 1788)	picapau-velho	P	FM FS			
<i>Dryocopus galeatus</i> (Temminck, 1822)	picapau-de-cara-canela	S	FM	CR	VU	VU
<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	picapau-de-banda-branca	P	FM FS			
<i>Campephilus robustus</i> (Lichtenstein, 1818)*	picapau-rei	P	FM FS			
Passeriformes						
Thamnophilidae						
<i>Hypodaleus guttatus</i> (Vieillot, 1816)*	chocão-carijó	P	FM FS			
<i>Batara cinerea</i> (Vieillot, 1819)*	matracão	P	FM FS			
<i>Mackenziaena leachii</i> (Such, 1825)	borralhara-assobiadora	P	FM			
<i>Mackenziaena severa</i> (Lichtenstein, 1823)*	borralhara-preta	P	FM FS			
<i>Biatas nigropectus</i> (Lafresnaye, 1850)	choca-da-taquara	S	FM (T)	CR	VU	VU
<i>Thamnophilus caerulescens</i> Vieillot, 1816	choca-da-mata	P	FM			
<i>Thamnophilus ruficapillus</i> Vieillot, 1816	choca-boné-ruivo	S	PG			
<i>Dysithamnus stictothorax</i> (Temminck, 1823)	choquinha-de-peito-pintado	P	FM FS			
<i>Dysithamnus mentalis</i> (Temminck, 1823)*	choquinha-lisa	P	FM FS			
<i>Dysithamnus xanthopterus</i> Burmeister, 1856	choquinha-de-asa-ferrugem	S	FM			
<i>Myrmotherula gularis</i> (Spix, 1825)*	choquinha-estrelada	P	FM FS			
<i>Myrmotherula minor</i> Salvadori, 1864	choquinha-pequena	P	FS	EN	VU	VU
<i>Myrmotherula unicolor</i> (Menetries, 1835)	choquinha-cinzenta	P	FS	VU		
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i> (Temminck, 1822)	chorozinho-de-asa-ruiva	P	FM FS			
<i>Drymophila ferruginea</i> (Temminck, 1822)*	dituí	P	FM FS			
<i>Drymophila rubricollis</i> (Bertoni, 1901)	trovoada-de-bertoni	P	FM (T)			
<i>Drymophila ochropyga</i> (Hellmayr, 1906)*	trovoada-ocre	P	FM (T)			
<i>Drymophila malura</i> (Temminck, 1825)*	trovoada-carijó	P	FM			
<i>Drymophila squamata</i> (Lichtenstein, 1823)	pintadinho	S	FS			
<i>Terenura maculata</i> (Wied, 1831)*	zidedê-do-sul	P	FM FS			
<i>Pyriglena leucoptera</i> (Vieillot, 1818)*	olho-de-fogo-do-sul	P	FM FS			
<i>Myrmeciza squamosa</i> Pelzeln, 1868*	formigueiro-da-grota	P	FM FS			
Conopophagidae						
<i>Conopophaga lineata</i> (Wied, 1831)*	chupa-dente-marrom	P	FM FS			
<i>Conopophaga melanops</i> (Vieillot, 1818)	chupa-dente-de-máscara	P	FM FS			
Grallariidae						
<i>Grallaria varia</i> (Boddaert, 1783)*	tovacuçu-malhado	P	FM FS			
<i>Hylopezus nattereri</i> Pinto, 1937	torom-malhado	S	FM			

Táxons	Nome Popular	Fonte	Fisionomias Vegetais	Status
Rhinocryptidae				
<i>Psilorhamphus guttatus</i> (Ménétriès, 1835)	macuquinho-pintado	P	FM FS	
<i>Merulaxis ater</i> Lesson, 1830	bigodudo-preto	P	FM FS	
<i>Scytalopus speluncae</i> (Ménétriès, 1835)*	macuquinho-serrano	P	FM FS	
<i>Scytalopus indigoticus</i> (Wied, 1831)*	macuquinho-perereca	P	FM FS	
Formicariidae				
<i>Formicarius colma</i> Boddaert, 1783	pinto-da-mata-coroado	P	FS	
<i>Chamaeza campanisona</i> (Lichtenstein, 1823)*	tovaca-campinha	P	FM FS	
<i>Chamaeza meruloides</i> Vigors, 1825*	tovaca-cantador	P	FM FS	
Scleruridae				
<i>Sclerurus scansor</i> (Menetries, 1835)*	vira-folha-vermelho	P	FM FS	
Dendrocolaptidae				
<i>Dendrocincla turdina</i> (Lichtenstein, 1820)*	arapaçu-liso	P	FM FS	
<i>Sittasomus griseicapillus</i> (Vieillot, 1818)*	arapaçu-verde	P	FM FS	
<i>Xiphocolaptes albicollis</i> (Vieillot, 1818)	cochi-de-garganta-branca	P	FM FS	
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i> Spix, 1825	arapaçu-de-bico-preto	P	FM FS	
<i>Xiphorhynchus fuscus</i> (Vieillot, 1818)*	arapaçu-rajado	P	FM FS	
<i>Lepidocolaptes falcinellus</i> (Cabanis & Heine, 1859)*	arapaçu-escamoso-do-sul	P	FM FS	
<i>Campylorhamphus falcularius</i> (Vieillot, 1822)*	arapaçu-alfange	P	FM FS	
Furnariidae				
<i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788)	joão-de-barro	P	PG	
<i>Leptasthenura setaria</i> (Temminck, 1824)	grimpeiro	P	AR	
<i>Synallaxis cinerascens</i> Temminck, 1823	pi-puí	S	FM	
<i>Synallaxis ruficapilla</i> Vieillot, 1819*	pichororé	P	FM FS	
<i>Synallaxis spixi</i> Sclater, 1856	joão-tenenem	P	FM FS	
<i>Cranioleuca pallida</i> (Wied, 1831)	joão-pálido	P	FM FS	
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (Gmelin, 1788)	joão-do-brejo	S	AB	
<i>Phacellodomus ferrugineigula</i> (Pelzel, 1858)*	joão-botina	P	AB	
<i>Anabacerthia amaurotis</i> (Temminck, 1823)	limpa-folha-miúdo	P	FM	
<i>Syndactyla rufosuperciliata</i> (Lafresnaye, 1832)*	limpa-folha-quiete	P	FM	
<i>Philydor lichtensteini</i> Cabanis & Heine, 1859	limpa-folha-de-coroa-cinza	P	FM FS	
<i>Philydor atricapillus</i> (Wied, 1821)	limpa-folha-coroado	P	FM FS	
<i>Philydor rufum</i> (Vieillot, 1818)*	limpa-folha-de-testa-canela	P	FM FS	
<i>Anabazenops fuscus</i> (Vieillot, 1816)*	limpa-folha-de-coleira	P	FM FS (T)	
<i>Cichlocolaptes leucophrus</i> (Jardine & Selby, 1830)	limpa-folha-gritador	S	FM FS	
<i>Automolus leucophthalmus</i> (Wied, 1821)*	barranqueiro-de-olho-branco	P	FM FS	
<i>Lochmias nematura</i> (Lichtenstein, 1823)*	joão-de-riacho	P	FM FS (R)	
<i>Heliobletus contaminatus</i> Berlepsch, 1885*	trepadorzinho	P	FM	
<i>Xenops minutus</i> (Sparrman, 1788)	bico-virado-miúdo	P	FM FS	
<i>Xenops rutilans</i> Temminck, 1821	bico-virado-carijó	P	FM FS	
Tyrannidae				
<i>Mionectes rufiventris</i> Cabanis, 1846*	abre-asa-de-cabeça-cinza	P	FM FS	

Táxons	Nome Popular	Fonte	Fisionomias Vegetais	Status
<i>Leptopogon amaurocephalus</i> Tschudi, 1846*	abre-asa-cabeçudo	P	FM FS	
<i>Hemitriccus diops</i> (Temminck, 1822)	maria-de-olho-falso	S	FM (T)	
<i>Hemitriccus orbitatus</i> (Wied, 1831)	maria-tiririzinha	P	FS	
<i>Hemitriccus nidipendulus</i> (Wied, 1831)	maria-verdinha	S	FM FS	
<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i> (Lafresnaye, 1846)*	tororó	P	FM FS	
<i>Todirostrum poliocephalum</i> (Wied, 1831)	ferreirinho-teque-teque	P	FM FS	
<i>Phyllomyias burmeisteri</i> Cabanis & Heine, 1859	poaieiro-do-sul	S	FM FS	
<i>Phyllomyias fasciatus</i> (Thunberg, 1822)	poaieiro-triste	P	FM PG	
<i>Phyllomyias griseicapilla</i> Sclater, 1862	poaieiro-serrano	P	FM FS	
<i>Myiopagis caniceps</i> (Swainson, 1835)	maria-da-copa	P	FS	
<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822)	maria-é-dia	S	PG	
<i>Elaenia albiceps</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	guaracava-de-crista-branca	S	PG	
<i>Elaenia parvirostris</i> Pelzeln, 1868	guaracava-verde		FM PG	
<i>Elaenia obscura</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	guaracava-de-óculos	S	PG	
<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)*	risadinha	P	PG FM FS	
<i>Serpophaga subcristata</i> (Vieillot, 1817)	alegrinho-do-leste	P	PG	
<i>Phylloscartes ventralis</i> (Temminck, 1824)	borboletinha	P	FM	
<i>Phylloscartes paulista</i> Ihering & Ihering, 1907	não-pode-parar	P	FS	VU
<i>Phylloscartes oustaleti</i> (Sclater, 1887)*	treme-rabo	P	FM FS	
<i>Phylloscartes sylviolus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	maria-pequena	S	FM FS	
<i>Myiornis auricularis</i> (Vieillot, 1818)*	maria-cigarra	P	FM FS	
<i>Tolmomyias sulphurescens</i> (Spix, 1825)	bico-chato-de-orelha-preta	P	FM FS	
<i>Platyrinchus mystaceus</i> Vieillot, 1818*	patinho-de-garganta-branca	P	FM FS	
<i>Platyrinchus leucoryphus</i> Wied, 1831	patinho-de-asa-castanha	S	FS	EN VU
<i>Onychorhynchus swainsoni</i> (Pelzeln, 1858)	maria-lecre	P	FM FS	EN VU
<i>Myiophobus fasciatus</i> (Statius Muller, 1776)	felipe-de-peito-riscado	S	PG	
<i>Myiobius barbatus</i> (Gmelin, 1789)	assanhadinho-de-peito-dourado	P	FS	
<i>Hirundinea ferruginea</i> (Gmelin, 1788)	gibão-de-couro	S	PG	
<i>Lathrotriccus euleri</i> (Cabanis, 1868)*	enferrujado	P	FM FS	
<i>Cnemotriccus fuscatus</i> (Wied, 1831)	guaracavuçu-quieto	S	FS	
<i>Contopus cinereus</i> (Spix, 1825)	piui-cinza	S	FM FS	
<i>Knipolegus cyanirostris</i> (Vieillot, 1818)	maria-preta-pequena	S	FM FS	
<i>Satrapa icterophrys</i> (Vieillot, 1818)	suiriri-pequeno	S	AB PG	
<i>Muscipipra vetula</i> (Lichtenstein, 1823)	tesourinha-cinza	P	FM FS	
<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	maria-velhinha	S	AB	
<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	maria-viuvinha	P	FM FS	
<i>Machetornis rixosa</i> (Vieillot, 1819)	suiriri-cavaleiro	P	PG	
<i>Legatus leucophaeus</i> (Vieillot, 1818)	bentevi-pirata	P	FM FS	
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)	bentevi-de-coroa-vermelha	P	PG FM FS	
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	bentevi-verdadeiro	P	PG FM FS	
<i>Conopias trivirgatus</i> (Wied, 1831)	bentevi-de-três-riscas	P	FM FS	
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Statius Muller, 1776)	bentevi-rajado	S	FM FS	
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	neinei	P	FM FS	

Táxons	Nome Popular	Fonte	Fisionomias Vegetais	Status
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	bentevi-peitica	S	FM FS	
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	suiriri-tropical	P	PG FM FS	
<i>Tyrannus savana</i> Vieillot, 1808	tesourinha-do-campo	S	PG	
<i>Sirystes sibilator</i> (Vieillot, 1818)	maria-assobiadeira	P	FM FS	
<i>Myiarchus swainsoni</i> Cabanis & Heine, 1859*	maria-irré	P	FM FS	
<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	maria-cavaleira	S	FS	
<i>Ramphotrigon megacephalum</i> (Swainson, 1835)*	maria-cabeçuda	P	FM FS	
<i>Attila phoenicurus</i> Pelzeln, 1868	tinguaçu-castanho	S	FM FS	
<i>Attila rufus</i> (Vieillot, 1819)	tinguaçu-de-cabeça-cinza	P	FM FS	
Oxyruncidae				
<i>Oxyruncus cristatus</i> Swainson, 1821*	bico-agudo	P	FM FS	
Cotingidae				
<i>Phibalura flavirostris</i> Vieillot, 1816	tesourinha-da-mata	S	FM FS	EN
<i>Carpornis cucullata</i> (Swainson, 1821)*	corocochó	P	FM FS	
<i>Carpornis melanocephala</i> (Wied, 1820)	cochó	P	FS	CR VU VU
<i>Procnias nudicollis</i> (Vieillot, 1817)*	araponga	P	FM FS	VU VU
<i>Lipaugus lanioides</i> (Lesson, 1844)*	cricrió-suisso	P	FM FS	VU
<i>Pyroderus scutatus</i> (Shaw, 1792)*	pavó	P	FM FS	EN
Pipridae				
<i>Neopelma chrysolophum</i> Pinto, 1944	fruchu-serrano	S	FM	
<i>Piprites chloris</i> (Temminck, 1822)*	caneleirinho-cantor	P	FM FS	
<i>Ilicura militaris</i> (Shaw & Nodder, 1809)	tangarazinho	P	FM FS	
<i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)	rendeira-branca	P	FS	
<i>Chiroxiphia caudata</i> (Shaw & Nodder, 1793)*	tangará-dançarino	P	FM FS	
Tityridae				
<i>Schiffornis virescens</i> (Lafresnaye, 1838)*	flautim-verde	P	FM FS	
<i>Tityra inquisitor</i> (Lichtenstein, 1823)	araponguinha-de-cara-preta	S	FM FS	
<i>Tityra cayana</i> (Linnaeus, 1766)	araponguinha-de-rabo-preto	S	FM FS	
<i>Pachyrhamphus viridis</i> (Vieillot, 1816)	caneleiro-verde	P	FM FS	
<i>Pachyrhamphus castaneus</i> (Jardine & Selby, 1827)*	caneleiro-castanho	P	FM FS	
<i>Pachyrhamphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)	caneleiro-preto	P	FM FS	
<i>Pachyrhamphus marginatus</i> (Lichtenstein, 1823)	caneleiro-bordado	P	FS	
<i>Pachyrhamphus validus</i> (Lichtenstein, 1823)	caneleiro-de-crista	S	FM FS	
Vireonidae				
<i>Cydarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)*	pitiguari	P	FM FS	
<i>Vireo olivaceus</i> (Linnaeus, 1766)	juruvicara-oliva	P	FM FS	
<i>Hylophilus poicilotis</i> Temminck, 1822*	vite-vite-coroado	P	FM	
Corvidae				
<i>Cyanocorax caeruleus</i> (Vieillot, 1818)	gralha-azul	P	FS	
Hirundinidae				
<i>Tachycineta leucorrhoa</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-de-frente-branca	S	PG	
<i>Progne subis</i> (Linnaeus, 1758)	andorinha-azul	S	PG	
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	andorinha-grande	P	PG	
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)*	andorinha-azul-e-branca	P	PG	

Táxons	Nome Popular	Fonte	Fisionomias Vegetais	Status
<i>Neochelidon tibialis</i> (Cassin, 1853)	andorinha-de-coxa-branca	S	FM FS	
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-serradora-do-sul	P	PG	
<i>Hirundo rustica</i> Linnaeus, 1758	andorinha-da-chaminé	S	AB	
Troglodytidae				
<i>Thryothorus longirostris</i> Vieillot, 1819	garrincha-açu	S	FS	
<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823	corruíra-de-casa	P	PG	
Poliopitidae				
<i>Ramphocaenus melanurus</i> Vieillot, 1819	balança-rabo-de-bico-longo	P	FM FS	
Turdidae				
<i>Platycichla flavipes</i> (Vieillot, 1818)*	sabiá-una	P	FM FS	
<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818*	sabiá-laranjeira	P	PG FM FS	
<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818	sabiá-de-cabeça-cinza	P	PG	
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1850	sabiá-poca	P	PG FM FS	
<i>Turdus albicollis</i> Vieillot, 1818*	sabiá-coleira	P	FM FS	
Mimidae				
<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1823)	tejo-do-campo	S	PG	
Motacillidae				
<i>Anthus lutescens</i> Pucheran, 1855	caminheiro-zumbidor	S	PG	
Coerebidae				
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)*	cambacica	P	PG FM FS	
Thraupidae				
<i>Orchesticus abeillei</i> (Lesson, 1839)	tié-castanho	S	FM FS	
<i>Schistochlamys ruficapillus</i> (Vieillot, 1817)	tié-veludo	S	PG	
<i>Cissopis leverianus</i> (Gmelin, 1788)*	tietinga	P	FM FS	
<i>Orthogonyx chloricterus</i> (Vieillot, 1819)*	catirumbava	P	FM FS	
<i>Trichothraupis melanops</i> (Vieillot, 1818)*	tié-de-topete	P	FM FS	
<i>Habia rubica</i> (Vieillot, 1817)*	tié-da-mata	P	FM FS	
<i>Tachyphonus cristatus</i> (Linnaeus, 1766)	tié-galo	P	FS	
<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)*	gurundi	P	FM FS	
<i>Ramphocelus bresilius</i> (Linnaeus, 1766)	tié-sangue	P	FS	
<i>Thraupis sayaca</i> (Linnaeus, 1766)*	sanhaço-cinza	P	PG FM FS	
<i>Thraupis cyanoptera</i> (Vieillot, 1817)*	sanhaço-da-serra	P	FM FS	
<i>Thraupis ornata</i> (Sparrman, 1789)*	sanhaço-rei	P	FM FS	
<i>Thraupis palmarum</i> (Vied, 1823)	sanhaço-do-coqueiro	P	PG FM FS	
<i>Stephanophorus diadematus</i> (Temminck, 1823)*	sanhaço-frade	S	FM	
<i>Pipraeidea melanonota</i> (Vieillot, 1819)	saíra-viúva	P	FM FS	
<i>Tangara seledon</i> (Statius Muller, 1776)	saíra-de-sete-cores	P	FM FS	
<i>Tangara cyanocephala</i> (Statius Muller, 1776)*	saíra-militar	P	FM FS	
<i>Tangara desmaresti</i> (Vieillot, 1819)	saíra-da-serra	P	FM	
<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-cabocla	P	PG	
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	saí-andorinha	P	FM FS	
<i>Dacnis nigripes</i> Pelzeln, 1856	saí-de-perna-preta	S	FM FS	EN
<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saí-azul	P	FM FS	
<i>Chlorophanes spiza</i> (Linnaeus, 1758)	saí-verde	P	FS	
<i>Hemithraupis ruficapilla</i> (Vieillot, 1818)*	saíra-ferrugem	P	FM FS	
Emberizidae				
<i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico-	P	PG	

Táxons	Nome Popular	Fonte	Fisionomias Vegetais	Status		
	verdadeiro					
<i>Ammodramus humeralis</i> (Bosc, 1792)	tico-tico-do-campo	P	PG			
<i>Haplospiza unicolor</i> Cabanis, 1851*	catatau	P	FM FS			
<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766)	canário-da-terra	P	PG			
<i>Emberizoides herbicola</i> (Vieillot, 1817)	tibirro-do-campo	S	PG			
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	tiziu	P	PG			
<i>Sporophila frontalis</i> (Verreaux, 1869)	pichochó	P	FM FS (T)	CR	VU	VU
<i>Sporophila falcirostris</i> (Temminck, 1820)*	papa-capim-da-taquara	P	FM FS (T)	CR	VU	VU
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	bigodinho	S	PG			
<i>Sporophila caerulescens</i> (Vieillot, 1823)	coleirinha	S	PG			
<i>Amaurospiza moesta</i> (Hartlaub, 1853)	cigarrinha-da-taquara	S	FM	VU		
<i>Tiaris fuliginosus</i> (Wied, 1830)	cigarrinha-do-coqueiro	S	FM FS			
<i>Arremon semitorquatus</i> Swainson, 1838	tico-tico-de-coleira-falha	S	FM FS			
Cardinalidae						
<i>Saltator fuliginosus</i> (Daudin, 1800)*	bico-de-pimenta	P	FM FS			
<i>Saltator similis</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837*	trinca-ferro-de-asa-verde	P	FM FS			
<i>Cyanoloxia glaucocerulea</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	azulinho-do-sul	S	FM FS			
<i>Cyanocompsa brissonii</i> (Lichtenstein, 1823)	azulão-verdadeiro	S	AB FM	VU		
Parulidae						
<i>Parula pitiayumi</i> (Vieillot, 1817)	mariquita-do-sul	P	FM FS			
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	pia-cobra-do-sul	S	AB PG			
<i>Basileuterus culicivorus</i> (Deppe, 1830)*	pula-pula-coroado	P	FM FS			
<i>Basileuterus hypoleucus</i> Bonaparte, 1830	pula-pula-pichito	P	FM			
<i>Basileuterus leucoblepharus</i> (Vieillot, 1817)	pula-pula-assobiador	P	FM			
<i>Phaeothlypis rivularis</i> (Wied, 1821)*	pula-pula-ribeirinho	P	FM FS (R)			
Icteridae						
<i>Cacicus haemorrhous</i> (Linnaeus, 1766)	japiim-guaxe	P	FM FS			
<i>Cacicus chrysopterus</i> (Vigors, 1825)*	japiim-soldado	P	FM FS			
<i>Icterus cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	encontro	P	FM			
<i>Gnorimopsar chopi</i> (Vieillot, 1819)	pássaro-preto	S	PG			
<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	chopim-gaudério	P	PG			
<i>Sturnella superciliaris</i> (Bonaparte, 1850)	polícia-inglesa-do-sul	S	AB			
Fringillidae						
<i>Carduelis magellanica</i> (Vieillot, 1805)	pintasilgo-de-cabeça-preta	S	PG			
<i>Euphonia cyanocephala</i> (Vieillot, 1818)	gaturamo-rei	S	FM			
<i>Euphonia violacea</i> (Linnaeus, 1758)	gaturamo-verdadeiro	P	FM FS			
<i>Euphonia chalybea</i> (Mikan, 1825)	cais-cais	P	FM	EN		
<i>Euphonia pectoralis</i> (Latham, 1801)*	ferro-velho	P	FM FS			
<i>Chlorophonia cyanea</i> (Thunberg, 1822)	gaturamo-bandeira	S	FM FS			
Passeridae						
<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	pardal-doméstico	S	PG			

ANEXO 11

Espécies de Grandes Mamíferos com Ocorrência Registrada

Lista total de espécies de médios e grandes mamíferos com ocorrência constatada no Parque Estadual Carlos Botelho

Fonte de Informação: P - Dados primários, S - Dados secundários.

Status: Criticamente em perigo (CP); Em perigo (EP); Vulnerável (VU); Dados insuficientes (DD); Provavelmente ameaçada (PA).

Táxons	Nome Popular	Fonte	Fisionomias Vegetais	Status			Exótica
				SP	BR	IUCN	
Família Dasypodidae							
<i>Dasyops novemcinctus</i>	Tatu-galinha	P,S	Saa, Sma, Ma, Maab, MaS, MaA, MaSA				
<i>Dasyops septencinctus</i>	Tatu-mulita	P	Saa				
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba	S	Ma				
<i>Cabassous tatouay</i>	Tatu-de-rabo-mole	P	Saa				
Família Bradypodidae							
<i>Bradypus variegatus</i>	Preguiça	S					
Família Myrmecopahgidae							
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim	P,S	Ma	PA			
Família Atelidae							
<i>Brachyteles arachnoides</i>	Muriqui	P,S	Smad, Ma, MaA	CP	EP	EN	
<i>Alouatta clamitans</i>	Bugio	P,S	Smad, Ma, MaA, Maab, MaS	VU		NT	
Família Cebidae							
<i>Cebus nigrinus</i>	Macaco-prego	P,S	Saa, Sba, Smad, Ma, MaA, Maab, MaS, MaB, MaSa, R				
Família Canidae							
<i>Cerdocyon thous</i>	Lobinho	P,S	Saa, Smad, Sma, Ma, Maab, MaS, R, U				
<i>Speothos venaticus</i>	Cachorro-vinagre	P,S	Saa, Smad, Ma, MaA, Maab	CP	VU	VU	
Família Procyonidae							
<i>Procyon cancrivorus</i>	Guaxinim	P,S	Sma, Ma, MaS, MaA	PA			
<i>Nasua nasua</i>	Quati	P,S	Saa, Smad, Ma, Maab, MaS, MaA, R, U				
Família Mustelidae							
<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	P,S	Smad, Sba, Ma, MaS, MaA, MaB	VU		DD	
<i>Conepatus chinga</i>	Jaritataca	S	Ma				
<i>Eira barbara</i>	Irara	P,S	Smad, Ma, Maab, MaS, MaSa				
<i>Galictis cuja</i>	Furão	P,S	Smad				
Família Felidae							
<i>Panthera onca</i>	Onça-pintada	P,S	Saa, Smad, Ma, Maab, MaS, MaA, MaSa	CP	VU	NT	
<i>Puma concolor</i>	Onça-parda	P,S	Saa, Smad, Sma, Sba, Ma, Maab, MaS, MaA, MaSa, R, U	VU	VU	NT	
<i>Herpailurus yagouaroundi</i>	Gato-mourisco	P,S	Saa, MaS	PA			
<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguaritica	P,S	Saa, Sma, Ma, Maab, MaS, MaA, MaSa	VU	VU		
<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato	P,S	Saa, Ma	VU	VU	NT	
<i>Leopardus wiedii</i>	Gato-maracajá	P,S	Ma	EP	VU		
Família Tapiridae							
<i>Tapirus terrestris</i>	Anta	P,S	Saa, Smad, Sma, Sba, Ma, Maab, Mma, MaS, MaA, MaSa, R, U	EP		VU	
Família Tayassuidae							

Táxons	Nome Popular	Fonte	Fisionomias Vegetais	Status		Exótica
				SP	BR IUCN	
<i>Pecari tajacu</i>	Cateto	P,S	Ma, MaS, MaA, Maab	VU		
<i>Tayassu pecari</i>	Queixada	P	Ma, R	EP		
Família Cervidae						
<i>Mazama bororo</i>	Veado-vermelho	S				DD
<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-catingueiro	P	Saa, Smad, Ma			DD
<i>Mazama americana</i>	Veado-mateiro	P,S	Saa, Ma, MaS, MaA			DD
Família Erethizontidae						
<i>Sphiggurus villosus</i>	Ouriço	P	Saa, Ma			
Família Hydrochaeridae						
<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara	P,S	Ma			
Família Dasyproctidae						
<i>Cuniculus paca</i>	Paca	P,S	Smad, Ma, Maab, MaS, MaA	VU		
<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia	P	Saa, Ma	VU		VU
<i>Dasyprocta agouti</i>	Cutia	S				
Família Leporidae						
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapiti	P	Saa, Smad, Ma, R			
<i>Lepus capensis</i>	Lebre	P,S	Saa, Ma, Maab, R, U			Europa

ANEXO 12

Grandes e Médios Mamíferos do Vale do Ribeira e Alto Paranapanema

A região do Vale do Ribeira e Alto Paranapanema se insere no centro Paulista de endemismo (COSTA et al., 2000). Este centro apresenta uma riqueza de espécies intermediária entre a da Costa Sudeste, a mais rica, e a de Pernambuco. Na região do Vale do Ribeira e Alto Paranapanema são conhecidas 38 espécies nativas de mamíferos de médio e grande porte, distribuídas em sete ordens, 17 famílias e 34 gêneros (Tabela 1). Este número representa 47.5% das espécies do grupo que ocorrem em toda a extensão da Mata Atlântica.

Tabela 1. Número de famílias, gêneros e espécies de mamíferos terrestres de médio e grande porte encontrados em toda a Mata Atlântica (MA) e na região do Vale do Ribeira e Alto Paranapanema (VR / AP)

Ordens	Famílias		Gêneros		Espécies	
	MA	VR / AP	MA	VR / AP	MA	VR / AP
Xenarthra	3	3	8	7	12	7
Primates	4	3	6	4	24	4
Carnivora	4	4	17	13	21	15
Perissodactyla	1	1	1	1	1	1
Artiodactyla	2	2	5	3	8	5
Rodentia	4	3	7	4	13	5
Lagomorpha	1	1	1	1	1	1

A Ordem Xenarthra é representada na região por seis espécies: os tatus (Família Dasypodidae) *Dasybus novemcinctus*, *D. septemcinctus*, *Cabassous tatouay* e *Euphractus sexcinctus*; os tamanduás mirim e bandeira (Família Myrmecophagidae) *Tamandua tetradactyla* e *Myrmecophaga tridactyla* e a preguiça *Bradypus variegatus* (Família Bradypodidae). Todas estas espécies têm ampla distribuição geográfica e são compartilhadas pela Mata Atlântica, Amazônia e fisionomias abertas adjacentes (Caatinga, Cerrado e Campos; Miretzki, 2005), e apenas o tamanduá-mirim é considerado provavelmente ameaçado de extinção no Estado de São Paulo (São Paulo - SMA, 1998). Cinco espécies desta ordem ocorrem na Mata Atlântica, mas não na região estudada: quatro espécies de tatus e a preguiça-de-coleira *Bradypus torquatus*.

As quatro espécies da Ordem Primates encontradas na região, *Leontopithecus caissara*, *Brachyteles arachnoides*, *Alouatta clamitans* e *Cebus nigrinus*, são endêmicas da Mata Atlântica e apenas o macaco-prego *Cebus nigrinus* não se encontra em nenhuma categoria de ameaça de extinção. Nesta Ordem se encontra a maior desproporção entre o número de espécies que ocorrem na Mata Atlântica como um todo e as encontradas no Vale do Ribeira e Alto Paranapanema, principalmente devido à pequena distribuição geográfica da maioria das espécies.

Quinze espécies de carnívoros ocorrem no Vale do Ribeira e Alto Paranapanema. A Família Felidae é representada pelas onças pintada e parda *Panthera onca* e *Puma concolor*, pela jaguatirica *Leopardus pardalis* e por três pequenos felinos: gato-mourisco *Herpailurus yagouaroundi*, gato do mato *Leopardus tigrinus* e gato-maracajá *Leopardus wiedii*. Todas estas espécies estão incluídas na lista de espécies ameaçadas no Estado de São Paulo e todas, com exceção do gato-mourisco, são consideradas vulneráveis pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA, 2003). Os canídeos incluem o cachorro-do-mato ou lobinho *Cerdocyon thous* e o cachorro-vinagre *Speothos venaticus*, esta última criticamente ameaçada de extinção no Estado e considerada vulnerável

pelo IBAMA e pela UICN. Duas espécies da Família Procyonidae, *Nasua nasua* e *Procyon cancrivorus*, ocorrem na região, sendo esta última provavelmente ameaçada de extinção no Estado de São Paulo. A Família Mustelidae é representada por cinco espécies: a irara *Eira barbara*, o furão-menor *Galictis cuja*, a jaritataca *Conepatus chinga*, a ariranha *Pteronura brasiliensis* e a lontra *Lontra longicaudis*. A ocorrência da ariranha na região não é confirmada, sendo sua presença no Parque Estadual Intervales sugerida por Vivo e Gregorin (2001) com base em relatos de habitantes da região. Dentre os demais mustelídeos, apenas a lontra é considerada vulnerável à extinção no Estado de São Paulo. Todos os carnívoros que ocorrem no Vale do Ribeira e Alto Paranapanema têm uma ampla distribuição geográfica, ocorrendo na Mata Atlântica, Amazônia e biomas abertos, com exceção de *Galictis cuja* e *Conepatus chinga*, que não ocorrem na Amazônia (Miretzki, 2005). Das seis espécies de carnívoros com ocorrência relatada na Mata Atlântica por Miretzki (2005), três são canídeos característicos de formações abertas e com distribuição apenas tangencial à Mata Atlântica, duas (quincaju *Potos flavus* e furão-maior *Galictis vittata*) só ocorrem a norte da região estudada e o gato-do-mato-grande *Oncifelis geoffroyi* ocorre apenas na transição entre florestas e campos no sul do país, segundo Miretzki (2005), embora tenha sido observado na Serra do Mar (São Paulo - SMA, 2006).

Cinco espécies da Ordem Artiodactyla ocorrem na região: da Família Tayassuidae, cateto *Pecari tajacu* e queixada *Tayassu pecari*; e da Família Cervidae, veado-mateiro *Mazama americana*, veado-catingueiro *Mazama gouazoubira* e veado-bororó ou veado-vermelho *Mazama bororo*, sendo esta última endêmica da Mata Atlântica e encontrada apenas no Vale do Ribeira e Alto Paranapanema, leste do Paraná e leste de Santa Catarina (Rossi, 2000; Vogliotti, 2003; Miretzki, 2005). As outras espécies têm amplas distribuições geográficas e ocorrem também na Amazônia e nas fisionomias abertas adjacentes (Miretzki, 2005). Cateto e queixada são considerados, respectivamente, vulnerável e em perigo no Estado de São Paulo e as três espécies de veado são incluídas na categoria DD da UICN, o que significa que embora não haja dados suficientes para incluí-las em categorias de ameaça, também não há dados que permitam sua classificação com LC (least concern ou não preocupantes, IUCN, 2006). Das três espécies de cervídeos que ocorrem na Mata Atlântica e não ocorrem na região, o cervo-do-Pantanal *Blastocerus dichotomus* e o veado-campeiro *Ozotocerus bezoarticus* são característicos de vegetações abertas e sua presença na Mata Atlântica limita-se às margens.

Os roedores de grande e médio porte da região são a cutia *Dasyprocta azarae*, considerada vulnerável no Estado de São Paulo e pela UICN, a cutia *D. agouti*, endêmica da Mata Atlântica, a paca *Cuniculus paca*, vulnerável à extinção no Estado de São Paulo, o ouriço *Sphiggurus villosus* e a capivara *Hydrochoerus hydrochaeris*. Com exceção da cutia endêmica *D. aguti* e de *Sphiggurus villosus*, ausente da Amazônia, todas estas espécies são amplamente distribuídas pelos biomas brasileiros. Na Mata Atlântica ocorrem ainda sete espécies outras espécies, sendo três do gênero *Dasyprocta*, três ouriços (dois do gênero *Sphiggurus* e *Chaetomys subspinosus*) e o ratão do banhado *Myocastor coypus*.

As Ordens *Perissodactyla* e *Lagomorpha* são representadas, cada uma, por uma única espécie no Brasil, ambas amplamente distribuídas em todos os biomas, respectivamente a anta *Tapirus terrestris* e o tapiti *Sylvilagus brasiliensis*. A anta está na categoria em perigo no Estado de São Paulo e é considerada Vulnerável pela UICN.

ANEXO 13

Espécies de Pequenos Mamíferos e Quirópteros com Ocorrência Registrada

Espécies de pequenos mamíferos não-voadores constatadas para o Vale do Ribeira e Alto Paranapanema

Informações de Hingst-Zaher & Machado (2007) para o PECB e E.E.Xitué, de Vivo & Gregorin (2001) e Vieira & Monteiro-Filho (2003) para Intervalos (Intervalos 1 e 2 respectivamente) e de Silva (2001) para Pilar do Sul.

X indica constatação da presença por coleta de indivíduos.

X^A indica presença constada por avistamento.

X^x indica as espécies coletadas em PECB e E.E.Xitué.

X* indica a espécie coletada apenas na E.E.Xitué.

Didelphimorphia	Carlos Botelho e Xitué	Pilar do Sul	Intervalos ¹	Intervalos ²
<i>Chironectes minimus</i>	X	X	X	
<i>Didelphis aurita</i>	X		X	X
<i>Gracilinanus microtarsus</i>	X	X	X	X
<i>Marmosops incanus</i>	X	X	X	
<i>Marmosops paulensis</i>	X ^x		X	X
<i>Metachirus nudicaudatus</i>	X	X	X	X
<i>Micoureus demerarae</i>			X	X
<i>Monodelphis americana</i>	X	X	X	X
<i>Monodelphis scalops</i>	X	X		
<i>Monodelphis brevicaudata</i>		X		
<i>Philander frenatus</i>	X	X	X	X
Sciuridae				
<i>Sciurus ingrami</i>	X	X	X	X
Sigmodontinae				
<i>Akodon cursor</i>	X		X	
<i>Akodon montensis</i>		X	X	X
<i>Akodon serrensis</i>			X	X
<i>Blarinomys breviceps</i>		X		
<i>Thaptomys nigrita</i>	X	X	X	X
<i>Brucepattersonius iheringi</i>	X			X
<i>Brucepattersonius igniventris</i>		X	X	
<i>Oxymycterus judex</i>	X	X		
<i>Oxymycterus dasytrichus</i>				X
<i>Oxymycterus hispidus</i>			X	
<i>Nectomys squamipes</i>	X		X	X
<i>Oecomys catherinae</i>	X			
<i>Oecomys aff. concolor</i>				X
<i>Oecomys</i> sp. 1			X	
<i>Oecomys</i> sp. 2			X	
<i>Oecomys</i> sp. 3				X
<i>Oligoryzomys flavescens</i>	X			
<i>Oligoryzomys nigripes</i>	X	X	X	X
<i>Euryoryzomys russatus</i>	X ^x		X	X
<i>Sooretamys angouya</i>	X		X	
<i>Rhipidomys aff. macrurus</i>			X	X
<i>Rhipidomys mastacalis</i>			X	
<i>Rhipidomys</i> sp.		X		
<i>Delomys dorsalis</i>	X*		X	
<i>Delomys sublineatus</i>	X ^x	X	X	

Didelphimorphia		Carlos Botelho e Xitué	Pilar do Sul	Intervalos ¹	Intervalos ²
	<i>Juliomys pictipes</i>	X*	X	X	X
Echimydae	<i>Kannabateomys amblyonyx</i>	X		X	
	<i>Phyllomys nigrispinus</i>	X		X	X
	<i>Trinomys iheringi</i>	X		X	
Caviidae	<i>Cavia</i> sp.	X	X	X	
Lagomorpha	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>		X	X	
Total		27	19	32	20

Espécies de quirópteros constatadas para o PECB, EEcX e região, com destaque para as UC e/ou município onde foram encontradas

Fonte de Informação: P - Dados primários, S - Dados secundários.

Status: Ameaçada (A), Vulnerável (VU), Provavelmente ameaçada (PA), Risco baixo (LR), Próximo de ameaça (NT), Dados deficientes (DD)

São Paulo: Lista de Espécies Ameaçadas do Estado de São Paulo, 1998; BR: IBAMA - Lista de espécies ameaçadas, 2003 (não consta na lista); IUCN: International Union for Conservation of Nature, 2004.

Táxons	Nome Popular	Fonte de Informação	UC/Município	Status			Uso de Caverna	Exótica/Endêmica
				SP	BR	IUCN		
Emballonuridae								
<i>Pteropteryx macrotis</i>	morcego	S	PEI				cav	
Phyllostomidae								
<i>Anoura</i> sp.	morcego	S	PEI					
<i>Anoura caudifera</i>	morcego	S	PEI, PETAR/Cananéia				cav	
<i>Anoura geoffroyi</i>	morcego	S	PEI/Cananéia				cav	
<i>Artibeus</i> sp.	morcego	S	PEI					
<i>Artibeus fimbriatus</i>	morcego	S	PEI/Cananéia			LR/nt		end
<i>Artibeus obscurus</i>	morcego	S	PEI/Cananéia			LR/nt		
<i>Artibeus lituratus</i>	morcego	S	PEI, PETAR/Cananéia				cav	
<i>Artibeus jamaicensis</i>	morcego	S	PEI					
<i>Carollia perspicillata</i>	morcego	S	PEI, PETAR/Cananéia				cav	
<i>Chrotopterus auritus</i>	morcego	S	PEI, PETAR/Cananéia				cav	
<i>Desmodus rotundus</i>	morcego	S	PEI, PETAR				cav	
<i>Desmodus youngii</i>	morcego	S						
<i>Diphylla ecaudata</i>	morcego	S	PEI, PETAR			LR/nt	cav	
<i>Glossophaga soricina</i>	morcego	S	PEI/Cananéia					
<i>Lonchorrhina aurita</i>	morcego	S	PEI, PETAR				cav	
<i>Micronycteris</i> sp.	morcego	S	PEI					
<i>Micronycteris microtis</i>	morcego	S	PEI					
<i>Micronycteris silvestris</i>	morcego	S						
<i>Micronycteris megalotis</i>	morcego	S	PEI				cav	
<i>Mimon bennettii</i>	morcego	S	PEI/Cananéia				cav	

<i>Chiroderma doriae</i>	morcego	S	PEI	A-VU		VU		
<i>Phyloderma stenops</i>	morcego	S	PETAR	PA			cav	
					Status			
Táxons	Nome popular	Fonte de informação	UC/município	SP	BR	IUCN	Uso de Caverna	Exótica/Endêmica
<i>Phyllostomus hastatus</i>	morcego	S	PEI					
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	morcego	S	PEI/Cananéia					
<i>Platyrrhinus recifinus</i>	morcego	S	PEI	A-VU	VU	VU		end
<i>Tonatia bidens</i>	morcego	S	PEI, PETAR/Cananéia				cav	
<i>Trachops cirrhosus</i>	morcego	S	PEI/Cananéia				cav	
<i>Pygoderma bilabiatum</i>	morcego	S	PEI/Cananéia			LR/nt		
<i>Sturnira lilium</i>	morcego	S	PEI, PETAR/Cananéia				cav	
<i>Sturnira tildae</i>	morcego	S	PEI				cav	
<i>Vampyrops lineatus</i>	morcego	S						
<i>Vampyressa pusilla</i>	morcego		Cananéia					
<i>Dermanura cinerea</i>	morcego		Cananéia					
Natalidae								
<i>Natalus stramineus</i>	morcego	S	PETAR	PA			cav	
Furipteridae								
<i>Furipterus horrens</i>	morcego	S	PEI, PETAR	PA			cav	
Vespertilionidae								
<i>Eptesicus brasiliensis</i>	morcego	S	PEI					
<i>Eptesicus diminutus</i>	morcego		Cananéia					
<i>Histiotus velatus</i>	morcego	S	PEI					
<i>Lasiurus blossevillii</i>	morcego	S	PEI					
<i>Lasiurus ega</i>	morcego	S	PEI					
<i>Myotis nigricans</i>	morcego	S	PEI/Cananéia				cav	
<i>Myotis ruber</i>	morcego	S	PEI	A-VU	VU	VU		end
<i>Myotis rubra</i>	morcego		Cananéia					
<i>Myotis sp.</i>	morcego	S	PEI					
Molossidae								
<i>Tadarida brasiliensis</i>	morcego	S	PEI			LR/nt		

ANEXO 14

Definição dos Grupos Faunísticos Estudados

Invertebrados

A grande diversidade da fauna de invertebrados dificulta a exatidão na descrição do número de espécies conhecidas. No levantamento dos dados sobre a diversidade brasileira inevitavelmente ocorrem divergências no número de espécies existentes conforme o grupo taxonômico. Lewinsohn & Prado (2002) desenvolveram um grande estudo para compilar os dados existentes sobre a biodiversidade brasileira, com coleta de informações de diversos especialistas. As estimativas são as seguintes:

Filo / Classe		Brasil	Mundo
Annelida		1.000 – 1.100	12.000 – 15.000
Mollusca	minhocas e sanguessugas	2.600	70.000 – 100.000
Arachnida	moluscos	5.600 – 6.500	92.500
Insecta	aracnídeos	91.000 – 126.000	950.000
Crustacea	insetos	2.040	36.200 – 39.300
Myriapoda	centopéias ou lacraias, piolhos e seus parentes	400 - 500	11.000 – 15.100
Cnidaria		470	11.000
Nematoda		1.000 – 2.200	15.000 – 25.000
Nematomorpha		11	320
Nemertinea		43	1.149
Platyhelminthes		900 – 1.300	12.000

Os invertebrados são muito importantes para a manutenção da estrutura e funcionamento dos ecossistemas. Além de seu papel nas teias alimentares, são os principais polinizadores e decompositores. As aranhas e lacraias, como predadores, regulam as populações de insetos. Os moluscos são recicladores de nutrientes na natureza (SIMONE, 2006), assim como os anelídeos. Os crustáceos de água doce do gênero *Aegla* são os únicos crustáceos anomuros de água doce, com distribuição restrita na América do Sul presente em parte do Estado de São Paulo. *Aeglas* são bastante comuns na região do Alto Ribeira, incluindo espécies cavernícolas, sendo encontradas também na bacia do Paranapanema (TRAJANO & GNASPINI, 2001).

Peixes

Os peixes que vivem em riachos exibem características e adaptações aos ambientes de correnteza (SAZIMA et al., 2001). Esse grupo faunístico, presente em riachos pequenos e encachoeirados, é muito pouco conhecido e observado (CASTRO, 2003). Apresentam pequeno porte, o que torna desinteressantes para a pesca, e hábitos bastante discretos (CASTRO, 2003), ocultando-se geralmente em pedras, folhas no fundo do leito do rio e sob a vegetação ribeirinha (BARRELLA, 1998; OYAKAWA et al., 2006).

Os peixes de riachos são únicos por ocorrer em ambientes aquáticos bastante restritos, são pequenos e com hábitos crípticos. Seu pequeno tamanho o torna desinteressante para a pesca. Esses animais são ótimos indicadores da qualidade do ambiente, pois têm sua sobrevivência intrinsecamente ligada à presença da floresta (SAZIMA, 2001; CASTRO et al., 2003; OYAKAWA et al., 2006), onde encontram proteção e alimento.

Herpetofauna

Devido à tradição implantada por Linnaeus no século XVIII, anfíbios e répteis são agrupados em uma disciplina de estudo denominada herpetologia. Apesar de representar um agrupamento extremamente artificial, herpetólogos e instituições de ensino e pesquisa em biodiversidade no mundo todo mantêm a tradição Linneana em suas classes e coleções. A herpetologia abrange os clados atuais Lissamphibia e parte dos Amniota. O primeiro inclui os anfíbios modernos, distribuídos nas ordens monofiléticas Anura, Caudata e Gymnophiona, enquanto que o segundo contém os clados Testudines, Crocodylia e Squamata, todos pertencentes à irradiação monofilética dos Sauropsida (ou Reptilia). Lagartos, anfísbênias e serpentes pertencem à linhagem dos Squamata, o grupo mais diversificado dos répteis atuais.

Aves

Em termos de riqueza global as aves, entre os vertebrados, ficam atrás apenas dos peixes. Entretanto, quando se considera uma dada localidade (diversidade alfa), como o PECB, nenhum outro grupo de vertebrados ultrapassa as aves. Além da riqueza, se destacam pela diversidade ecológica, ocupando inúmeros nichos como consumidores. As diferentes espécies se distribuem desde o solo, ex. macuco, até alguns quilômetros acima da copa das árvores, ex. urubus. Existem espécies restritas a determinados habitats como moitas de taquaras e margens de riachos. Há espécies nectarívoras, frugívoras, granívoras, insetívoras, carnívoras, necrófagas e onívoras. O tamanho também varia muito, da minúscula maria-cigarra *Myiornis auricularis*, 7cm de comprimento e 5g de peso, até a jacutinga *Aburria jacutinga*, 74 cm e 1,5 kg (SICK, 1997).

A grande maioria das espécies é diurna, e por utilizarem sons e sinais visuais (coloração, comportamento etc.) para se comunicarem, que facilitam a detecção por parte dos pesquisadores, se tornaram o grupo mais bem conhecido de animais e certamente o mais influente na construção do corpo teórico de várias disciplinas das Ciências Biológicas, tais como Evolução, Ecologia e Biologia da Conservação.

Por serem diversas sensíveis a alterações ambientais, relativamente fáceis de estudar e, para uma gama ampla de estudos em ecologia e conservação, não ser necessário a coleta de indivíduos, as aves são excelentes bioindicadores.

Mamíferos

Os mamíferos são os maiores animais existentes atualmente no mundo, embora mais da metade das espécies de mamíferos seja de pequeno porte, pesando até 3,5 kg (AMORI & GIPPOLTI, 2001). Das 457 espécies de mamíferos que ocorrem no Brasil (FONSECA et al., 1999), 113 (24%) são médios e grandes. Uma das duas ordens com maior número de espécies, a Ordem Chiroptera, com 986 espécies, não contém nenhum animal de mais de 1.5 kg, e da ordem mais rica em espécies, Rodentia (com 1.814 espécies), apenas uma das três subordens (Hystricognatha) contém espécies de médio porte. Das 194 espécies conhecidas no Estado de São Paulo (VIVO, 1998), 53 (27%) são de médio e grande porte. Para a Mata Atlântica em geral, a proporção é similar: de 285 espécies (MIRETZKI, 2005), 80 (28%) são médios e grandes mamíferos.

A nomenclatura seguiu Miretzki (2005), cujo trabalho incorporou revisões taxonômicas recentes. Apenas para os bugios *Alouatta clamitans* a nomenclatura diferiu da adotada por Miretzki, seguindo a revisão abrangente do gênero realizada por Gregorin (2006).

Mamíferos voadores

A Ordem Chiroptera é a que representa os mamíferos voadores. Com características singulares para explorar o meio aéreo, destaca-se pela diversificação ecológica, comportamental e de hábitos alimentares – insetívoros, frugívoros, nectarívoros, carnívoros, piscívoros e hematófagos (BIANCONI et al., 2004; GIMENEZ & FERRAREZZI, 2004). A importância dos morcegos no ambiente inclui o controle de populações de insetos, a polinização e a dispersão de sementes, além de sua importância médico-sanitária na transmissão do vírus da raiva (GIMENEZ & FERRAREZZI, 2004). Alguns autores (GIMENEZ & FERRAREZZI, 2004), PASSOS et al., 2003, Bianconi et al., 2004) ressaltam a importância desse grupo faunístico na manutenção dos ecossistemas tropicais. Muitas vezes constituindo a maior parte da fauna de mamíferos (GIMENEZ & FERRAREZZI, 2004; BIANCONI et al., 2004; MIRETZKI, 2003). No Estado de São Paulo, a diversidade de morcegos é muito elevada: são 64 espécies, o que representa 37,6% das espécies de mamíferos existente no Estado (VIVO, 1998). O grupo apresenta baixo endemismo de espécies e sua comunidade geralmente é formada por espécies que ocorrem também em ecossistemas adjacentes (SMA, 2006).

Pequenos Mamíferos

Muitos dos pequenos mamíferos (ordens Rodentia e Didelphimorphia com até 2,5 kg) brasileiros têm sua distribuição restrita à Mata Atlântica. Dentre as espécies que compõem a fauna de pequenos mamíferos da Floresta Atlântica encontramos uma grande diversidade de hábitos e de preferências com relação ao microhabitat. Alguns dos marsupiais são estritamente terrestres, como as catitas do gênero *Monodelphis*, um número considerável utiliza tanto o solo quanto as árvores, e no outro extremo temos as espécies exclusivamente arborícolas de cuícas-lanosas, do gênero *Caluromys*. Os roedores podem ser divididos em semi-fossoriais, como *Oxymycterus*, exclusivamente terrestres, como *Ákodon*, semi-arborícolas, como *Oryzomys*, e inteiramente arborícolas, como diversos equimídeos. Nos dois grupos encontramos gêneros semi-aquáticos: a cuíca d'água, *Chironectes minimus*, e o rato d'água, *Nectomys*.

Em uma escala maior, espécies diferentes de pequenos mamíferos podem ser encontradas em regiões de diferentes altitudes, formando gradientes, ou ainda estar relacionadas a áreas de planícies ou planaltos (VIVO & GREGORIN, 1991; BONVICINO et al., 1997; GEISE et al., 2004).

Embora não se conheça o suficiente sobre os padrões de distribuição e abundância dos pequenos mamíferos da mata atlântica, especialmente devido à necessidade de estudos de longa duração utilizando métodos distintos e complementares de coleta de exemplares (ver VOSS & EMMONS, 1996, LEITE, 2003), algumas espécies podem ser consideradas raras, e diversas são classificadas como ameaçadas ou criticamente ameaçadas. Predominam neste grupo os animais de hábitos estritamente arborícolas, principalmente roedores equimídeos.

De modo geral, os pequenos mamíferos apresentam áreas de vida pequenas, em contraste com mamíferos de médio ou grande porte, e se adaptam rapidamente a ambientes muito modificados, áreas de campos ou bordas de mata, ou até mesmo urbanos (*Didelphis aurita*, *Monodelphis domestica*). No entanto, por apresentarem elevado grau de endemismo, com alguns gêneros em particular tendo áreas de distribuição muito restritas (p. ex., os ratos-arborícolas de Mata Atlântica pertencentes ao gênero *Phyllomys*), podem ter papel importante na determinação e escolha de áreas a serem protegidas. De fato, a presença no PECB de espécies como o rato-arborícola da Mata Atlântica *Phyllomys nigrispinus* confere a toda esta região uma importância muito grande em termos de conservação, pois, metade das espécies reconhecidas para o gênero *Phyllomys* encontram-se classificadas como ameaçadas, principalmente devido às suas distribuições restritas.

Grandes e Médios Mamíferos

Os animais abordados por este grupo temático incluem a Classe Mammalia com exceção de todos os Didelphimorphia e Chiroptera e de todos os Rodentia com peso corporal < 3.5 kg. Dentre os roedores, portanto, foram incluídos os animais das Famílias Erethizontidae, Hydrochaeridae e Cuniculidae (que inclui as pacas *Cuniculus paca* e as cutias *Dasyprocta* spp.). Esta definição, aparentemente arbitrária, é baseada principalmente no modo de estudo dos diferentes grupos: a maior parte das espécies de médios e grandes mamíferos pode ser registrada por observações e indícios, enquanto a diversidade de pequenos mamíferos e quirópteros só pode ser estudada através de captura dos animais. O limite preciso de 3,5 kg foi definido, assim, de forma a incluir as cutias *Dasyprocta azarae* e *Dasyprocta agouti* nos médios e grandes mamíferos, uma vez que havia registros destes animais por fotos e indícios e não houve capturas destas espécies pela equipe de pequenos mamíferos. Tapitis *Sylvilagus brasiliensis*, apesar do peso de 0,45 a 1,2 kg (EMMONS & FEER, 1991) foram incluídos entre os médios e grandes mamíferos, uma vez que os dados sobre estes animais referem-se a contatos visuais e eles não são tradicionalmente abordados nos estudos sobre pequenos mamíferos.

Apesar da definição arbitrária deste grupo, algumas características comuns podem ser apontadas: a maioria destas espécies apresenta grandes distribuições geográficas (FONSECA et al., 1999), e a maioria dos mamíferos incluídos em listas de extinção por ameaças diretas (por exemplo, caça para retirada de peles, consumo da carne ou simples eliminação da espécie) pertence a este grupo. Por outro lado, encontram-se neste grupo espécies em todos os nichos tróficos (ver, por exemplo, ROBINSON & REDFORD, 1982) e que utilizam todos os estratos da mata. Muitas das espécies deste grupo são ariscas e evitam locais com atividades humanas (por exemplo, cachorro-vinagre *Speothos venaticus*, SHELDON, 1992; AQUINO & PUERTAS, 1997; BEISIEGEL & ZUERCHER, 2005), têm hábitos principalmente noturnos (cervídeos *Mazama americana* e *Mazama bororo*, VOGLIOTTI, 2003; grande parte dos felinos, ver revisão em OLIVEIRA, 1994), são pequenas e silenciosas, de movimentação lenta e aparência bem camuflada no ambiente (ouríço *Sphiggurus villosus*, preguiças *Bradypus variegatus*, tamanduá-mirim *Tamandua tetradactyla*), têm áreas de uso de grandes dimensões, usadas ao longo de um período de tempo tão longo que chegam a ser consideradas nômades (queixada *Tayassu pecari*, FRAGOSO, 1998) ou apresentam combinações de duas ou mais das características acima. Outras espécies, como os primatas *Brachyteles arachnoides*, *Alouatta clamitans* e *Cebus nigrítus*, têm hábitos diurnos e vocalizações e/ou comportamento altamente conspicuos que podem causar uma falsa sensação de abundância.

ANEXO 15

Caracterização dos Bairros Localizados no Entorno do Parque Estadual Carlos Botelho

Caracterização dos Bairros do Município de Sete Barras:

A caracterização da ocupação humana dos bairros foi elaborada com base nas informações fornecidas pelo Programa Saúde da Família da Secretaria Municipal de Saúde de Sete Barras (PSF), nas visitas às localidades e nos levantamentos feitos nas instituições públicas municipais.

Município - Sete Barras	Bairro Monjolo / Alto do Manparra Descrição: Bairro formado por famílias de pequenos agricultores
Categoria	Descrição
População	Não informada
Organização social	Associação Formoso dos Apicultores de Sete Barras
Acessos	Precários, com início na SP-139
Comunicação	Não tem sistema de telefonia pública
Transporte público	Insuficiente
Saúde	Atendimento pelo PSF
Educação	Escola multisseriada
Atividade econômica	A principal atividade econômica é a bananicultura, seguida do reflorestamento com juçara e palmeira-real, piscicultura, apicultura e agroindústria de suco de juçara
Ações implementadas	Curso de formação pela Associação Formoso dos Apicultores
Principais problemas	Comercialização dos produtos – chegaram a produzir artesanato de fibra de banana e pararam, em razão da dificuldade de comercialização, de financiamento para o pequeno agricultor e de problemas com a legislação ambiental
Demandas levantadas	Incentivo para a instalação de agroindústria, financiamento para pequenos produtores, incentivo para a educação ambiental e sanitária, extensão rural

Município - Sete Barras	Bairro Manparra Descrição: Bairro formado por famílias de pequenos agricultores
Categoria	Descrição
População	85 famílias e 310 habitantes
Organização social	Inexiste
Acessos	Precários, com início na SP-139
Comunicação	Não tem sistema de telefonia pública
Transporte público	Insuficiente
Saúde	Atendimento pelo PSF
Educação	Escola multisseriada com 12 alunos
Energia elétrica	Atendimento de 89%
Abastecimento de água	63% não têm acesso ao tratamento da água, 25% cloram a água e os restantes 12% filtram ou fervem a água
Coleta de lixo	72% são atendidos pela coleta pública semanal, 26% queimam ou enterram o lixo e os restantes 2% deixam o lixo a céu aberto
Esgotamento sanitário	59% têm fossa e 41% lançam o esgoto a céu aberto
Atividade econômica	A principal atividade é a bananicultura, seguida da plantação de arroz, do reflorestamento com juçara e palmeira-real, da agroindústria de suco de juçara e da apicultura. Algumas famílias recebem para pouso e almoço os tropeiros da festa de Bom Jesus do Iguape
Ações implementadas	Curso Sebrae de artesanato, banana chips e pão
Principais problemas	Comercialização dos produtos – chegaram a produzir artesanato de fibra de banana, mas pararam, em razão da dificuldade de comercialização, de financiamento para o pequeno agricultor, e de problemas com a legislação ambiental
Demandas levantadas	Incentivo para a instalação de agroindústria, capacitação para a produção orgânica (agroecologia) e o artesanato em geral, e também para o turismo rural, religioso e ecológico

Município - Sete Barras	Bairro do Ribeirão Descrição: Bairro formado por famílias de pequenos agricultores
Categoria	Descrição
População	149 famílias e 579 habitantes
Organização social	Inexiste
Acessos	Precários, com início na SP-139
Comunicação	Tem sistema de telefonia pública
Transporte público	Regular, mas insuficiente
Saúde	Atendimento pelo PSF
Educação	Uma unidade escolar do Estado da 1ª à 8ª série e uma Emei com 25 alunos
Energia elétrica	Atendimento de 97%
Abastecimento de água	46% não têm acesso ao tratamento da água, 43% cloram a água e os restantes 11% filtram ou ferverem a água
Coleta de lixo	89% são atendidos pela coleta pública semanal, 8% queimam ou enterram o lixo e os restantes 3% deixam o lixo a céu aberto
Esgotamento sanitário	34% têm acesso à rede de esgoto, 46% têm fossa e 20% lançam o esgoto a céu aberto
Atividade econômica	A principal atividade econômica é a agrícola, seguida da extração do palmito-juçara.
Ações implementadas	Um morador da região, Sr. Chiquinho, por iniciativa própria, tem uma área de repovoamento de palmito juçara – 6 ha com 40 mil pés de palmito Artesanato e viveiro de mudas – PM Sete Barras
Principais problemas	Palmiteiros, - falta orientação técnica para o plantio do palmito-juçara e financiamento para a produção, problemas com a legislação ambiental
Demandas levantadas	Financiamento para o pequeno agricultor, extensão rural, instalação de viveiro de palmito-juçara, pupunha e árvores nativas

Município - Sete Barras	Bairro Saibadela Descrição: Bairro formado por famílias de pequenos agricultores
Categoria	Descrição
População	75 famílias e 260 habitantes
Organização social	Associação do Bairro Saibadela
Acessos	Precários
Comunicação	Tem sistema de telefonia pública
Transporte público	Insuficiente
Saúde	Atendimento pelo PSF
Educação	Escola multisseriada
Energia elétrica	Atendimento de 87%
Abastecimento de água	79% não têm acesso ao tratamento da água, 8% cloram a água e os restantes 13% filtram ou fervem a água
Coleta de lixo	7% são atendidos pela coleta pública semanal, 77% queimam ou enterram o lixo e os restantes 16% deixam o lixo a céu aberto
Esgotamento sanitário	85% têm fossa e 16% lançam o esgoto a céu aberto
Atividade econômica	A principal atividade é a agricultura, seguida do cultivo do palmito-juçara, da palmeira-real, da pupunha e do maracujá (início)
Ações implementadas	Implantação de um viveiro em parceria com a prefeitura (2 anos). Um grupo de mulheres que faz artesanato (pintura, bordado, crochê) e outro que produz banana chips. Agroindústria de processamento de pupunha (início), projeto do Ministério do Desenvolvimento Agrário
Principais problemas	As restrições ambientais são demasiadas para a realidade local (limpeza do terreno, retirada de árvores secas ou caídas, solapamento do rio, solapamento da estrada pelo rio). Lançamento de bichos mortos no rio Saibadela, dificuldades comercialização de seus produtos
Demandas levantadas	Apoio para a exploração da atividade de ecoturismo (trilhas e cachoeiras), preservação do rio Saibadela e viabilização da produção de banana chips

Município - Sete Barras	Bairro Rio Preto Descrição: Bairro formado por famílias de pequenos agricultores
Categoria	Descrição
População	143 famílias e 516 habitantes
Organização social	Associação de Desenvolvimento Comunitário Bairro do Rio Preto
Acessos	Estrada de saibro em boa condição de trafegabilidade
Comunicação	Tem sistema de telefonia pública
Transporte público	Regular
Saúde	Atendimento pelo PSF
Educação	Escola multisseriada com 48 alunos e Emei com 14 alunos
Energia elétrica	Atendimento de 70%
Abastecimento de água	95% não têm acesso ao tratamento da água, 2% cloram a água e os restantes 3% filtram ou fervem a água
Coleta de lixo	12% são atendidos pela coleta pública semanal, 47% queimam ou enterram o lixo e os restantes 41% deixam o lixo a céu aberto
Esgotamento sanitário	83% têm fossa e 17% lançam o esgoto a céu aberto
Atividade econômica	A principal atividade econômica é a da bananicultura com duas grandes propriedades, seguida da criação de gado leiteiro e da extração de polpa das sementes de palmito-juçara. O bairro é tradicionalmente conhecido pela ação de coleta ilegal de palmito-juçara, principalmente no interior do Parque Estadual de Carlos Botelho
Ações implementadas	Iniciou-se em 1997 o projeto Repovoamento do Palmito-juçara em Área da Mata Atlântica na APA da Serra do Mar, através da parceria entre a Associação de Desenvolvimento Comunitário Bairro do Rio Preto, a FF, o IF, o Parque Carlos Botelho e a Prefeitura de Sete Barras. Os moradores do bairro promovem o repovoamento de pequenas propriedades e posses, e com a comercialização do excedente das mudas produzidas obtêm rendimento imediato. A sede da associação foi construída com uma unidade de produção de polpa de semente de palmito, destinada ao processamento de polpa e de produtos de agrofloresta. Os principais resultados auferidos até o momento são: o repovoamento de aproximadamente 140 ha; a implantação da infra-estrutura do projeto (viveiros de produção de mudas); a aproximação dos moradores do bairro com os funcionários da FF, o que estabeleceu a melhoria nas relações de vizinhança, sempre marcada por conflitos; a diversificação da produção com outras espécies nativas; o aumento da capacidade de produção; e a capacitação dos beneficiários para o manejo e a comercialização de espécies nativas. Agenda 21, agrofloresta, construção da sede da Associação do Bairro Rio Preto
Principais problemas	Comercialização dos produtos, ação ilegal de palmiteiros, restrições ambientais demasiadas para a realidade local (como por exemplo, para a limpeza do terreno, retirada de árvores secas ou caídas, solapamento do rio e outras)
Demandas levantadas	Financiamento para o pequeno agricultor, extensão rural

Município - Sete Barras	Bairro Ipiranga Descrição: Bairro formado por famílias de pequenos agricultores e pela Fazenda Fruti (banana)
Categoria	Descrição
População	55 famílias e 198 habitantes
Organização social	Inexiste
Acessos	Precários, com difícil trafegabilidade em períodos de chuva
Comunicação	Não tem sistema de telefonia pública nem sinal de rádio
Transporte público	Não tem transporte público, usam o escolar
Saúde	Atendimento pelo PSF
Educação	Escola multisseriada com 28 alunos
Energia elétrica	Atendimento de 78%
Abastecimento de água	60% não têm acesso ao tratamento de água, 38% cloram a água e os restantes 2% filtram ou fervem a água
Coleta de lixo	24% não são atendidos pela coleta pública semanal, 69% queimam ou enterram o lixo e os restantes 7% deixam o lixo a céu aberto
Esgotamento sanitário	95% têm fossa e 5% lançam o esgoto a céu aberto
Atividade econômica	A principal atividade econômica é proveniente do cultivo de banana, verifica-se também, em pequena escala, o cultivo de mandioca e de palmito (pupunha e real) e o repovoamento da mata com palmito juçara.
Ações implementadas	Manejo do palmito-juçara e produção de polpa, apoio da Fazenda Kazita
Principais problemas	Comercialização dos produtos, ausência de orientação técnica para o plantio de palmito-juçara, saneamento básico, comunicação e transporte, problemas com a legislação ambiental
Demandas levantadas	Capacitação para a produção orgânica (agroecologia)

Município - Sete Barras	Bairro Nazaré Descrição: Bairro formado por famílias de pequenos agricultores
Categoria	Descrição
População	43 famílias e 166 habitantes
Organização social	Nazaré (existe uma associação informal chamada SABIANA - Sociedade Amigos de Bairro Ipiranga e Nazaré)
Acessos	Precários, com difícil trafegabilidade, em períodos de chuva o bairro chega a ficar intransitável
Comunicação	Tem um telefone público, mas está quebrado
Transporte público	Não tem transporte público, usam o escolar
Saúde	Atendimento pelo PSF
Educação	Escola multisseriada com 10 alunos. A partir da 5ª série frequentam a escola da Barra do Ribeirão
Energia elétrica	Atendimento de 32%
Abastecimento de água	72% não têm acesso ao tratamento da água, 26% cloram a água e os restantes 2% filtram ou fervem a água
Coleta de lixo	4% são atendidos pela coleta pública semanal, 55% queimam ou enterram o lixo e os restantes 41% deixam o lixo a céu aberto
Esgotamento sanitário	67% têm fossa e 33% lançam o esgoto a céu aberto
Atividade econômica	A principal atividade é a bananicultura, seguida do cultivo de palmito (juçara, pupunha e real), da horta comunitária, da plantação de mandioca. Produzem artesanato de madeira (cipó e xaxim) e cultivam orquídeas
Ações implementadas	A Prefeitura vai iniciar a implantação de um viveiro por meio de uma parceria com a Secretaria de Agricultura. Houve um projeto de agrofloresta que não deu certo
Principais problemas	Extração ilegal de palmito, restrições ambientais demasiadas para a realidade local (como por exemplo para a limpeza do terreno, retirada de árvores secas ou caídas, solapamento do rio e outras), comercialização dos produtos, que fica nas mãos do atravessador. O bairro está abandonado pelo poder público
Demandas levantadas	Recuperação da estrada para melhorar a fiscalização da região e servir de apoio ao ecoturismo, financiamento para o pequeno agricultor, extensão rural. Os pequenos proprietários têm interesse em explorar o ecoturismo e o plantio de pupunha. Viveiro com inclusão de sementes medicinais, pois a população tem um grande conhecimento da mata

Caracterização dos Bairros do Município de São Miguel Arcanjo

A caracterização da ocupação humana dos bairros foi elaborada com base nas visitas às localidades e nos levantamentos feitos nas instituições públicas municipais.

Município – São Miguel Arcanjo	Bairro Abaitinga e Gavião Descrição: Os bairros de Abaitinga e Gavião são contíguos, mas Abaitinga apresenta um padrão urbano superior a Gavião.
Categoria	Descrição
População	400 famílias e 1.750 habitantes
Organização social	Associação dos Moradores de Abaitinga e Coperarcujo- Cooperativa de Coleta Seletiva de Lixo
Acessos	SP-139
Comunicação	Sistema de telefonia pública e de rádio
Transporte público	Abaitinga é ponto de transporte rodoviário para o parque, Mamparra, Sete Barras, Registro, Pariquera Açú, Iguape e Ilha Comprida
Saúde	Posto de saúde, com atendimento semanal ginecológico e diário odontológico
Educação	Emei, escola de ensino fundamental I e II e ensino médio. Gavião utiliza as escolas de Abaitinga. Os professores trabalham nas disciplinas temas relativos ao PECB
Energia elétrica	100%.
Abastecimento de água	Sistema de abastecimento público – Sabesp – rede e tratamento
Coleta de lixo	Não tem coleta regular
Esgotamento sanitário	Esgoto a céu aberto, a rede construída lança o esgoto a céu aberto em razão da falta de lagoa de tratamento. No bairro do Gavião, não há rede de esgoto construída, o esgoto todo é lançado no rio Taquaral
Atividade econômica	A atividade principal é a agricultura, seguida do turismo rural, com visitação das pequenas propriedades, e da produção de artesanato (suco de uva, vinho, geléias, pães etc.)
Ações implementadas	Coleta seletiva de lixo gerida pela Coperarcujo, duas vezes por semana, esse trabalho foi iniciado na Escolinha de Futebol, por meio do programa de educação ambiental Reciclando para o Futuro. Padaria comunitária implementada com recursos do programa Renda Cidadã (o programa forma a mão-de-obra e fornece o material, o lucro da venda é dividido). Curso de compotas e geléias aplicado pelo Senar. Atividades na escola aos sábados e domingos pelo programa Escola da Família. Sópão comunitário no bairro do Gavião uma vez por semana. Há um projeto em andamento para criar um museu do bairro, para também divulgar e vender o artesanato produzido no bairro
Principais problemas	Esgoto, que corre a céu aberto, corre na rua – a Sabesp implantou a rede, mas até o momento não foi construída a lagoa de tratamento. Segurança. Falta de policiamento. Comercialização dos produtos (compotas, artesanato etc.). Existência de muitos cachorros na região, o município não conta com um canil nem com controle de zoonose. Nas áreas centrais do bairro falta arborização e calçada. A restrição da tonelagem da SP-139 cria alguns impedimentos para o escoamento da produção agrícola, especialmente da uva. É permitido o transporte de até 6 toneladas, com isso a produção sai de São Miguel e percorre 150 km até a BR-101, enquanto se fosse transportada pela SP-139 seriam 80 km
Demandas levantadas	Necessidade de envolver e priorizar a comunidade nas atividades com o PECB. Aumento de incentivo para a comunidade se envolver com o parque. Realização de melhorias no bairro para receber turistas, tanto do bairro como os que vão para o Parque. Recuperação da SP-139

Município – São Miguel Arcanjo	Bairro Turvinho
Categoria	Descrição
População	Aproximadamente 180 habitantes, predominando as famílias formadas por aposentados da Comissão de Serviços Públicos de Energia (CSPE) e de agricultores
Organização social	Associação de Produtores Rurais do Bairro do Turvinho (APMTUR)
Acessos	Precários, com intenso tráfego de caminhões e tratores das empresas de reflorestamento
Comunicação	Sistema de telefonia pública e de rádio
Transporte público	Insuficiente
Saúde	Não tem PSF, o atendimento é feito em São Miguel Arcanjo
Educação	Emei, ensino fundamental da 1ª à 4ª série. Só há ensino fundamental II em São Miguel Arcanjo
Energia elétrica	100%
Abastecimento de água	Sistema de abastecimento público – Sabesp – rede e tratamento
Coleta de lixo	Coleta pública semanal
Esgotamento sanitário	Não tem
Atividade econômica	Poucas, pois a maioria da população é de aposentados
Ações implementadas	Programa de Microbacias Hidrográficas da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati). O Programa de Microbacias Hidrográficas teve duração de 30 meses, encerrando-se em junho passado. Atendeu diretamente de 25 a 27 pequenos produtores e indiretamente a 160. O programa abrangeu: a) aquisição de mudas, sementes e adubação verde para cobertura e proteção do solo, b) agroindústria, c) fossa séptica (padrão Embrapa, só para vaso sanitário), d) financiamento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e do Fundo de Expansão da Agropecuária e da Pesca (Feap)
Principais problemas	Esgoto a céu aberto. A empresa Suzano não pode mais plantar nem replantar, por isso está adquirindo áreas para plantio geralmente em parceria com pequenos agricultores, provocando um processo de substituição da cultura da uva pela de eucalipto (Orsa e Suzano). Práticas inadequadas de conservação do solo. Ocupação de áreas de declividade acentuada. Ocupação de áreas de APPs. Assoreamento dos rios. Disposição inadequada de lixo agrotóxico. Desemprego. Intensificação do tráfego de caminhões e tratores e sobrecarga de peso nas estradas em razão da atividade de reflorestamento. O reflorestamento está acabando com os corredores de pássaros
Demandas levantadas	Incentivo para a exploração do turismo rural, pois a represa de São José e a Usina de São José têm grande potencial turístico

Caracterização dos Bairros do Município de Capão Bonito

A caracterização da ocupação humana dos bairros foi elaborada com base nas visitas às localidades e nos levantamentos feitos nas instituições públicas municipais.

Município – Capão Bonito	Bairro Taquaral Abaixo
Categoria	Descrição
População	130 famílias e aproximadamente 700 habitantes, formada por prestadores de serviço nas empresas de reflorestamento, no corte e na resinagem, e uns poucos agricultores e aposentados
Organização social	Associação Bairro do Taquaral Abaixo
Acessos	Precários, em péssimo estado de conservação e com intenso tráfego de caminhões e tratores das empresas de reflorestamento
Comunicação	Sistema de telefonia pública e de rádio
Transporte público	Inexiste, a população é atendida por uma perua particular que cobra R\$ 10,00 por pessoa ou R\$ 50,00 por viagem
Saúde	PSF, semanal
Educação	Emei e ensino fundamental I com aproximadamente 80 crianças. A escola de ensino fundamental II mais próxima fica em São Miguel Arcanjo, e a distância faz as crianças abandonarem o estudo
Energia elétrica	100%
Abastecimento de água	Sistema de abastecimento público – Sabesp – rede e tratamento
Coleta de lixo	Não tem coleta pública; a maioria queima, mas também lança o lixo na estrada ou nos rios
Esgotamento sanitário	Inexiste
Atividade econômica	A principal atividade econômica é o reflorestamento, seguido da agricultura. A renda média salarial é de um salário mínimo. Na região existem duas empresas de reflorestamento, a Orsa e a Suzano, esta última não emprega ninguém da região. Estão iniciando a produção de trabalhos manuais de pintura em tecido, antigamente produziam artesanato com taquara, mas pararam em razão da proibição de corte
Ações implementadas	5% dos agricultores têm financiamento do Pronaf, agricultura de subsistência. A Orsa dá incentivo ambiental para o cultivo de mudas nativas – Flora Atlântica. Está previsto o início de cursos de formação e capacitação de artesanato, comércio e turismo rural, visando ao Projeto São Tomé, em parceria com o Sebrae
Principais problemas	O bairro é caminho dos palmiteiros de fora. O lixo da agricultura é o maior problema. As propriedades são pequenas (padrão de lote urbano) em razão da expansão da cultura de eucalipto, perderam a terra e agora prestam serviço para a empresa. Comercialização de produtos. Falta de policiamento. Ausência de coleta de lixo e saneamento. Estradas precárias. Gravidez na adolescência e alcoolismo
Demandas levantadas	Reativação da rádio comunitária (informação e comunicação). A comunidade apóia as medidas de preservação

ANEXO 16

Sítios Arqueológicos Cadastrados no IPHAN

Sítios arqueológicos cadastrados no acervo do IPHAN na região de influência do Vale do Ribeira e do Alto Paranapanema

Denominação Do Sítio	Município	Arqueólogos Responsáveis	Instituição/ Empresa	Observações
Barra do Chapéu I	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, com grande quantidade de matéria-prima em estado bruto
Bombas I	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Bombas 2	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Bombas 3	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Bombas 4	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, sobre morrote de fundo de vale, junto ao ribeirão
Caraca I	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto, Carapaça de molusco, ossos humanos
Fazenda I	Apiáí -SP	Cristiana N.G.B. Barreto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto. Concentração de material arqueológico próximo a um córrego, onde se encontram também blocos e calhaus de sílex
Fazenda II	Apiáí -SP	Cristiana N.G.B. Barreto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Fazenda III	Apiáí -SP	Cristiana N.G.B. Barreto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Fazenda IV	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Fazenda V	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Gurutuba 10	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio cerâmico a céu aberto, em patamar de baixa vertente. Cerâmica associada à trad. Itararé
Gurutuba 11	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto (superfície e profund. de 60cm).
Gurutuba 12	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, sobre patamar de média vertente
Gurutuba 13	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, sobre morrote aplainado no fundo de vale. (Vestígios líticos escassos).
Gurutuba 14	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, sobre terreno aplainado, próximo ao rio. (Vestígios escassos à superfície)
Gurutuba 15	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, em terreno aplainado em planície de inundação. (Vestígios à superfície e em estratigrafia).
Gurutuba 16	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio cerâmico a céu aberto (trad. Itararé), em patamar de média vertente

Gurutuba 17	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto, em patamar de média vertente. Material aflorando no topo do patamar. Profundidade: 40cm
Gurutuba 18	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, em patamar de média vertente c/ área reduzida, bastante pedregoso (vestígios escassos).
Gurutuba 19	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, em planície de inundação. Profundidade: 40cm.
Gurutuba 6	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto - em superfície e em estratigrafia (prof. máx. 1m). Bastante denso em vestígios
Gurutuba 8	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, assentado sobre morrote aplainado. Estratigrafia - 20cm.
Gurutuba 9	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto, em patamar de alta vertente. Cerâmica associada à trad. Itararé.
Gurutuba I	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto.
Gurutuba II	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Gurutuba III	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Gurutuba IV	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto
Itaoca 3	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, sobre morrote de fundo de vale
Itaoca 4	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, sobre morrote em planície de inundação.
Itaoca III	Apiáí -SP	Cristiana N.G.B. Barreto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Juá	Apiáí -SP	Solange Bezerra Caldarelli	Scientia Consultoria Científica	Unicomponencial, pré colonial, lítico, em superfície e profundidade lascado em sílex. Área de extração de Minérios. Sondagens feitas e áreas de caverna, não foi encontrado nenhum vestígio arqueológico, localizado em fundo de vale, próximo a 2 cursos d'água
Lageado I	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Lageado 10	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio cerâmico a céu aberto, em patamar de média vertente. Cerâmica associada à trad. Itararé
Lageado 2	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, em morrote de fundo de vale.

Lageado 3	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, sobre morrote de fundo de vale.
Lageado 5	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Lageado 7	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Lageado 8	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, sobre patamar baixo de vertente
Lageado 9	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Lageado IV	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto. Área de terra preta, com muita carapaça de molusco, quebrada e inteira, e material arqueológico aflorando.
Laje Branca	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico em salão amplo na entrada da gruta onde penetra um pequeno riacho. Ocorrência de restos ósseos de fauna, estratigrafia cruzada, fogueiras
Pavão 4	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Pavão 8	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Pavão I	Apiáí -SP	Cristiana N.G.B. Barreto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	lítico lascado; lítico polido
Pavão II	Apiáí -SP	Cristiana N.G.B. Barreto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto. Concentração de carapaça de molusco e ossos
Pavão III	Apiáí -SP	Cristiana N.G.B. Barreto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto. Terra preta e grande concentração de carapaça de molusco. Ossos
Pavão IX	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	lítico lascado; lítico polido
Pavão V	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Pavão VI	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Pavão VII	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Lítico lascado
Pavão XI	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Lítico lascado
Pavão XII	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Lítico lascado
Pavão XIII	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Lítico lascado

Pavão XV	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Lítico lascado
Pescaria	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico discretíssimo no salão da gruta Pescaria, após o acesso entre blocos. Ocorrência de vestígios ósseos de fauna de pqno. porte (mamíferos pequenos).
Porto Apiáí 2	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Porto Apiáí I	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto. Concentração de carapaça de molusco
Quatis Gramado	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico (cerâm. trad. Itararé) em abrigo localizado em média vertente. Certamente o sítio está enterrado.
Rio Claro 4	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Rio Claro I	Apiáí -SP	Cristiana N.G.B. Barreto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Carapaça de molusco
Rio Claro II	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Carapaça de molusco
Rio Claro III	Apiáí -SP	Cristiana N.G.B. Barreto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Abrigo Serra Formosa	Apiáí -SP	Guy C. Collet	Sociedade Brasileira de Espeleologia	Sambaqui fluvial em abrigo. Encontradas ossadas humanas.
Sambaqui Anta Gorda I	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio concheiro a céu aberto. Material não-visível à superfície - informação oral dos moradores.
Sambaqui Inveja I	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio concheiro a céu aberto em planície aluvial
Sambaqui Itaoca II	Apiáí -SP	Cristiana N.G.B. Barreto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	lítico lascado; lítico polido; cerâmico - Sambaqui bastante destruído;
Sambaqui Januário	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto. Mancha de terra preta e grande concentração de conchas de caramujo
Sambaqui Temimina	Apiáí -SP	Guy C. Collet	Sociedade Brasileira de Espeleologia	Estruturas de combustão e material malacológico
Serrinha I	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Serrinha III	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	

Serrinha IV	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Tememina 2	Apiáí -SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico discretíssimo, no salão amplo da gruta
Toca da Onça	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio cerâmico (trad. Itararé) em abrigo, localizado em alta vertente.
Toca dos Caramujos I	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico sob rocha. Carapaça de moluscos e ossos de boi
Toca dos Caramujos II	Apiáí -SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico sob rocha. Terra preta e carapaça de molusco
Águas Quentes I	Barra do Turvo - SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Águas Quentes II	Barra do Turvo - SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Anhemas	Barra do Turvo - SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Barra do Turvo (Casa Sub)	Barra do Turvo - SP	Marisa Coutinho Afonso	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Casa Subterrânea - Em 1997 intervenções apontaram para uma estrutura grosseiramente circular com dimensões máximas de 6,2m x 6,7m. Os perfis estratigráficos nas sondagens e trincheiras apresentaram uma camada areno-argilosa escura, rica em material orgânico
Barreiro 7 (Cemitério)	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio cemitério a céu aberto, contendo várias estruturas compostas por amontoados de terra e pedra de forma cônica, c/ tamanhos variados
Barreiro I	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Barreiro II	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Barreiro III	Barra do Turvo - SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Barreiro IV	Barra do Turvo - SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Barreiro V	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Bugio I	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto. Material encontrado rolado pela encosta, certamente proveniente do topo. Profundidade de 10cm. Cerâmica trad. Itararé.

Bugio 18	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto em patamar de alta vertente de 9x8m.. Cerâmica trad. Itararé
Bugre 1	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto, em patamar de média vertente. Cerâmica associada à trad. Itararé
Bugre 2	Barra do Turvo - SP			
Bugre 2	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio cerâmico a céu aberto, em patamar de alta vertente. Cerâmica trad. Itararé.
Cedro I	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Paraíso	Barra do Turvo - SP	Marisa Coutinho Afonso	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	N 7.239.486 / E 773.306 - Em 1996 foram abertas duas sondagens e em apenas uma saiu mat. Em 35cm. A matéria prima utilizada é sílex, quartzo e calcário. Mat. Coletado = 341, sendo 88 estilhas e 3 projeteis (apenas uma está inteira)
Primeiro Ribeirão II	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Reginaldo I	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Reginaldo II	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Reginaldo III	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	lítico polido.
Reginaldo IV	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Reginaldo V	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Ribeirão Bonito II	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Ribeirão Bonito III	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Ribeirão do Bugre I	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	

Ribeirão do Bugre II	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Ribeirão do Meio I	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Ribeirão do Veado I	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	lascado
Ribeirão do Veado II	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Ribeirão Grande I	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Ribeirão Grande II	Barra do Turvo - SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Rio Vermelho I	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto (aparentemente, estrutura de lascamento).
Rio Vermelho II	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Salto Grande I	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto, em baixo patamar de vertente. Cerâmica associada à trad. Itararé. Profundidade de 20cm.
Salto Grande I5	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto, em patamar de alta vertente (topo, 15x13m). Profundidade de 20cm. Cerâmica trad. Itararé
Sambaqui Fluvial do Leandro	Barra do Turvo - SP	Guy C. Collet	Sociedade Brasileira de Espeleologia	Ossos (diversos a analisar) - mamíferos. Espinhas de peixe, líticos polidos e lascados. Malacológico
Sambaqui Primeiro Ribeirão I	Barra do Turvo - SP	Cristiana N.G.B. Barreto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, com presença de sepultamentos, terra preta e carapaça de molusco.
Sambaqui Ribeirão Bonito I	Barra do Turvo - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	parcialmente destruído
Capelinha	Cajati - SP			
Sambaqui Jaraçatiá	Cajati - SP	Paulo A. D. de Blasis/ Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio localizado em baixa vertente de uma ampla colina quase sem declive. Área total de 150 x 100 metros. No passado distava +/- 160 metros do Rio(hoje a 90 metros)
Sambaqui Acaraú I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Acaraú II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Almas I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	

Sambaqui Almas II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Barreiro I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Barreiro II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Batatal I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Batatal II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Bombicho I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Bombicho II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Branco	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Brandina	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Braz	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Brocuanha I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Brocuanha II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Brocuanha III	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Brocuanha IV	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Cachoeira Grande	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Cantagalo	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Caramanduva	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Carapara	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Caratuba I	Cananéia - SP	Caio Del Rio Garcia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	grandes proporções
Sambaqui Caratuba II	Cananéia - SP	Caio Del Rio Garcia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	grandes proporções
Sambaqui Caratuba III	Cananéia - SP	Caio Del Rio Garcia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	grandes proporções
Sambaqui Carijo	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Carijo	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Carijó	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Cocaia	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Coisa Boa	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	

Sambaqui Cordeirinho	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Curral I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Curral II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Curral III	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Cuscuseiro	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui do Itapitangui	Cananéia - SP	Maria Lúcia Franco Pardi	IPHAN/MinC	
Sambaqui Estaleiro	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Etelvina	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Guabiroba	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Guacici	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Guarapari	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Ilha da Casca	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Itapitangui	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Itapuã I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Itapuã II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Itapuã III	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Jaguaguara	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Japajé	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Japuíra	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Jepajá ou Jupajá (ilegível)	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui João Pedro	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Juruvaúva I	Cananéia - SP	Leonice Bigoni Perozzi	UNESP - PP	
Sambaqui Juruvaúva II	Cananéia - SP	Rosângela Custódio Cortez Thomaz	UNESP - PP	
Sambaqui Juruvaúva III	Cananéia - SP	Leonice Bigoni Perozzi	UNESP - PP	Tombamento Federal pela UNESCO, I camada com 0.30m de espessura e 0.35m de profundidade, apresentando material lítico e cerâmico no mesmo nível.
Sambaqui Laurindo I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	

Sambaqui Laurindo II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Laurindo III	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Limoeiro	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Maria Rodrigues	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Mirim	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Morrete	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Morretinho	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Pereirinha III	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Pereirinha IV	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Ponta da Aroeira	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Ponta da Caieira	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Portinho	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Praia Ipanema	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Prainha I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Prainha II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Retiro I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Retiro II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Rio da Roça I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Rio da Roça II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Rio das Almas	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Rio das Minas	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Rio Guapara	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui São Januário	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Sumidouro	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia

Sambaqui Tabatinguera	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Tajuva	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Tajuvinha	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Tapanhapina I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Tapanhapina II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Tapanhapina III	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Tapera I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Tapera II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Taquanandizinho	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Tetequera	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Trapandé I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Trapandé II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Trapandé III	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Trapandé I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Trapandé II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Tumba I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Tumba II	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Volmario	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Yapumaúva I	Cananéia - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia
Sambaqui Yapumaúva II	Cananéia - SP		
André Lopes (AL)	Eldorado - SP	Erika Marion Robrahn-González	Sítio lítico à céu aberto, sua periferia foi cortada por estrada, o resta esta bem conservado. Resgate em superfície. Encontrado: lascas, ponta de projétil, raspadores em arenito, sílex e quartzito. Localizado em topo de colina, em abertura de vale, às margens

Anhangara (AG)	Eldorado - SP	Erika Marion Robrahn-González		Encontrado: 12 fragmentos líticos, 45 cerâmicos. Parte do sítio foi cortado por estrada, alguns pontos sofrem erosão. Resgate em superfície. Localizado em alto terraço fluvial, pouco abaixo do nível da estrada.
Córrego das Ostras	Eldorado - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	lítico lascado
Ivaporunduva	Eldorado - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lito-cerâmico a céu aberto. Presença de ruínas/fortificações históricas (Capela Nossa Sra. do Rosário).
Sambaqui Batatal I	Eldorado - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Batatal II	Eldorado - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Batatal III	Eldorado - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	com a presença de ossos e dentes
Sapatu	Eldorado - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Areado 1	Guapiara - SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, sobre morrote de fundo de vale.
Areado 2	Guapiara - SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, sobre morrote de fundo de vale.
Areado 3	Guapiara - SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio lítico a céu aberto, sobre morrote de fundo de vale
Buenos	Guapiara - SP	Paulo A. D. de Blasis	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Casa de Pedra (abrigo Topera)	Guapiara - SP	Guy C. Collet		Critério para registro: Caverna, com grande quantidade de caramujos O local é dinamitado e usado como abrigo para gado Encontrado estrutura de fogueira Sítio localizado em 05/10/1973
Abriçó	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Resgate de superfície. Sítio esta em área central da do bairro.
Abrigo do Pindu	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: material malacológico.
Boa Vista	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Existência de um antigo poço de pedra na parte posterior a ruína
Bocava	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Vegetação comprometeu pesquisa. Coleta de superfície. Pode ter relação, ou no mesmo local, do Sítio Conchífero Bocava.

Boiquara	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Antigo engenho.
Cachoeira do Engenho	Iguape - SP	Plácido Cali e Noberto Luiz Guarineto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: alicerces em pedra e telhas.
Cambicho (26 - Ig - 15)	Iguape - SP	Plácido Cali		Resgate superficial. Encontrado: casa sede de fazenda, alicerces, colunas em alvenaria e pedra; telha colonial; ruína de engenho; faiança; cerâmica. Local já utilizado para agricultura.
Capela	Iguape - SP	Plácido Cali e Noberto Luiz Guarineto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: blocos em pedra; fragmentos de parede, coluna em cal. Forte ação erosiva pela maré.
Capivari	Iguape - SP	Plácido Cali		Encontrado: paredes em alvenaria, pedras e cal; telhas. Comprometimento das estruturas pela vegetação.
Casarão	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	"como se trata de um antigo engenho, as estruturas deverão ser desenhadas e comparadas com os outros sítios com a mesma função..."
Conchífero e Histórico Loteamento Aquarius	Iguape - SP			Conchífero e Histórico
Conchífero Lucio	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Costeira da Barra	Iguape - SP	Plácido Cali		Encontrado: quatro colunas em alvenaria, pedras e cal. Os atuais proprietários tem interesse turísticos, descaracterizando o local.
Dionísio	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: forno em pedra e outras estruturas.
Dito	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: muro em pedra e alvenaria. Fácil acesso.
Estação Experimental	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Dados referentes à material recolhido antes do calçamento da cidade. Encontrado: urna, fragmentos cerâmicos com decorações corrugada, unguido e escovado. Havia lagoas no local. Sítio multicomponencial. Adequação do grupo ao local dando características d
Forno	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Conservação consolidação da estrutura e elaboração de uma proposta de manutenção e visitação, integrada a um circuito arqueológico/ turístico mais amplo

Forno RV	Iguape - SP	Plácido Cali e Noberto Luiz Guarineto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: resto de um forno (para assar mandioca). Localizado entre Serra d'á Juréia e Ribeirão Verde.
Furão (26 - Ig - 22)	Iguape - SP	Plácido Cali		Encontrado: colunas e alicerces em pedra e cal; casa abandonada próxima com data na fachada de 1935, que provavelmente é posterior aos demais indícios.
H. Rollo	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: material malacológico. Não foi possível determinar a natureza do Sítio.
Histórico Três Barras	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	O projeto prevê mapeamento e integração com engenhos.
Ipiranga	Iguape - SP	Plácido Cali e Noberto Luiz Guarineto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: três colunas em blocos de pedra, areia e cal; telhas. Há comprometimento das estruturas.
Itaguá	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Dois grandes grupos de ruínas, além de conjunto de estrutura para represamento de água.
Itatins I	Iguape - SP	Plácido Cali		Encontrado: alicerces em pedra e cal; equipamentos de beneficiamento de cana-de- açúcar; tacho em ferro e pedra de moenda (para milho).
Itatins II (26 - Ig - 21)	Iguape - SP	Plácido Cali		Encontrado: alicerces em pedra e barro; pequeno porto em alvenaria, pedra e cal.
Junior	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: estrutura de barragem em pedra e reservatório de água.
Lagoinha	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio dentro de propriedade privada, difícil acesso e bem conservado.
Lauro	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Estrutura de antigo engenho.
Loteamento	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Não foi possível determinar a natureza do sítio.
Loteamentos I, II	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio histórico - muros e blocos de pedra e telhas. Presença de conchas.
Marinheiro	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio cadastrado com base em informações orais e vestígios de faiança, telhas e vidr.

Mineração	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: material cerâmico de origem européia e indígena (de contato); material lítico insignificante; resina de jatobá. Próximo ao sítio Sardon, mas não contemporâneo. Localizado na parte Superior de pequena colina, junto ao córrego Capirava. Sítio pe
Morro do Espia	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Olaria	Iguape - SP	Plácido Cali e Noberto Luiz Guarineto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Pogoça	Iguape - SP	Plácido Cali e Noberto Luiz Guarineto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: alicerces em pedra. As construções, que puderam ser identificadas, encontram-se comprometidas.
Porcina	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Propõe mais pesquisas.
Porto Grande	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Estruturas arquitetônicas do antigo porto, parcialmente aterradas e submersas
Prado	Iguape - SP	Plácido Cali		Quatro blocos de pedra (base). Encontrado uma panela de ferro.
Quatro Colunas	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: colunas e um muro em alvenaria.
Rio das Pedras I	Iguape - SP	Plácido Cali		Possui paredes e pilares feitos de alvenaria de pedra e cal. Encontrado faianças, vidros, cerâmica e telhas
Rio das Pedras II	Iguape - SP	Plácido Cali		Possui paredes e pilares feitos com alvenaria de pedra e cal; base para piso em alvenaria de tijolos. Ainda possui telhas
Rio Verde I	Iguape - SP	Plácido Cali e Noberto Luiz Guarineto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: alicerces em pedra e barro; I faiança sem decoração. Localizado na base da Serrada Juréia, as margens do Rio verde.
Rio Verde II	Iguape - SP	Plácido Cali		Vestígios de edificação de pedra, restos de forno e valo p/ captação de água.
Saltinho	Iguape - SP	Plácido Cali e Noberto Luiz Guarineto	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: blocos em pedra e barro. Localizado em base de morro, a 500m da praia, próximo a córrego e cachoeira.
Sambaqui Arthur	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	

Sambaqui Baicó I	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui Beto Barrero	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui Bocava	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: material malacológico. Grupo pescador-coletor. Sítio sob casa de veraneio e aterro. Localizado às margens de mangue.
Sambaqui Bocui I	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui Bocui II	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui Bonifácio	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Abertura de poço na área do sítio. Grupo pescador-coletor.
Sambaqui Capuava do Momuna I	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		Sítio multicomponencial. Relacionado com o sítio sambaqui Capuava Momuna II.
Sambaqui Capuava do Momuna II	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui Caverna do Ódio (sob Abrigo)	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Grupo de pescadores. Encontrado: ossos de mamíferos, aves, crustáceos. Área aterrada. Sítio escavado e aberto à visitação pública, faz parte do "Programa Arqueológico Baixo Vale do Ribeira". Sítio sob abrigo localizado no sopé do Morro do Espia. Sítio já p
Sambaqui Curva da Morte	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Grupo de pescadores.
Sambaqui da Gamboa	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui do Coveiro I	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		Acesso apenas por barco. Encontrado: material malacológico. Resgate superficial. Sítio multicomponencial, relacionado com sítio sambaqui Coveiro II.
Sambaqui do Coveiro II	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		Encontrado: material malacológico. Sítio multicomponencial. Relacionado com o sítio sambaqui coveiro I.

Sambaqui do Icapara	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Grupo de pescadores. Encontrado: material malacológico. Área utilizada para pasto. Localizado em encosta de morro.
Sambaqui do Jairê I	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui do Johnny	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		Encontrado: material malacológico. Área utilizada para pastagem.
Sambaqui do Lucio	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Grupo de pescadores.
Sambaqui do Morrote	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui do Neco	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui do Prefeito	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: material malacológico, ossos de mamíferos. Área remexida para construção de casa, aflorando material arqueológico. Localizado à margem do Rio Ribeira de Iguape, em colina de base oval.
Sambaqui do Rocio	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Grupo de Pescadores. Encontrado: material malacológico. Sítio já pesquisado por Krone (1914). Sob moradias populares.
Sambaqui Estrada do Jairê	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui Figueira	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sambaqui Giovane	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui Jairê II	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui Jejava	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: material malacológico. Terreno aplainado.
Sambaqui Jipovura I	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		

Sambaqui Jipovura II	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui Morro Grande	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		Encontrado: material malacológico. Sítio multicomponencial, escavado por Krone no início do séc. XX. Relacionado com sítios sambaquis: Jipovura I e II. Localizado em encosta de morro, ao lado de brejo. Esta em área de APA (área de proteção ambiental).
Sambaqui Rosangela	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Grupo de pescadores.
Sambaqui Subaúna	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia		
Sambaqui Três Barras	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Grupo de pescadores. Propriedade privada. Não foi especificado o tipo de material encontrado.
Santa Cruz	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Santa Terezinha	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sítio dentro de propriedade privada, difícil acesso e bem conservado. Coleta de superfície.
Sardon Icaparinha	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Sardon Icaparinha	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	O mesmo que Sardon / Icapariniti
Senzala	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Trata-se de umasenzala que futuramente (?) será escavada
Tapari	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Resgate de superfície. Encontrado: fechadura de ferro e enchada.
Toca do Bugiu	Iguape - SP		MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Indícios alimentares.
Uma I (26 - Ig - 16)	Iguape - SP			Quilombo Encontrado: alicerces e colunas em pedra e alvenaria; construção em alvenaria. Local já utilizado para agricultura e criação de gado, sofre forte erosão.
Uma II	Iguape - SP	Plácido Cali		Encontrado: paredes, colunas e alicerces em alvenaria, pedras, cal e telhas. Estrutura comprometida, local tomado por fiquieras.

Uma III	Iguape - SP	Plácido Cali		Encontrado: dez colunas em alvenaria, pedra e cal.
Uma IV	Iguape - SP	Plácido Cali		Encontrado: poço, uma espécie de churrasqueira em alvenaria e tijlo. Há informação de que foram demolidos: sede de antiga fazenda, capela e engenho.
Valdir	Iguape - SP	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Não foi descrito o material encontrado.
Sambaqui Barra do Boguaçu	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Boa Vista II	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Boa Vista III	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Boguaçu II	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Flores I	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Flores II	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Flores III	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Guanadi	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Jardim Primavera	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Juruvauva I	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Juruvauva II	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Juruvauva III	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Juruvauva IV	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira e Crassotres
Sambaqui Nóbrega	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Patos	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Persio	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Pindanguara I	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.

Sambaqui Poindanguara II	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Ponta Grossa I	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Ponta Grossa II	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Sambaqui Boa Vista I	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Vamiranga	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira e Crassotres
Sambaqui Vila Nova I	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
Sambaqui Vila Nova II	Ilha Comprida - SP	Dorath Pinto Uchôa	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Foram encontrados Anomalocardias Brasileira.
AG 02	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 12 fragmentos liticos Patamar em baixa vertente Casa no local
AL	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 1 fragmento litico Terraço Fluvial em fundo de Vale casa no local
Amadeu	Iporanga - SP	Paulo A. D. De Blasis	CENIN/Grupo de Trabalho - Paleontologia e Arqueologia	
AQ 02	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 3 fragmentos liticos Terraço fluvial em fundo de Vale Terraplanado
AR 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 190 fragmentos liticos. Terraço fluvia em fundo de vale Casa no local
AR 02	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 6 fragmentos liticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
AR 03	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 3 fragmentos liticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
AS	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 17 fragmentos liticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
Bairro Betari III	Iporanga - SP	Cristiana N.G.B. Barreto	CENIN/Grupo de Trabalho - Paleontologia e Arqueologia	
Bairro Betari IV	Iporanga - SP	Cristiana N.G.B. Barreto	CENIN/Grupo de Trabalho - Paleontologia e Arqueologia	
Bairro Betari V	Iporanga - SP	Cristiana N.G.B. Barreto	CENIN/Grupo de Trabalho - Paleontologia e Arqueologia	

Bairro da Serra 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	O projeto trabalha na altura do médio curso do Betari Localizado em patamar de baixa vertente.
Bairro da Serra 02	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em baixa colina.
Bairro da Serra 03	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em terraço antigo.
Bairro da Serra 04	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em baixa colina.
Bairro da Serra 05	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Não especificado o tipo de material
Bairro da Serra 06	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em terraço antigo.
Bairro da Serra 07	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em terraço antigo
Bairro da Serra 08	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em baixa vertente de colina.
Bairro da Serra 09	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em patamar de baixa vertente.
Bairro da Serra 10	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em terraço antigo.
Bairro da Serra 11	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em terraço antigo.
Bairro da Serra 12	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em baixa vertente de colina.
Bairro da Serra 13	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em terraço antigo.
Bairro da Serra 14	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em terraço antigo.
Bairro da Serra 15	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em terraço antigo.
Bairro da Serra 16	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em patamar de baixa vertente.
Bairro da Serra 17	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em patamar de baixa vertente.
Bairro da Serra 19	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado compartimento terraço recente
Bairro da Serra 20	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em patamar de baixa vertente
Bairro da Serra 21	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em terraço recente
Bairro da Serra 22	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em média vertente de colina.
Bairro da Serra 23	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em terraço recente.
Bairro da Serra 24	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em terraço recente.
Bairro da Serra 25	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em patamar de baixa vertente
Bairro da Serra 26	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em média vertente de colina.
Bairro da Serra 27	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em patamar de baixa vertente
Bairro da Serra 28	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em patamar de baixa vertente
Bairro da Serra 29	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em média vertente de colina.
Bairro da Serra 30	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis	Localizado em patamar de baixa vertente

Bairro da Serra 31	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Localizado em patamar de baixa vertente
Bairro da Serra 32	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Localizado em terraço antigo.
Bairro da Serra 33	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Localizado em terraço antigo
Bairro da Serra 34	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Localizado em terraço antigo
Bairro da Serra 35	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Localizado em terraço antigo
Bairro da Serra 36	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Localizado em terraço antigo
Bairro da Serra 37	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Material coletado não foi especificado no relatório. Localizado em baixa vertente de colina.
Bairro da Serra 38	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		localizado em terraço recente
Bairro da Serra 39	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Material coletado e/ ou observado, não foi especificado no relatório. Localizado em terraço antigo.
Bairro da Serra 40	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Localizado em terraço antigo.
Bairro do Betari II	Iporanga - SP	Paulo A. D. De Blasis	CENIN/Grupo de Trabalho - Paleontologia e Arqueologia	
Baixo Betari I	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 1426 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Terraplanado
Baixo Betari 2	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 6 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
Baixo Betari 3	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 620 fragmentos líticos e 06 fragmentos cerâmicos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
Baixo Betari 4	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 2 fragmentos líticos. Localizado em terraço fluvial e fundo de Vale Casa no local
Baixo Betari 5	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 8 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Casa no local
Barra do Betari (BE)	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: 8 fragmentos líticos, 7 cerâmicos; casa construída a mais de 50 anos. Resgate em superfície. Localizado em área relativamente plana, próximo à barranco de rio.
Barra do Chapéu	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 104 fragmentos líticos Patamar em baixa vertente casa no local
BO 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 4 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
BO 02	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 9 fragmentos líticos Terraço Fluvialemfundo de Vale Casa no local
BO 03	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 57 fragmentos líticos Patamar de baixa vertente casa no local

BO 04	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 9 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Casa no local
Bue	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado 16 fragmentos líticos Patamar de vertente baixo casa no local
CA 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 9 fragmentos líticos e 1 cerâmico Terraço Fluvial
Castelhanos	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
CE 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 5 fragmentos líticos Patamar em baixo vertente Casa no local
Córrego das Ostras (OS)	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González		Área desmatada para agricultura, localiado em área plana à 30m de rio. Encontrado: 2 materiais líticos e 8 materiais cerâmico
Descalvado	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González		Casa antiga no local
FR 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 6 fragmentos Líticos Patamar em baixo vertente
GU 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 178 fragmentos líticos Patamar de médiavertente casa no local
GU 02	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 21 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Casa no local
GU 03	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 12 fragmentos líticos Patamar em baixa vertente Casa no local
GU 05	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 62 fragmentos líticos Patamar de baixa vertente Casa no local
GU 06	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 366 fragmentos líticos Patamar de baixa vertente Casa no local
GU 07	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 2 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Roça no local
GU 08	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 62 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Casa no local
GU 11	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 11 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
GU 12	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 75 fragmentos líticos Patamar de média vertente Roça no local
GU 13	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 65 fragmentos líticos Terraço em fundo de Vale Casa no local
GU 14	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 37 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Casa no local

GU 15	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 14 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Casa no local
GU 18	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 25 fragmentos líticos Patamar de média vertente Casa no local
GU 19	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 5 fragmentos líticos Terraço em fundo de Vale Casa no local
Iporanga (IP)	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González		Sítio Litico, afloramento em superfície, construção de casas, arruamentos, terraplanagem local: no mesmo q AL) o terraço da formação pariqueira-açú
IR 03	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 5 fragmentos líticos Terraço fluvia em fundo de Vale
IR 05	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 13 fragmentos líticos Patamar em baixa vertente
IT 03	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 8 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Casa no local
IT 04	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 16 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
Ivaporanduva (IV)	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González		Encontrado: 6 fragmentos líticos (lascado e polido) e 9 fragmentos cerâmicos Material aflorado em superfícies, casas, arruamentos e terra planaça. Sítio Histórico caracterizado pela capela Nossa Senhora do Rosário, quilombo de escravos e abertura de canai
LG 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado : 5 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
LG 02	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 11 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
LG 03	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 3 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
LG 05	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrados: 5 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
LG 07	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 23 fragmentos líticos Patamar de vertente baixa casa no local
LG 08	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 12 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
LG 09	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 3 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
Morro Preto	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González	CENIN/Grupo de Trabalho - Paleontologia e Arqueologia	Boca de caverna com grande presença de Megalobulimus sp., já escavada anteriormente
NA	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 57 fragmentos lítico Patamar de baixa vertente casa no local

OL01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 33 fragmentos líticos e 7 fragmentos cerâmicos Terraço fluvial em fundo de Vale
PA 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 192 fragmentos líticos Patamar de baixa vertente Roça no local
PA 04	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 11 fragmentos líticos Patamar de baixa vertente Casa no local
PA 05	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 510 fragmentos líticos Patamar de vertente médio Roça no local
PA 06	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 36 fragmentos líticos Patamar de vertente baixa Roça no local
PA 08	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 23 fragmentos líticos Patamar de vertente baixa casa no local
PAP 02	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 2 fragmentos líticos Patamar em baixa vertente Casa no local
Parado	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Pardo (PR)	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González		Encontrado: 1 fragmento lítico e 14 cerâmicos Casa recente localizada em delive suave (a partir de estrada) próximo à varzea
Pilões (PI)	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González		Encontrado: 1 fragmento lítico lascado e 12 fragmentos cerâmicos. Área vem sofrendo erosão, localizada em terraço junto ao barranco do ribeira.
Pinheirino (PI)	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González		Encontrado: 91 fragmentos líticos e 69 fragmentos cerâmicos. Localizado em amplo terraço às margens do Rio Ribeira
R 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 12 fragmentos líticos Patamar em baixa vertente
RB 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 159 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Casa no local
RB 03	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 7 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Casa no local
RC 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 6 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale
RCL 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 6 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
RCL 03	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 22 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale Casa no local
RE 05	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 2 fragmentos líticos Patamar em baixa vertente Roça no local
RI 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 224 fragmentos líticos Patamar em baixa vertente

RO 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 7 fragmentos líticos Terraço fluvial em fundo de Vale
RV 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 3 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Casa no local
RV 02	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 14 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Casa no local
Sambaqui Abrigo Maximiano	Iporanga - SP	Guy C. Collet	Grupo Bagrus de Espeleologia (incorporado à Sociedade Brasileira de Espeleologia - SBE)	Abrigo sob rocha. Ocorrência de sepultamentos, fogueiras, material lítico, cerâmico, malacológico, artefatos de material orgânico e restos alimentares.
Santana	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González	CENIN/Grupo de Trabalho - Paleontologia e Arqueologia	Ocorrência de material lítico em boca de caverna (área de camping). Sítio não delimitado
Sapatu (SP)	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González		Encontrado: 11 fragmentos líticos e 60 fragmentos cerâmicos sob casa e igreja. Localizado em amplo terraço fluvial
SE 03	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrados: 72 fragmentos líticos Patamar de vertente médio Casa no local
SE 04	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 2 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale Casa no local
SE 05	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 8 fragmentos líticos Patamar de vertente médio Casa no local
Taquaruvira (TQ)	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González		O relatório não apresenta ficha deste sítio.
TI 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 63 fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale
TI 02	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 19 fragmentos líticos Patamar médio vertente
Tio Grande	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Torre de Pedra	Iporanga - SP	Erika Marion Robrahn-González	CENIN/Grupo de Trabalho - Paleontologia e Arqueologia	Abrigo com ocorrência de material cerâmico, lítico lascado, fogueiras, manchas pretas, vestígios de edificações.
TT	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: 17 fragmentos líticos e 77 fragmentos cerâmicos Gruta
TV 01	Iporanga - SP	Paulo A. D. de Blasis		Encontrado: fragmentos líticos Terraço Fluvial em fundo de Vale
Sambaqui Anta Gorda	Itaoca - SP	Sociedade Brasileira de Espeleologia	Sociedade Brasileira de Espeleologia	Sambaqui Fluvial. A área já era utilizada para agricultura em 1896.
Sambaqui dos Martins I a II	Itaoca - SP	Sociedade Brasileira de Espeleologia		Sambaqui Fluvial. A Serra Gurutuba tem um raio de 5 km, e pelo menos 6 sambaquis conhecidos (1977). SP II 96

Sambaqui Fluvial do Caraçá	Itaoca - SP		Sociedade Brasileira de Espeleologia	Responsavel pelo preenchimento da ficha Maria Lúcia Franco Pardi.
Sambaqui Fluvial do Caracinha	Itaoca - SP			Responsavel pelo preenchimento da ficha Maria Lúcia Franco Pardi.
Sambaqui Guarda Mão ("Gruta dos Caramujos")	Itaoca - SP	Sociedade Brasileira de Espeleologia	Sociedade Brasileira de Espeleologia	Sambaqui fluvial sob abrigo, descoberto por Collet (1977). Encontrado: material malacológico. Área utilizada para pasto. Localizado em topo de elevação.
Sambaqui Capelinha	Jacupiranga - SP			
Sambaqui Timbuva	Jacupiranga - SP			Área privada utilizada para agricultura. Localizado em planície, próximo ao Córrego Timbuva.
Moraes (MO, Jaraçati)	Miracatu - SP	Levy Figuti, Paulo de Blasis, Sabine Eggers, Carlos A. Mendonça	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Sambaqui Fluvial. Encontrado: material malacológico; histórico recente (tijolo, telhas, moedas). Localizado sobre terraço fluvial de fundo de vale, próximo ao Ribeirão dos Moraes.
Sambaqui Laranjal	Miracatu - SP	Levy Figuti, Paulo de Blasis, Sabine Eggers, Carlos A. Mendonça		
Anacleto	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio lítico, encontrado lascas, fragmentos, artefatos em sílex e quartzo. Ao lado da estrada para DE Leiteria, foram construídas casas na área. Localizado em base de vertente de terreno acidentado, próximo à córrego.
Barreiro I	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio lítico, encontrado lascas, fragmentos, detritos em sílex e quartzo. Parte do sítio foi impactada por estrada de terra e extração de argila. Localizado em crista de estrutura topográfica.
Barreiro II	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio cerâmico, encontrado fragmentos cerâmicos decorados, lascas em quartzo. Próximo ao sítio Barreiro III. Casa de madeira erguida no local. Localizado em topo de elevação em fundo de vale, próximo ao Córrego do Barreiro.

Barreiro III	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio cerâmico, próximo ao sítio Barreiro II. Há uma casa de pau-a-pique. Localizado em patamar de média vertente abrupta, próximo à córrego.
Barreiro IV	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio multicomponencial, encontrado lascas e artefatos em sílex e quartzo. Material cerâmico não especificado. Localizado em patamar de alta vertente, próximo 500m de córrego.
Barro Branco I	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio lítico, encontrado lascas, fragmentos, artefatos em sílex e quartzo. A área foi aplainada para construção de residência e abertura de estrada. Localizado em morrote de fundo de vale, próximo de córrego. Área voltou a ser pesquisada em 2005.
Barro Branco II	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio lítico, encontrado lascas, detritos em sílex e quartzo. Área remexida para construção de 3 casas e benfeitorias. Próximo ao sítio Barro Branco I. Localizado em patamar de fundo de vale do córrego Três Águas. Área voltou a ser pesquisada em 2005.
Barro Branco III	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio lítico, encontrado lascas, ponta de projétil. Terreno aplainado para construção de residências e benfeitorias. Localizado em estreito patamar de alta e média vertente, estrutura de vale do córrego Três Águas, próximo também ao médio curso do Córrego
Barro Branco IV	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González / Paulo de Blasis	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio de acampamento, encontrado lascas, ponta de projétil em sílex, quartzo leitoso, sílex. Localizado em patamar de média vertente de colina.
Barro Branco IX	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Parte foi impactada para construção de tanques para criação de peixes. Encontrado lascas, ponta de projeteis, com sinais de preparo por queima e reaproveitamento, em sílex e quartzo leitoso. Localizado em fundo de vale, à margem do Córrego da Onça. Área v

Barro Branco V	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Conjunto de cavas de mineração circulares. Faz parte do complexo de estruturas de exploração aurífera do rio das Almas, constituindo importante patrimônio histórico regional. Segundo informação oral, podem ter sido abertas por jesuítas por volta de 300 an
Barro Branco VI	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Conjunto de cavas de mineração circulares. Faz parte do complexo de estruturas de exploração aurífera do rio das Almas, constituindo importante patrimônio histórico regional. Segundo informação oral, podem ter sido abertas por jesuítas por volta de 300 an
Barro Branco VII	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Foram encontradas materiais ligados a atividades mineradoras. Área voltou a ser pesquisada em 2005.
Barro Branco VIII	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Área imactada pela remoção do solo para aterro. Encontrado lascas em quartzo e sílex. Localizado em fundo de vale à margem direita do rio das Almas. Área voltou a ser pesquisada em 2005.
Barro Branco X	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González / Paulo de Blasis	Documento Antropologia e Arqueologia	Encontrado lascas, raspadores em sílex e quartzo; cerâmica em superfície. Sítio à céu aberto. Localizado em patamar de fundo de vale.
Barro Branco XI	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Encontrado lascas, pontas de projéteis, raspadores em sílex, quartzo leitoso. Localizado em patamar de média vertente, em morros de filito adjacentes ao rio das Almas.
Barro Branco XII	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Encontrado em sílex. Localizado em em topo de atamar de alta vertente da Serra Ouro Fino.
Barro Branco XIII	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Localizado no rio das Almas.
Barro Branco XIV	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Encontrado lascas, pontas de projéteis, raspadores em sílex, quartzo leitoso com sinais de reavivamento. Pode ser uma oficina de caçadores-coletores; cerâmica em superfície; material orgânico como sementes e coquinhos. Localizado em patamar de média verte

Barro Branco XV	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Encontrado fragmentos cerâmicos; flocos, pontas de projéteis em sílex, quartzo; ossos de mamíferos. Sítio multicomponentes, há 3 horizontes de ocupações. Localizado em topo de patamar da Serra do Ouro Fino.
Barro Branco XVI	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Encontrado lascas em sílex e quartzo leitoso, com sinais de reavivamento, indícios de acampamento. Sítio à céu aberto. Localizado em topo de morro isolado em fundo de vale.
Barro Branco XVII	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Encontrado lascas em sílex e fragmentos associados ao preparo de núcleo. Sítio à céu aberto. Localizado em topo de morro.
Barro Branco XVIII	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Encontrado Lascas em sílex com sinais de preparo por queima. Sítio à céu aberto. Localizado em topo de morro isolado de fundo de vale.
Boituva I	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio lítico, encontrada lascas, lâminas, artefatos. Cortado por estrada; parte do sítio foi aterrado. Localizado em fundo de vale de relevo íngreme e acidentado, próximo à córrego.
Boituva II	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio lítico, encontrado material lítico em superfície e em profundidade. Parte periférica do sítio foi cordado por estrada. Localizado em topo de morro de relevo íngreme, onde se abre vale chamado Boituva. À 400m do sítio Boituva I.
Boituva III	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio histórico de assentamento, constituído por ruínas de um antigo forno para queima de carvão, paredes em tijolos e pedras para conter barranco. Localizado em vertente de vale, o mesmo do sítio Boituva I.
Boituva IV	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio lítico a céu aberto, encontrado lascas, detritos, batedor, artefatos em quartzo e calcário. Localizado em topo de morrote em fundo de vale, bastante próximo à córrego.
Cachoeira	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio lítico, encontrado lascas em quartzo, estrutura de pedra que pode ser de antigo forno (não foi possível associar se essa estrutura se associa ao material lítico). Localizado em vertente íngreme e pedregosa, onde desce córrego encachoeirado.

Cachoeira Barreira	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	A Construção de duas casas contribuíram para a destruição das últimas áreas intactas do sítio. os moradores informaram ainda que retiraram uma velha vasilha cerâmica fragmentada no local, durante a abertura de buracos para fixação de mourões. nenhum fragmen
Cachoeira I	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González / Paulo de Blasis	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio com 250m de extensão. Existe parte de antigo caminho tradicional que liga a antiga Freguesia Velha à Ouro Fino.
Cachoeira II	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio multicomponencial sobre patamar abaulado de barranco do Rio das Almas. Foram encontradas tbm telhas Capa e Canal.
Cachoeira III	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González / Paulo de Blasis	Documento Antropologia e Arqueologia	Há uma ilha fluvial resultante de ação mineradora, de desvio do rio das Almas.
Cachoeira IV	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González / Paulo de Blasis	Documento Antropologia e Arqueologia	Há uma ilha fluvial resultante de ação mineradora, de desvio do rio das Almas.
Caminho Tradicional	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Tipo de Material encontrado não especificado. A relevância do sítio é alta, apontando para antigas vias de comunicação com distantes ambientes e freguesias, em período colonial. Possibilidade do sítio ser mais antigo e assim conter artefatos ligados ao cont
Casa Grande	Ribeirão Grande - SP	José Luiz de Moraes	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Cristal I	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio lítico, encontrado lascas, artefatos, raspadores em sílex e quartzo. O sítio foi cortado por estrada, hoje existe casas e benfeitorias. Localizado em patamar de vertente, próximo à córrego.
Cristal II	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio lito-cerâmico. Área de cultivo de milho e eucalípto. A 100m do sítio Cristal I. Localizado na mesma vertente, em patamar mais elevado, próximo 150m de córrego.
Encanados	Ribeirão Grande - SP	José Luiz de Moraes	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Encanados I	Ribeirão Grande - SP	José Luiz de Moraes	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	

Encanados 2	Ribeirão Grande - SP	José Luiz de Moraes	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	
Limeira I	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio lítico à céu aberto. Parte da área foi cortada por estrada que vai para Limeira, expondo grande quantidade de vestígios arqueológicos. Localizado em topo de pequeno morrote de terreno acidentado e íngreme, próximo ao Córrego do Chapéu. Propõe maior
Limeira II	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio lítico à céu aberto, próximo 400m do Sítio Limeira I. A estrada para Limeira cortou e comprometeu parte do sítio. Localizado em vertente próximo à córrego.
Lusitânia	Ribeirão Grande - SP	José Luiz de Moraes	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	"esparso pela superfície"
Nassau I	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Localizado na média vertente de colina, próximo a uma gruta. Com o objetivo de delimitar a área de distribuição de vestígios, foram abertos alinhamentos de poços testes no patamar da média vertente. Somente os poços testes forneceram resultados positivos.
Nassau II	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	O sítio encontra-se em acentuado estado de degradação, contando com pouquíssimas porções preservadas devido a aragem
Nassau III	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Localizado em topo de colina, os vestígios se encontram dispersos por dezenas de metros com algumas áreas de concentração que podem refletir áreas de atividade
Nassau IV	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Atualmente a área é utilizada como pasto e enfrenta acelerado processo de compactação por ação de pisoteamento de gado. Erosão pluvial e eólica assolam a colina e também contribuem na destruição de parte do sítio arqueológico.
Nassau IX	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	localizado em Patamar de Colina. O sítio apresenta alta relevância por concentrar material no topo e com possibilidade de análise de áreas de frequência de vestígios, devendo estar associado a um mesmo grande horizonte de ocupação indígena.
Nassau V	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	O processo de antropização contemporânea é maior em fundos de vale

Nassau VI	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	O estado do sítio é crítica e tem baixo percentual de preservação. Por fim, é possível que Nassau VI tenha continuidade em direção a Nassau VII, algumas dezenas de metros adiante.
Nassau VII	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Este Sítio apresenta excelentes condições de análise ntra sitio, possibilitando mapeamento total de vestígios em superfície e subsuperfície.
Nassau VIII	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Localizado em topo de colina O estado de conservação de Nassau VIII é bastante precário, considerando as edificações construídas e a intensa ação de arado mecânico e trator pela área.
Nassau X	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Localizado em topo de colina. Sítio de relevância alta, recomendado estudos posteriores para contemplar a análise de distribuição desses vestígios, potencializando informações
Nassau XI	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Localizado próximo ao Nassau X, em borda de colina. O sítio apresenta estado de conservação mediana, por estar descaracterizado e remexido por arado. Os vestígios arqueológico se encontram espalhados em superfície por eixos de 40 x 20 metros, incluindo fra
Ribeirão Vermelho	Ribeirão Grande - SP	Erika Marion Robrahn-González	Documento Antropologia e Arqueologia	Sítio com 150m de extensão, próximo do ribeirão Vermelho, perímetro do Campo de Guapiara. Há registro de um arraial instalado no início do século XVII.
Sambaqui Loteamento	Vale do Ribeira (baixo)	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Pode se o mesmo do Sítio do Loteamento em Iguape. Informações não encontradas na fonte pesquisada.
Sambaqui Muriti ou Conchífero Muriti	Vale do Ribeira (baixo)	Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Grupo de pescadores.
Capelinha				Sítio multicomponencial, histórico, cerâmico. Foram encontrado fragmentos de faiança e outras cerâmicas não identificadas, (na água próximas as sodagens). Encontrado um machado de índio por um dos funcionários. Porém não foi dado como sítio o local e dera
Paraíso		Maria Cristina Scatamacchia	MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia	Encontrado: conchas, 3 urnas funerárias (por moradores). Localizado próximo à margem do mar pequeno. Há atividade agrícola (mandioca) na área do sítio. Relatório com poucas informações não há ficha de cadastro.

ANEXO 17

Evidências e Indicações do Patrimônio Cultural

Indicações e Evidências do Patrimônio Cultural Identificadas no PECB

Cenários	Cadastro IPHAN	Bibliografia específica	Referências			
			Indicações		Evidências	
			Entorno	UC	Entorno	UC
1 Ocupação Pré-Colonial	454	4	1 - Sítio cerâmico do Rio Travessão		1 - Acervo pré-histórico da Casa do Certanista; - Achados pré-históricos do bairro dos Hilários	
2 Rumo ao Sertão	67	2				1 - Romaria
3 O Ouro Serra Acima		2	1 - Estruturas de mineração da Limeira		1 - Acervo histórico da Casa do Certanista	1 - Romaria
4 Renascimento Agrícola		4	1 - Antigo porto do bairro Rio Preto	3 - Trilha da antiga fazenda/localidade Varginha; - Caminho de tropa entre os rios Turvo e Preto; - Edificação em Pedra	1 - Acervo histórico da Casa do Certanista	2 - Caminho de tropa; - Romaria
5 Imigrantes e Ferrovias		5		3 - Trilha da antiga fazenda/localidade Varginha; - Caminho de tropa entre os rios Turvo e Preto; - Edificação em Pedra	5 - Muro de arrimo da estrada que antecedeu a SP-139; - Porto do Bairro Ribeirão das Pedras (Sete Barras); - Acervo de ferramentas de serraria e mineração no Abaitinga; - Usina Hidrelétrica do Turvinho; - Acervo histórico da Casa do Certanista	6 - Monjolo; - Cabeça de ponte; - Ponte em arco próxima à base de Sete Barras; - Caminho de tropa; - Estrada Itapetinga-Sete Barras; - Romaria
6 A marcante presença do estado		5			9 - Praça Tenente Urias (S.M. Arcanjo); - Porto do Bairro Ribeirão das Pedras (Sete Barras); - Antiga Colônia Japonesa (SB); - Antigo porto de Sete Barras; - Acervo de ferramentas de serraria e mineração no Abaitinga;	10 - Represa Pequena; - Cinco fornos de carvão; - Acervo documental da sede do Parque; - Rodovia SP-139; - Sede de São Miguel Arcanjo; - Romaria

Cenários	Cadastro IPHAN	Bibliografia específica	Referências				
			Indicações		Evidências		
			Entorno	UC	Entorno	UC	
						Venda do Bairro Abaitinga; - Usina Hidrelétrica do Turvinho; - UHE São José; Canoa monóxila da UHE são José	
7 Preservação ambiental e produção		2		3		- Praça Tenente Urias em São Miguel Arcanjo; - Usina Hidrelétrica do Turvinho; - UHE São José	6 - Represa Pequena; - Acervo documental da sede do Parque; - Represa Grande; - Sede de São Miguel Arcanjo; - Base de Sete Barras; - Romaria
Sub-total	521	-	3	6		20	26
Total	521	-				55	

Evidências sobre bens culturais materiais

Bem	Sigla	Descrição	Local	Município	Cenário
Represa Pequena	CB-01	Represa Pequena	Próximo à sede principal do PECB	São Miguel Arcanjo	6
Forno I	CB-02	Forno de tijolos, para produção de carvão	Próximo à sede principal do PECB	São Miguel Arcanjo	6
Forno II	CB-03	Forno de tijolos, para produção de carvão	Próximo à sede principal do PECB	São Miguel Arcanjo	6
Forno III	CB-04	Forno de tijolos, para produção de carvão	Próximo à sede principal do PECB	São Miguel Arcanjo	6
Forno IV	CB-05	Forno de tijolos, para produção de carvão	Próximo à sede principal do PECB	São Miguel Arcanjo	6
Forno V	CB-06	Forno de tijolos, para produção de carvão	Próximo à sede principal do PECB	São Miguel Arcanjo	6
Estrutura do antigo monjolo	CB-07	Monjolo	Próximo à sede principal do PECB	São Miguel Arcanjo	5
Canalização em Alvenaria de Pedra	CB-08	Cabeça de ponte, em pedra	Próximo à sede principal do PECB	São Miguel Arcanjo	5
Represa Grande	CB-09	Barragem da Represa Grande - margem leste	Próximo à sede principal do PECB	São Miguel Arcanjo	7
Represa Grande	CB-09	Barragem da Represa Grande - margem oeste	Próximo à sede principal do PECB	São Miguel Arcanjo	7
Estrada SP-139	CB-10	Estrada construída sobre grande parte da antiga estrada Itapetininga- Sete Barras	Entre as bases de Sete Barras e São Miguel Arcanjo	São Miguel Arcanjo/Sete Barras	6
Caminho de Tropa	CB-11	Ocorrência de pedras junto ao leito do caminho: provável antiga variação do traçado da SP-139	Próximo à sede Sete Barras	Ribeirão da Serra/Sete Barras	4
Caminho de Tropa	CB-11	Possível cruzamento com a Trilha da Figueira	Próximo à sede Sete Barras	Ribeirão da Serra/Sete Barras	4
Caminho de Tropa	CB-11	Cachoeira	Próximo à sede Sete Barras	Ribeirão da Serra/Sete Barras	4
Caminho de Tropa	CB-11	Evidência de caminho de tropa	Próximo à sede Sete Barras	Ribeirão da Serra/Sete Barras	4

Caminho de Tropa	CB-11	Evidência de caminho de tropa	Próximo à sede Sete Barras	Ribeirão da Sera/Sete Barras	4
Fonte Tanaka	CB-12	Fonte erguida para marcar o local onde tropas do exército foram surpreendidas pela guerrilha de Lamarca	Ao longo da SP-139, entre as sedes de Sete Barras e São Miguel Arcanjo	São Miguel Arcanjo/Sete Barras	6
Estrada Itapetininga-Sete Barras	CB-13	Antiga estrada entre Itapetininga e Sete Barras	Entre as bases de Sete Barras e São Miguel Arcanjo	São Miguel Arcanjo/Sete Barras	5
Sede São Miguel Arcanjo	CB-14	Edificações da sede e estruturas de apoio do PECB	Sede do PECB	São Miguel Arcanjo	6 e 7
Base de Sete Barras	CB-15	Edificações da sede e estruturas de apoio do PECB	Base de Sete Barras	Sete Barras	7
Romaria	CB-16	Atividade religiosa ao longo da SP-139	Rodovia SP-139	São Miguel Arcanjo e Sete Barras	2, 3, 4, 5, 6 e 7
Acervo documental da sede do Parque	CB-17	Fotos e documentos relativos ao PECB	Sede de São Miguel Arcanjo	São Miguel Arcanjo	6 e 7
Ponte em arco	CB-18	Ponte em arco próxima à base de Sete Barras	Base de Sete Barras	Sete Barras	5

Referências sobre Bens Culturais Imateriais

Município	Bem imaterial	Observações
Cenário 2		
Iguape	Peregrinação em devoção ao Senhor Bom Jesus de Iguape	Também conhecida como festa de Agosto, quando milhares de romeiros são atraídos para a cidade. Há também a instalação de uma feira onde podem ser comprados produtos normalmente conseguidos na 25 de março ou no Brás. Dia 5 ocorre a Festa de Nossa Senhora das Neves (Padroeira) e dia 6 a Festa do Sr. Bom Jesus de Iguape propriamente dita A chegada da imagem à vila de Iguape remonta ao século XVII, mas não é possível precisar quando as procissões começaram a se dirigir para a localidade. Supõe-se que inicialmente a presença da estátua estimulasse a visita por parte de mareantes que ocasionalmente demandassem o porto da vila
Cenários 3 e 4		
Iguape	Peregrinação em devoção ao Senhor Bom Jesus de Iguape	Nessa época o viajante Saint Hilaire já indica que as peregrinações estavam consolidadas. Ainda é de se presumir que as romarias tivessem mais um caráter marítimo, mas o aumento populacional na região leva a crer que procissões fluviais também se dirigissem ao santuário
Cenário 5		
Iguape	Peregrinação em devoção ao Senhor Bom Jesus de Iguape	Com a implantação das primeiras vias minimamente carroçáveis, presume-se que é a partir desse momento que as romarias sobre montaria e a pé tenham aumentado sua frequência. Contudo, não se deve deixar de lado a importância dessas manifestações religiosas para a gente do mar, uma vez que até hoje podem ser admirados os ex-votos (painéis com cenas marítimas ou miniaturas de embarcações oferecidas por pessoas que se salvaram de algum acidente marítimo) da sala de milagres
Cenário 6		
Apiá e Itaoca	Ceramistas	Muito embora tal manifestação tenha raízes muito mais distantes no tempo, remetendo ao período da mineração, não existem fontes documentais precisas sobre a confecção desses tipos de utensílios de barro. Um bom levantamento sobre essa atividade foi realizado no trabalho PROJETO Banana Barro Mandioca: Ecoturismo cultural no Vale do Ribeira, SP . São Paulo: Instituto Amigos da Reserva da Biosfera, 2002
Iguape	Peregrinação em devoção ao Senhor Bom Jesus de Iguape	Já exposto em tabelas anteriores
	Ceramistas	A cerâmica característica do bairro Jairê, pintada de preto, é um dos símbolos da cultura iguapense, mas hoje já não é tão fácil encontrá-la nos mercados locais. Ela encareceu muito e é tratada como um item de decoração, com preços mais elevados
Registro	Tooro-Nagashi	Cerimônia da comunidade nipônica que relembra as vítimas fatais de uma enchente ocorrida na década de 1950
Cenário 7		
Apiá	Ceramistas	Já exposto em tabelas anteriores
Barra do Turvo	Dia dos Evangélicos	(3º domingo de outubro) - Procissão e vivência
Cajati	Dia do Evangélico	(no quarto sábado do mês de agosto), que reúne todas as Igrejas Evangélicas do Município
Cananéia	Festa do Mar	Realizada em junho, são apresentadas atrações típicas e servidos pratos de peixes e frutos do mar
Capão Bonito	Projeto Caminho de São Tomé	Iniciativa ainda em gestação, tem o apoio do Sebrae. É um subproduto da tradição das romarias seculares
Eldorado	Festa de Nossa Senhora do Rosário	Pode estar relacionada ao núcleo primitivo da localidade de Ivaporunduva
Iguape	Festa de Agosto: em louvor ao Senhor Bom Jesus de Iguape	Já exposto em tabelas anteriores
	Ceramistas	
Itaoca	Ceramistas	Já exposto em tabelas anteriores
Miracatu	Grupo artístico	Iniciativa recente que procura congrega uma série de tradições locais e de outras

Município	Bem imaterial	Observações
	Batucajé	regiões em práticas culturais e artísticas contemporâneas.
Pariquera-Açu	Festa das Nações	Festa bastante popular na região. Exalta a diversidade de nacionalidades de imigrantes que formaram a população de Pariquera. Para a realização da festa foi construído um parque com cenografia que reproduz construções européias
Registro	Tooro-Nagashi	Já exposto em tabelas anteriores
São Miguel Arcanjo	Festa da Uva Festa do Vinho Cardeado Escola de futebol no bairro Abaitinga	Informações obtidas durante as oficinas do plano de manejo, funcionários e comunidades do entorno. De modo geral há tentativas de divulgar a cultural local para um contingente crescente de turistas, além de iniciativas que, tal com a escola de futebol, visam sanar as dificuldades locais
Sete Barras	Grupo artístico Candeias Festa da Banana	Iniciativa recente que procura congrega uma série de tradições locais e de outras regiões em práticas culturais e artísticas contemporâneas Em homenagem ao principal produto do município
Tapiraí	Resgate de brincadeiras no Parque do Zizo	Resgate de brincadeiras tradicionais
Quilombos	Manejo de ervas medicinais	Incentivado por ONG
Vales do Paranapanema e Ribeira	Passeio ciclístico Romaria a pé Romaria a cavalo	Iniciativa recente que ganha adeptos a cada edição Peregrinação bastante antiga até Iguape, mas que aparentemente ganhou grande fôlego com o estabelecimento das rodovias, isso a partir da década de 1930 O mesmo da acima
Vale do Ribeira	Projeto Banana Barra Mandioca	Levantamento de produtos culturais que poderiam ser explorados turisticamente

ANEXO 18

Cenários Históricos

É oferecido a seguir um panorama sucinto sobre a ocupação humana da região na qual se inscreve o Parque Estadual Carlos Botelho, apresentada na forma de sete cenários, recorte metodológico julgado adequado para tal.

Os Cenários estão embasados em três tipos de fontes documentais: 1) nas evidências culturais materiais e imateriais que foram registradas durante as visitas técnicas às unidades de conservação e seus arredores; 2) nas evidências culturais materiais e imateriais levantadas na bibliografia; 3) e na literatura analítica produzida sobre a região no campo das Humanidades. Privilegiou-se, portanto, as manifestações concretas observadas para a sua confecção, mesclando-se os dados de observação direta com informações orais consistentes e a literatura especializada devotada aos processos históricos local, regional e geral (município, estado, país etc.).

Assim, os Cenários refletem uma realidade palpável para em seguida remeter a um processo histórico mais amplo ao qual está inserido, funcionando apenas como pano de fundo para as realidades em análise. Essa linha permite pluralizar o discurso em torno da construção da história local, incluindo nela atores que, na maior parte das vezes são apresentados como meros coadjuvantes. Em última instância são construídos nos Cenários, processos históricos que elucidam a contínua formação das identidades locais e regionais, contrapontos das identidades “nacionais” forjadas no bojo da consolidação do Estado.

Cenário 1: Ocupação Pré-Colonial Indígena **Cronologia: 10.000 antes do presente - 1700 d.c.**

A abundância de vestígios associados à ocupação pré-colonial da região é conhecida desde o início do século passado, quando viajantes e naturalistas descreveram a diversidade de evidências arqueológicas encontradas tanto em sítios a céu aberto como em abrigos (KRONE, 1914 apud GONZÁLEZ & DE BLASIS, 1998).

Entretanto, as pesquisas sistemáticas no campo da arqueologia foram iniciadas somente em 1981 com o desenvolvimento de um amplo programa de pesquisa cujo principal objetivo era reconhecer e caracterizar as diferentes ocupações humanas que ali se desenvolveram no período pré-colonial. Os dados disponíveis conduziram ao estabelecimento de três formas distintas de ocupações indígenas, com características próprias no que diz respeito à cultura material, morfologia, densidade e distribuição dos sítios no espaço.

A literatura indica uma primeira ocupação caçadora-coletora para o Vale do Ribeira que, entretanto, ainda é pouco conhecida. Essa ocupação seria relativa a grupos muito antigos, relacionados à paleofauna (BARRETO, 1982 apud GONZÁLEZ & DE BLASIS, 1998).

Uma segunda ocupação está inserida cronologicamente entre 10.000 e 1.700 anos atrás, sendo caracterizada por sítios concheiros relacionados a grupos coletores, pescadores e caçadores. O arqueólogo amador Guy Collet efetuou um primeiro levantamento desses sítios, obtendo datações de 9.840 ± 150 anos AP¹ para o abrigo Maximiano, concedendo uma grande antiguidade para essa ocupação e indicando uma rota de trânsito sazonal ou temporária entre os sambaquieiros e o planalto (FIGUTI, 2003).

¹ Antes do Presente, tendo como referência o ano de 1950.

As datações obtidas por Collet foram, durante muito tempo, tomadas com restrições, mas a datação do sambaqui Capelinha em 8.860±60 anos AP, assim como outras datações obtidas recentemente para a região, corroborou a efetiva antiguidade desses sítios (KINOSHITA; FIGUTI & BAFFA, 2005).

Os vestígios materiais - pontas e anzóis – indicam que a caça e a pesca ocupavam papel importante na dieta desses grupos, além da coleta de moluscos e de frutos, raízes e ervas, encontrados com facilidade na mata (BISSA & MONTOVANI, 1995, p.121).

Esses concheiros também são conhecidos como sambaquis fluviais, dada sua semelhança com os sambaquis litorâneos. O acúmulo de conchas nesses sítios interioranos nunca apresenta o grande volume que se destaca na topografia circundante, como ocorre freqüentemente nos sítios litorâneos, mas, algumas características os aproximam, como por exemplo, a grande quantidade de sepultamentos, sugerindo uma prolongada ocupação, a presença rarefeita de vestígios faunísticos de origem marinha e ainda, certas semelhanças nos artefatos líticos e ósseos (DE BLASIS; PIEDADE; MORALES, 1994, p.218). Barreto (1988) sugeriu que essas similitudes, associadas a um padrão de assentamento bastante ligado aos rios de maior porte, dever-se-iam a uma conexão das populações dos concheiros do Médio Ribeira com as populações dos sambaquis do litoral, apontando para uma penetração por via fluvial (canoeiros) destas populações no médio vale.

As pesquisas levadas a cabo por Figuti (2003) têm confirmado essa idéia, demonstrando a complexidade dessas ocupações e evidenciando sítios que foram ocupados (ou reocupados) por períodos que variam entre 1.400 anos (sítio Moraes) a 300 anos (sítio Caraça). De um modo geral as características observadas confirmam a antiguidade levantada por Collet, a semelhança entre os sambaquis fluviais e os costeiros apresentada por Barreto (1988) e o contato com o litoral, desde os sítios mais antigos aos recentes, na forma de dentes de tubarão, pontas de esporão de raia e conchas marinhas. Outra característica importante é que, escavações em diferentes sambaquis da região do Médio Vale do Ribeira do Iguape, têm evidenciado atividades externas ao concheiro propriamente dito, relacionadas com os processos construtivos do próprio concheiro, onde rituais funerários parecem ser responsáveis pela estruturação do espaço (DE BLASIS, 2003).

A ocupação seguinte está relacionada a grupos caçadores-coletores portadores de uma indústria lítica que pode ser associada, de modo geral, à Tradição arqueológica Umu, situada entre 1.300 e 1.100 anos antes do presente que extrapola a região em exame. De Blasis (2000) indica que, por volta de 700 anos d.C, teríamos o auge da ocupação do Médio Vale do Ribeira por essas sociedades.

A semelhança em termos de forma, dimensões e localização em relação à paisagem, assim como as características dos artefatos líticos associados, permitem considerar esses sítios como “integrantes de um mesmo padrão cultural, uma população de caçadores-coletores que, por essa época, tinha uma ampla dispersão no Alto/Médio Vale do Ribeira” (DE BLASIS, 2000, p.275). A indústria lítica, principal vestígio dessas ocupações, tem como matéria-prima preferencial o sílex, que deve ter integrado uma extensa rede de trocas e comércio. Os artefatos são pequenos e bastante retocados, representados principalmente por pontas de projétil e raspadores. Os diversos tipos de pontas de projéteis apontam para a diversidade da atividade, que, somadas aos recursos de flora e fauna, comporiam a dieta dessas populações (DE BLASIS, 2000; BISSA & MONTOVANI, 1995).

Mais uma vez a densidade e complexidade da história pré-colonial do Vale do Ribeira são confirmadas. A organização dos sítios de atividades diversificadas e de atividades específicas, assim como dos sítios

em abrigos rochosos e dos afloramentos de sílex, parece apontar para a existência de unidades socio-lógicas contemporâneas e integradas, compondo um extenso sistema regional de assentamento com comunidades articuladas que partilhavam padrões culturais, matérias-primas, territórios e informações (DE BLASIS, 2000, p.280).

Vale ainda destacar algumas permanências nos padrões de assentamento, como por exemplo, o fato de que 80% dos casos de implantação dos sítios líticos na paisagem coincidirem com os assentamentos rurais contemporâneos do Médio Vale do Ribeira (unidades domésticas).

Uma quarta ocupação é caracterizada por grupos agricultores ceramistas que teriam habitado a região entre 900 e 350 anos atrás, estando relacionada de modo geral a denominada Tradição Itararé.

González (2000) denominou essa ocupação de grupos ceramistas regionais, indicando que as variações apresentadas pelos sítios no que tange as dimensões e padrão de implantação, revelariam diferenças na função dos assentamentos e/ou na hierarquia social de seus ocupantes, fato também sugerido pelas diferenças nos sepultamentos encontrados nos sítios cemitérios. A cerâmica é o principal vestígio remanescente nos sítios, contado-se com vasilhas predominantemente pequenas e médias, com paredes delgadas e sem decoração.

A densidade de sítios cerâmicos e os indícios de organização e interação social entre esses grupos parecem relacionadas a uma situação de pressão que favoreceu a intensificação de redes de relações internas. Essa pressão está relacionada ao deslocamento populacional no sentido planalto-litoral, sugerido por alguns autores, relacionados a pressões exercidas por grupos ceramistas associados à denominada Tradição Tupiguarani, que ocuparam todas as circunjabências do Ribeira (GONZÁLEZ, 2000).

Conforme fontes históricas, os grupos Tupi da Costa teriam utilizado o Médio/ Alto Ribeira como via de penetração para o planalto, correspondendo a sua ocupação mais recente (ROBRAHN, 1989). Alguns sítios cerâmicos apresentam influências Tupiguarani, mas o fato é que, a densidade dos grupos ceramistas regionais, cuja ocupação na região teria se dado de forma rápida e maciça, certamente favoreceu a resistência diante de grupos Tupi ou Guarani, assim como diante da ocupação colonial.

Por fim, a história indígena aqui esboçada insinua uma densidade demográfica talvez ainda maior que aquela verificada na atualidade, conforme indicam a distribuição dos sítios e sua densidade. Esse fato nos remete a uma questão de suma importância: a interação Homem-natureza, onde recursos eram suficientes para suportar comunidades indígenas o ano inteiro durante milênios, produziu um patrimônio arqueológico significativo, justamente materializado pelos vestígios das áreas paleoindígenas e indígenas.

Desse modo, as pesquisas nos legam um total aproximado de 521 sítios arqueológicos cadastrados para a região em foco, sendo 436 sítios arqueológicos relacionados à ocupação indígena, em 26 municípios da área de influência das UCs, conforme apresentado na Tabela I e no Quadro I.

Sítios arqueológicos na área de influência do Parque Estadual Carlos Botelho:

Município	Sítios Arqueológicos
Apiáí	76
Barra do Turvo	39
Cajati	2
Cananéia	98
Capão Bonito	0
Eldorado	8
Guapiara	5
Ibiúna	0
Iguape	89
Ilha Comprida	24
Iporanga	110
Itaoca	5
Jacupiranga	2
Juquiá	0
Juquitiba	0
Miracatu	2
Pariquera-Açu	0
Pedro de Toledo	2
Piedade	0
Pilar do Sul	0
Registro	0
Ribeirão Branco	0
Ribeirão Grande	55
São Miguel Arcanjo	0
Sete Barras	0
Tapiraí	0
Sítios sem indicação do município	4
Total	521

Do ponto de vista qualitativo, conta-se com as seguintes categorias de sítios levantados.

Classificação por macro quadros arqueológicos:

Classificação	Quantidade	Porcentagem (%)
Sítio Indígena (Caçadores-Coletores)	153	30
Sítio Indígena (Agricultores-Ceramistas)	105	21
Sítio Histórico	71	14
Sítio Sambaqui e/ou Conchífero	178	34
Sem referências	4	1

Conforme indicado no quadro acima, o patrimônio arqueológico cadastrado está relacionado às quatro ocupações indígenas anteriormente sumarizadas, possibilitando a reconstrução de uma história de longa duração relacionada à ocupação da região e ao manejo dos recursos naturais disponíveis por grupos culturais bastante diversificados.

Cenário 2: Rumo ao Sertão

Cronologia: 1494 - 1640

Evidências culturais do entorno das unidades de conservação:

Município	Bem tombado²	Bem material não tombado³	Bem imaterial⁴
Cananéia	Igreja de São João Batista e Núcleo Urbano	0	0
Iguape	Casa térrea e Núcleo Urbano	0	Peregrinação em devoção ao Senhor Bom Jesus de Iguape

Municípios diretamente envolvidos: Cananéia, Iguape, Paranaguá, Santana do Parnaíba, São Paulo e Sorocaba.

O contexto histórico geral em que se encaixam o PECB e a EECX é definido inicialmente pelo desbravamento do sertão da capitania de São Vicente e, posteriormente, pela capitania de São Paulo. Essa penetração pela terra não tão ignota do interior era motivada por dois fatores principais: o apresamento de escravos indígenas e a busca por ouro. Apesar de serem fortes as evidências que apontam para a história ligada à mineração, é de se supor que, pelo menos até as primeiras décadas do século XVII a captura do indígena tenha sido bastante freqüente em nossa área de foco, uma vez que os portos de mar do vale do Ribeira eram conhecidos entrepostos de embarque dessa mercadoria (MONTEIRO, 1994).

Muito embora o espaço físico que se delinea para a construção do contexto histórico da pesquisa esteja circunscrito às vertentes formadoras dos afluentes do Alto Paranapanema e do Médio Ribeira, território hoje eminentemente paulista, os espaços e as paisagens desse contexto transcendem essas mesobacias, seguindo via marítima para localidades bem mais distantes, ou por via terrestre para os campos de Curitiba, Guarapuava e, no limite, para as terras austrais de Viamão e adjacências sabidamente sob o domínio de Espanha.

Em termos de divisão política territorial, é impossível a construção de um contexto histórico que ignore o fato da área em tela estar, até a segunda metade do século XVIII, inserida exclusivamente em três municípios da capitania: Cananéia (1600), Iguape (1610-15) e Sorocaba (1661). Já a partir da segunda metade do referido século entram em cena Apiaí (1771), Itapetininga (1770) e Itapeva (1769), o primeiro ligado à exploração do ouro e os dois últimos ao abastecimento das minas gerais, com desdobramentos regionais. Assim, inicialmente temos dois ambientes bastante distintos: os municípios litorâneos do vale do Ribeira, e os de “serra acima”, do Alto Paranapanema e do Tietê-Sorocaba.

² Dados obtidos no site http://www5.mp.sp.gov.br:8080/caouma/Bacias/patrimonio/Patr_Cult-xx_Munic%C3%ADpios04.htm em 20/10/2006.

³ Bens que não são tombados individualmente. Podem estar inseridos em tombamentos de conjuntos urbanos. Informações obtidas a partir da *internet*, de fontes bibliográficas, de relatos orais e dos levantamentos de campo.

⁴ Informações obtidas a partir da *internet*, de fontes bibliográficas, de relatos orais e dos levantamentos de campo.

O litoral do vale do Ribeira e o planalto do Tietê-Sorocaba são das primeiras cabeças de ponte para a projeção de expedições para o sertão, isso ainda nos primeiros tempos da conquista ibérica. É notória a fracassada expedição enviada ainda em 1532, por Martim Afonso de Souza, em busca das riquezas do sertão além Cananéia.

Também são bastante conhecidas as bandeiras que partiam de São Paulo e Santana do Parnaíba, a partir das últimas décadas do século XVI, em direção ao sertão que, num primeiro momento será a região do oeste e norte da grande São Paulo, incluídas aí as localidades de Itu, Porto Feliz e Sorocaba. Entretanto, rapidamente essas freguesias se tornam a boca do sertão, sendo que Sorocaba estava situada na boca do caminho terrestre para as lucrativas missões espanholas do Paranapanema.

Assim, desde muito cedo, temos pelo menos dois grandes eixos de deslocamento em direção ao sertão que, pelo menos até as primeiras décadas do século XVII será o Alto Paranapanema. O primeiro é predominantemente luso-brasileiro, pois partia de uma área cujo domínio português estava consolidado; já o segundo tenderia a apresentar uma distribuição ibero-americana em seus protagonistas, uma vez que o período de união entre as coroas lusitana e espanhola (1580-1640) tornou irrelevante o tratado de Tordesilhas (1494) numa zona limítrofe como o litoral sul paulista. Levando em conta essa variável, temos ainda uma terceira via de deslocamento, predominantemente hispano-americana, a qual seguia em direção ao Médio e Baixo Paranapanema através do rio Paraná e dos afluentes mais austrais do Paranapanema. Esse terceiro eixo, se não chegou às cabeceiras dos afluentes do Alto Paranapanema, estabeleceu contingentes populacionais praticamente em vertentes vizinhas às aqui enfocadas e, portanto, muito próximas.

Além dos movimentos de busca por riquezas no sertão, há a busca por almas a serem catequizadas, objetivo que não pode ser ignorado para a construção de uma história da comunicação entre o vale do Ribeira e do Paranapanema e o estabelecimento de povoações nesse percurso. Nesse quadro despontam os jesuítas, uma ordem religiosa que, apesar de poder servir aos intuitos de uma ou outra coroa, possuía administração transnacional, ou seja, tinha seus próprios objetivos e maneiras de atuar. Somase a isso o fato de Estado e Religião estarem indefectivelmente ligados, no contexto ibero-americano até o século XIX. E quando agregamos a esses fatores a união entre as duas coroas ibéricas, define-se o contexto ideal para a deambulação dos inicianos pela região aqui abordada.

Rosângela Thomaz em seu trabalho sobre a missão jesuítica formadora do sítio arqueológico de Taquaruçu (SP), coloca que entre os anos de 1549 e 1605 os jesuítas já haviam se estabelecido em todo o litoral da colônia brasileira. A partir do sul, entre Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, teriam entrado em contato com os jesuítas do Paraguai, estabelecendo então intensos contatos entre Assunção e São Paulo (1995, p.24-25). Com esse sistema de comunicação em mente, uma vez que o contato entre o vale do Paranapanema e o litoral do vale do Ribeira ou Paranaguá era muito mais curto do que o contato entre as missões do levante, Guairá ou Assunção e os portos do rio da Prata; que os jesuítas estavam estabelecidos também no litoral do Ribeira e que não havia razão política para confrontos entre súditos lusitanos e espanhóis; é de se supor que a serra de Paranapiacaba fosse invariavelmente trilhada.

Quanto ao aspecto da formação das populações da região, ela não foge muito à regra do que poderíamos chamar de um padrão paulista. É claro que existem algumas nuances com relação ao povoamento da capital, por exemplo.

A contribuição europeia na formação da população da região não pode ser designada como predominantemente lusitana até meados do século XVII. Uma vez que o portal marítimo do Ribeira e do Paranapanema ficava na interface da linha de Tordesilhas e que, após 1580 houve a união das coroas ibéricas, é absolutamente impossível precisar, sem estudos sistemáticos, a parcela de participação espanhola e portuguesa nesse processo.

No início da conquista europeia da área foram generalizados os conflitos entre os indígenas e os novos habitantes, assim como o foi também o convívio entre ambos. Exemplos notáveis dessas situações são a destruição da bandeira de 1532 – a famosa empreitada que continha 40 besteiros e 40 espingardeiros (contingente bélico impressionante) que partiu de Cananéia para nunca mais regressar – e, por outro lado, o plantel de indígenas organizado em torno da figura do Bacharel de Cananéia, degredado ibérico que havia se tornado um potentado local à época da chegada de Martim Afonso.

Quanto ao primeiro caso, E. Young, em fins do século XIX cogitou que a dizimação da bandeira de Lobo teria ocorrido nas proximidades de Ivaporunduba (VALENTIN, 2001), protagonizada pelos índios carijó, pertencentes ao grande ramo lingüístico tupi e guarani. Entretanto, longe estamos em poder caracterizar quais etnias foram, num primeiro momento, hostis ou não ao invasor de além mar. Certo é que, ao cabo do século XVI, a imensa maioria dos indígenas das proximidades dos centros de povoamento ibéricos já haviam sido ou mortos, ou escravizados, ou submetidos a trabalhos compulsórios e se encontravam agrupados, não raro, em aldeamentos estabelecidos ou gerenciados por jesuítas.

O vale do Paranapanema, entre fins do século XVI e início do subsequente, ainda representava um repositório de mão-de-obra para os predadores paulistas. A primeira notícia de uma bandeira bem sucedida nessa área é do ano de 1601-3 (MONTEIRO, 1994) e até a década de 1640 muitas outras mais seriam, motivando a completa reorganização dos aldeamentos jesuítas.

É bom ressaltar que a historiografia tradicional tende a considerar que os indígenas capturados eram vendidos para outras praças, pois os pobres paulistas não se ocupavam de grandes lavouras devido à má qualidade de suas terras e sua psique deambulatória. Entretanto, estudos mais recentes indicam que os indígenas eram utilizados em grandes plantações nos arredores de São Paulo e nas vilas que se espalhavam em todas as direções até meados do século XVIII (ver MONTEIRO, 1994 e BLAJ, 1995). Seja pela diminuição da população indígena e aumento do aporte de escravos negros, entre as décadas de 1690 e 1750 a escravidão indígena tendeu gradualmente à extinção.

Cenário 3: O Ouro Serra Acima Cronologia: 1622 - 1820

Evidências culturais do entorno das unidades de conservação:

Município	Bem tombado	Bem material não tombado	Bem imaterial
Apiáí	0	Parque do Morro do Ouro	0
Cananéia	Igreja de São João Batista e Núcleo Urbano	0	0
Eldorado	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (Ivaporunduba)	Quilombo de Ivaporunduba Núcleo Urbano	0
Iguape	Casa térrea e Núcleo Urbano	Museu (antigo quartel e casa de fundição de ouro)	Peregrinação em devoção ao Senhor Bom Jesus de Iguape
Iporanga	Núcleo Urbano	0	0
Ribeirão Grande	0	Encanados I e II (rio das Almas e das Conchas)	0

Municípios diretamente envolvidos: Apiáí, Cananéia, Iguape, Itapetininga, Itapeva, Paranapanema (Capão Bonito), Sorocaba e Xiririca (Eldorado).

O movimento conquistador/ povoador em pinça, partindo de Sorocaba e dos portos do vale do Ribeira vai, gradativamente, palmilhando as serras e as florestas, tanto em busca de indígenas para a escravidão ou a catequese, quanto para o descobrimento de ouro. E tal se dá nas serras do hinterland de Paranaguá e nas serras do Médio e Alto Ribeira.

Apesar das notícias da descoberta de lavras de ouro nas serras de Paranaguá retroagirem, segundo alguns autores (PICANÇO, 2005), à década de 1570, só foi encontrada até hoje documentação textual primária relativa à década de 1620 (PICANÇO, 2005). No caso do vale do Ribeira, há indícios da mineração ser bastante consistente já na década de 1640, época em que teriam sido criadas as fundições de Paranaguá e Iguape, mas as fontes documentais textuais primárias mais antigas sobre mineração no vale do Ribeira se referem ao ano de 1655 (VALENTIN, 2001, p.22). No documento levantado por Ernesto Young em fins do século XIX, no arquivo municipal de Iguape, são citadas lavras em Upuranga (Iporanga), Piahi (Apiáí), Serocabas (possivelmente Sorocaba) e Vupuranduba (Ivaporunduba), ou seja, praticamente todas as grandes reservas de ouro do vale do Ribeira já eram conhecidas na metade do século XVII, indicando um alto índice de atividade de prospecção mineral em áreas que hoje se apresentam isoladas e pouco habitadas.

Quanto à documentação escrita relativa ao ouro no vale do Paranapanema (que compreendia o município de Capão Bonito e seu entorno, incluindo aí a localidade de Apiáí), a data mais antiga que temos é de 1718, muito embora Antonio Paulino de Almeida, citado por Agnaldo Valentim, indique a década de 1670 como a época do descobrimento das minas de “serra acima” (2001, p. 23-24).

De acordo com o volume e o teor da documentação oficial levantado por Valentin a respeito das minas do Paranapanema, a produção de ouro dessas minas teve uma significativa importância na economia colonial, sempre guardadas as proporções quando são feitas comparações com as minas das Gerais, de Goiás ou do Mato Grosso. Outro fato que indica a importância da exploração do ouro das minas do Paranapanema e Apiáí é a semelhança entre as estruturas de posse de escravos dos proprietários de algumas regiões das Gerais e as estruturas dos proprietários das minas paulistas. Em outras palavras isso vale dizer que apesar das quantidades de ouro extraídas de Minas Gerais serem infinitas vezes superiores às do sul paulista, fato que não poderia ser precisamente mensurado no calor da corrida do ouro, pois o Paranapanema e o Ribeira guardavam grandes quantidades de terrenos inexplora-

dos potencialmente auríferos, a exploração das minas dessa última região suscitaram uma organização social muito próxima a dos arraiais mineiros, os grandes focos da historiografia.

Se o início da exploração das minas do Paranapanema é incerto, seu fim também o é, sendo que já na década de 1730 há evidências da queda da produção e da transferência de capitais e pessoas para as lavras de Goiás (VALENTIN, 2001, p. 51). Apesar dessa queda de produtividade, Apiaí conheceria um outro ciclo de mineração aurífera, já na segunda metade do século XVIII. Aliás, vale ressaltar que grandes e pequenas empreitadas de exploração, legais ou ilegais, foram levadas a cabo durante todo o século XIX e também durante o século XX⁵. Assim, apesar das evidências de produtividade reduzida das lavras do Paranapanema e Apiaí, existem outros fatores ainda mal compreendidos para explicar o processo de ocupação da área abordada por esta pesquisa.

Podemos estabelecer um quadro do processo histórico da região em foco a partir das grandes atividades econômicas, essas de espectro macrorregional (mineração e o abastecimento de Minas Gerais), mas ainda não contamos com os elementos necessários para a construção de uma história regional sustentada por eventos típicos da dinâmica das populações envolvidas. Um exemplo claro da parcialidade da abordagem histórica sobre a região é a caracterização de fluxos de cargas e pessoas entre o vale do Paranapanema e o vale do Ribeira ao longo dos tempos. A maior parte dos trabalhos científicos analisa sem detalhamento os contatos entre essas regiões, mas, uma vez que esses contatos se deram desde tempos pré-coloniais, principalmente através de um dos ramais do chamado caminho do Peabiru, e que eles são evidentes até hoje através da malha rodoviária, é estranho que se tenha dado tão pouca importância a esse fluxo ao longo da história.

Apesar de não haver nenhum estudo que trate sistematicamente da presença e da escravidão indígena no vale do Ribeira, notadamente no litoral, há evidências fenotípicas da grande presença indígena dentre os maiores contingentes formadores das populações daquela área. Sobre a condição desses indígenas há 400 anos atrás, nenhuma informação foi devidamente analisada até hoje.

Quanto à presença de escravos indígenas no Médio Ribeira e no Alto Paranapanema, os documentos da época da mineração aurífera nos proporcionam algumas informações interessantes. A. Valentin aponta que em 1732, período em que as minas de Paranapanema já apresentavam significativa redução de produção, 6,6% da escravaria eram nitidamente compostos por indígenas. Contudo, como muitos escravos não foram distinguidos como sendo índios ou africanos pelo recenseador; o resultado é que o número de indígenas cativos poderia ser de até 22,5% (VALENTIN, 2001, p.40).

Para o Alto Paranapanema, a partir do início da mineração, é verificado o grande número de portugueses e paulistas dentre os proprietários de escravos em 1732. Só com o tempo é que se formaria uma elite escravista nascida e criada nas minas. É interessante notar também que, ao longo do tempo aumenta a população parda livre e, em alguns casos, proprietária de escravos.

Finalmente temos a contribuição dos negros africanos na formação da população da região. Um contingente considerável de escravos negros é levado para a região devido à mineração, mas o motor para a maciça utilização de escravos no vale do Paranapanema foi realmente a produção agrícola da cana-de-açúcar e seus derivados e, no Ribeira, o plantio e processamento do arroz.

⁵ Exemplo desse fato é a exploração do morro do Ouro, em Apiaí, empreendida entre 1937 e 1941, por uma empresa japonesa (VALENTIN, 2001).

Cenário 4: O Renascimento Agrícola Cronologia: 1765-1875

Evidências culturais do entorno das unidades de conservação:

Município	Bem tombado	Bem material não tombado	Bem imaterial
Apiáí	Capela da Família Martins	Parque do Morro do Ouro	0
Cananéia	Igreja de São João Batista e Núcleo Urbano	Quilombo do Mandira	0
Eldorado	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (Ivaporunduba)	Quilombos de Ivaporunduba, Pedro Cubas e São Pedro*	0
		Núcleo Urbano	
Iguape	Casa térrea e Núcleo Urbano	Museu (antigo quartel e casa de fundição de ouro)	Peregrinação em devoção ao Senhor Bom Jesus de Iguape
Iporanga	Núcleo Urbano	Quilombos Maria Rosa, Pilões e São Pedro*	0
Tapiraí	0	Bairros rurais tradicionais	0

*Os quilombos de André Lopes, Galvão, Batatal, Pedro Cubas de Cima, Nhunguara, Sapatu, Porto Velho, Praia Grande, Bombas, Cangumé, dentre outras, ainda pleiteiam seu reconhecimento oficial.

Municípios diretamente envolvidos: Apiáí, Cananéia, Ibiúna, Iguape, Iporanga, Itapetininga, Itapeva, Paranapanema (Capão Bonito), Piedade, Sorocaba e Xiririca (Eldorado).

Por volta da década de 1730, seja pelo esgotamento do ouro de aluvião, ou pela produtividade das minas de Goiás, há um êxodo populacional de Paranapanema (hoje Capão Bonito) para as minas de Apiáí, naquele momento mais produtivas. Mas havia um outro fator atrator para as pessoas com algum cabedal: a produção de gêneros para suprir a mineração em Minas Gerais, notadamente nos arredores de Itapeva e Itapetininga, regiões à beira do caminho do Sul (ZEMELLA, 1990, p.60) e fartas de terrenos para a propagação de pastagens e plantações.

Desse período em diante, parece haver uma grande dificuldade em se estabelecer quadros históricos analíticos, pois é a partir dessa data que começa a se formar um quadro intra-regional ainda não estudado. Talvez esse seja um problema generalizado para a história de São Paulo, uma vez que de 1748 até 1764 a capitania não teve governo próprio, tendo sido anexada à capitania do Rio de Janeiro. Como consequência dessa perda de autonomia política, boa parte da documentação relativa à administração de São Paulo se encontra mesclada com a burocracia de outras regiões ou simplesmente inexistente.

Apesar da lacuna documental, fato é que diversas unidades produtivas rurais começam a se formar em Itapetininga e Itapeva e, possivelmente, até mesmo em Capão Bonito. Outra questão é a continuidade da mineração em Apiáí. Apesar de um possível êxodo populacional na década de 1750 (VALENTIN, 2001, p.15), é na década de 1770 descoberto o Morro do Ouro, o que estimula uma nova “febre” no município, que também incluía a freguesia de Iporanga, hoje emancipada. Vale destacar que a mineração continuou por toda essa região através do trabalho dos faiscadores, pessoas que prospectavam jazidas sabidas ou potencialmente muito pobres.

No litoral do Baixo Vale do Ribeira, se dão as atividades ligadas àquele ambiente, a saber, a pesca e, principalmente, a construção naval (ANDRADA, 1977, p.190-192), tanto voltada para a produção de embarcações de mar, quanto de rio.

Seria ingênuo acreditar que essas grandes áreas de uma mesma região, cada uma delas envolvida com tipos de atividades diferentes e, de certa forma, complementares, não tivesse um tipo de articulação que caracterizasse as relações intra-regionais.

Mafalda Zemella, ao tratar do abastecimento das Minas Gerais, aborda a questão dos caminhos terrestres oficiais e dos ilegais. Os últimos, além de serem usados para contrabandear ouro, eram utilizados por mercadores que transportavam bens que não haviam pagado os devidos tributos (1990, p. 129). Somam-se aos descaminhos terrestres os descaminhos por água: a mesma autora cita a carta de um oficial português que relata a aportagem de 39 embarcações estrangeiras ilegais no Rio de Janeiro, entre os anos de 1793-4, com a anuência de autoridades locais (1990, p.133). Dessa forma, se uma mercadoria chega contrabandeada num porto marítimo, ela pode chegar até seu destinatário final sem que haja qualquer registro oficial dessa transação.

Transportando essa observação para a região em foco, além de não termos registros oficiais para os anos de 1748 a 1764, não temos a dimensão do que significou o trânsito de mercadorias e pessoas de forma não oficial entre o vale do Ribeira e do Paranapanema. Sabemos dos descaminhos do ouro das minas do Paranapanema (VALENTIN, 2001, p.50) e da entrada de inúmeras embarcações não oficiais nas ilhas e portos naturais do litoral do Baixo Ribeira (CAMARGO, 2002), mas ainda faltam elementos para compor um quadro mais preciso sobre esse trânsito inter-regional, que certamente existiu de forma oficial ou não nesse período de silêncio.

A partir do governo de D. Luís Antonio Botelho Mourão, o Morgado de Mateus (1764-1775), além de ressurgirem as fontes documentais escritas, suprimidas durante o período em que São Paulo esteve ligado ao Rio de Janeiro, são estabelecidas diretrizes que regeriam a capitania e depois a província, pelo menos até meados do século XIX.

Do ponto de vista político são estabelecidas vilas e freguesias motivando a fixação da população e o incremento da agricultura que serviriam a dois propósitos básicos: a geração de produtos que gerassem 1) excedente econômico e que garantissem o 2) abastecimento das populações e tropas militares no sul da colônia.

Do ponto de vista econômico, muito embora já houvesse uma tendência, principalmente em Itapeva e Itapetininga, da produção agrícola voltada para as minas, essa não correspondia às expectativas da nova elite dirigente que assumia o poder na Metrópole, epitomizada pelo Marquês de Pombal e fortemente influenciada pela fisiocracia, corrente do pensamento econômico centrada na origem da riqueza através da produção agrícola.

Por outro lado, não poderia o Morgado prescindir das potencialidades auríferas da região e é justamente durante a sua gestão que é descoberto o Morro do Ouro em Apiaí.

As medidas tomadas pelo Morgado de Mateus surtiram efeito desigual e o chamado “renascimento” agrícola (VALENTIN, 2001) se manifesta em períodos distintos para as diferentes regiões de São Paulo: enquanto na região de Itu a cana-de-açúcar ganha rápido impulso, em Itapetininga e no vale do Ribeira a produção agrícola só ganha escala inter-regional em fins do século XVIII e, principalmente a partir da década de 1820. Conta Saint-Hilaire que, durante sua passagem por Itapetininga e Itapeva em 1820, grassava imensa falta de gêneros ao sudoeste do rio Paranapanema (SAINT-HILAIRE, 1972) devido a uma seca no ano anterior. Anos depois de sua passagem, o mesmo autor, sistematizando seus dados e comparando-os com os números da década de 1830, indica que em Itapetininga houve grande aumen-

to da produção de açúcar, algum destaque para a produção de algodão e que em Itapeva foi digna de nota a produção de milho e a criação de gado. O café só seria introduzido na região de Itapetininga na segunda metade do século XIX.

Já para o vale do Ribeira, incluídas aí as localidades de Iporanga, Eldorado, Iguape e Cananéia, o grande motor agrícola era o arroz, o qual passou a ser produzido desde as últimas décadas do século XVIII até a primeira metade do século XX, tendo o seu período de maior produção se situado entre 1840-1860 (VALENTIM, 2003).

Outro aspecto bastante presente no processo histórico da região recai sobre as formas de deslocamento de cargas: as tropas de muares e as conexões intermodais com a navegação fluvial e marítima.

Está claro que contatos houve entre o Paranapanema e o Ribeira ao longo de centenas – melhor dizendo, milhares – de anos de ocupação humana. O que nos parece mal compreendido é quando esses caminhos de pedestres se tornam estradas de tropas de muares, uma mudança que é de grande relevância para a compreensão da dinâmica histórica da região, pois essa alteração indica que 1) as trocas se tornam mais intensas, seja na frequência ou no volume das cargas, apontando para um aumento na produção; 2) há melhores condições de compra e manutenção dos animais destinados à carga; 3) entram em cena trabalhadores especializados para o projeto e realização de estradas tecnicamente mais avançadas e 4) exclui-se o carregador humano desse transporte, disponibilizando-o para outras atividades.

Martim Francisco (1805) enumera alguns dos caminhos que ligavam Itapetininga ou Itapeva à Ribeira, ou seja, caminhos que transpunham a serra de Paranapiacaba e terminavam em algum ponto navegável do rio Ribeira de Iguape ou afluentes.

[Pelo rio Ribeira e rio Juquiá] “13 de agosto a 3 de setembro. – Tem continuado o mesmo terreno e às vezes muito talcoso, até entrar no rio Assungui, aonde vou trabalhar, e aonde vem ter a estrada que de presente intenta os de Itapetininga, sumamente proveitosa para estes e os de Iguape pela facilidade do comércio interno e escambo de gênero” (1977, p.184).

“Chegando ao salto, como era impossível a passagem das canoas, e o vará-las muito mais penoso, deixei-as, e meti-me no mato por uma picada feita por Salvador de Pontes, a qual passada a serra vai ter a Itapetininga; (...)” (1977, p.185).

[Pelo rio Ribeira, nas proximidades de Iporanga] “Depois passei pelo ribeirão dos Pilões, que também fica à direita, e onde vem ter a estrada de Paranapanema, e vim pousar a Jurumirim” (1977, p.188).

Saint-Hilaire deu um relato pormenorizado quando de sua passagem pelo caminho do Sul (1820) em direção aos campos de Curitiba, região que até 1853 pertenceu à província de São Paulo. O viajante francês aborda tanto o caminho existente que partia de Itapetininga para o rio Juquiá e também o que estava sendo construído, de Paranapanema a Xiririca.

“A proximidade em que [Itapetininga] está de Sorocaba assegura-lhe, como já assegurei, o consumo de uma parte de suas produções, e, por outro lado, a vila de Itapetininga não está, na realidade, muito afastada do mar. Em verdade, no ano de 1838, eram necessários quatro dias de viagem por terra e cinco outros navegando pela Ribeira de Iguape, para ir de Itapetininga ao pequeno porto de Iguape (518); mas é de crer que esse espaço de tempo fique consideravelmente encurtado quando a estrada, já em construção, de Parapanema a Xiririca e da própria vila de Itapetininga ao rio Juquiá (afluente do Iguape) forem entregues ao trânsito (519); e, então, as produções do distrito de Itapetininga encontrarão um escoadouro muitíssimo vantajoso no porto de Iguape, que entretém um comércio de cabotagem, não só com o litoral do Brasil, mas, também, com o Rio da Prata (520).

(518) Cito esses números, de acordo com Muller (Ens. Estatís., 51); mas os argumentos e a inspeção do mapa publicado em 1847, por Villiers, levam a crer que os mesmos números pecam pelo exagero” (1972, p.258-9).

No caso de Itapeva, parece que à época da passagem de Saint-Hilaire (1820) havia uma estrada minimamente carroçável dessa localidade para a vila de Apiaí, a qual estava sofrendo melhorias mais de 20 anos depois da passagem do viajante.

“Itapeva goza de uma vantagem de que toda a estrada que a serve estava privada em 1826 – a de poder comunicar-se com o mar, vantagem que, para o futuro, poderá tornar assaz importante essa localidade. A cerca de 15 léguas para os lados do oceano está situada a pequena vila do Apiaí (548); há uma estrada que vai de Itapeva a essa vila, de onde se pode, posto que com algumas dificuldades, descer em pirogas até o pequeno porto de Iguape, pelo rio denominado Ribeirão de Iguape. Em 1820, era essa via já utilizada para o transporte do sal, de que o gado tem muita necessidade, produto que, assim, ficava por preço muito menos elevado do que o proveniente de Sorocaba (549).

(549) Manuel Felizardo de Souza e Melo, presidente da província em 1844, declarou, em seu discurso à assembléia legislativa (Discurso etc., 32), que, segundo as informações fornecidas pela câmara municipal de Apiaí, foi iniciada, entre essa vila e Itapeva, uma estrada ao trânsito de carroças e carros de bois, mais curta do que a estrada antiga em cerca de 6 a 8 léguas” (1972, p.276).

Com base nesses relatos é possível estabelecer que entre 1805 e 1820 esses caminhos entre as duas bacias não apresentavam muitas condições de trânsito para tropas ou carros, mas que a partir do final da década de 1830 novas empreitadas estavam sendo realizadas no sentido de melhorar o trânsito. De fato, é a partir da década de 1840 que começam a surgir diversos documentos oficiais a respeito da

abertura de estradas do Paranapanema para o Ribeira, isso até a década de 18806. Tanto nos Relatórios dos Presidentes da Província, nos Discursos de Abertura da Assembléia Legislativa, quanto em ofícios arquivados na própria Assembléia Legislativa, são freqüentes as menções aos assuntos referentes à concessão, abertura, melhoramento e manutenção de estradas ligando Itapetininga, Paranapanema (hoje Capão Bonito) e Itapeva, a Sete Barras, Juquiá, Xiririca (hoje Eldorado), Iporanga, Apiaí, ou até mesmo a Iguape ou Cananéia, dois portos de mar⁷. Muito embora não possamos determinar o tempo de construção dessas estradas, nem tampouco saber se elas foram concluídas de acordo com o que se havia planejado, tal documentação evidencia uma real preocupação com o assunto.

Um panorama geral das comunicações antes do período republicano é fornecido por Adolfo A. Pinto. Havia três estradas principais que atravessavam a serra de Paranapiacaba: de Paranapanema (Capão Bonito) a Xiririca (Eldorado); de Sorocaba, passando por Juquiá (então um povoado), até Iguape; e de Faxina (Itapeva) a Iporanga. Em 1864 havia sido aberta – ou estava sendo aberta – a estrada das Sete Barras, que ligava Itapetininga ao rio Ribeira de Iguape (1977, p.263). Sobre essa última estrada ressalta o autor que a viagem até os portos de litoral passaria de 40 léguas para 16 ou 18 léguas.

Outra mudança importante no sistema de transportes da região é o estabelecimento da navegação a vapor, tanto marítima, quanto fluvial. A partir da década de 1850, os portos de Cananéia, Iguape e Xiririca (este fluvial) passam a ser servidos por linhas (quase) regulares de navios a vapor, os quais possuíam uma maior regularidade na marcha, pois não dependiam do vento, além de uma maior capacidade de carga. Assim, a distribuição das mercadorias de “serra acima” seria agilizada (ALMEIDA, 1945, p.32-35).

Finalizando este Cenário, deparamo-nos com um assunto pouco abordado pela historiografia, tanto no vale do Paranapanema (pelo menos no Alto), quanto no do Ribeira: a escravidão negra. Dentro desse quadro, os trabalhos de Agnaldo Valentim são uns dos poucos dedicados a aspectos dessa escravidão.

Especificamente no vale do Ribeira há um predomínio dos trabalhos de antropologia sobre os quilombos, os quais abordam mais questões voltadas à dinâmica da resistência de suas populações às pressões externas (latifúndios, mineradoras, madeireiras etc), não importando muito se esses quilombos são efetivamente originados de esconderijos de escravos fugidos. A validade desses estudos – principalmente daqueles voltados para normatizar a posse das terras ancestralmente ocupadas – está na inserção dessas populações como legítimos cidadãos dentro de uma sociedade que triplamente os estigmatiza: por serem do meio rural (mas não do agrobusiness), por serem pobres e por serem negros. Disso decorre o fato de ser levada mais em conta a história oral e de vida dos anciãos do grupo, além da documentação (oficial) escrita, do que supostas evidências de cultura material que poderiam levar a uma origem física da comunidade.

Mas apesar da origem desses quilombos não estar no foco dos estudos, algumas evidências surgem no decorrer das pesquisas e indicam tendências para o nosso estudo. No vale do Ribeira existem quilombos formados por doações de terras relativas à premiação de negros que participaram dos combates

⁶ Nestor G. Reis aponta para o que ele chama de “entusiasmo precoce” da recém criada Assembléia Legislativa (1834) quanto ao estabelecimento de uma malha rodoviária eficaz ainda na primeira metade do século XIX (1997, p.23). Os “planos ambiciosos” dos deputados ficavam nítidos através da Lei 36, de março de 1844, que criava a Diretoria de Obras Públicas, entretanto extinta em 1847. Foi somente com o aumento efetivo da atividade prática que foi promulgada a Lei 51, de abril de 1868, a qual criava a Repartição de Obras Públicas instituição que se responsabilizou pelas estradas até 1889, quando é criada a Superintendência de Obras Públicas. A partir daí as questões relativas aos caminhos e estradas ganham instâncias administrativas próprias, deixando questões práticas fora das discussões da Assembléia (p.26).

⁷ Informações extraídas dos sites <http://www.crl.edu/content/brazil/sao.htm> e http://www.al.sp.gov.br/web/AH/AH_Lista.htm.

da Guerra do Paraguai (ou da Tríplice Aliança, 1864-1870)⁸, ou por áreas ocupadas por contingentes libertados, mas despossuídos, ou por escravos fugidos que formaram esconderijos e núcleos de resistência⁹.

Desse segundo grupo, alguns são muito antigos, originários ainda do período das minerações. Corroborando isso o relato de Martim Francisco de Andrada, que no início do século XIX cita o topônimo rio Quilombo em uma das suas expedições mineralógicas pelo Ribeira (ANDRADA, 1977, p.184).

Cenário 5: Imigrantes e Ferrovias Cronologia: 1860-1930

Evidências culturais do entorno das unidades de conservação:

Município	Bem tombado	Bem material não tombado	Bem imaterial
Apiá	Capela da Família Martins	0	0
Barra do Turvo	Casario da Praça da Bíblia	0	0
Cananéia	Núcleo Urbano	Quilombo do Mandira	0
Capão Bonito	Escola Municipal de Ensino Fundamental	0	0
Eldorado	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (Ivaporunduba)	Quilombos de Ivaporunduba, Pedro Cubas e São Pedro*	0
		Núcleo Urbano	
Iguape	Núcleo Urbano	Trilha do Imperador (telégrafo)	Peregrinação em devoção ao Senhor Bom Jesus de Iguape
Iporanga	Núcleo Urbano	Quilombos Maria Rosa, Pilões e São Pedro*	0
		Cavernas do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR)	
Juquiá	0	Estação Ferroviária	0
Registro	Kaigai Kogyo Kabukushi Kaisha (K K K K)	Fábrica de chinelos e esteiras de junco	0
		Fazendas de Chá	

*Os quilombos de André Lopes, Galvão, Batatal, Pedro Cubas de Cima, Nhunguara, Sapatu, Porto Velho, Praia Grande, Bombas, Cangumé, dentre outras, ainda pleiteiam seu reconhecimento oficial.

Municípios diretamente envolvidos*: Apiá, Barra do Turvo, Cananéia, Ibiúna, Iguape, Iporanga, Itapetininga, Itapeva, Jacupiranga, Juquiá, Miracatu, Paranapanema (Capão Bonito), Piedade, Pilar do Sul, Registro, Ribeirão Grande, São Miguel Arcanjo, Sete Barras e Xiririca (Eldorado).

*Neste cenário, muitos dos atuais municípios ainda não haviam se emancipado. Entretanto, a importância dessas localidades não é diminuída no processo devido à classificação administrativa.

As diretrizes que impulsionavam o Cenário 5 começam a mudar de direção quando uma radical inovação atinge a cidade de Sorocaba: em 1875 é inaugurado o primeiro trecho ferroviário da Sorocabana¹⁰. Se antes desse advento os produtores prefeririam enviar seus produtos diretamente para os portos de Iguape e Cananéia por estes serem muito mais próximos que o de Santos, daquele momento em diante, pelo menos a produção de Itapetininga tenderia a ser enviada para o porto de Santos (MARQUES, 1977) através das antigas companhias férreas Sorocabana e São Paulo Railway. Assim foi que começou

⁸ Caso do quilombo do Sapatu.

⁹ Comunicação pessoal da profª. Drª. Maria Cecília M. Turatti, 11/10/2006.

¹⁰ Referência extraída do site www.estacoesferroviarias.com.br.

o processo de desestruturação intra-regional da produção regional voltada para o mercado externo. Os outros golpes foram cada vez mais duros: em 1895 a Sorocabana chegou à Itapetininga e continuou em direção à Itapeva e ao Paraná. Mas foi com o ramal de Jiquiá, aberto em 1915, que podemos dizer que a desarticulação produtiva regional chegou ao seu ápice, relegando o porto de Iguape a um papel secundário. Se, por um lado, as regiões servidas pela ferrovia conhecem um desenvolvimento da produção de bens, as que ficam à margem sofrem uma retração ou estagnação, mantendo uma economia de caráter local.

A partir da segunda metade do século XIX começa a difusão do café no vale do Paranapanema sem que ela tenha atingido a serra de Paranapiacaba do Alto Paranapanema, área onde as constantes geadas apresentariam um risco maior para a produção em grande escala do fruto. Só para exemplificar, a região de Piraju, no Alto Paranapanema, é hoje uma das maiores produtoras de café do Estado de São Paulo. Na região de Capão Bonito e Itapeva parece ter sido a produção de cereais (com destaque para o milho) e a criação de gado a grande alavanca econômica até o advento do eucalipto. Já em São Miguel Arcanjo encontramos a pequena propriedade policultora, tendência essa que se afirma até hoje, ameaçada de perto pelo cultivo do eucalipto. A proliferação da pequena propriedade está associada à forte imigração européia e asiática para a região de Pilar do Sul, São Miguel e Itapetininga durante todo o século XX. Um dado particular de São Miguel Arcanjo é a presença de imigrantes russos dedicados à exploração de madeira¹¹.

No vale do Ribeira, encontramos forte presença japonesa a partir da primeira década do século XX, associada diretamente ao cultivo do chá. As raízes das experiências com a imigração e criação de colônias nessa região são, contudo, das mais antigas no Estado: citando um exemplo, a colônia de Cananéia foi estabelecida em 1860 (MARQUES, 1977).

Já no século XX surge uma nova alternativa ao transporte ferroviário, ao tracionado por animais e ao transporte por embarcação: é o transporte rodoviário. Podemos ressaltar a figura do político e estudioso Washington Luiz Pereira de Souza como um dos grandes incentivadores e promotores da instalação de rodovias pelo estado, estabelecendo durante seu mandato como presidente da província (1920-1924), um plano sistemático para a abertura de rodovias¹². Com o estabelecimento do rodoviarismo – característica ainda notável do ideário paulista – voltaram à discussão velhas questões sobre o estabelecimento de ligações carroçáveis – agora por automóveis – entre o planalto e o litoral.

Ainda sob a égide da concessão de permissões a particulares, começam a ser abertas ou recondicionadas, na década de 1920, estradas que constituiriam os eixos das SP 139, 079, 249 e 165, todas em demanda ao litoral ou aos rios navegáveis, numa tentativa de estabelecer novos e/ou mais adequados canais de escoamento da produção vigente ou estimada. Vale ressaltar que com as rodovias temos efetivos meios de escoamento da produção, mas também marcos do poder calcados no desenvolvimentismo. Assim, com essas rodovias havia também a possibilidade da projeção do poder das oligarquias por sobre um território mais amplo e uma população mais numerosa.

Essas empreitadas de rodovias concedidas a particulares ainda está calcada nas práticas políticas da república velha, onde oligarquias locais ou regionais dominavam amplos espectros da política estadual e nacional. A partir de 1930 esse quadro começa a mudar com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder,

¹¹ Comunicação pessoal de Aelson Apolinário, secretário da Cultura de S. M. Arcanjo, em 18/09/2006.

¹² O primeiro Plano de Viação para o estado foi estabelecido em 1896 (REIS, 199?, p.26).

quando começa a haver uma concentração maior de poder nas mãos do governo central e dos interventores federais que comandavam o estado.

Cenário 6: A Marcante Presença do Estado Cronologia: 1930-1980

Evidências culturais do entorno das unidades de conservação:

Município	Bem tombado	Bem material não tombado	Bem imaterial
Apiáí	0	0	Ceramistas
Cananéia	Igreja de São João Batista e Núcleo Urbano	0	0
Capão Bonito	Escola Municipal de Ensino Fundamental	0	0
Eldorado	0	Núcleo Urbano	0
Iguape	Casa térrea e Núcleo Urbano	0	Peregrinação em devoção ao Senhor Bom Jesus de Iguape Ceramistas
Iporanga	Núcleo Urbano	Cavernas do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR)	0
Itaoca	0	0	Ceramistas
Juquiá	0	Estação Ferroviária	0
Registro	Kaigai Kogyo Kabukushi Kaisha (KKKK)	Fábrica de chinelos e esteiras de junco Fazendas de Chá	Tooro-Nagashi

Municípios diretamente envolvidos*: Apiáí, Barra do Turvo, Cananéia, Capão Bonito, Eldorado, Guapiara, Ibiúna, Iguape, Iporanga, Itapetininga, Itapeva, Jacupiranga, Juquiá, Miracatu, Pariquera-Açu, Piedade, Pilar do Sul, Registro, Ribeirão Grande, São Miguel Arcanjo, Sete Barras e Tapiraí.

*Neste cenário, muitos dos atuais municípios ainda não haviam se emancipado. Entretanto, a importância dessas localidades não é diminuída no processo devido à classificação administrativa.

É principalmente com o estabelecimento do Estado Novo que a situação dessas estradas começa a mudar. A partir de fins dos anos 1930 as antigas estradas do Paranapanema para o Ribeira, concluídas ou não, passam a ser responsabilidade do estado. Dentro de um escopo político e econômico mais amplo, essas estradas ganham melhorias sensíveis ou são praticamente reconstruídas, tal como é o caso da SP 139 que, entre 1938 e 1942 é totalmente modificada, tendo sido construídas obras de arte e faixas de rolamento totalmente novas com relação à estrada da década de 1920. Além de uma demonstração clara de centralização política, tais iniciativas visavam estabelecer pólos de desenvolvimento e escoamento de produção alternativos ao de São Paulo – Cubatão – Santos.

Essas novas rodovias, além de propiciarem condições mais vantajosa para a distribuição dos produtos agropecuários locais, fomentou o incremento de outras atividades. Aqui destacaremos uma a produção de carvão vegetal.

Muito embora seja impossível estabelecer o momento exato para o início da exploração do carvão vegetal na região em foco, podemos aventar a hipótese de que sua produção estivesse ligada à siderurgia, tal como visto em Minas Gerais, onde entre 1910-1920 instala-se a Belgo Mineira¹³. No estado de São Paulo, em região não muito distante da que aqui está sendo abordada, houve a Real Fábrica de Ferro de São João do Ipanema, a qual funcionou como tal de 1810 até as décadas de 1900-1910¹⁴. Infelizmen-

¹³ Extraído de http://www3.belgo.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=17&Itemid=61

¹⁴ Embora tenha sido extinta em 1895, continuou funcionando até cumprir todas as encomendas.

te, sem um estudo mais aprofundado não podemos afirmar a ligação entre uma possível produção de carvão das áreas de floresta do Paranapanema – Ribeira e a fábrica de ferro.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939 e, principalmente a partir de 1942, quando Brasil declara guerra aos países do Eixo, todas as matrizes energéticas são requisitadas para o esforço de guerra e para suprir a necessidade daquilo que era anteriormente importado. Exemplo notório disso foi a devastação das áreas de restinga do estuário de Santos, promovida na década de 1940 para alimentar de carvão vegetal o crescente pólo industrial de Cubatão.

Com a retomada das importações com o término da Guerra (1945) e iniciada a exploração sistemática de petróleo no país (1953), os estoques das matrizes energéticas minerais começam a ser repostos, possibilitando ao governo retomar políticas preservacionistas das florestas. Embora os motivos pelos quais eram criadas reservas florestais e parques nacionais fossem diferentes dos de hoje em dia, desde os tempos do segundo reinado, com o reflorestamento da Tijuca, no Rio de Janeiro, governos vinham manifestando a preocupação da manutenção e conservação de certos tipos de ambientes. Podemos retroceder ainda mais e dizer que a proteção dos bosques e matas destinados ao uso da indústria naval na colônia foram as primeiras atitudes preservacionistas implantadas no futuro país. Especificamente em São Paulo a criação do Horto Florestal, em 1893, foi uma das primeiras atitudes preservacionistas contemporâneas levadas a cabo pelo estado, este motivado pela manutenção das reservas hídricas para a capital (FOREST & VICTOR, 2000). Dentro desse quadro é criada a reserva florestal Carlos Botelho, em 1941.

Do ponto de vista social, a presença estatal sobre a região em foco ocasionou grandes transformações, as quais promoveram a desagregação de modos de vida tradicionais (caipiras, caiçaras, colônias de imigrantes, etc) em decorrência do fracasso dos planos desenvolvimentistas em estabelecer modos produtivos eficientes. Embora na região não tenham sido implantadas indústrias ou culturas tais como o café ou a cana-de-açúcar, são nela sentidos os efeitos negativos da valorização do preço da terra, gerando a expulsão de pequenos produtores sem a posse da terra para a periferia das cidades. Assim, a diversidade cultural passou a ser sinônimo de decadência.

Essa incompreensão estatal da diversidade social e cultural e as conseqüentes tentativas de controle e transformação se manifestaram de diferentes formas através dos tempos. Se nos períodos colonial e imperial as ameaças eram os piratas, contrabandistas, traficantes de escravos, separatistas platinos ou farrroupilhas (Bava de Camargo, 2002), negros livres e quilombolas, em tempos mais recentes a pobreza, a ruralidade e o pretensioso isolamento estigmatizam o Sul do estado como reduto de foragidos da justiça.

Um episódio pontual relativamente recente, mas extremamente significativo, é o estabelecimento do campo de treinamento da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) no vale do Ribeira, em 1969. A VPR era uma organização revolucionária, voltada para o combate da ditadura militar (1964-1985), chefiada pelo capitão Carlos Lamarca. Embora Lamarca não pensasse em fazer a guerrilha no Baixo Ribeira, a descoberta do campo de treinamento e o cerco comandado pelo Exército levou-o a realizar operações militares. Por 41 dias um pequeno contingente de guerrilheiros fugiu e também enfrentou patrulhas das forças de segurança. Fato relevante é a mobilização de aparato bélico pesado e milhares de praças, num cerco que excedeu muitíssimo a área de atuação da guerrilha e envolveu bombardeios aéreos e o uso de napalm. Além desse arsenal, a extrema violência estendida à população da região revela que a repressão não era tão somente voltada para o combate da guerrilha, mas a um combate dos

possíveis simpatizantes. Afinal, na mentalidade do Exército, se a guerrilha lá estava, era porque os habitantes o permitiam, sendo eles coniventes.

Nesse período de intensas mudanças e de redefinição social, política e econômica existiam, entretanto, fenômenos culturais que se perpetuavam, resistindo e se adequando às contingências.

As romarias em direção a Iguape são motivadas pela estátua do Senhor Bom Jesus de Iguape, peça de madeira do século XVII com dimensões próximas a de um ser humano de alta estatura. Sua chegada àquela vila se deu em 1647, quando a embarcação que a transportava da Europa para o nordeste se envolveu em um combate e por um motivo ou outro a estátua acabou indo para o mar e as correntes a fizeram arribar em alguma praia da Juréia. Reza a lenda que cidadãos de Itanhaém e Iguape disputavam pela posse da estátua. Os de Itanhaém saíram vitoriosos e, ao começar o transporte para a referida vila, a estátua seguiu vezes caiu, no que se atribui uma manifesta vontade do Bom Jesus de ir para Iguape. Enfim a estátua foi transportada, com êxito, para Iguape e por lá ficou até hoje.

As origens da romaria são incertas, mas certamente a estátua do Bom Jesus, no século XVII era a maior e mais bela escultura sacra existente no litoral atlântico meridional da América do Sul, isso desde o Rio de Janeiro até os confins do continente. Quiçá nas Missões ainda não existisse uma estátua com essas qualidades. Dessa forma, a simples existência da imagem numa região longínqua dos principais centros populacionais da América deve ter cativado os sentimentos de devoção de uma parcela considerável de cristãos católicos, motivando às peregrinações. Seja como for, mais uma vez Saint-Hilaire nos dá uma pista, mesmo não tendo passado por Iguape. Numa nota de rodapé o autor escreve: “(520) (...) Em sua igreja consagrada a Nossa Senhora das Neves, há uma imagem de Cristo que atrai grande número de peregrinos. (...) (1972, p.258-9).”

Assim, em 1820 essas peregrinações já eram uma realidade, apesar das informações sobre elas, para os peregrinos do vale do Paranapanema estarem mais ligadas aos tempos recentes, ou seja, 60-70 anos atrás, com o estabelecimento das primeiras rodovias. É importante indicar que a abertura de rodovias tornava o percurso muito mais fácil de ser cumprido, tanto por pedestres quanto cavaleiros, incluindo aí a possibilidade de deslocamento de equipamentos por transporte motorizado. Assim é que com as rodovias essas romarias de pedestres e cavaleiros devem ter possibilitado o deslocamento de um maior e mais variado contingente, antes obrigado a percorrer caminhos de tropas e cursos de rios em canoas.

Cenário 7: O Momento Atual: Novos Desafios
Cronologia: 1980-2006

Evidências culturais do entorno das unidades de conservação:

Município	Bem tombado	Bem material não tombado	Bem imaterial
Apiaí	Capela da Família Martins	Museu do Folclore	Ceramistas
		Parque Morro do Ouro	
Barra do Turvo	Casario da Praça da Bíblia	0	Dia dos Evangélicos
Cajati	0	0	Dia do Evangélico
Cananéia	Igreja de São João Batista e Núcleo Urbano	Quilombo do Mandira	Festa do Mar
	Morro de São João Batista		
Capão Bonito	Escola Municipal de Ensino Fundamental	0	Projeto Caminho de São Tomé
Eldorado	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (Ivaporunduba)	Quilombos de Ivaporunduba, Pedro Cubas e São Pedro*	Festa de Nossa Senhora do Rosário
		Núcleo Urbano	
		Aldeia Guarani de Saibadela	
Iguape	Casa térrea e Núcleo Urbano	Trilha do Imperador (telégrafo)	Festa de Agosto: em louvor ao Senhor Bom Jesus de Iguape
	Maciço da Juréia e do Rio Verde		Ceramistas
Iporanga	Núcleo Urbano	Quilombos Maria Rosa, Pilões e São Pedro*	0
		Cavernas do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR)	
Itaoca	0	0	Ceramistas
Jacupiranga	0	Bairros caiçaras	0
Juquiá	0	Estação Ferroviária	0
Miracatu	0	Museu Pedro Laignot	Grupo artístico Batucajê
Pariquera-Açu	0	Parque Municipal da Cultura Indígena	Festa das Nações
		Monumento ao Imigrante	
Registro	Kaigai Kogyo Kabukushi Kaisha (KKKK)	Fábrica de chinelos e esteiras de junco	Tooro-Nagashi
		Fazendas de Chá	
		Praça Beira Rio e bens correlatos	
São Miguel Arcanjo	0	0	Festa da Uva
			Festa do Vinho
			Cardeado
			Escola de futebol no bairro Abaitinga
Sete Barras	0	0	Grupo artístico Candeias
			Festa da Banana
Tapiraí	0	Bairros rurais tradicionais	Resgate de brincadeiras no Parque do Zizo
Apiaí, Barra do Turvo, Capão Bonito, Eldorado, Guapiara, Iguape, Iporanga, Jacupiranga, Juquiá, Miracatu, Pedro de Toledo, Piedade, Pilar do Sul, São Miguel Arcanjo, Sete Barras e Tapiraí	Serra do Mar e de Paranapiacaba	0	0
Quilombos	0	0	Manejo de ervas medicinais
Vales do Paranapanema e Ribeira	0	0	Passeio ciclístico
			Romaria a pé
			Romaria a cavalo
Vale do Ribeira	0	0	Projeto Banana Barra Mandioca

*Os quilombos de André Lopes, Galvão, Batatal, Pedro Cubas de Cima, Nhunguara, Sapatu, Porto Velho, Praia Grande, Bombas, Can-gumê, dentre outras, ainda pleiteiam seu reconhecimento oficial.

Municípios diretamente envolvidos: Apiaí, Barra do Turvo, Cajati, Cananéia, Capão Bonito, Eldorado, Guapiara, Ibiúna, Iguape, Ilha Comprida, Iporanga, Itaoca, Jacupiranga, Juquiá, Miracatu, Pariquera-Açu, Pedro de Toledo, Piedade, Pilar do Sul, Registro, São Miguel Arcanjo, Ribeirão Grande, Sete Barras e Tapiraí.

O último Cenário pode ser delineado para a região em estudo e nos remete ao passado recente e momento atual.

O IDH da região abordada, à exceção de alguns municípios, encontrasse abaixo da média do estado¹⁵. Se contrapusermos esse dado ao quadro histórico construído nas páginas anteriores, rapidamente uma idéia se formará: essa é uma região decadente. Esse pode ser um conceito aceitável para o senso comum, porém, em termos de produção de conhecimento, não nos leva a uma melhor compreensão da complexidade sócio-cultural que a região apresenta.

Talvez a melhor forma para compreender a dinâmica da região seja perceber que os grandes carros chefes da idéia de progresso econômico do século XX não se manifestaram com vigor em nenhum dos municípios aqui envolvidos, apesar de embriões dessas atividades terem sido plantados (Indústrias Matarazzo, em Iguape; produção de chá, em Registro, por ex.). Historicamente não há registros de grandes indústrias, centros de formação de mão-de-obra especializada ou grandes plantações de cana-de-açúcar ou café, mas apenas empreitadas de culturas diversificadas e de pequena monta.

Assim, além da mineração – atividade que nunca foi completamente abandonada nos Vales – o cultivo de eucalipto e de banana são atualmente os únicos responsáveis por uma produção em larga escala, sendo que o primeiro gera pouquíssimos empregos e o segundo tem valor de mercado muito baixo.

Ao invertermos, entretanto, os fatores pelo resultado na análise histórica, temos uma equação diferente: é justamente o fracasso do desenvolvimento das atividades econômicas principais do século XX que faz com que se sobressaiam as peculiaridades sociais, culturais e ambientais da região que impediram a implantação de uma lavoura de amplo espectro voltada ao mercado externo como a cafeicultura, por exemplo. Ou seja, são as condições que impediram o desenvolvimento do café na região, tais como as altitudes elevadas e a ausência de acessos ferroviários, que possibilitam alternativas contemporâneas para o desenvolvimento sustentável da região. Assim, já despontam na região culturas agrícolas que demandam o frio das cotas altimétricas elevadas (viticultura), bem como um contingente potencial de turistas pode perceber um rico ambiente cultural preservado graças ao isolamento ferroviário da região, só rompido posteriormente pelo estabelecimento de rodovias interligando os Vales direta ou indiretamente aos grandes centros populacionais.

Nesse sentido a lista dos bens culturais levantados através de fontes secundárias fornece um bom panorama dessa realidade. Embora as mudanças quanto à maior valorização da cultura popular estejam acontecendo num âmbito geral, nos Vales encontramos iniciativas as mais variadas em contato potencial umas com as outras, despontando a pluralidade de manifestações culturais, tanto materiais quanto imateriais.

E todas essas manifestações culturais, sejam elas baseadas na ancestralidade de Ivaporunduba ou na migração contemporânea de nordestinos, precisam de um palco para se desenvolver, sendo esse mesmo

¹⁵ O Índice de Desenvolvimento Humano para do estado é 0,814 (2000); exemplos: 0,716 Capão Bonito; 0,769 São Miguel Arcanjo; 0,731 Sete Barras; 0,733 Eldorado. Fonte: http://www.cnm.org.br/dado_geral/mumain.asp.

palco, parte da manifestação em si. Assim, a criação e consolidação das Unidades de Conservação, além de terem freado o turismo de veraneio de larga escala, garantiram a manutenção de lugares para essas populações, possibilitando o desenvolvimento e renovação de identidades culturais. Resta, daqui para frente, o maior engajamento entre o desenvolvimento sustentável e as políticas de preservação na promoção da inclusão social e cultural dos diferentes segmentos das populações da região.

Mais do que nunca os desafios estão lançados.

Bibliografia Específica dos Cenários

ANDRADA, Martim F. R. de. Jornais de viagens pela capitania de São Paulo e Diário de uma viagem mineralógica. CLETO, Marcelino P. et *alli*. **Roteiros e notícias de São Paulo Colonial (1751-1804)**. São Paulo: Governo do Estado, 1977. Col. Paulística, vol. I, p.139-192.

ALMEIDA, Antonio P. O Ribeira de Iguape. **Revista do Arquivo Municipal** [de São Paulo], ano X, vol. CII, abril/ maio, 1945.

BARRETO, C.N.G.B. **A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios concheiros do médio curso**. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1988.

BISSA, W.M.; MONTOVANI, W. Recursos potenciais de grupos caçadores-coletores do médio rio Ribeira (SP). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 5, São Paulo: 1995, 117-124.

BLAJ, I. **A Trama das tensões: o progresso de mercantilização de São Paulo Colonial, 1681/1721. 1995**. Tese (Doutoramento) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

CAMARGO, Paulo Fernando Bava de. **Arqueologia das fortificações oitocentistas da planície costeira Cananéia/Iguape, SP**. Dissertação (mestrado), MAE/USP, São Paulo, 2002.

COLLET, G.C. Novas informações sobre os sambaquis fluviais do Estado de São Paulo. **Arquivos do Museu de História Natural**, 10, Belo Horizonte, 1985.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

DE BLASIS, P.A.D. Indicadores da Transição do Arcaico para o Formativo na Região Montanhosa do Médio Vale do Ribeira, SP. *In*: Tenório, M.C. (Org) **Pré-História da Terra Brasilis**, Editora UFRJ, Rio de Janeiro: 2000, 273-284.

DE BLASIS, P.A.D.; PIEDADE, S.C.; MORALES, W.F. Algumas considerações sobre os sambaquis fluviais do médio Ribeira, SP. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 4, São Paulo: 1994, 218-219.

FIGUTI, L. Os Sambaquis Fluviais do Ribeira. *In*: **Anais do XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, São Paulo, Setembro de 2003.

FOREST, Malcon; VICTOR, Mauro. **Cantareira: patrimônio arquitetônico e natural**. São Paulo: IOESP, 2000.

GONZÁLEZ, E.M.R. Diversidade Cultural entre os Grupos Ceramistas do Sul-Sudeste Brasileiro: o Caso do Vale Ribeira do Iguape. *In*: Tenório, M.C. (Org) **Pré-História da Terra Brasilis**, Editora UFRJ, Rio de Janeiro: 2000, 293-306.

GONZÁLEZ, E.M.R.; DE BLASIS, P.A.D. Investigações arqueológicas no médio/baixo vale do Ribeira do Iguape. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 8, São Paulo: 1998, 57-69.

KINOSHITA, A.; FIGUTI, L.; BAFFA, O. Datação de Conchas do Sambaqui Capelinha-SP por Ressonância do Spin Eletrônico. In: **Anais do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, Campo Grande, Setembro de 2005.

LEME, Pedro Taques de A. P. **Notícia das minas de São Paulo e dos sertões da mesma capitania**. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1980. Col. Reconquista do Brasil, vol. 27.

MARQUES, M. E. de Azevedo. **Província de São Paulo (1878)**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

MONTEIRO, J. M. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PICANÇO, Jefferson de L. Comentários sobre o artigo O Paraná na história da mineração no Brasil do século XVII de LICCARDO, A., SOBANSKI, A. & CHODUR, N. L. [Boletim de Paranaense de Geociências 54: 41-49]. **Boletim Paranaense de Geociência**, n.º.56, p.121-123, 2005, Editora UFPR.

PINTO, A. Augusto. **História da viação pública de SP (1903)**. São Paulo, Governo do Estado, 1977. Col. Paulística, vol. 2.

REIS FILHO, N. G. **Memória do Transporte Rodoviário**. São Paulo: CPA Consultoria de Projetos e Artes Gráficas, 1997.

ROBRAHN, E.M. **A ocupação pré-colonial do vale Ribeira do Iguape, São Paulo: os grupos ceramistas do médio curso**. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1989.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de São Paulo**. São Paulo: Livraria Martins Editora/ EdUSP, 1972. Col. Biblioteca Histórica Brasileira.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Economia e Planejamento. Coordenadoria de Planejamento Regional. Instituto Geográfico e Geológico. **Municípios e distritos do estado de São Paulo**. São Paulo: IGC, 1995. 208p. il.

SECRETARIA do Meio Ambiente. Instituto Florestal. Instituto Ekos Brasil. **Projeto Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Mar. Relatório Final: Patrimônio Cultural**. São Paulo: IF, 2005.

THOMAZ, Rosângela Custódio Cortez. **Arqueologia da influência jesuítica no Baixo Paranaense: estudo do Sítio Taquaruçu**. Dissertação (mestrado), FFLCH/USP, São Paulo, 1995.

VALENTIN, Agnaldo. **Nem Minas, nem São Paulo: Economia e demografia na localidade paulista de Apiaí (1732-1835)**. Dissertação (mestrado), FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

VALENTIN, Agnaldo. **Comércio marítimo de abastecimento: o porto de Iguape (SP), 1798-1880**. Extraído do site http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_73.pdf . em 16/10/2006.

ZEMELLA, Mafalda P. **O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII**. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1990.

ANEXO 19

Matriz de Acessos ao Parque Estadual Carlos Botelho

Cidade	Alternativas	Rodovia	Código	Jurisdição	Distância (km)	OBS
São Paulo	1	Castelo Branco até Tatuí	SP-280	Estadual	137	Pista Dupla
		Fausto Santomauro até Itapetininga	SP-127	Estadual	35	Pista Dupla
		Santiago França até São Miguel Arcanjo	SP-139	Estadual	46	Pista Simples
	2	Raposo Tavares até Itapetininga	SP-270	Estadual	163	Pista Dupla e Pesta Simples
		Santiago França até São Miguel Arcanjo	SP-139	Estadual	46	Pista Simples
	3	Regis Bittencourt até Registro	BR-116	Federal	195	Pista Dupla
		Rodovia Empei Hiraide até Sete Barras	SP-139	DER	18	Pista Simples
		Nequinho Fogaça até a Sede	SP-139	Estadual	33	Pista Simples
	Sorocaba	1	Raposo Tavares até Itapetininga	SP-270	Estadual	72
Santiago França até São Miguel Arcanjo			SP-139	Estadual	30	Pista Simples
Campinas	1	Santos Dummond até Sorocaba	SP-075	Estadual	93	Pista Dupla
		Raposo Tavares até Itapetininga	SP-270	Estadual	72	Pista Dupla e Pista Simples
		Santiago França até São Miguel Arcanjo	SP-139	Estadual	30	Pista Simples

Cidade	Alternativas	Rodovia	Código	Jurisdição	Distância (km)	OBS
Santos	I	Padre Manoel da Nóbrega até Peruíbe	SP-55	Estadual	87	Pista Dupla até Itanhaém, Itanhaém-Peruíbe Pista Simples
		Padre Manoel da Nóbrega até a Regis Bittencourt	SP-55	Estadual	40	Pista Simples
		Regis Bittencourt até Registro	BR-116	Federal	63	Pista Dupla
		Rodovia Empei Hiraide até Sete Barras	SP-139	DER	18	Pista Simples
		Nequinho Fogaça até a Sede	SP-139	Estadual	33	Pista Simples
São José dos Campos	I	Presidente Dutra até São Paulo	BR-116	Federal	97	Pista Dupla
		Castelo Branco até Tatuí	SP-280	Estadual	135	Pista Dupla
		Fausto Santomauro até Itapetininga	SP-127	Estadual	28	Pista Dupla
		Santiago França até São Miguel Arcanjo	SP-139	Estadual	30	Pista Simples Estrada de terra
	2	Presidente Dutra até São Paulo	BR-116	Federal	97	Pista Dupla
		Raposo Tavares até Itapetininga	SP-270	Estadual	171	Pista Dupla e Pista Simples
		Santiago França (SP-139) até São Miguel Arcanjo	SP-139	Estadual	30	Pista Simples

Cidade	Alternativas	Rodovia	Código	Jurisdição	Distância (km)	OBS
Piracicaba	I	Cornélio Pires até Tietê	SP-127	Estadual	38	Pista Simples
		Antônio Romano Schincariol até Piratininga	SP-127	Estadual	59	Pista Dupla
		Fausto Santomauro até Itapetininga	SP-127	Estadual	28	Pista Dupla
		Santiago França até São Miguel Arcanjo	SP-139	Estadual	30	Pista Simples
Bauru	I	Marechal Rondon até a Castelo Branco	SP-300	Estadual	120	Pista Dupla
		Castelo Branco até Tatuí	SP-280	Estadual	49	Pista Dupla
		Fausto Santomauro até Itapetininga	SP-127	Estadual	28	Pista Dupla
		Santiago França até São Miguel Arcanjo	SP-139	Estadual	30	Pista Simples
Curitiba	I	Regis Bittencourt até Registro	BR-116	Federal	237	Pista Dupla
		Rodovia Empei Hiraide até Sete Barras	SP-139	DER	18	Pista Simples
		Nequinho Fogaça até a Sede	SP-139	Estadual	33	Pista Simples
	2	Rodovia do Café até Ponta Grossa	BR-376	Federal	113	Pista Dupla
		PR-151 até Piraí do Sul	PR-151	Estadual	59	Pista Dupla
		Francisco Alves Negrão até Capão Bonito	SP-258	Estadual	114	Pista Simples
		Fausto Santomauro até Gramadinho	SP-127	Estadual	33	Pista Dupla
		Santiago França até São Miguel Arcanjo	SP-139	Estadual	30	Pista Simples

Cidade	Alternativas	Rodovia	Código	Jurisdição	Distância (km)	OBS
Ponta Grossa	I	(PR-151) até Piraí do Sul	PR-151	Estadual	59	Pista Dupla
		Francisco Alves Negrão até Capão Bonito	SP-258	Estadual	114	Pista Simples
		Fausto Santomauro até Gramadinho	SP-127	Estadual	33	Pista Dupla
		Santiago França até São Miguel Arcanjo	SP-139	Estadual	30	Pista Simples
		Nequinho Fogaça até o Nucleo	SP-139	Estadual	33	Pista Simples
		Padre Manoel da Nóbrega até a Regis Bittencourt	SP-55	Estadual	40	Pista Simples
		Regis Bittencourt até Registro	BR-116	Federal	63	Pista Dupla
		Rodovia Empei Hiraide até Sete Barras	SP-139	DER	18	Pista Simples
		Nequinho Fogaça até o Núcleo	SP-139	Estadual	33	Pista Simples
		Nequinho Fogaça até o Núcleo	SP-139	Estadual	33	Pista Simples
		Nequinho Fogaça até o Núcleo	SP-139	Estadual	33	Pista Simples

Aeroportos de grande e pequeno porte na região de abrangência do PECB

Aeroporto	Cidade	Endereço	Telefone	Jurisdição
Aeroportos de Grande Porte				
Aeroporto André Franco Montoro (Guarulhos)	São Paulo	Rod. Hélio Smidt s/n Ed. Interlagação São Paulo - SP CEP:07143-970	PABX:(11) 6445-2945 FAX:(11) 6445-3173	Infraero
Aeroporto de Congonhas	São Paulo	Av. Washington Luís s/nº São Paulo - SP CEP:04626-911	PABX:(11) 5090-9000 FAX:(11) 5531-7718	Infraero
Aeroporto Luiz Bertran Leopoldz	Sorocaba	Av. Santos Dumont, s/n - Vila Angélica 18065-290 - Sorocaba - SP	Fone/Fax: 15 - 3223.3249 Site: www.aerosorocaba.com.br	DAESP
Aeroportos de Pequeno Porte				
Aeroclube de Tatuí	Tatuí	Via Municipal Karl Heinz Jahmann s/n Bairro Tanque Novo 18270-000	(15) 3251-4368	-
Aeroporto de Capão Bonito SDCA	Capão Bonito	Avenida Sebastião Penteado, s/n	(15) 3543-1509	-
Aeroporto Estadual Antônio Ribeiro Nogueira Jr.	Itanhaém	Endereço: Av. José Batista Campos, s/nº	(013) 3422-2852	DAESP
Aeroporto de Itapeva SDYW	Itapeva	Estrada da Caputera, km.4	(15) 3524-1001	-

ANEXO 20

Dados sobre a Passagem de Romeiros na Rodovia SP-139

Romeiros que Utilizam a SP-139 – Jan-Jul 2006							
Cidades	Grupos	%	Caminhantes	Cavaleiros	Ciclistas	Total	% Total
São Miguel Arcanjo	13	37	126	105	3	234	39,5
Capão Bonito	6	18	56	5	dnd	61	10
Itapetininga	7	20	30	120	4	154	26
Guapiara	2	7	dnd	25	3	28	5
Ribeirão Grande	2	7	31	dnd	dnd	31	5
Sarapuí	2	7	dnd	35	dnd	35	6
São Roque	1	1	dnd	12	dnd	12	2
Pilar do Sul	1	1	dnd	12	dnd	12	2,5
Itapeva	1	1	dnd	dnd	2	2	0,5
Ibiúna	1	1	dnd	22	dnd	22	3,5
Total	36	100	243	336	11	590	100

dnd - dado não disponível. Fonte: Documentos Internos do PECB

Pontos de Parada Utilizados pelos Romeiros que Usam a Rodovia SP-139		
Locais	Grupos	%
Núcleo Sete Barras	14	41
Abatinga	8	23,5
Rancho do DER	6	17,5
Bica	5	14,5
Onika	1	3,5
Total	34	100

Fonte: Documentos Internos do PECB

ANEXO 21

Planilha de Controle do Tráfego na Rodovia SP-139

Controle de Transeuntes na Rodovia SP - 139

Horário	Placa/Cidade	Veículo	Bicicleta	Pedestre	Cavalo	Direção	
						São Miguel Arcanjo	Sete Barras

Assinatura: _____

Nome por Extenso: _____

ANEXO 22

Planilha de Controle de Romeiros na Rodovia SP-139

Parque Estadual Carlos Botelho PERFIL DO ROMEIRO 2006

A ser preenchido pelo monitor, com o representante do grupo

1. Perfil do grupo

Caminhante Cavaleiros Ciclistas

No. De Pessoas: _____ Veículo de Apoio: Sim Não Qual:

2. Dados Cadastrais

O grupo possui nome: Sim Não Qual:

3. Endereço para correspondência

Rua/Avenida:

Bairro:

Cidade:

CEP:

E-mail:

Já manteve contato com as prefeituras de SMA ou Sete Barras? Sim Não

4. Local de início da romaria

O destino final é Iguape? Sim Não

Outro destino? Qual?

5. É a primeira vez que faz romaria? Sim Não

Quantas vezes já realizou?

6. Cite locais onde o grupo costuma parar para dormir ou comer:

7. Sabe que estará atravessando o Parque Estadual Carlos Botelho nos próximos 33 km? Sim Não

8. Está ciente quanto aos cuidados a serem tomados com fogo, lixo, fogos de artifícios, trânsito na estrada, uso de detergentes, pontos de parada, etc? Sim Não

9. Dados do entrevistado

Nome:

Cidade/Estado:

10. Sugestões e observações

Preenchido por:

Data: __/__/2007

ANEXO 23

Agências de Turismo no Vale do Ribeira e Alto Paranapanema

Contato	Cidade	Telefone	Roteiro	Observação
Aelson Apolinário Célio	São Miguel Arcanjo	(15) 3279-4398	Trilhas, bikes, Cavalgadas, Visitas Rurais e Educação Ambiental em São Miguel Arcanjo, PECB e entorno	dnd
Orlando Montenegro	São Miguel Arcanjo	dnd	Agência de ecoturismo	dnd
Marcel Pacano	São Miguel Arcanjo	dnd	Agroturismo e ecoturismo (Off Road, Cascading, Trekking, Bike, Arvorismo, Observação de Aves) em São Miguel Arcanjo, no PECB e no Parque do Zizo	Portal encontrado na Internet com informações turísticas sobre São Miguel Arcanjo e Entorno
André e Benicio	São Miguel Arcanjo	dnd	Passeio Ciclístico no PECB Por R\$ 15,00 os participantes contam com almoço, entrada no PECB e transporte para ciclistas e bicicletas. Os atletas chagam até o Núcleo Sete barras do Parque Estadual Carlos Botelho através de um percurso de 57 km por dentro da Mata Atlântica. A via de acesso é a Estrada da Serra da Macaca - SPI 39 e o passeio inclui um banho na Bica, a visita a Trilha da Figueira no Núcleo Sete Barras a cachoeira Água da Vaca e o mirante da Serra da Macaca	Descem a estrada SP-139 com uniforme, capacete, polícia e ambulância
Gilson Curtis e Orlando Montenegro	Capão Bonito	0800-774-3104 (15) 3543-9912	A caminhada sai de Capão Bonito e passa por São Miguel Arcanjo, Sete Barras, Registro, Pariqueraçu e chega na Basílica de Bom Jesus de Iguape em Iguape. Parte da caminhada é feita pela estrada SP-139	Falta de estrutura de hospedagem e alimentação - estão divulgando na mídia
dnd	Capão Bonito	(15) 3542-2265	A agencia oferece os seguintes produtos: canoagem, off road, cascade, trekking, bóia-cross, bike, cavalgada e arvorismo em toda a região do Paranapanema (alto e médio)	Nunca levaram turistas para o Parque
dnd	Capão Bonito	(15) 9728-4110	Em Capão Bonito: cascading, camping, trilha ecológica, trilha off road de moto, educação ambiental, montain bike	Nunca levaram turistas para o Parque
dnd	Capão Bonito	(15) 3542-5550	dnd	Nunca levaram turistas para o Parque
dnd	Capão Bonito	(15) 3542-1124	dnd	Nunca levaram turistas para o Parque
dnd	Registro	(13) 3821-6100	dnd	dnd
dnd	Registro	(13) 3821-7809	dnd	dnd

ANEXO 24

Estrutura de Receptivo Turístico no Vale do Ribeira e Alto Paranapanema

Meios de Hospedagem			
Nome	Endereço	Cidade	Telefone
Burkner Hotel	Av. Duque de Caxias, 128	Apiáí	(15) 3552-1233
Hotel Nossa Senhora da Aparecida	Rua Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos, 113	Apiáí	(15) 3552-1430
Hotel Pilão	Av. Duque de Caxias, 84	Apiáí	(15) 3552-1429
Hotel Pontes	Praça Castro Alves, 268	Apiáí	(15) 3552-1215
Hotel e Restaurante dos Reis	Hotel e Restaurante dos Reis	Barra do Turvo	(15) 3577-1298
Hotel e Restaurante Lima	Praça das graças	Barra do Turvo	(15) 3577-1250
Hotel Marissol	Entrada da cidade	Barra do Turvo	(15) 3577-1503
Pousada e Camping do Celsinho	Estrada de Indaiatuba	Barra do Turvo	—
Pousada João de Barro	Rodovia de Barra do Turvo - km 25	Barra do Turvo	(41) 9963-8924
Hotel Luar de Agosto	Rua Margarida Rebete Muniz, 51	Cajati	(13) 6854-1187
Hotel Orni R Felizardo	Rua Cimbrasil, 206	Cajati	(13) 6854-1730
Hotel Sueber	Rua Adolfo Muniz, 794	Cajati	(13) 6854-1105
Pousada Vento Leste	Rua Dr. Antônio Paulino de Almeida, 39	Cananéia	(13) 3851-0301
Hotel Sol a Sol	Av. Luis Wilson Barbosa, 573	Cananéia	(13) 3851-1851
Costa Azul Club Hotel	Estrada da Ponte - Km 06	Cananéia	(13) 3851-1489
Pousada Recanto do Morro	Rua Prof. Besnard, 420	Cananéia	(13) 3851-3370
Pousada Ilha de Cananéia	Av. Independência 1192	Cananéia	(13) 3851-1513
Hotel Pousada Por do Sol	Rua Dr. Antonio Paulino de Almeida, 21	Cananéia	(13) 3851-1206
Pousada Berro D'Água	Rua Jair de Melo Viana, 156	Cananéia	(13) 3851-1400
Hotel Coqueiro	Av. Independência, 542	Cananéia	(13) 3851-1255
Hotel Marazul	Av. Luis Wilson Barbosa, 408	Cananéia	(13) 3851-1407
Hotel Recanto do Sol	Rua Pero Lobo, 271	Cananéia	(13) 3851-1162
Pousada Da Néia	Av. Independência, 150	Cananéia	(13) 3851-1580
Pousada Retiro das Caravelas	Av. Pinta, 615	Cananéia	(13) 3851-3030
Pousada Via Maria	Rua Jair de Melo Viana 106	Cananéia	(13) 9713-0038
Candairó Hotel	Av. Luiz Ra Ngel, 679 Carijo	Cananéia	(13) 3851-1529
Hotel Recanto dos Pescadores	Rua Paulo Hermenegildo, 6	Cananéia	(13) 3851-6121
Hotel Beira Mar	Av. Beira-mar, 219 Centro	Cananéia	(13) 3851-1115
Hotel Cabana do Bugre	Av. Independência, 1185	Cananéia	(13) 3851-1101
Hotel Chale Cananéia	Av. Independência, 800	Cananéia	(13) 3851-1486
Hotel Marina Utamaru	Rua João Maciel, 80	Cananéia	(13) 3851-6240
Hotel Tanana	Rua Vereador Sebastião da Luz, 65	Cananéia	(13) 3851-1317
Hotel Regina	Pça Rui Barbosa, 306	Capão Bonito	(15) 3542- 2144
Hotel Aquários	Rua Antônio de Souza Lopes, 150	Capão Bonito	(15) 3542 - 1356
Hotel Baguassu	Rua Eugênio Augusto de Medeiros, 43	Capão Bonito	(15) 3543-8000
Hotel Chantal	Av. Capão Calixto, 201	Capão Bonito	(15) 3543-1122
Hotel Safadi	Rua Silva Jardim, 244	Capão Bonito	(15) 3543-1648
Hotel Saoncela	Rua Marechal Deodoro, 677	Capão Bonito	(15) 3542-1535
Pensão Bom Jesus	Rua Sete de Setembro, 542	Capão Bonito	(15) 3542-1727
Pousada Ecológica Recanto Encontro das Águas	Estrada Eldorado/Sete Barras Km 03	Eldorado	(13) 3871-3331

Meios de Hospedagem			
Nome	Endereço	Cidade	Telefone
Pousada Rural Cristina Ruivo	SP 165 - Eldorado/Iporanga	Eldorado	(13) 3879-4109
Pirâmide Hotel	Av. Marechal Castelo Branco, 157	Eldorado	(13) 3871-1426
Hotel Eldorado	Praça Nossa Senhora da Guia, 129	Eldorado	(13) 3871-1123
Chalé Caverna do Diabo	SP 165 Eldorado/Caverna do Diabo	Eldorado	(13) 3871-1241
Hotel Sampatiro Fukuchi	Rua José, 308	Guapiara	(15) 547-1106
Pousada Paraty Fazenda	Estrada do Rio Una, 7 Km	Ibiúna	(15) 3294-1135
Pousada Estalagem das Rosas	–	Ibiúna	(15) 3289-1118
Hotel Fazenda Bandeirantes	Rodovia Bunjiro Nakao (SP 250) Km 86	Ibiúna	(15) 3289-1117
Pousada Vale dos Pássaros	Pousada Vale dos Pássaros	Ibiúna	(11) 6107-6098
Ibitur Hotel	Rua 24 de Março, 27	Ibiúna	(15) 241-1002
Pousada Recanto Primavera	Estrada Municipal PD 010-2	Ibiúna	(15) 3244-1488
Hotel Estância Triângulo	Estrada do Murundu, 17km	Ibiúna	(15) 294-7118
Hotel Estância Branca de Neve	Munic, 13	Ibiuna	(15) 294-6131
Hotel Ibiúna Park	Estrada do Campo Verde	Ibiuna	(15) 241-2268
Hotel Ibiuna Park Social	Estr. Municipal Ibiúna-Campo Verde, Km N 09	Ibiuna	(15) 241-1252
Hotel Silvi	Rua Ana Cândida Sandoval Trigo, 515	Iguape	(13) 3841-1421
Hotel Alpha	Rua São Lourenço, 14	Iguape	(13) 3842-1270
Enseada Park Hotel	Av. Adhemar de Barros, 1070	Iguape	(13) 3841-1617
Hotel Itamiaru	Rua Princ.isabel,731	Iguape	(13) 3841-1428
Hotel Marambaia Tourist	Rua Papa João 23, 15	Iguape	(13) 3841-1038
Hotel Mare Alta	Luis Alves Amorim Km 7	Iguape	(13) 3842-1135
Hotel Recando Jureia	Rua G, 50	Iguape	(13) 3849-1115
Hotel Marina Porto Valo	Av. Eduardo Ébano Pereira	Iguape	(13) 3841-2020
Hotel Rio Verde	Rua Antônio José de Moraes, 86	Iguape	(13) 3841-1493
Hotel Village Subaúma	SP-222, Km 81	Iguape	(13) 3842-1252
Pousada Dos Lampioes	Rua Major Rebelo, 640	Iguape	(13) 3841-1745
Pousada Casa Grande	Rua Major Rebelo, 768	Iguape	(13) 3841-1920
Pousada Sol Nascente	Av. Rocio Ns, 626	Iguape	(13) 3841-2127
Pousada Ecologica Zu	Rua Papa João XXIII, 534	Iguape	(13) 3849-1119
Pousada Solar Colonial	Pça. da Basílica,30	Iguape	(13) 3841-1591
Hotel Solar da Barra	Rua Combatentes Trinta e Dois, 250	Iguape	(13) 3849-1210
Portal da Juréia	Av. Papa João XXIII, 537	Iguape	(11) 6335-1918
Pousada Kasseb	Estr. Para Barra do Ribeira, 3800	Iguape	(11) 3848-1106
Hotel Maré Alta	Rua Luís Alves Amorim,1700	Ilha Comprida	(13) 6842-1135
Pousada Icaraí	Av Beira Mar, 11530	Ilha Comprida	(13) 3842-1110
Apartamentos Mar a Vista	Rua Otávio Burati, 295	Ilha Comprida	(13) 3842-4233
Pousada Samburá	Alameda Bom Jesus de Iguape, 1246	Ilha Comprida	(11) 4195-0777
Pousada Recanto	Rua das Margaridas, 65	Ilha Comprida	(13) 3842-1546
Pousada Canto da Ilha	Rua Bom Jesus de Iguape, 210	Ilha Comprida	(11) 4789-2856
Hotel Andrade Monteiro	Rua Tomato Motooca, 104	Ilha Comprida	(13) 6842-1365
Hotel Electro Bonini	Al Orquídeas, 27	Ilha Comprida	(13) 6842-1205
Hotel Maratayama	Av. Beira-mar, 11000	Ilha Comprida	(13) 6842-1368

Meios de Hospedagem			
Nome	Endereço	Cidade	Telefone
Hotel Vênus	Av. S Paulo, 420	Ilha Comprida	(13) 6842-1419
Hotel Vila das Palmeiras	Rua Julio de Almeida, 35	Ilha Comprida	(13) 6842-1349
Hotel Vision Sea	Av. Paulo S, 415	Ilha Comprida	(13) 6842-1190
Hotel Bene	Av. Iguape, 1595	Ilha Comprida	(13) 6842-1517
Hotel Intermares	Av. Intermares, 100	Ilha Comprida	-
Pousada Aconchego	Av. Beira-Mar, 12428	Ilha Comprida	(13) 6842-1360
Pousada Da Dona Helena	Rua Vicky, 520	Ilha Comprida	(13) 6842-1126
Pousada Mansão dos Nobres	Rua Ronaldo Cesar Patovani, 45	Ilha Comprida	(13) 6842-1612
Pousada Recanto do Mangue	Rua Francisco Guimarães, 940	Ilha Comprida	(13) 6842-1544
Pousada Rio Verde	Alameda Vichy, 230	Ilha Comprida	(13) 3842-3679
Pousada das Cavernas	Estrada para Apiaí	Iporanga	(15) 3556-1476
Hotel Fazenda Gamboa	Estrada para Apiaí	Iporanga	(15) 3556-1118
Pousada Iporanga	Rua Cel. Décio, 7	Iporanga	(15) 3556-1132
Hotel Jacupiranga Palace	Rua Sete de Setembro, 150	Jacupiranga	(13) 6864-1355
Hotel Morada do Sol	Rua Marginal, 520	Jacupiranga	(13) 6864-1616
Hotel Palácio Brasília	Rua Artur Carravieri, 55	Jacupiranga	(13) 6864-1063
Hotel Pousada Vale Ribeiro	–	Juquiá	(13) 3844-1390
Pousada Atlantas	–	Juquiá	(13) 3844-1561
Pousada Beira Rio	–	Juquiá	(13) 3844-1259
Sítio Hamony	Estrada das Laranjeiras, nº 2500	Juquitiba	(11) 5581-4272
Village Juquitiba	Km 322 da Br-116	Juquitiba	(11) 4681-4655
Village Represa	Km 330 da Br 116	Juquitiba	(11) 3768-3437
Hotel Capriccio li	Rua Rui Barbosa, 124	Juquitiba	(11) 747-5563
Hotel Mirante	Rua Laurindo Alves da Rocha, 31	Juquitiba	(11) 4555-2831
Hotel Shangai	Rua Santa Ines, 41	Juquitiba	(11) 4516-1667
Hotel Villa Brites	Rua Santa Cecilia, 135	Juquitiba	(11) 4555-0646
Hotel Fazenda	–	Miracatu	(13) 3846-1239
Hotel Lanchonete Miracatu	–	Miracatu	(13) 3847-1141
Hotel Guarani	–	Pedro de Toledo	(13) 3419-1550
Pousada Ronco do Bugjo	Estrada PDD, 128	Piedade	(15) 3299-8600
Fazenda Sakamoto	–	Piedade	-
Hotel Pilar	Praça Pe Luiz Trentini, 89	Pilar do Sul	(15) 0278-1417
Lito Palace	Av. Pref. Jonas Banks Leite, 615	Registro	(13) 3821-1988
Romagnoli Plaza Hotel	BR 116, Km 444	Registro	(13) 3821-1204
Hotel Valle Sul	Av. Marginal Castelo Branco, 1.930	Registro	(13) 3822-3806
Estoril Palace Hotel e Restaurante	BR 116, KM 442	Registro	(13) 3821-1744
Hotel Regis I	Rua S. Francisco Xavier, 83	Registro	(13) 3821-7611
Bruney Hotel	Rua Joaquim Marques Alves, 75	Registro	(13) 3821-8005
Hotel Brasília	Rua Brasília, 240	Registro	(13) 3821-3989
Hotel Continental	Rua José Dias de Araújo, 22	Registro	(13) 3821-3268
Hotel Vale do Sol	Rua Miguel Aby Azar, 298	Registro	(13) 3822-4380
Pousada Pousar	Av. Pref. Jonas Banks Leite, 276	Registro	(13) 3821-1298
Pousada Taiti Vídeo	Av. Pref. Jonas Banks Leite, 1015	Registro	(13) 3821-1295

Meios de Hospedagem			
Nome	Endereço	Cidade	Telefone
Estoril Palace	BR 116 Km 442	Registro	(13) 3821-1744
Regis II	Rua São Francisco Chavier, 70	Registro	(13) 3821-1988
Paraíso Ecolodge	Caixa Postal 01	Ribeirão Grande	(15) 3444-8417
Parque Ecológico do Zizo	Rua Narlir Miguel, 231	São Miguel Arcanjo	(15) 3379-1278
Hotel Fazenda Vale Verde	SP 139, km 23	São Miguel Arcanjo	(15) 3379-5272
Hotel Eskina	Rua Dr. Julio Prestes, 1040-	São Miguel Arcanjo	15 3279-1570
Hotel São Miguel	Rua Marechal Castelo Branco, 498 - Centro	São Miguel Arcanjo	(15) 3279-3109
Hotel Fazenda Encontro das Águas	SP- 079 - km 152	Tapiraí	(15) 3277-1140
Pousada dos Tucanos	–	Tapiraí	
Hotel do Júlio	–	Tapiraí	
Pousada Matão do Tururu	–	Tapiraí	
Pousada Cachoeira do Chá	–	Tapiraí	
Pousada Salve Floresta	–	Tapiraí	(15) 3277-1393
Pousada do Professor	–	Tapiraí	(15)3377-8469

Restaurantes			
Nome	Endereço	Cidade	Telefone
Tuks	Rua Gabriel Ribeiro dos Santos, 493	Apiáí	(15) 3552-1249
Hotel e Restaurante dos Reis	Hotel e Restaurante dos Reis	Barra do Turvo	(15) 3577-1298
Hotel e Restaurante Lima	Praça das graças	Barra do Turvo	(15) 3577-1250
Cheiro Verde	Rua Gen. Carneiro, 399	Capão Bonito	(15) 3542-1846
Restaurante e Lanchonete Paraty	Av. Marechal Castelo Branco, 73	Eldorado	(13) 3871-1361
Restaurante Kaverna	Núcleo Gruta de Tapagem (Caverna do Diabo), SP 165 - 45 km da cidade	Eldorado	(13) 3871-1305
Campos.com	Praça Nossa Senhora da Guia, 85	Eldorado	(13) 3871-3293
Caneco de Barro	Praça Nossa Senhora da Guia, 166	Eldorado	(13) 3871-3324
Restaurante e Pousada Ecológica Recanto Encontro das Águas	Estrada Eldorado/Sete Barras Km 03	Eldorado	(13) 3871-3331
Kidelicia	Praça Nossa Senhora da Guia, 173	Eldorado	(13) 3871-3232
Panela Velha	Rua 15 de Novembro, 190	Iguape	(13) 3841-1869
Itacurumins	Rua Porto Rosario, 2	Iguape	(13) 3841-1536
Mara	Alameda Zulques, 210	Ilha Comprida	(13) 3842-1320
Pousada Iporanga	Rua Cel. Décio, 7	Iporanga	(15) 3556-1132
Hotel Fazenda Gamboa	Estrada para Apiáí	Iporanga	(15) 3556-1118
Pousada das Cavernas	Estrada para Apiáí	Iporanga	(15) 3556-1476
Lilian Bar Restaurante	–	Juquiá	(13) 3844-1213
Restaurante 1,99	–	Juquiá	(13) 3844-3187
Resaturante Savoy	–	Juquiá	(13) 3844-1536
Churrascaria Breda	–	Miracatu	(13) 3847-1193
Hotel Lanchonete Miracatu	–	Miracatu	(13) 3847-1141
Restaurante Japones	–	Miracatu	(13) 3847-1048
Adega Cantina e Pizzaria	–	Pariquera-açu	(13) 3856-4246
Restaurante Petropen	–	Pariquera-açu	(13) 3856-1077
Restaurante Verdespaço	–	Pariquera-açu	(13) 3856-2242
Churrascaria Gaúcha Altaneira Ltda	Rod. Regis Bittencourt - BR 116, km 444	Registro	(13) 3821-1519
Restaurante da Dilza	Rua Tamekichi Takano, 238	Registro	(13) 3821-4819
Restaurante Casarão	Rua Tamekichi Takano, 145	Registro	0800 121401
Restaurantes Kuk's	Rua Tamekichi Takano, 146	Registro	(13) 3821-3788
Restaurante e Lanchonete Reskilo I	Av. Pref. Jonas Banks Leite, 456 Loja 14 - Shopping Magário	Registro	(13) 3821-2629
Restaurante Akuni	Av. Pref. Jonas Banks Leite, 610	Registro	13) 3821-3103
Restaurante e Lanchonete Reskilo II	Av. Clara Gianotti de Souza, 560	Registro	(13) 3821-2453
Parada Oriental - Restaurante	Rua Pres. Getulio Vargas, 401	Registro	(13) 3821-3435
Tia Elza	Rua Shithiro Maeji, 587	Registro	(13) 3821-1874
Restaurante Frangão	Rua Shitiro Maeji, 664	Registro	(13) 3821-6265
Restaurante Chaplin	Rua D. Pedro II, 43	Registro	(13) 3821-6514
Restaurante Rosa	Rua João Batista Pucci Jr, 172	Registro	13) 3821-6380
Pizzaria e Restaurante Regatto	Rua Sinfrônio Costa, 884	Registro	(13) 3821-6772
Restaurante e Lanchonete	BR 116, Km 445	Registro	(13) 3821-0445

Restaurantes			
Nome	Endereço	Cidade	Telefone
Caseiro			
Restaurante e Pizzaria Caribe	Rua José Antônio de Campos - Shopping Plaza	Registro	(13) 3821-0202
Restaurante Floresta	Rua Sinfrônio Costa, 974	Registro	
Restaurante Pousada dos Eqüinos	Estrada Registro / Sete Barras, s/n°	Registro	(13) 3821-1693
Restaurante e Churrascaria Arlei	Estrada Registro / Sete Barras, s/n° Km 6	Registro	(13) 9707-2104
Brizola	–	–	–
Joaquim Beia	–	–	–
Parque Ecológico do Zizo	Rua Narlir Miguel, 231	São Miguel Arcanjo	(15) 279-1278
Dom Francisco Restaurante	Rua Dr. Julio Prestes , 628	São Miguel Arcanjo	(15) 3279-1039
Vem Ka Restaurante	Rua Coronel Fernando Prestes, 1192	São Miguel Arcanjo	(15) 3279-3634
DL Bar e Restaurante	Rodovia SP 139, Bairro Guararema (8 km do Parque)	São Miguel Arcanjo	–
Bisteca & Cia.	Rua Manoel Fogaça, 296 (em frente à prefeitura)	São Miguel Arcanjo	(15) 279-1800
Onika Restaurante	Rua Siqueira Campos, 862	São Miguel Arcanjo	(15) 3279-3634
Lanchonete Baguette	–	Sete Barras	(13) 3872-2240
Lanchonete Ouro Fino	–	Sete Barras	(13) 3872 -1221
Lanchonete Giales	–	Sete Barras	(13) 3872-1010
Lanchonete Giocar	–	Sete Barras	(13) 3872-1575
Daco Lanches e Pasteis	–	Sete Barras	(13) 3872-2105
Lanchonete e Pizzaria Japas	–	Sete Barras	(13) 3872-1386
Pastelaria GG	–	Sete Barras	(13) 3872-1267
Restaurante Felipe	–	Sete Barras	(13) 3872-1118
Restaurante Kin Mel	–	Sete Barras	(13) 3872-1225
Cheiro Verde	Av. Castelo Branco, 350	Tapiraí	(15) 3277-3257

ANEXO 25

**Decreto Estadual 51.453 de
29/12/2006**

**DECRETO Nº 51.453,
DE 29 DE DEZEMBRO DE 2006**

*Cria o Sistema Estadual de Florestas –
SIEFLOR e dá providências correlatas*

CLÁUDIO LEMBO, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, Considerando a necessidade de dotar o Estado de São Paulo de um sistema apto a conferir eficácia na gestão das florestas públicas e outras áreas naturais protegidas, em face da extrema importância da conservação da mata atlântica tida como patrimônio estadual e nacional, do cerrado e de outras formações vegetais naturais do Estado de São Paulo, bem como sua fauna associada; Considerando a relevância de se incrementar a pesquisa científica no Estado de São Paulo, especialmente aquela voltada ao conhecimento, manutenção e manejo da biodiversidade, “in situ” e “ex situ”; e Considerando que a Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo, entidade da administração indireta do Estado, tem por atribuição contribuir para a conservação, manejo e ampliação das florestas de produção e de conservação do Estado de São Paulo e que conta com o apoio científico e conhecimento gerado pelo Instituto Florestal, da Secretaria do Meio Ambiente,

Decreta:

Artigo 1º - Fica instituído o Sistema Estadual de Florestas - SIEFLOR, que será organizado de acordo com o disposto no presente decreto.

Artigo 2º - O Sistema Estadual de Florestas – SIEFLOR é composto pelas unidades de conservação de proteção integral, pelas florestas estaduais, estações experimentais, hortos e viveiros florestais, e outras áreas naturais protegidas, que tenham sido ou venham a ser criados pelo Estado de São Paulo e estejam sob a administração do Instituto Florestal, da Secretaria do Meio Ambiente, e da Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo.

Artigo 3º - O Sistema Estadual de Florestas – SIEFLOR será gerido pelos seguintes órgãos:

I - órgão consultivo e deliberativo: Conselho Estadual do Meio Ambiente - CONSEMA, com as atribuições de acompanhar a implementação do sistema;

II - órgão central: Secretaria do Meio Ambiente, com a finalidade de coordenar o sistema;

III - órgãos executores: Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo e o Instituto Florestal, da Secretaria do Meio Ambiente.

Artigo 4º - Ao SIEFLOR caberá:

I - observar os princípios, objetivos e instrumentos do Sistema Estadual de Administração da Qualidade Ambiental, Proteção, Controle e Desenvolvimento do Meio Ambiente e Uso Adequado dos Recursos Naturais - SEAQUA, instituído pela Lei nº 9.509, de 20 de março de 1997;

II - observar os princípios, objetivos e instrumentos, e colaborar para a implementação, no Estado de São Paulo, da Agenda 21, da Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB), da Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Selvagens Em Perigo de Extinção (CITES), recepcionada no Brasil pelo Decreto federal nº 3.607, de 21 de setembro de 2000, da Convenção sobre Zonas Úmidas de Importância Internacional (RAMSAR), recepcionada no Brasil pelo Decreto federal nº 1.905, de 16 de maio de 1996 e da Convenção Quadro sobre Mudanças Climáticas;

III - implementar mecanismos que assegurem a proteção da biodiversidade “in situ” e “ex situ” no território estadual;

IV - divulgar para a sociedade a importância das unidades do Sistema pelos serviços ambientais que prestam e como importantes parcelas representativas dos biomas estaduais e nacionais;

V - inserir as unidades do Sistema, enquanto áreas especialmente protegidas, nos processos de ordenamento territorial, planejamento setorial e de desenvolvimento regional sustentável;

VI - pesquisar e promover a utilização dos princípios e práticas de conservação no processo de desenvolvimento econômico e social, visando à sustentabilidade ambiental;

VII - incentivar a representatividade dos diversos ecossistemas, por meio do estabelecimento de novas áreas naturais protegidas e do incremento territorial das existentes;

VIII - elaborar estratégias de mediação de conflitos de uso dos recursos naturais e ocupação do solo, que beneficiem a manutenção e ampliação das áreas naturais protegidas existentes, com ênfase para a formação de corredores e mosaicos em áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade;

IX - pesquisar mecanismos e subsidiar ações para a proteção e recuperação de recursos hídricos, edáficos e paisagísticos;

X - contribuir com a realização e aplicação de resultados de pesquisas científicas e tecnológicas em manejo florestal, gestão das unidades do sistema, proteção da biodiversidade e educação ambiental, por meio da promoção de cursos e palestras, da elaboração de publicações e material didático, e do intercâmbio entre instituições de pesquisa de âmbito nacional e internacional;

XI - implementar programas de monitoramento e avaliação permanente das unidades do Sistema e do próprio SIEFLOR verificando as condições de manejo e eficácia da proteção conferida à biodiversidade dos ecossistemas do Estado de São Paulo;

XII - promover a valorização da biodiversidade, do manejo sustentável bem como a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico;

XIII - pesquisar, promover e estimular a produção de sementes e mudas de espécies vegetais e implementar viveiros e hortos florestais;

XIV - pesquisar, promover e estimular manejo de produtos florestais não madeireiros e a recuperação de áreas naturais degradadas;

XV - garantir a aplicação no SIEFLOR dos recursos provenientes das compensações ambientais havidas por força do artigo 36 da Lei federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000, que instituiu o SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação, observando as diretrizes impostas pelo Decreto federal nº 4.340, de 22 de agosto de 2002, que o regulamentou;

XVI - fortalecer o engajamento dos diferentes atores sociais nos processos de elaboração de políticas de biodiversidade e tomada de decisões sobre criação e gestão de áreas naturais protegidas;

XVII - apoiar a implementação de mecanismos que assegurem a proteção da biodiversidade em áreas particulares;

XVIII - apoiar a implementação de mecanismos que assegurem implantação e o manejo, em bases ecologicamente sustentáveis, de florestas plantadas em áreas privadas;

XIX - colaborar para a implementação de Reservas da Biosfera, Sítios do Patrimônio Mundial e demais Áreas Protegidas Especiais no Estado de São Paulo;

XX - estimular e apoiar a criação de Áreas Protegidas Privadas e Municipais.

Artigo 5º - A Fundação para a Conservação e Produção Florestal do Estado de São Paulo é órgão responsável pela implantação de florestas para fins conservacionistas, técnico-científicos e econômicos das áreas integrantes do SIEFLOR, relacionadas no Anexo I deste decreto e terá, nos termos da Lei nº 5.208, de 1º de julho de 1986,

regulamentada pelo Decreto nº 25.952, de 29 de setembro de 1986, as seguintes atribuições:

I - executar ações para a conservação, manutenção, proteção e fiscalização das áreas protegidas, pertencentes ou possuídas pelo patrimônio do Estado, relacionadas no Anexo I deste decreto, em articulação com a Procuradoria Geral do Estado e demais órgãos de fiscalização e licenciamento do Estado;

II - buscar a representatividade dos diversos ecossistemas, por meio do estabelecimento de novas áreas naturais protegidas e novas áreas experimentais;

III - investir em infra-estrutura e equipamentos nas áreas integrantes do SIEFLOR sob sua administração;

IV - colaborar na avaliação e monitoramento da efetividade da gestão das áreas que compõe o SIEFLOR;

V - propor mecanismos e instrumentos para remuneração de serviços ambientais prestados nas áreas do Sistema;

VI - coordenar mecanismos de gestão compartilhada para o SIEFLOR;

VII - garantir a aplicação dos recursos provenientes das compensações ambientais nas unidades de conservação do SIEFLOR, observadas as normas legais aplicáveis;

VIII - articular com o Instituto Florestal, o desenvolvimento de pesquisa científica e as condições de execução do manejo nas áreas integrantes do SIEFLOR;

IX - desenvolver e aplicar projetos de recuperação ambiental;

X - desenvolver e aplicar projetos de uso sustentável de recursos madeireiros e não madeireiros das áreas do SIEFLOR e seu entorno.

Artigo 6º - O Instituto Florestal é o órgão gestor da pesquisa científica do SIEFLOR e terá como atribuições, além das previstas no Decreto nº 11.138, de 3 de fevereiro de 1978, as seguintes:

I - a produção e a disseminação do conhecimento afeto à gestão das áreas integrantes do SIEFLOR, ao manejo florestal, à recuperação ambiental e à biodiversidade, considerando, entre outros, os seguintes temas:

- a) as funções e serviços ambientais dos remanescentes nativos do Estado de São Paulo;
- b) mudanças climáticas e suas conseqüências para a biodiversidade;
- c) indicadores de qualidade e sustentabilidade ambiental da biodiversidade;
- d) as relações entre produção e qualidade de água e meio biofísico nas áreas do Sistema;
- e) as relações entre a manutenção da qualidade do meio biofísico e os sistemas produtivos agro-silvo-pastoris;

II - a gestão da pesquisa científica nas áreas do Sistema;

III - o estabelecimento de base cartográfica georeferenciada como subsídio a estudos do meio biofísico.

IV - a pesquisa para subsidiar ações de proteção e recuperação de recursos hídricos, edáficos e paisagísticos;

V - a pesquisa sobre a produção de sementes e mudas de espécies vegetais;

VI - a pesquisa sobre manejo de produtos florestais não madeireiros e a recuperação de áreas naturais degradadas.

Artigo 7º - O gerenciamento das áreas integrantes do SIEFLOR far-se-á por meio da:

I - coordenação dos seus órgãos executores no processo de elaboração e implantação de planos de manejo participativos;

II - implementação de estratégias que assegurem os processos de geração e manutenção da biodiversidade "in situ" no território estadual;

III - identificação de conflitos de uso dos recursos naturais e ocupação nas áreas protegidas e áreas em seu entorno, contribuindo para possíveis soluções;

IV - integração com ações e políticas de ordenamento territorial e desenvolvimento regional sustentável.

Artigo 8º - Os órgãos e entidades da Administração Pública deverão adotar no prazo de 90 (noventa) dias as providências necessárias para a implementação do quanto estabelecido no presente decreto, em especial, as seguintes:

I - os contratos celebrados pelo Estado de São Paulo, por intermédio da Secretaria do Meio Ambiente, pelo Instituto Florestal, que tenham por objeto a aquisição de bens e a execução de serviços e obras necessários à gestão administrativa das áreas indicadas no artigo 1º deste decreto, continuarão sob a responsabilidade orçamentária e financeira do Estado, por intermédio do Fundo Especial de Despesa, até o seu integral cumprimento, devendo ser aditados a fim de que a Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo passe a responder, no prazo indicado no “caput” deste artigo, pelo seu acompanhamento;

II - deverão ser sub-rogados à Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo todos os direitos e obrigações previstos em contratos, convênios e outras avenças firmados com o Estado de São Paulo, por intermédio do Instituto Florestal, que contemplem a entrada de receita para ações de administração das áreas indicadas no Anexo I deste decreto, observado o prazo indicado no “caput” deste artigo;

III - as receitas indicadas no inciso anterior, inclusive as de compensações ambientais decorrentes do artigo 36 da Lei federal nº 9.985, de 17 de julho de 2000, deverão ser transferidas em sua totalidade em rubricas específicas, quando da sub-rogação dos instrumentos respectivos, exceção feita àquelas destinadas a compor o Fundo Especial de Despesa do Instituto Florestal.

Artigo 9º - A Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo e o Instituto Florestal deverão implementar o Plano de Produção Sustentada - PPS, aprovado pelo Conselho Técnico do Instituto Florestal e pelo CONSEMA, em 28 de janeiro de 2004, Anexo II deste decreto.

Artigo 10 - Caberá ao Secretário de Meio Ambiente, mediante resolução, editar medidas complementares necessárias à aplicação do presente decreto.

Artigo 11 - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 29 de dezembro de 2006

CLÁUDIO LEMBO

José Goldemberg

Secretário do Meio Ambiente

Rubens Lara

Secretário-Chefe da Casa Civil

Publicado na Casa Civil, aos 29 de dezembro de 2006.

ANEXO I

a que se refere o artigo 5º do Decreto nº 51.453, de 29 de dezembro de 2006

1. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE ANGATUBA
2. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE ASSIS
3. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE BANANAL
4. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE BAURU
5. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE CAETETUS
6. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE CHAUÁS
7. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE IBICATU
8. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE ITABERÁ
9. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE ITAPETI
10. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE ITAPEVA

11. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE ITIRAPINA
12. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE JATAÍ
13. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE JURÉIA-ITATINS
14. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DOS BANHADOS DE IGUAPE
15. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE MOGI-GUAÇU
16. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE PARANAPANEMA
17. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE PAULO DE FARIA
18. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE RIBEIRÃO PRETO
19. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE SANTA BARBARA
20. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE SANTA MARIA
21. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE SÃO CARLOS
22. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE VALINHOS
23. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE XITUÉ
24. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE ARARAQUARA
25. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE BAURU
26. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE BENTO QUIRINO
27. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE BURI
28. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE CASA BRANCA
29. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE ITAPETININGA
30. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE ITAPEVA
31. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE ITARARÉ
32. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE ITIRAPINA
33. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE JAÚ
34. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE LUIZ ANTÔNIO
35. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE MARÍLIA
36. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE MOGI-GUAÇU
37. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE MOGI-MIRIM
38. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE PARAGUAÇU PAULISTA
39. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE SANTA RITA DO PASSA QUATRO
40. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
41. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE SÃO SIMÃO
42. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE TUPI
43. FLORESTA ESTADUAL DE ANGATUBA
44. FLORESTA ESTADUAL DE ASSIS
45. FLORESTA ESTADUAL DE AVARÉ
46. FLORESTA ESTADUAL DE BATATAIS
47. FLORESTA ESTADUAL DE BEBEDOURO
48. FLORESTA ESTADUAL DE BOTUCATU
49. FLORESTA ESTADUAL DE CAJURU
50. FLORESTA ESTADUAL DE EDMUNDO NAVARRO DE ANDRADE
51. FLORESTA ESTADUAL DE MANDURI
52. FLORESTA ESTADUAL DE PARANAPANEMA
53. FLORESTA ESTADUAL DE PEDERNEIRAS
54. FLORESTA ESTADUAL DE PIRAJU
55. FLORESTA ESTADUAL DE SANTA BÁRBARA DO RIO PARDO
56. HORTO FLORESTAL ANDRADE E SILVA
57. HORTO FLORESTAL CESÁRIO
58. HORTO FLORESTAL OLIVEIRA COUTINHO
59. HORTO FLORESTAL DE PALMITAL
60. HORTO FLORESTAL SANTA ERNESTINA
61. HORTO FLORESTAL SUSSUI

62. PARQUE ESTADUAL DO A.R.A.
63. PARQUE ESTADUAL DO AGUAPEÍ
64. PARQUE ESTADUAL ALBERTO LÖFGREN
65. PARQUE ESTADUAL CAMPINA DO ENCANTADO
66. PARQUE ESTADUAL DE CAMPOS DO JORDÃO
67. PARQUE ESTADUAL DA CANTAREIRA
68. PARQUE ESTADUAL DE CARLOS BOTELHO
69. PARQUE ESTADUAL DE FURNAS DO BOM JESUS
70. PARQUE ESTADUAL DA ILHA ANCHIETA
71. PARQUE ESTADUAL DA ILHA DO CARDOSO
72. PARQUE ESTADUAL DA ILHA BELA
73. PARQUE ESTADUAL INTERVALES
74. PARQUE ESTADUAL DO JACUPIRANGA
75. PARQUE ESTADUAL DO JARAGUÁ
76. PARQUE ESTADUAL DO JUQUERY
77. PARQUE ESTADUAL DO JURUPARÁ
78. PARQUE ESTADUAL DOS MANANCIAS DE CAMPOS DO JORDÃO
79. PARQUE ESTADUAL MARINHO DA LAJE DE SANTOS
80. PARQUE ESTADUAL DO MORRO DO DIABO
81. PARQUE ESTADUAL DE PORTO FERREIRA
82. PARQUE ESTADUAL DO RIO DO PEIXE
83. PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO MAR
84. PARQUE ESTADUAL TURÍSTICO DO ALTO RIBEIRA
85. PARQUE ESTADUAL DE VASSUNUNGA
86. PARQUE ESTADUAL XIXOVÁ-JAPUÍ
87. PARQUE ECOLÓGICO DO GUARAPIRANGA
88. PARQUE ECOLÓGICO DA VÁRZEA DO EMBU-GUAÇU
89. RESERVA ESTADUAL DE ÁGUAS DA PRATA
90. RESERVA ESTADUAL DA LAGOA SÃO PAULO
91. VIVEIRO FLORESTAL DE PINDAMONHANGABA
92. VIVEIRO FLORESTAL DE TAUBATÉ

ANEXO II

**a que se refere o artigo 9º do
Decreto nº 51.453, de 29 de dezembro de 2006**

PLANO DE PRODUÇÃO SUSTENTADA

O Plano de Produção Sustentada (PPS) é um plano de manejo florestal sustentado que alcança estações experimentais e florestas estaduais administradas pelo Instituto Florestal da Secretaria do Meio Ambiente, que somam aproximadamente 27.000ha de áreas com plantios homogêneos de espécies madeireiras, a exemplo do Pinus e Eucalyptus. Estas áreas constituem importante lócus de pesquisa genética, de pesquisa em manejo florestal e de recursos econômicos, representando, fundamentalmente, a sustentabilidade de todo o Sistema Estadual de Florestas - SIEFLOR, notadamente o suporte das unidades de conservação de proteção integral do Estado.

Em 2003, o Instituto Florestal propôs a execução do Plano de Produção Sustentada (PPS), que abrange, além do manejo florestal o aproveitamento de bens inservíveis nestas estações experimentais e florestas estaduais. Sua implementação foi iniciada a

partir do ano agrícola 2004/2005, obtendo sucesso de imediato. Este Plano, de caráter técnico-científico garantiu o próprio reinvestimento em florestas, com plantio em módulos anuais próximos dos 1.000ha, previstos para ciclos de 25 (vinte e cinco) anos (2004/2005). A contínua implementação do Plano de Produção Sustentada (PPS), essencial para a eficácia e eficiência do SIEFOR é aplicado nas seguintes unidades:

UNIDADES ENVOLVIDAS

UNIDADES ÁREA PLANTADA EM HECTARES

F.E. de Assis 1.909,63
E.E. de Marília 152,89
E.E. de Paraguaçu Paulista 2.347,93
F.E. de Avaré 503,20
F.E. de Paranapanema 1.423,08
E.E. de Bauru 21,52
E.E. de Jaú 50,60
F.E. de Pederneiras 1.459,23
E.E. de Bento Quirino 200,00
E.E. de Luiz Antonio 1.251,59
E.E. de São José do Rio Preto 13,57
E.E. de São Simão 1.350,32
F.E. de Batatais 1.086,15
F.E. de Bebedouro 63,70
F.E. de Cajuru 1.505,03
E.E. de Buri 400,00
E.E. de Itapetininga 3.127,83
F.E. de Angatuba 796,95
E.E. de Itapeva 1.026,89
E.E. de Itararé 1.310,41
F.E. de Manduri 793,69
F.E. de Piraju 509,90
F.E. de Águas de Santa Bárbara 1.000,00
E.E. de Casa Branca 341,90
E.E. de Mogi Guaçu 2.481,17
E.E. de Mogi Mirim 67,82
E.E. de Araraquara 83,53
E.E. de Itarapina 2.029,68
E.E. de Tupi 116,31
TOTAL DA ÁREA PLANTADA 27.424,52
MODULAÇÃO = $27.424,52/25 = 1.096,98\text{ha/ano}$
MÉDIA DO MÓDULO = $1.000,00\text{ha/ano}$
E.E. = Estação Experimental
F.E. = Floresta Estadual

ANEXO 26

Resolução SMA 16 de 03/04/2006

RESOLUÇÃO SMA - 16, DE 3-4-2007

Dispõe sobre a organização do Sistema Estadual de Florestas - SIEFLOR no âmbito da Secretaria do Meio Ambiente e dá outras providências

O Secretário do Meio Ambiente, no uso de suas atribuições legais, e considerando:

O disposto nos artigos 5º, 6º e 10 do Decreto Estadual 51.453, de 29-12-2006, que cria o Sistema Estadual de Florestas - SIEFLOR;

A necessidade de detalhar as atribuições dos órgãos executores do SIEFLOR, visando sua efetiva implementação;

As considerações e propostas emanadas das diretorias do Instituto Florestal e da Fundação Florestal,

Resolve:

Artigo 1º - Compete ao Instituto Florestal, nos termos do que estabelece o artigo 6º do Decreto 51.543-2006, o controle, administração e custeio das atividades relacionadas ao desenvolvimento de projetos de pesquisa nas unidades do SIEFLOR, incluídos os bens móveis a eles relacionados.

Parágrafo único - Cabe ao Instituto Florestal a gestão de parcerias com instituições de pesquisa ou de financiamento para programas e projetos de pesquisa desenvolvidos nas unidades do SIEFLOR.

Artigo 2º - Compete à Fundação Florestal, nos termos do artigo 5º do Decreto 51.543-2006, o controle, a administração e a gestão financeira, operacional e técnica das unidades do SIEFLOR, mediante:

- I. as ações e atividades previstas no artigo 3º da Lei 5.208, de 1º de julho de 1986, que institui a Fundação Florestal;
- II. a operacionalização do Plano de Produção Sustentada - PPS, conforme disposto no artigo 9º e Anexo 2 do Decreto Estadual 51.453-2006;
- III. a elaboração, execução e custeio dos Planos Operativos Anuais das unidades do SIEFLOR, que deverão prever todas as atividades relacionadas com o desenvolvimento de seus diversos programas de gestão, aos quais serão vinculadas a previsão de recursos de custeio, manutenção e investimento;
- IV. a celebração de contratos, convênios, termos de cooperação técnica e outras avenças, relacionadas com o desenvolvimento de programas de gestão e manejo das unidades do SIEFLOR, com exceção daqueles previstos no parágrafo único do artigo 1º da presente resolução;
- V. a elaboração e aprovação do plano de trabalho relativo à aplicação de recursos oriundos de compensação ambiental em unidades de conservação integrantes do SIEFLOR, resultantes de licenciamento ou de ajustamento de conduta, bem como a gestão e acompanhamento da aplicação dos recursos, excetuados aqueles relativos à pesquisa científica, que permanecem de responsabilidade do Instituto Florestal;
- VI. a gestão e implantação de programas e projetos resultantes de parcerias e-ou de repasses de recursos de instituições financiadoras, com exceção daqueles previstos no parágrafo único do artigo 1º da presente resolução;
- VII. a elaboração, gestão, implantação e execução dos Planos de Manejo das unidades do SIEFLOR;

Artigo 3º - Nos termos do que autoriza a legislação vigente, poderá ser efetivado o afastamento de servidores do Instituto Florestal junto à Fundação Florestal.

Parágrafo único - Os funcionários do Instituto Florestal que prestam serviços nas unidades do SIEFLOR e não forem afastados junto à Fundação Florestal permanecerão com o vínculo funcional junto ao citado Instituto.

Artigo 4º - O Instituto Florestal deverá apresentar à Fundação Florestal, no prazo de até 10 (dez) dias, a contar da edição da presente resolução, a relação dos bens móveis que, mediante cessão de uso, serão utilizados na gestão administrativa das unidades que compõem o Sistema Estadual de Florestas - SIEFLOR, cuja guarda e manutenção será de responsabilidade da Fundação Florestal, consoante estabelece o artigo 5º do Decreto 51.543-2006.

Artigo 5º - Os recursos advindos do Plano de Produção Sustentada - PPS, de que trata o artigo 9º do Decreto 51.453-2006 deverão ser distribuídos entre o Instituto Florestal e a Fundação Florestal na proporção de 20% (vinte por cento) para o Fundo de Despesa do Instituto Florestal e 80% (oitenta por cento) para a Fundação Florestal.

Artigo 6º - A fim de que o gerenciamento das unidades integrantes do SIEFLOR possa ser exercido de forma harmônica entre os órgãos executores indicados no artigo 3º, inciso III do Decreto 51.453-2006, fica instituído o Conselho Gestor do SIEFLOR, com as seguintes atribuições:

- I. elaborar o planejamento estratégico do SIEFLOR, visando atingir os objetivos previstos no seu instrumento de criação;
- II. definir prioridades e compatibilizar as agendas dos programas de gestão, pesquisa e administração das Unidades de Conservação;
- III. propor melhorias nos instrumentos de gestão e na estrutura organizacional do SIEFLOR;
- IV. promover a integração interinstitucional e resolver questões operacionais relacionadas à gestão do SIEFLOR.

Artigo 7º - O Conselho Gestor do SIEFLOR terá a seguinte composição:

- I. Diretor Geral do Instituto Florestal;
- II. Diretor Executivo da Fundação Florestal;
- III. Diretores das seguintes diretorias técnicas do Instituto Florestal:
 - a) Divisão de Dasonomia;
 - b) Divisão de Florestas e Estações Experimentais;
 - c) Divisão de Reservas e Parques Estaduais.
- IV - Diretores das seguintes diretorias da Fundação Florestal:
 - a) Diretoria de Operações;
 - b) Diretoria de Assistência Técnica;
 - c) Diretoria Administrativa e Financeira.
- V - Representante do Gabinete da Secretaria do Meio Ambiente.

Parágrafo único - O Conselho possui caráter deliberativo no âmbito de suas atribuições, tendo direito a voto os membros indicados nos incisos I, II e V do artigo 7º.

Artigo 8º - Sem prejuízo da imediata implementação do SIEFLOR, o Conselho deverá elaborar seu regimento interno, que será publicado por meio de resolução do Secretário do Meio Ambiente.

Artigo 9º - Essa resolução entra em vigor na data de sua publicação.

ANEXO 27

Proposta de Protocolos para Monitoramento da Fauna nas Zonas Primitiva e de Uso Extensivo

Protocolo mínimo desejável de monitoramento das trilhas a serem utilizadas para visitação nas Zonas Primitiva e de Uso Extensivo

Justificativa

Considerando que o Contínuo Ecológico de Paranapiacaba representa uma das áreas melhor conservadas entre os remanescentes de Mata Atlântica no Brasil; que, quanto à riqueza e integridade da biota, o Parque Estadual Carlos Botelho possui uma posição de destaque dentre as UC's do Contínuo, como foi apresentado no Capítulo Avaliação da Biodiversidade; e que, em áreas com este grau de integridade, a complexidade das interações ecológicas é muito grande e pouquíssimo conhecida, são apresentadas as justificativas para que ao implantar o uso público no PECB no âmbito do Projeto Ecoturismo na Mata Atlântica, sejam tomados cuidados centrados no princípio da precaução e na previsão de prováveis impactos à biota. Tais cuidados podem ser usados como passos de sistemas de tomadas de decisão de manejo, como o LAC - Limits of acceptable change (STANKEY et al., 1985).

Os limites de impacto aceitáveis e o protocolo de monitoramento apresentados devem ser aplicados às Zonas Primitiva e de Uso Extensivo, cujos objetivos incluem a conservação dos ecossistemas naturais ou sua manutenção com um mínimo de impacto humano. O objetivo da Zona Primitiva é “circundar e proteger a Zona Intangível”. Para que as Zonas Intangíveis I e II sejam efetivas em seus objetivos, definidos no capítulo XX - Zoneamento, as atividades permitidas na Zona Primitiva não devem comprometer a preservação das mesmas. Uma destas atividades é o turismo de baixo impacto e três trilhas na Zona Primitiva poderão receber visitação: a Trilha do Braço do Taquaral, a Trilha do Continuum e Trilha do Rio Quilombo. Embora a largura das trilhas nesta Zona não possa ultrapassar 90 cm, os impactos do uso das trilhas não se restringem, evidentemente, a estas dimensões. Impactos imediatos da visitação que ultrapassam estas dimensões incluem sons, cheiros e trepidações, que embora possam parecer negligenciáveis do ponto de vista do observador humano, podem afetar profundamente a fauna, alterando condições ambientais que são utilizadas para reprodução, demarcação de territórios e forrageamento pelos vários grupos animais. Além destas alterações, sons, cheiros e o comportamento dos visitantes podem atuar como agentes estressantes da fauna. Uma vez que a principal característica da fauna é a mobilidade, os impactos provocados pela visitação na Zona Primitiva afetarão, inevitavelmente, a fauna em regiões distantes das trilhas visitadas. O alcance imediato dos impactos sofridos pela fauna nas trilhas da Zona Primitiva dependerá da área utilizada pelas distintas espécies, variando de um raio de poucas dezenas de metros até dezenas de quilômetros.

Turistas visitam áreas naturais e protegidas com diversos fins. Atualmente, no Brasil, o volume de pessoas preparadas e informadas que procuram áreas protegidas com objetivos mais específicos, como encontrar espécies da fauna, é muito reduzido, sendo que os alvos mais freqüentes podem variar desde, por exemplo, a visitação direcionada para bens histórico-culturais, paisagens de beleza cênica como cachoeiras até uma simples caminhada em contato com a natureza. Porém, este tipo de visitação pode ocasionar encontros incidentais com a fauna. Como na maior parte dos casos nem os turistas nem os monitores, quando presentes, recebem informação e capacitação de como se comportar durante os encontros, somados ao número de pessoas não compatível com o ambiente, as interações oriundas podem gerar impactos altamente significativos e muitas vezes negligenciados sobre a fauna (GROSSBERG, et al., 2003).

Os impactos mais previsíveis da visitação podem ser assim resumidos, sendo, entretanto, inevitável que outros impactos, ainda não previstos devido ao baixo conhecimento da biota do PECB e à ausência de informações sobre as trilhas ainda não abertas, venham a ocorrer:

- Mudança do padrão circadiano de atividades ou comportamento da fauna em resposta à presença de visitantes;
- Mudança nos padrões hormonais devido a situações estressantes para a fauna, em circunstâncias em que não é possível evitar o contato com os visitantes. Um exemplo destas circunstâncias é a utilização de árvores frutíferas como fontes alimentares-chave por mamíferos e aves. A presença de observadores humanos durante a alimentação nestas fontes pode não ser suficiente para afastar os animais da fonte alimentar, sendo entretanto suficiente para causar alterações hormonais (nos níveis de cortisol, por exemplo) que irão se refletir em diminuição do sucesso reprodutivo e da sobrevivência dos indivíduos¹;
- Mudança, a curto e médio prazo, nas comunidades faunísticas e florísticas na região impactada, devido às alterações descritas acima e alterações nas interações ecológicas entre as espécies; a evitação de uma trilha por uma espécie, por exemplo, pode fazer com que predadores e simbiosiontes desta espécie também parem de utilizar a área; a visitação pode também favorecer espécies tolerantes à presença humana. A somatória destes efeitos pode gerar um efeito cascata em diversos níveis bióticos e abióticos, comprometendo a longo prazo o habitat e a manutenção da estrutura florestal, incluindo os cursos d'água².
- Mudança a médio e longo prazo da fito-fisionomia da região, uma vez que o padrão de distribuição e recrutamento de boa parte da vegetação da Mata Atlântica é intimamente relacionado à dispersão por animais.

Uma das peculiaridades ainda pouco compreendidas que vêm sendo observadas no Parque Estadual Carlos Botelho é a alta proporção de atividades diurnas em muitas espécies consideradas em geral predominantemente noturnas. Esta alta proporção pode tornar a fauna mais suscetível a perturbações causadas pela visitação durante o dia. Sabe-se que alguns grupos, como avifauna e primatas, são essencialmente diurnos. Segundo os dados de que dispomos apenas 4% das espécies de aves do PECB são noturnas (13 espécies de corujas, curiangos e urutaus). Das 35 espécies de médios e grandes mamíferos identificadas no PECB, apenas duas são estritamente noturnas: a paca *Agouti paca* e o guaxinim *Procyon cancrivorus*. Para três outras espécies, uma cutia *Dasyprocta agouti*, a preguiça *Bradypus variegatus* e o veado-bororó *Mazama bororo*, dispomos apenas de dados secundários sem indicação de horário de atividades, e para uma espécie, o tatu-galinha *Dasyopus novemcinctus*, não dispomos de informa-

¹ Ver, por exemplo:

Wingfield, J.C.; Hunt, K.; Brenner, C.; Dunlap, K.; Fowler, G.S.; Freed, L. e Lepson, J. (1997). Environmental stress, field endocrinology and conservation biology. pp 95 -131 Em: Clemmons, J., e R. Buchholz (eds). *Behavioral approaches to conservation in the wild*. Cambridge University Press, Cambridge.

Gill, J. A., K. Norris, e W. J. Sutherland. 2001. Why behavioral responses may not reflect the population consequences of human disturbance. *Biological Conservation* 97:265-268.

Fernández-Juricic, E. 2000. Local and regional effects of pedestrians on forest birds in a fragmented landscape. *Condor* 102: 247-255.

Baltic, M. et al. 2005. A Noninvasive Technique to Evaluate Human-Generated Stress in the Black Grouse. *Annals of the New York Academy of Sciences* 1046: 81-95.

² Ripple, W. J. e Beschta, E. L. 2006. Linking a cougar decline, trophic cascade, and catastrophic regime shift in Zion National Park. *Biological Conservation* 133: 397 – 408.

ções suficientes (a literatura e fotos obtidas no PECB indicam atividade noturna). Para as restantes vinte e nove espécies dispomos de informações suficientes³ (contatos visuais durante o dia e/ou fotos obtidas com armadilhas fotográficas) para afirmar que têm hábitos diurnos ou são catemerais (ou seja, são ativas tanto de dia quanto de noite). Isto se aplica mesmo às espécies consideradas essencialmente noturnas, como veados *Mazama spp.* e antas *Tapirus terrestris*. Três fatores, dos quais apenas um não apresenta relevância para a discussão sobre o impacto da visitação sobre a fauna, atuam provavelmente em conjunto para determinar esta flexibilidade do padrão de atividades dos mamíferos do PECB. O fator irrelevante para esta discussão é a temperatura não muito elevada da área, já que a hipertermia é um risco ao qual se expõem os mamíferos durante a atividade diurna.

A baixa atividade humana é um fator que provavelmente atua na flexibilidade do padrão de atividades dos mamíferos no PECB. É amplamente reconhecido que espécies predominantemente noturnas podem tornar-se catemerais em ambientes não perturbados e espécies predominantemente diurnas podem passar a predominantemente noturnas em ambientes perturbados. O terceiro fator torna esta flexibilidade crítica: possivelmente, o padrão catemeral de atividades indica que um animal não consegue recursos suficientes para sua sobrevivência em apenas um período de atividades⁴. Assim, o início ou intensificação da visitação no PECB pode fazer com que muitas espécies restrinjam suas atividades ao período noturno, quando a atividade humana será menor, e em consequência não consigam recursos suficientes para sobreviver. Porém, certas espécies não possuem a capacidade de alterar seus padrões de atividades dessa forma, como no caso dos primatas e muitas aves, implicando em profundas alterações no equilíbrio nutricional e comportamental destas espécies e conseqüente diminuição do sucesso reprodutivo.

Dados ainda não publicados de um estudo sobre os mamíferos carnívoros do PECB levantam questões alarmantes sobre esta possibilidade em relação às duas espécies de grandes felinos, *Panthera onca* e *Puma concolor*. Indivíduos das duas espécies em condições precárias ou sub-ótimas de sobrevivência – filhotes, jovens ou animais extremamente magros – foram quase exclusivamente fotografados durante o dia. Em períodos importantes, como a época de acasalamento, os animais também apresentaram alta atividade diurna. É possível que o período diurno seja utilizado por estes animais como forma de evitar a competição com indivíduos mais fortes. Estes animais correm, portanto, risco de não conseguirem sobreviver caso a possibilidade de uso de um dos períodos do dia seja eliminada pela presença humana constante. Pode-se levantar a hipótese de que, por possibilitar a sobrevivência destes animais, o PECB esteja atuando como área-fonte de populações para a colonização de outros locais e que o impacto da visitação no padrão circadiano de atividade dos mesmos venha a ser sentido, não apenas sobre o PECB, mas sobre toda a fauna do contínuo ecológico e da região como um todo. É importante ressaltar aqui que, embora apenas os carnívoros sejam enfocados por este estudo, não há razões para supor que as mesmas considerações não se apliquem aos outros grupos de mamíferos.

Para o desenvolvimento de estudos comportamentais da fauna, existe a necessidade de que os animais a serem estudados sejam habituados à presença do observador. Para o estudo de comportamento realizado no PECB sobre o miqui *Brachyteles arachnoides* foram necessários mais de 8 anos de contato até que os indivíduos do grupo de estudo deixassem de alterar significativamente seu comportamento frente à presença humana.

³ Boa parte dos dados pode ser encontrada nos relatórios mensais apresentados ao PECB por B.M. Beisiegel.

⁴ Van Schaik, C. P. e M. Griffiths (1996). Activity periods of Indonesian rain forest mammals. *Biotropica* 28(1): 105-112.

Porém é essencial ressaltar que este processo só aconteceu pois: (1) o número de observadores simultâneos nunca ultrapassou 3 indivíduos; (2) o comportamento dos observadores foi de silêncio absoluto e agindo como se não houvessem notado a presença dos muriquis; (3) o deslocamento na floresta foi realizado com o menor ruído possível e sempre de forma vagarosa; (4) sempre que os animais demonstravam elevado grau de alteração no comportamento os observadores se afastavam imediatamente. Atualmente, embora habituados e observados há mais de 15 anos, o grupo de estudo apresenta significativas alterações no comportamento e atividades frente a mais de seis observadores simultâneos ou mesmo a um observador com comportamento inadequado, demonstrando que a presença humana e o comportamento indevido podem acarretar sérias modificações nas atividades dos animais mesmo após anos de contato.

Quanto à Zona de Uso Extensivo, em todos os relatórios temáticos de avaliação da biodiversidade considerou-se que o conhecimento científico a respeito do PECB é baixo. A própria proposta da Avaliação Ecológica Rápida foi a de atingir áreas não investigadas do PECB. Portanto, a colocação das áreas avaliadas na AER como Zonas de Uso Extensivo, após uma avaliação de poucos dias da biodiversidade de cada local, avaliação esta que não incluiu nenhum parâmetro ecológico ou de dinâmica de uso das áreas pela fauna pode ser considerada um risco para a biota. Não há conhecimentos suficientes sobre estas áreas para afirmar que o impacto da visita sobre a biota das mesmas não será extremamente negativo. As únicas justificativas para a colocação das áreas avaliadas durante a AER como Zonas de Uso Extensivo são a presença de pressões de caça e extração ilegal de palmito nas mesmas, pressões estas que podem ser aliviadas ou interrompidas após a implantação do turismo na área. A diminuição destas pressões, entretanto, pode ser conseguida através do turismo de baixo impacto e não justifica a realização de atividades esportivas com alto potencial de impactos sobre a biota, tais como corrida de aventuras ou esportes radicais. Tais atividades, pela natureza das mesmas, excluem uma contemplação cuidadosa o suficiente do ambiente nas quais são realizadas que permita a distinção entre um ambiente altamente preservado e com alta riqueza de espécies, como o PECB, e um ambiente altamente impactado, porém que propicie as mesmas sensações de aventura e perigo desejadas pelos seus participantes. Consideramos, portanto, que tais atividades devem ser direcionadas às trilhas da Zona de Uso Extensivo ou a outras UC's, que contenham áreas mais degradadas.

Pelas razões acima, considera-se que os limites para o impacto do turismo nas Zonas Primitiva e de Uso Extensivo devem ser definidos e monitorados como se segue.

Limites de impacto aceitáveis

- Na Zona Primitiva, devem ser permitidas apenas atividades que não tenham nenhum impacto detectável sobre a biota, conforme a definição de impacto detectável e os parâmetros apresentados abaixo.
- A expressão nenhum impacto detectável deve ser definida como (1) ausência de alterações a curto e médio prazo na composição, padrões de atividades, comportamento e interações ecológicas das comunidades de qualquer dos grupos faunísticos existentes, detectadas no programa de monitoramento da biota; (2) manutenção da integridade e do uso, pela fauna, de recursos importantes, localizados nas trilhas desta Zona.
- A expressão turismo de baixo impacto deve ser reservada para as trilhas da Zona de Uso Extensivo. Todas as trilhas existentes ou que venham a ser abertas nesta Zona devem ser monitoradas da

mesma forma que as trilhas da Zona Primitiva, bem como as áreas de Zona Primitiva imediatamente adjacentes à Zona de Uso Extensivo. Não deve ser permitido nenhum impacto sobre a biota da Zona Primitiva, advindo das atividades turísticas na Zona de Uso Extensivo.

- Recursos importantes para a fauna, tais como espécies-chave de árvores frutíferas e cursos de água, devem ser evitados pela Zona de Uso Extensivo, em virtude da natureza invasiva das atividades turísticas permitidas na mesma. Nos locais em que a Zona de Uso Extensivo coincida com recursos importantes para a fauna, a mesma deve permanecer fechada à visitação pelo período necessário para que estes recursos possam continuar a ser utilizados pela fauna. Este período deve ser definido a partir do monitoramento prévio realizado nas áreas.
- O baixo impacto do turismo deve ser definido como (1) ausência de alteração na composição das comunidades de qualquer dos grupos faunísticos monitorados na Zona de Uso Extensivo; (2) manutenção do uso de recursos importantes, localizados nesta Zona, pela fauna.

Protocolo e parâmetros mínimos desejáveis para o monitoramento

- Todas as trilhas a serem utilizadas para a visitação na Zona Primitiva e na Zona de Uso Extensivo devem ser monitoradas segundo este protocolo. O monitoramento deve ser iniciado imediatamente após a abertura das trilhas e prosseguir pelo prazo mínimo de um ano antes do início da visitação; nas trilhas já existentes, o monitoramento deve ser iniciado pelo menos um ano antes da implantação do uso. A intensidade mínima dos esforços amostrais deve ser definida por especialistas em cada grupo faunístico; considerando que a frequência de amostragem deve ser pelo menos mensal.
- O monitoramento durante um ano permitirá a definição de uma linha de base a ser utilizada na avaliação dos impactos da visitação, incorporando as mudanças sazonais nos parâmetros avaliados.
- Os mesmos parâmetros devem ser monitorados continuamente após o início do uso público. Qualquer alteração nos parâmetros da linha de base, que seja considerada negativa por especialistas no grupo biológico em questão, deve ser seguida pela adequação do uso da trilha.
- A amostragem deve incluir, no mínimo, a mastofauna, avifauna e herpetofauna. A mudança nas comunidades vegetais é dificilmente detectável a curto e médio prazo, mas caso venha a ser observada alguma alteração no uso de recursos pela fauna que possa acarretar mudanças no padrão de recrutamento de espécies vegetais, estas devem ser objeto de estudos.
- A amostragem deve ser suficiente para descrever, para cada grupo faunístico, no mínimo os seguintes parâmetros: (1) espécies que utilizam a trilha e abundância relativa das mesmas; (2) padrões circadianos e anuais de atividades de cada espécie nas trilhas; (3) comportamento, especificamente de reação a observadores humanos; (4) utilização de recursos-chave presentes na trilha (por exemplo: árvores frutíferas, tocas, ninhos, locais de deposição de marcas olfativas e/ou visuais, carreiros, locais importantes para a reprodução de aves como "arenas" de cortejo, e da herpetofauna, como poças temporárias ou permanentes; córregos, nascentes, margens de riachos e cursos de água de baixo volume).
- Para a mastofauna, os métodos de amostragem devem incluir, no mínimo: censo por transecções lineares, considerando-se a trilha como transecção; utilização de armadilhas fotográficas para a de-

teção de animais secretivos e definição de horários de atividades; levantamento de indícios (pegadas, arranhões, fezes, etc); e realização de observações focais em espécies chave da flora utilizada como alimentação.

- Para a avifauna, os métodos de amostragem devem incluir, no mínimo: censo por transecções lineares, considerando-se a trilha como transecção, registrando contatos visuais e sonoros.
- Para a herpetofauna, os métodos de amostragem devem incluir, no mínimo: censo por transecções lineares, considerando-se a trilha como transecção, registrando contatos visuais e sonoros.

Sugestões para a implantação do protocolo

Equipe responsável: a equipe responsável pelas atividades de campo previstas neste protocolo deve incluir um especialista em cada grupo faunístico. Sugere-se que cada um destes especialistas seja acompanhado por um monitor do PECB; assim, ao longo do período de monitoramento, será formada uma equipe de monitores capacitada a realizar as atividades de campo, após a realização de testes de confiabilidade inter-observadores.

Duração mensal: o período mensal necessário para o monitoramento das trilhas irá variar de acordo com a extensão das mesmas. Uma estimativa preliminar, baseada nas trilhas colocadas no mapa de zoneamento do PECB, na velocidade de um km/h para a realização dos censos por transecção linear e em duas repetições mensais por percurso, é apresentada na Tabela I. Sugere-se que, na estimativa de custos e tempo envolvido, a cada 7 horas de censo seja considerado um dia de trabalho de campo.

Tabela I. Extensão das trilhas a serem usadas para visitação e tempo de monitoramento mensal das mesmas, para cada grupo faunístico

Trilha	Extensão (km)	Horas de monitoramento mensal
Braço do Taquaral	8	16
Rio Quilombo	2	4
Continuum	40	80
Figueira	2	4
Cachoeira do Rio Bonito	3	6
Grota Seca	5	10
Pico	6	12
Turvinho	4	8
Temível	4	8
Varginha	4	8
Limeira / Travessão	10	20
Total	88	166

Custos: Os equipamentos necessários para a realização do projeto são: binóculos e lanternas de boa qualidade e armadilhas fotográficas. Sugere-se a utilização de uma armadilha fotográfica por km de percurso, mas uma vez que   necessário evitar a colocação de armadilhas em locais onde a probabilidade de roubos é muito alta, pode-se usar a estimativa de uma armadilha / 2 km de percurso. Alternativamente, a colocação das armadilhas pode ser feita em locais que contenham recursos importantes, atravessados pelas trilhas ou vizinhos a elas, tais como riachos, tocas e árvores em frutificação. Para cada armadilha fotográfica   aconselhável incluir, na estimativa de custos, cerca de 1,5 m de corrente e

um cadeado. Devem também ser adquiridas pilhas recarregáveis para uso nas lanternas e armadilhas fotográficas.

As despesas mensais incluirão diárias, alimentação e transporte para a equipe, filmes para as armadilhas fotográficas e revelação dos mesmos (pode ser usado um filme de 24 posições por armadilha por mês para o cálculo das despesas).

Origem dos recursos: os gastos com o monitoramento dos impactos da visitação devem, idealmente, ser financiados pelas empresas que venham a ser credenciadas para operar instalações e atividades turísticas no interior do PECB. Como uma alternativa, é possível realizar o monitoramento em parceria com Universidades da região solicitando, assim, recursos a entidades estaduais e nacionais de fomento à pesquisa. Neste caso, entretanto, deve ficar clara a natureza dirigida das atividades de monitoramento e a necessidade de utilização dos dados para os objetivos de avaliação dos impactos da visitação.

Contrapartida do PECB: alojamento para as equipes durante o período de campo e, eventualmente, transporte para locais de difícil acesso.

ANEXO 28

Principais Etapas em Projetos de Parcerias

Para a implantação de projetos de parceria, é fundamental a elaboração do Plano de Trabalho, seu encaminhamento e as negociações decorrentes. As principais etapas da elaboração de um projeto, segundo o Manual de Projetos de Parcerias (IF, 1995), estão descritas a seguir, de forma sucinta:

a) Identificação e análise da iniciativa

O planejamento do projeto inicia-se pela identificação e análise da iniciativa. Nessa etapa, leva-se em conta os aspectos sociais, econômicos, institucionais, políticos e tecnológicos, distinguindo os fatores estruturais dos circunstanciais.

b) Formulação de alternativas de solução

Nessa etapa, é fundamental desenvolver o maior número de abordagens sobre as alternativas de solução, sendo importante a participação dos interlocutores envolvidos.

c) Escolha de alternativa de solução

A principal baliza das reflexões deve ser a relação custo/benefício.

d) Identificação dos problemas específicos da Parceria

Nessa etapa, aprofunda-se a análise da relação custo/benefício. Objetiva fornecer elementos que permitam caracterizar com informações consistentes a parceria proposta, sendo que essas informações devem ser organizadas e documentadas para se reportar à Diretoria da FF.

e) Explicitação dos objetivos e resultados

Nessa etapa, convém desenvolver as atividades, caracterizando o cenário atual e os cenários que se pretende alcançar por meio da implantação do projeto.

f) Estabelecimento de etapas para a execução

Devem ser estabelecidas atividades previstas para a execução do projeto a partir da definição dos objetivos e resultados. A definição das etapas possibilita melhor compreensão da opinião pública e maior facilidade de estabelecimento de estratégias de divulgação.

g) Detalhamento das etapas em atividades

Preliminarmente deve avaliar o risco do projeto de parceria. A seguir, defini-se para cada etapa do projeto, um conjunto de atividades ou tarefas específicas, proporcionando uma estimativa de custos de alto grau de confiabilidade. Deve-se relacionar cronologicamente cada uma das realizações previstas, explicitando todas as metas a serem estabelecidas, juntamente com os custos, obtendo-se assim um cronograma físico-financeiro.

h) Definição da estrutura organizacional

Nessa etapa, é fundamental definir um organograma e uma matriz de atribuições, evidenciando quem aprova, quem informa, quem recebe a informação e quem é responsável pela informação administrativa

i) Especificação dos recursos e suas fontes

O orçamento deve indicar para cada fonte o montante de cada rubrica que será de responsabilidade nos diversos períodos.

j) Elaboração do Plano de Trabalho e Minuta

Plano de trabalho é “um documento elucidativo, escrito em conjunto pelas entidades que se propõem torna-se partícipes ou partes. Ele deve conter um conjunto mínimo de informações requeridas pela

legislação vigente, apresentando de forma dissertativa a maior quantidade de elementos de convicção que justifiquem o projeto ou programa proposto” (IF, 1995).

O Plano de Trabalho deve ser estruturado nos seguintes tópicos:

- Título de trabalho: deve indicar, de forma clara e concisa, a finalidade da cooperação pretendida e a indicação dos partícipes ou partes.
- Objetivo e Justificativa: descrever o objetivo a ser executado, compreendendo o detalhamento da finalidade da cooperação pretendida, a justificativa da sua elaboração e a demonstração das razões e vantagens desta composição entre os partícipes ou partes, evidenciando a conveniência e a oportunidade da proposição
- Metodologia Empregada: explicitar sumariamente a metodologia por meio da qual foram obtidos os dados e informações relativos ao Plano de Trabalho, descrevendo fases e subfases do planejamento do projeto, o número de reuniões, qualificação dos participantes, etc.
- Metas: apresentar minuciosamente as metas a serem atingidas, comprovando-se as condições pessoais, materiais e temporais para a devida realização
- Etapas e Fase de Execução: as atribuições de cada partícipe ou parte, o local, o modo e os meios de sua execução deverão constar no PT, deixando bastante claro a parcela de participação de cada partícipe e a coordenação destas atribuições individuais.
- Cronograma Físico-Financeiro: apresentar as atividades, bem como a conclusão das etapas, obras, serviços ou fases programadas, relacionando-se cronologicamente e financeiramente.
- Recursos financeiros: apresentar os recursos de que fará uso, sua disponibilidade e origem, observados as adequações necessárias conforme normas da legislação específica

Minuta é “o instrumento a ser encaminhado aos representantes das entidades que pretendem ser seus partícipes ou partes para sua celebração. Sua estrutura deve ser como a de texto legislativo, dividido em cláusulas, parágrafos, incisos e alíneas, evitando-se termos inadequados (como subcláusulas, subitens, etc). Cada assunto deve ser abordado, separadamente, sem se agrupar na mesma cláusula assuntos diversos, tais como o objeto do acordo com o modo de execução...” (IF, 1995).

Segundo o Manual de Projetos de Parcerias (IF, 1995), o texto deve distribuir-se na seguinte forma:

- Ementa: deverá conter a indicação sucinta do objeto do ajuste.
- Preâmbulo: deverão ser indicados os partícipes ou partes, com sua qualificação jurídica e os poderes dos signatários para assinar o documento. No caso de convênio com Municípios, é necessária ainda a lei municipal autorizadora e certidão de aplicação de recursos na área de Educação.
- Cláusulas:
 - A primeira cláusula deverá referir-se ao objeto do acordo, descrevendo com exatidão e clareza seus elementos característicos, podendo versar sobre a execução de obras, serviços ou transferência de recursos, observando-se rigorosamente as competências e atribuições dos partícipes ou partes;
 - As obrigações comuns dos partícipes ou partes;
 - As obrigações específicas do Estado e partícipes ou partes. Na hipótese de, dentre as obrigações do Estado, figurar a transferência de bens e outro partícipe, a permissão ou cessão de uso deverá ser feita na forma da Lei Orgânica da Procuradoria Geral do Estado e demais normas decorrentes;

-
- O prazo de vigência, não superior a 5 (cinco) anos, a contar da sua data de celebração, bem como a possibilidade de renovação expirado o prazo de vigência;
 - Possibilidade de prorrogação, mediante termo específico, quando o prazo ajustado for inferior ao limite de 5 (cinco) anos;
 - Regime de execução;
 - Regime de ajustamento;
 - Modo de liberação dos recursos;
 - Valor e recursos onerados, sendo expressos os elementos orçamentários e financeiros com exatidão técnica;
 - Responsabilidades dos partícipes ou partes e as penalidades cominadas;
 - Representantes dos partícipes ou partes encarregados do controle e fiscalização da execução;
 - Forma de prestação de contas, independentemente, da que for devida ao Tribunal de Contas do Estado;
 - Modo de denúncia (por desinteresse unilateral ou consensual) e de rescisão (por infração legal ou descumprimento das obrigações) e a quem caberá promovê-las;
 - Foro da Capital do Estado para serem dirimidos os conflitos de interesses da execução, salvo na hipótese prevista a seguir;
 - Competência do Estado para solução de divergências entre o Estado (por meio de órgão da Administração Centralizada) e pessoas jurídicas de sua Administração Descentralizada ou fundacional.